BJ
1658
.P6 R6
1855

THE LIBRARY OF CONGRESS

THE LIBRARY OF CONGRESS

THESOURO
DE MENINAS.

Paris. — Typographia RIGNOUX, rua Monsieur-le-Prince, 31.

FRONTISPICIO

Ouve, minha filha
as lições de tua mãe

Imp. lith. de Lanson em Paris

THESOURO
DE MENINAS,

OU

LIÇÕES D'UMA MÃI A SUA FILHA,

Á CERCA DOS BONS COSTUMES E DA RELIGIÃO,

AUTORIZADAS COM ADMIRAVEIS

exemplos de virtude e de piedade;

pelo Presbytero

J.-I. ROQUETTE,

Membro correspondente da Academia real das Sciencias de Lisboa,
e Cavalleiro da Ordem da Rosa do Brasil.

PARIZ.

Vᵉ J.-P. AILLAUD, MONLON E Cᵉ,

LIVREIROS

de Suas Magestades o Imperador do Brasil
e el Rei de Portugal,

RUA SAINT-ANDRÉ-DES-ARTS, 47.

—

1855

BJ1658
.P6R6
1855

387270
'29

THESOURO DE MENINAS.

LIÇÃO PRIMEIRA,

para servir d'Introducção.

MINHA filha, tendo sido educada em França, onde fiz a minha primeira communhão e onde frequentei o catecismo de perseverança, era minha intenção educar-te igualmente a ti do mesmo modo que eu o fôra. Sem querer desfazer nas cousas da nossa terra, não posso deixar de confessar-te que, pelo que toca á educação das meninas, ha ainda muito poucos recursos entre nós, mórmente a respeito da instrucção religiosa. Faltão tambem muitos li-

vros de agradavel leitura e sã doutrina em que as meninas bebão suavemente bons principios, santas maximas, e se instruão de cousas uteis, recreando ao mesmo tempo seu espirito com bellos pensamentos, e seu coração com affectuosos sentimentos.

Ainda tive a fortuna, de que dou graças ao céo, de ter podido começar a tua educação no convento do Coração de Jesus em Pariz, onde fizeste a primeira communhão, depois de dous annos de catecismo, e onde aprendeste os saudaveis principios da santa religião de nossos pais. Verdade é que aprendias a doutrina em lingua estranha, o que me causava bastante pena, mas fui bem recompensada pela consolação que me davas quando te via no meio de tuas companheiras francezas responder correntemente ás perguntas dos catecistas, recitar de cór a lição do santo Evangelho, tomar os apontamentos com o teu lapis quando elles fazião as praticas sobre os pontos mais importantes da doutrina Christã, e levar muitas vezes a palma nas composições ou analyses que fazias em francez. Bem contava eu, minha filha, passar ainda

trez annos em França, para te acompanhar ao catecismo de perseverança, á mesma igreja onde eu aprendi a ser christã e a servir a Deos, sem faltar aos sagrados devêres de fiel esposa, e mãi carinhosa; porêm outra foi a vontade de Deos, á qual é mister sobmetter-nos sem murmurar.

Chamou Deos para si a teu pai quando estavamos em Pariz, e faziamos nossos projectos para completar tua educação. Bem te lembras, minha filha, quão grande foi a minha dor, de me ver privada da doce companhia de tão caro esposo, roubado a meus braços por uma prematura morte! Era elle cidadão honesto, amigo de sua patria, a quem servíra com zelo e desinteresse; era igualmente bom christão, homem temente a Deos, cumprindo sem affectação os deveres de seu estado; amava cordialmente a seus conterraneos, era de todos geralmente estimado, e sua morte foi sentida como uma calamidade publica. Por muitos dias, minha filha, misturavas tuas lagrimas com as minhas para chorar a perda irreparavel d'um pai amoroso e d'um esposo querido! Tributo sagrado que por

tantos titulos lhe era devido; mas assaz temos dado ao pranto, tempo é já que nos occupemos de cumprir inteiramente sua derradeira vontade.

Em seu testamento, ultimo penhor de sua estremosa amizade, me recommenda teu pai que volte quanto antes para nossa casa, que renuncie, em quanto és pequena, ao trato do mundo e ao grande bulicio das cidades, e que me occupe exclusivamente de duas cousas: bem administrar as nossas fazendas, e terminar proveitosamente tua educação. Para cumprir fielmente esta vontade, que para mim vale tanto como uma lei, deixámos a França, viemos encerrar-nos nesta quinta, onde todos os momentos de minha existencia serão consagrados a avultar quanto possa todos os bens temporaes e espirituaes que te interessão.

Já te tenho ensinado como se governa uma casa diariamente, como se fazem certas economias sem diminuir o luzimento d'uma familia abastada; o que se consegue facilmente quando se evitão os desperdicios e se vígião os criados para que fação o seu dever; mais para o diante

te iniciarei na grande administração de nossas fazendas, na comptabilidade de nossas rendas e mais negocios domesticos. Por agora, minha filha, só me vou occupar do que respeita á tua educação. Alêm de teres alguns mestres d'historia, litteratura, musica, desenho, etc. Cousas ha que eu mesma quero ensinar-te. Não que tenha eu a pretenção de as saber a fundo, mas tão sómente para te dar algumas luzes, e podêres depois aprender por tí mesma, com o auxílio dos livros, o que mais te convier saber.

Em todas as lições que pretendo dar-te, minha filha, não me cingi a nenhum plano regular e methodico, como se compozéra um livro, puz sómente por ordem alguns assumptos instructivos cujo conhecimento e applicação são mais frequentes na vida ordinaria e que muito importa que uma menina bem criada entenda e saiba. Muitos conselhos e advertencias cumpre dar a uma menina, como tu, que nunca saiste do bafo maternal, e que d'aqui a pouco terás que apparecer na sociedade onde ninguem se póde fazer respeitar senão pela virtude, polidez e boa educação; mas estes conselhos e adver-

tencias cansão e enfastião quando se dão d'um modo didactico e só por autoridade. Nosso Senhor Jesu-Christo, tendo-se servído no seu Evangelho de imagens sensiveis, parabolas e allegorias, para ensinar-nos as mais importantes verdades de sua divina religião, deixou-nos um admiravel exemplo a imitar, que consiste em recorrer a certas ficções, historias ou apologos, em que se inculca d'um modo agradavel a verdade que se quer ensinar ou o sentimento que se pretende inspirar. Fenelon recommenda muito este modo d'instruir os meninos, «porque, diz o grande prelado, elles são apaixonadissimos de contos e historias, e retêem facilmente o que d'este modo se lhes ensina.»

Não é possivel, minha filha, ensinar tudo por meio de historias e apologos; mas cousas ha que se aprendem melhor e com mais proveito por este methodo; porque, alem do interesse que nos causa a narração, adquire-se uma especie de experiencia á custa dos outros que nos é a nós mesmos muito util, se d'ella nos sabemos approveitar.

Do que acabo de dizer-te, minha filha, já

pódes ficar sabendo que em cada uma das lições que te quero dar, ha-de haver duas partes bem distinctas, entre as quaes poderemos tomar algum descanço: eu de fallar, e tu de me ouvires. Na primeira hei de ensinar-te cousas serias e importantes; ora respectivas á sociedade, á moral e á religião; ora relativas a varias maravilhas da natureza. Não serei diffusa, mas exijo que estejas muito attenta, sem bulir com pé nem mão, porque assim é necessario para me repetires no outro dia o que na vespera te tiver ensinado. A segunda parte será sempre um conto, ou historia, durante o qual pódes trabalhar de agulha, ou a bordar; basta que no fim me faças o resumo do que te contei, e conserves de memoria a moralidade do caso pratico.

Não te permitto, minha filha, que me interrompas em quanto eu estiver fallando; mas dou-te licença para me fazeres algumas perguntas acertadas que venhão a proposito quando tiver acabado, e até nisto me darás gosto, porque é signal que ouves com interesse o que te disser. Tambem me pódes pedir te conte algu-

mas historias de que já ouviste fallar, para ficares bem certa de como se passou o caso.

Para te convenceres da importancia da missão que a Providencia me incumbe a teu respeito, quero dar-te a ler a carta que o douto Fenelon escreveo a uma fidalga que o consultára sobre o melhor modo de educar sua filha.

Fenelon a uma Fidalga, que o consultara sobre o melhor modo de educar sua filha.

SENHORA,

Satisfazendo ao vosso desejo, vou propor-vos o meu parecer á cerca da educação de vossa filha.

Se tivesseis mais d'uma, seria maior vosso embaraço, por causa do trato do mundo talvez maior do que desejarieis; e neste caso poderieis escolher um convento, onde as meninas fossem educadas com develo e perfeição. Porêm, como Deos vos deo uma só filha, e vos dotou de qualidades excellentes para d'ella vos encarregar-

des, creio que será melhor a educação que lhe derdes, que a que em nenhum convento ella poderia receber.

Os olhos d'uma mãi sabia, terna e christã descobrem o que aos de outrem facilmente escapa. Sendo porêm mui raras estas qualidades, a melhor resolução que podem tomar as mãis é pôr as filhas num convento, porque lhes faltão as luzes necessarias para as instruirem; ou, se as possuem, não as fortificão com o exemplo d'um modo de vida grave e christão, sem o que as mais solidas instrucções nenhuma impressão fazem; porque tudo que a mãi diz á filha é aniquilado pelo que ella lhe vê fazer. Não acontece assim comvosco, Senhora; vós não tirais o pensamento de Deos; a religião é o vosso primeiro cuidado, e não inspirais a vossa filha senão o que ella vos ha-de ver praticar: assim que, eu vos exceptúo da regra commum, e vos prefiro a todo e qualquer convento. Accresce ainda outra vantagem, sendo vossa filha educada junto de vós. Se o convento não é bem regular, ella ali verá a vaidade honrada, o que é subtilissimo veneno para as donzellas. Ouvirá

ali fallar do mundo como d'uma especie de encantamento; e nada é mais pernicioso para a juvenilidade do que a enganadora idéa do seculo, que se vê de longe com admiração, e cujas delicias se exagerão sem levar em conta suas perfidias e amarguras. As grandezas mundanas nunca deslumbrão tanto, como quando são vistas de longe, sem nunca as termos visto de perto, e sem estarmos prevenidos contra suas seducções. Assim que, mais recearia eu um convento mundano que o proprio mundo. Se porêm o convento está em toda a regularidade de seu instituto, a nobre donzella ali cresce em profunda ignorancia do seculo: venturosa ignorancia, se houvéra de durar sempre! Mas se esta menina sai do claustro, e passa á casa paterna, onde se representão scenas mundanas, não conheço nada mais perigoso do que este contraste inopinado e o profundo abalo que elle produz numa imaginação viva no verdor dos annos. Uma menina que não se despegou do mundo senão á força de ignorál-o, e em cujo coração não pôde ainda a virtude lançar profundas raizes, é mui propensa a pensar que lhe

occultárão o que ha mais maravilhoso. Sai da clausura como uma pessoa a quem criárão nas espessas trevas d'uma caverna, e a quem de repente expõem á luz do dia. Não ha cousa que mais deslumbre que esta transição imprevista, e esse fulgor a que se não está acostumado. Vale muito mais que uma menina se vá pouco a pouco acostumando ao mundo em companhia d'uma mãi religiosa e discreta, que só lhe mostre o que ella póde ver, lhe descubra os defeitos com opportunidade, e lhe dê o exemplo de não se servir d'elle senão com moderação, e sómente quando a necessidade o pede. Não desapprovo a educação dos conventos, porêm tenho mais confiança na d'uma bôa mãi, quando póde a ella dedicar-se. Concluo pois que vossa filha está melhor em vossa companhia que no melhor convento que poderieis escolher. Porêm ha poucas mãis a quem se possa dar este conselho.

Verdade é que esta educação correria grandes riscos se não tivesseis o cuidado de escolher para vossa filha aias e criadas que podessem substituir-vos. Vossas occupações domesticas, e o trato exterior que vossa condição vos impõe,

não vos permittem o ter sempre debaixo dos olhos vossa educanda: é mui acertado que nunca vos deixe quanto ser possa, mas não poderêis levál-a comvosco para toda a parte onde fordes. Se a deixardes entregue a criadas de ligeiro espirito, mal reputado e indiscreto, far-lhe-hão mais mal em oito dias do que bem lhe flzestes em muitos annos. Essas pessoas, que commumente tiverão má criação, dão-lhe uma pouco mais ou menos similhante. Fallarão mui livremente entre si diante d'uma criança, que tomará sentido em tudo, e julgará que póde fazer o mesmo; repetirão muitas maximas falsas e perigosas, que insensivelmente se introduzirão na joven intelligencia. A menina ouvirá dizer mal, mentir, fazer juizos temerarios, disputar despropositadamente. Verá invejas, inimizades, máos modos, caprichos extravagantes, e muitas vezes devoções falsas ou supersticiosas e desacertadas, sem nenhuma correcção aos mais grosseiros defeitos. Além de que essa especie de pessoas de caracter servil não deixarão de querer agradar a essa menina por meio de condescendencias e lisonjas perigosissimas. Confesso

que a mais mediocre educação d'um convento seria melhor do que uma similhante educação domestica. Eu supponho porêm que vós não perderêis nunca de vista vossa filha, excepto em casos urgentes, e que tereis ao menos uma pessoa segura que possa perfeitamente substituir-vos quando não possais estar com ella. É mister que essa pessoa tenha assás de bom senso, intelligencia e virtude para poder exercer sobre ella uma autoridade suave, para reprehender a menina quando o merecer sem com tudo se lhe tornar odiosa, e para dar-vos conta de tudo que se passou em vossa ausencia, e que mereça attenção para evitar as consequencias. Confesso que uma aia com estas qualidades não é facil de achar; mas é indispensavel achál-a, e não olhar a despesas para que sua condição lhe seja grata junto de vós. Não ignoro quanto é facil enganar-se em tal escolha; mas é mister contentar-se com as qualidades essenciaes, e fechar os olhos a alguns pequenos defeitos que com ellas se achem misturados. Sem uma tal pessoa, que se applique a vos ajudar, não podereis saïr bem em vossa tarefa.

Como vossa filha mostra um espirito assás adiantado, com muita abertura, facilidade e penetração, temo que lhe venha o gosto do *bello espirito*, e um excesso de curiosidade vã e perigosa. Permitti-me, Senhora, que eu vos diga uma cousa que não deve offender-vos porque não vos diz respeito. As mulheres de ordinario têem mais paixão pelos ornatos do espirito que pelos enfeites do corpo. As que são capazes de estudar, e que esperão brilhar por isso, têem ainda mais afferro aos livros que a seus vestidos. Escondem um pouco seu saber; mas escondem-no a meio, para terem o merito da modestia com o da capacidade. Mais facilmente se corrigem as outras vaidades mais grosseiras, porque são mais visiveis, a propria pessoa as condemna, e delatão um caracter frivolo. Porêm a mulher curiosa, e que presume de saber muito, lisonjea-se de ser um genio superior em seu sexo; desdenha com soberania os divertimentos das outras mulheres, tem-se em conta de infallivel, e nada a póde curar de sua teima. Como d'ordinario ella não póde saber nada a fundo, é mais desvanecida que illustrada pelo

que sabe; lisonjea-se de saber tudo; decide como doutora; apaixona-se por um partido contra outro em todas as questões que excedem a sua capacidade, até mesmo em materia de religião; d'aqui vem que todas as seitas nascentes devêrão grande parte de seus progressos ás mulheres que as ensinárão e defendêrão. As mulheres são eloquentes na conversação, e mui déstras em manejar a intriga. As vaidades grosseiras das mulheres, conhecidas como vaidosas, são muito menos para temer do que essas vaidades serias e refinadas, que aspirão a brilhar com uma apparencia de merito solido. É por tanto da primeira necessidade encaminhar continuamente vossa filha a uma judiciosa simplicidade. Deve saber quanto basta de sua religião para crer nella, e seguir praticamente seus preceitos, sem tomar nunca a liberdade de discorrer sobre ella. É mister que só ouça a Igreja, e que se não effeiçôe a um ou outro prégador que se affaste da crença commum, ou suspeito d'innovador. Seu confessor deve ser um homem abertamente opposto a tudo que é espirito de partido. Deve fugir a conversação de mulheres que se mettem

a discorrer sobre a doutrina da Igreja, e sentir quanto uma similhante liberdade é indecente e perniciosa. Ha de ter horror de ler os livros prohibidos, sem querer examinar porque são prohibidos. Que aprenda a desconfiar de si mesma, e a receiar os laços da curiosidade e presumpção; applique-se a orar a Deos em toda humildade, a ser pobre de espirito, a recolher-se em si mesma, a obedecer sem murmurar, a deixar-se corrigir de pessoas cordatas e que lhe querem bem, ainda nos juizos em que estiver mais firme, e a calar-se, deixando fallar as outras. Antes quero que ella seja instruida nas contas de vosso mordomo, que nas disputas theologicas sobre a graça. Acostumai-a a trabalhar nalguma costura ou bordado que seja util em vossa casa, e que a habituará a passar sem o trato perigoso do mundo; e não consintais de modo algum que se ponha a discorrer em theologia, que é escolho em que póde naufragar a sua fé. Tudo está perdido se se lhe metter na cabeça o querer brilhar por seu talento, e se tomar aversão aos cuidados domesticos. A mulher forte fia, occupa-se do governo da casa, cala-se, crê e obedece;

não disputa por cousa nenhuma contra a Igreja.

Estou bem certo, Senhora, que sabereis applicar com opportunidade algumas reflexões á cerca da indecencia e desvios em que caem algumas mulheres que se têem em conta de sabias, para retirardes vossa filha d'este escolho. Mas como a autoridade d'uma mãi está mui arriscada a perder a sua força, e como suas mais sabias lições nem sempre persuadem uma filha contra o seu gosto, desejaria que as Senhoras que no mundo são bem conceituadas, e amigas vossas, fallassem comvosco diante de vossa filha, e como se ella não estivesse presente, para vituperar o caracter vão e ridiculo das mulheres que presumem de sabias, e mostrão alguma parcialidade pelos novadores em materia de religião. Essas instrucções indirectas farão mais impressão em vossa filha que todas as praticas que lhe farieis só e directamente.

Pelo que pertence aos vestidos desejaria que trabalhasseis por inspirar em vossa filha o gosto d'uma verdadeira moderação. Ha certas mulheres tão exageradas, que não podem soffrer a mediania : quererião antes uma simplicidade

austera, que poria em evidencia uma notavel reforma renunciando á mais excessiva magnificencia, do que conservar-se num meio razoavel, que ellas desdenhão como uma falta de gosto e como um estado insipido. Todavia é mui certo que o que ha de mais estimavel e mais raro é achar um espirito cordato e comedido, que evite os dous estremos, dando ao decoro o que se lhe não póde negar, e não passando nunca a barreira que a prudencia prescreve. A verdadeira cordura consiste em não dar nos olhos, nem em bem nem em mal, em tudo que respeita ás alfaias, ao estado, e aos vestidos. Veste-te bem, direis vós a vossa filha, de modo que não dês motivo a que te critiquem como uma pessoa sem gosto e desalinhada; mas não appareça em teu exterior nenhuma affectação de galas, nem de fausto: por este meio parecerás ter uma razão e uma virtude acima de tuas alfaias, tuas equipagens e teus vestidos; serve-te delles, mas não sejas sua escrava. É mister fazer entender a essa menina que o luxo confunde todas as condições, eleva as pessoas de baixo nascimento, que enriquecêrão á pressa por meios odiosos, a

cima das pessoas de alta linhagem; que o luxo é quem desordena e corrompe os bons costumes d'uma nação morigerada, quem excita a cobiça, quem acostuma ás intrigas e ás baixezas, e quem solapa pouco a pouco os alicerces da probidade. Deve tambem comprehender que, por mui grandes bens da fortuna que uma mulher traga a uma casa, bem de pressa a arruinará, se nella introduzir o luxo, com o qual nenhuma riqueza basta. Acostumai-a ao mesmo tempo a considerar com olhos compassivos as miserias hediondas dos pobres, e a sentir quanto é indigno da humanidade que certos homens que têem tudo não conheção limites no uso do superfluo, em quanto seus similhantes perecem á mingua, porque lhes negão barbaramente o necessario.

Se tiverdes vossa filha num estado inferior demais ao das outras meninas de sua idade e condição, correis grande risco de a afastardes de vós: poderia muito bem acontecer que se apaixonasse por aquillo que não póde haver, e que admira em casa dos outros; poderia ella muito bem pensar que sois demasiado severa e rigorosa: talvez lhe tardasse o ver-se senhora

das suas acções, para se lançar numa vaidade desmedida. Mais facilmente lhe tereis mão propondo-lhe um meio termo, que merecerá sempre a approvação das pessoas sensatas e estimaveis: parecer-lhe-ha que queréis que ella tenha tudo que convêm ao decoro, que não caís em nenhuma economia sordida, que tendes até para com ella todas as condescendencias licitas, e que sómente quereis defendêl-a dos excessos de pessoas cuja vaidade não conhece limites. O que é essencial é que não sejais de modo nenhum indulgente a respeito de qualquer immodestia indigna do Christianismo. Podeis servir-vos das razões de decencia e de interesse, para sustendardes neste ponto a religião. Uma donzella arrisca tudo para o repouso de sua vida, se casa com um homem vão, ligeiro, e desregrado. É por tanto capital para ella pôr-se em circumstancias de achar um que seja cordato, regrado, de solido juizo, e proprio a bem desempenhar os cargos publicos. Para achar um tal homem, é mister que ella seja modesta, e que não deixe ver em sí nada frivolo e evaporado. Qual é o homem sisudo e discreto que quererá uma mu-

lher vã, e cuja virtude é ambigua, a julgar por seu exterior?

Vosso principal recurso, Senhora, é ganhar o coração de vossa filha pela virtude christã. Não a atemorizêis á cerca da devoção com severidade inutil; deixai-lhe liberdade honesta e innocente alegria; acostumai-a a regozijar-se áquem do peccado, e a collocar seu gozo longe dos divertimentos contagiosos. Buscai-lhe companhias que não lhe dem mimos, e divertimentos licitos a certas horas, que não a degostem nunca das occupações serias do restante do dia. Trabalhai por que ella se affeiçôe a Deos; não soffrais que ella o olhe só como um juiz poderoso e inexoravel, que nos vigia continuamente para nos censurar e nos constranger em toda occasião; fazei-lhe ver quanto elle é suave, quanto se condóe de nossas necessidades, e compadece de nossas fraquezas; familiarizai-a com elle como com um pai terno e compassivo. Não a deixeis olhar a oração como uma ociosidade enfadonha, e como um apoquentamento de espirito em que nos pomos em quanto a imaginação se escapa e entrega a devaneios. Fazei-lhe

entender que se trata de entrar em si mesma para ahi achar Deos, porque seu reino está dentro em nós. Trata-se de fallar a Deos com simplicidade a toda a hora, para lhe confessar nossas faltas, lhe expôr nossas necessidades, e tomar com elle as precauções necessarias para corregir nossos defeitos. Trata-se de ouvir a voz divina no silencio interior, dizendo: «Ouvirei o que o Senhor diz dentro em mim (1).» Trata-se de tomar o feliz costume de nos pormos na sua presença, e de fazer alegremente todas as cousas, grandes ou pequenas, por seu amor. Trata-se de renovar esta presença todas as vezes que nos advertimos de a haver perdido. Trata-se de deixar dissipar os pensamentos que nos distrahem logo que damos por isso, sem nos distrahirmos á força de combater as distracções, e sem nos inquietarmos porque ellas voltão a miudo. É mister ter paciencia comsigo mesmo, e não perder nunca alento por grande que seja a ligeireza de nosso espirito. As distracções involuntarias não nos affastão de Deos; nada lhe é tão

(1) Ps. LXXXIV.

agradavel como a humilde paciencia d'uma alma sempre prompta a começar de novo o caminho que a elle conduz. Vossa filha entrará bem de pressa na oração, se lhe abrirdes a verdadeira entrada. Não se trata de grandes esforços de espirito, nem de agudezas d'imaginação, nem de sentimentos religiosos que Deos dá e retira como bem lhe apraz. Quando não conhecemos outra oração mais que a que consiste em todas estas cousas sensiveis, e tão proprias a lisonjearnos interiormente, bem depressa nos desalentâmos; porque uma tal oração desecca o espirito, e então pensâmos haver perdido tudo. Dizei-lhe pois que a oração parece-se com uma sociedade simples, familiar e terna, ou, para melhor dizer, que ella é essa mesma sociedade. Acostumai-a a abrir seu coração diante de Deos, a servir-se de tudo para pôr nelle o pensamento, e a fallar-lhe com confiança, como se falla livremente e sem reserva a uma pessoa que se ama, e de quem estamos seguros de ser amados do fundo do coração. A maior parte das pessoas que se limitão a uma oração constrangida estão como estamos com as pessoas que acatamos, que

vemos raramente, por pura formalidade, sem as amarmos, nem sermos d'ellas amados : tudo se passa em ceremonias e em cumprimentos; estamos contrafeitos, aborridos, e desejamonos ver d'ali bem longe. Ao contrario as pessoas verdadeiramente espirituaes estão como com seus mais intimos amigos : não estão pesando as palavras, porque sabem a quem fallão; nada dizem que não sáia da abundancia e simplícidade de coração; fallão com Deos de negocios communs, que são a sua gloria e a nossa salvação. Dizemos-lhe nossos defeitos que queremos emendar, nossos deveres que desejamos prehencher, nossas tentações que nos propomos vencer, as delicadezas e artificios de nosso amor proprio que nos esforçâmos de reprimir. Dizemos-lhe tudo, elle ouve tudo; pômos diante de nosso espirito seus mandamentos, estendemos a vista até seus conselhos. Não é uma pratica de ceremonia, é uma conversação lhana e de verdadeira amizade : então Deos torna-se o amigo do coração, o pai amantissimo em cujo seio se consola o filho querido, o esposo carinhoso com o qual nossa alma fórma pela graça um mesmo

espirito. Humilhamo-nos sem nos desalentar; temos uma verdadeira confiança, com uma inteira desconfiança de nós; não nos esquecemos nunca de nós para corregirmos nossas faltas, porêm esquecemo-nos de nós para não dar-mos nunca ouvidos aos lisonjeiros conselhos do amor proprio. Se inspirardes, Senhora, no coração de vossa filha, esta piedade singela em suas fórmas, e solida em seu fundamento, ella fará grandes progressos.

Desejo, etc.

LIÇÃO II.

Da sociedade em geral.

MINHA filha, eis-nos em nossa casa, nos sagrados lares de nossos avós, restituidas á casa patria; eu vou sendo velha, e tu começas a ser moça; quero dizer que não és já uma criança, tens doze annos feitos, já tens visto algum mundo, tens aprendido muitas cousas em tuas grammaticas e diccionarios; tempo é que comeces a saber certas regras que deves observar na *sociedade*, para nella viver com dignidade e merecer a estima e consideração das pessoas com quem tratares.

ELISA. — Minha querida mãi, bem sabe V. S. quanto desejo tenho sempre tido de me instruir, mórmente sendo minha mãi a minha mestra. Ser amavel e docil, ter bom coração, dar gosto

a quem me deo a vida, são todos meus desejos. Muitas vezes tenho ouvido fallar de *sociedade,* sei pouco mais ou menos o que é, mas desejo ter algumas idéas claras e precisas a este respeito.

A MÃI. — A palavra *sociedade,* em seu verdadeiro sentido, significa uma reunião de familias que vivem debaixo das mesmas leis, fallão a mesma lingua e têem entre si varias relações de amizade, conhecimento ou simples cortezia. Um exemplo, ou antes uma supposição, te fará entender melhor o que te digo.

Suponhamos que os homens não vivião unidos pelos vinculos da sociedade, desde logo andarião vagabundos por toda a terra como os animaes selvaticos; e como os lobos e ursos passão ao lado dos lobos e ursos, assim os homens passarião uns junto dos outros, sem se dizerem uma palavra, ou talvez não pensarião senão em despedaçar-se. Que estado tão miseravel para o genero humano! Um homem só não póde edificar uma casa, é preciso que se contente com uma cova ou com a concavidade d'uma arvore. Sem industria, sem emulação, e

não tendo quem fie e teça o linho e a lã, não póde ter outro vestido senão a pelle de algum animal; seu alimento depende da caça e da pesca; colhe as frutas antes que amadureção, temendo que outro se anticipe. Se, quando o obriga a fome a correr atraz d'algum animal, outro desgraçado de sua especie sai a disputar-lhe a presa, empenha-se entre os dous um combate, porque ambos ignorão o que é justiça; o mais forte é o mais ditoso; porêm como ninguem póde ter certeza de ser o mais forte, vem a resultar que todos tremem ao verem seu similhante, mais terrivel então para o homem que as mesmas feras: tal seria o genero humano se os vinculos da sociedade se rompessem. Deixo-te a pensar, minha filha, qual sería a condição da mulher entre tão barbaras gentes! Só o pensál-o faz horror!..

Elisa. — O' Deos meu! E é verdade que esses povos que chamão selvajens se achão reduzidos a um tão lastimoso estado?

A mãi. — Não, minha filha, este estado so é proprio dos animaes; ao homem está reservada mais nobre sorte; uma propensão natural

o leva a buscar com ansia seu similhante, e suas mutuas necessidades o obrigão a liar com elle reciprocas relações, mais ou menos perfeitas segundo o gráo de civilisação em que se achão. Os que nos pintão como *selvajens* são homens rusticos que não conhecem as artes, nem aquellas commodidades da vida que são as principaes vantajens da sociedade, não sabem escrever, mas estão sujeitos a seus chefes, seguem certas leis ou costumes tradicionaes, e tem uma tal ou qual religião.

Elisa. — Tenho tembem ouvido fallar de *barbaros;* desejava que a minha mãi me explicasse que differença ha entre elles e os *selvagens.*

A mãi. — A pergunta que me fazes pertence ao dominio dos synonymos, por isso vou responder-te segundo o excellente diccionario que sobre esta materia fez um nosso compatriota, o Pe Roquette.

« Povo *selvagem,* diz elle, é o que ignora a arte de escrever, não tem policia, professa uma religião absurda, tem leis grosseiras, e não contrahe allianças com as nações civilizadas; cul-

tiva principalmente os exercicios do corpo, como a caça, a pesca, a pastoricia, etc., e pugna sómente pela liberdade natural. E se não tem habitação fixa, e professa vida errante, chama-se *nomado*. — *Barbara* é aquella nação que sabe a arte de escrever, tem policia e magistrados, religião regular, e faz allianças com as outras nações; mas não tem sua lingua polida, nem sua legislação ordenada; não cultiva com primor nem as sciencias nem as artes, e é amiga da guerra. Este é o estado de transição dos povos *selvagens* para o estado de maior civilização, ou de retrogradação das nações civilizadas para o estado *selvagem*. »

Elisa. — Minha mãi, desejava ainda saber que differença ha entre *civilizado*, *policiado e polido*.

A mãi. — A pergunta que me fazes é muito acertada; a cada passo se ouve fallar de *civilisação*, de povo *policiado* e de homens *polidos*, e convêm muito, minha filha, que te acostumes a comprehender a verdadeira significação das palavras que ouves ou lês, porque ellas não são outra cousa senão os signaes de nossas idéas.

Respondo pois á tua pergunta com o mesmo autor.

«Concórdão estes vocabulos em annunciar cultura e aperfeiçoamento d'um povo na ordem social; porêm differenção-se pela maneira seguinte. Quando deixou os costumes barbaros e começou a governar-se por leis, começou então a ser *civilizado*. Quando a *civilização* foi progredindo e pela obediencia ás leis adquirio o habito das virtudes sociaes, diz-se que é *policiado*. Em fim, se em suas maneiras e acções mostra elegancia, *polidez* e urbanidade, merece todo elle o nome de *polido*, que muitas vezes só se concede a um pequeno numero dos habitantes d'uma cidade, ou villa. — A *civilisação* estabelece-se quando se identificão com a educação as leis que formão os bons costumes. Estes aperfeiçoão as leis, e *policião* os povos. Segue-se depois a *polidez*, a qual raramente se generaliza a todo o povo.»

Elisa. — Com as boas explicações que minha mãi me acaba de dar fico agora bem entendendo o que é a *sociedade:* E' a reunião de muitas pessoas para ajudar-se mutuamente, e impedir

que os máos fação damno sem serem castigados.

A mãi. — Tens razão, minha filha, essa é a base da sociedade: os homens assim reunidos são mais fortes e ditosos. Estimulados pela necessidade e pela emulação, cada um inventou alguma cousa util; fez della um officio em ventagem da sociedade, e em troca de sua obra recebeo, feito por mãos de outro, o que elle necessitava.

Elisa. — Ah, ah! já entendo, minha mãi: um foi lavrador, outro pedreiro, este alfaiate, aquelle carpinteiro, etc.; o lavrador pagou em trigo a casa que lhe fez o pedreiro e o carpinteiro, o fato que lhe faz o alfaiate, etc. Eu li a historia de varios povos quasi selvagens, que não fazião seu commercio senão por meio de cambios, ou trocas; porêm ísto devia offerecer muitas difficuldades: succederia, por exemplo, que aquelle que tinha trigo para trocar, se dirígisse a um que não quizesse dar por elle o que o outro necessitava; assim é que a troca não se podia verificar, e as necessidades reciprocas não ficávão satisfeitas. A experiencia fez conhecer que era preciso buscar um meio que facilitasse

as operações do commercio, e então se inventárão as moedas, a que chamâmos vulgarmente dinheiro, para representar o valor da casa, do trigo, do fato, da mão-d'obra dos officiaes, etc.

A MÃI. — Muito bem disseste, minha filha, ouve agora quaes são as bases moraes da sociedade, e saberás como é necessario portar-se para ser pessoa de bem: NÃO FAÇAS A OUTREM O QUE NÃO QUIZERAS TE FIZESSEM A TI, E FAZE AOS OUTROS O QUE QUIZERAS TE FIZESSEM A TI. Assim é, que parecendo ao selvagem injusto que o lançassem fóra de sua morada, e lhe tirassem sua presa, se absteve de commetter a mesma injustiça com seu similhante, para que fosse respeitada sua propriedade; isto é pelo que respeita á primeira base, que é o fundamento de todas as leis.

O mesmo selvagem advirtio que não lhe davão uma cousa util sem que elle presentasse outra igualmente util; decidio-se pois a trabalhar, e subministrou soccorros a seu similhante para ter direito a pedir-lh'os quando os necessitasse: eis-aqui a segunda base, principio do commercio ou das permutações, por cujo meio

se satisfazem as necessidades da vida, que é a origem das vantajens e prazeres da sociedade.

Lembra-te bem d'estes principios, minha filha; por elles se julgão todas as acções humanas, e ainda que pareça não serem destinados ás mulheres, porque ellas não governão a sociedade, mil casos se presentão em que nos devemos guiar por elles, como a experiencia to mostrará, para o diante.

Elisa. — Fico entendendo, minha mãi, que para cumprir bem nossos deveres, ainda que sejamos mulheres, é mister abster-nos de privar a outrem do que é seu, de causar-lhe o mais pequeno prejuizo, e retribuir aos outros todo o bem que d'elles tivermos recebido.

A mãi. — Assim é, minha filha; toda a moral consiste pois em não fazer mal, e em pagar beneficio com beneficio; e, segundo o Evangelho, fazer até bem aos que nos fazem mal. Quem assim procede é pessoa de bem e bom christão.

Não nos devemos pois contentar com não fazer mal e retribuir o bem que nos fazem; é necessario saber fazer sacrificios generosos sem

esperança de sermos recompensados com outros similhantes. Isto é o que se chama *virtude,* que *é o valor que temos para servir a nossos similhantes, não só gratuitamente, mas ainda contra nossos proprios interesses.* Por exemplo, a pessoa que, vendo a outra exposta a perecer num incendio ou numa torrente, para salvál-a expõe sua vida e se arroja ao meio do perigo, ainda que esteja quasi certo de nunca receber d'aquelle desgraçado um similhante serviço; esta generosa pessoa exerce um acto de heroica *virtude.* O mesmo digo daquella pessoa que, achando-se em pobreza, reparte do pouco que tem com outra mais desgraçada que ella; da que perfilha um órfão desvalido, da que defende com valor o innocente opprimido; finalmente de toda aquella que de qualquer modo se expõe pelo bem de seu proximo, que é a idéa que constitue verdadeiramente a *pessoa virtuosa,* isto é, *forte na virtude.*

Elisa. — Além dos deveres geraes que nos prescreve a *moral* e nos inspira a *virtude,* ha ainda alguns outros a que estejamos obrigados?

A mãi. — Sim, minha filha, muitos outros

ha de que conto fallar-te nestas lições : uns provêm da religião, outros da *boa criação.*

Elisa. — Em quanto aos da religião bem entendo eu quaes são, mas pelo que toca á *boa criação*, bem desejava eu que a minha mãi m'os explicasse com uma d'essas comparações que me fazem entender tão facilmente o que V. S. me quer ensinar.

A mãi. — Supponhamos, minha filha, uma pessoa que cumpre exactamente com os deveres da moral e da virtude, respeita os direitos de seus similhantes, honra a seus pais, favorece a seu proximo, sacrifica-se por toda a gente, ama a Deos e guarda sua santa lei; eis-aqui um mortal digno do respeito dos humanos e das recompensas do céo : ditosa mil vezes a pessoa que com elle se pareça! Porêm falta-lhe a boa criação, porque carece daquellas maneiras attenciosas e polidas que fazem amavel a virtude. Uma similhante pessoa é como um diamante bruto, cujo valor não é apreciado senão depois de estar polido. Digo-te na verdade, minha filha, que quando vejo alguma d'estas pessoas, mórmente se é uma senhora, fazer sem graça

acções muito louvaveis, dizer cousas acertadas mas com modo grosseiro, e com uma voz que se parece com a das regateiras, confesso-te que me faz pena; faz-me dó ouvir dizer que se apresenta n'uma salla sem fazer aquellas saudações graciosas que annuncião as pessoas distinctas; que se apodéra do primeiro lugar que encontra vago, sem mais exame nem attenção; que em seus vestidos, e em seu trajo, mostra desalinho e pouco asseio; vindo a succeder que, a julgar por suas apparencias, se póde suppor não respeita as pessoas com quem trata aquella mesma que no fundo do coração as estima e está prompta a fazer por ellas os maiores sacrificios. O que falta a taes pessôas para serem sem defeito é pouca cousa, mas por isso mesmo é preciso que não se descuidem, antes se esmerem em parecer exteriormente o que são interiormente.

A cortezia, minha filha, é nada em comparação da virtude. E na verdade é bem indifferente, com relação a ella, que um homem esteja com o chapeo na cabeça ou o tenha na mão, que se sente d'um modo ou d'outro, que uma

menina se levante e faça uma graciosa mesura ou que se deixe ficar assentada com modo grosseiro e desairoso quando entrão pessoas de respeito; porêm estas attenções são mostras de respeito a nossos similhantes, que recebem com elle certa satisfação, e tanto basta para converter a cortezia n'um dever, que impõe a necessidade de cada um se conformar neste ponto com as leis estabelecidas pelo uso. O asseio que eu observo em minha pessoa evita sensações desagradaveis aos que se achão perto de mim; este asseio é pois necessario, por isso que é um bem para os outros. O dar os bons dias, ou o *Deos vos salve,* como dizião nossos pais, a um desgraçado previne-o a nosso favor e lhe causa certa satisfação, que reverte para nós mesmos; porque de ordinario folgâmos quando vemos os outros contentes. E não penses, minha filha, que a boa educação ha de limitar-se a teus superiores e iguaes. Um bom coração compraz-se em usar as mesmas attenções com os que a sorte fez nossos inferiores; por este meio, com utilidade nossa, elevâmos sua alma e reparâmos, de algum modo, o aggravo da caprichosa fortuna.

Ultimamente, minha filha, a boa criação faz mais agradavel o trato entre as pessoas da sociedade, poupa-nos muitos dissabores, e posto que não seja uma virtude, suppõe virtudes, e é d'ellas o ornato. Obriga aos viciosos a occultarem ao publico o feio de suas acções, e a nossos ouvidos a indecencia de seus pensamentos; e esta só razão bastaria para fazer-nos grato o suave jugo com que nos sujeita. Dizia uma senhora com muita graça, que assim como havia escolas e aulas para aprender as sciencias e as lettras, devia tambem haver uma aula em que todos aprendessem a ser bem criados. Mas esta aula existe, ou deve existir, em todas as familias, e as mãis são as mestras que devem ensinar uma sciencia tão util como necessaria.

De todas estas cousas fallaremos em nossas lições, minha filha, e tempo virá em que tu mesma sejas mestra, e tanto melhor o serás quanto melhor discipula fores.

Elisa. — Muito lhe agradeço, minha mãi, as boas lições que me dá, mas agora peço-lhe que me conte uma historia, em quanto eu vou trabalhar na minha costura.

A MÃI. — Com mil vontades, minha filha; mas, como a nossa lição foi algum tanto longa, a historia será mais curta.

LUIZINHA,

ou a menina colérica.

Luizinha era uma menina bonita e engraçada, gostava muito de cozer e fazer vestidos para a sua boneca; sua mãi lhe tinha ensinado a tomar medida e a cortar todos os enfeites para a vestir com primor e elegancia; e a menina tomava tanto sentido, e tinha tanto geito que fazia gosto vêl-a trabalhar, como se fôra uma habil costureira; porêm Luizinha tinha o defeito de ser pouco sociavel, era metida com sigo, e sobre tudo não gostava que a viessem desarranjar quando estava occupada com as suas obrinhas.

Tinha Luizinha uma amiga, mais moça do que ella, chamada Mariquinha que vinha vêl-a trabalhar e aprender a cozer. Um dia que Lui-

zinha estava muito occupada a fazer um vestido da ultima moda para a sua boneca, veio Mariquinha e cumprimentou-a com muita affabilidade, e até com certo ar de respeito, porque era mais velha e a olhava como sua mestra; mas a nova costureira mostrou-lhe máo modo, e doestou-a com palavras grosseiras.

— Tira-te d'ahi, vai-te da minha presença, gritou Luizinha, não me venhas importunar; tu és uma desestrada, não tens geito para nada. Vergonha teria eu de dar lições a uma estupida como tu és. — E disse isto com tanta ira, que a côr lhe subio ao rosto, as feições se lhe alterárão de modo que não parecia a mesma.

— O ser desestrada não é crime, respondeo Mariquinha; mas a íra é um vicio bem feio. Tens muita habilidade, minha Luizinha, fazes mui lindas obras; mas fallas sempre com duas pedras na mão, parece que tens fel no coração. Oh! como és feia quando te deixas levar da íra, tu que és tão bonita! Olha, vê-te neste espelho! Onde está aquella serenidade de rosto, aquella suavidade de olhar, aquella compostura de bocca que te fazem tão engraçada quando

estás no teu ser? Acredita-me, minha Luizinha, vale mais ter qualidades menos brilhantes e ter mais proposito e moderação. A íra é uma loucura de pouca dura, mas que nos torna desagradaveis a nós mesmas e insupportaveis aos outros. Não sejas colérica, minha amiga, e serás mais feliz.»

Esta linguagem branda e suave fez caír os braços a Luizinha; tornou-se sereno seu rosto, sua côr de açucena e rosa appareceo de novo em suas faces, doces lagrimas apagárão o fogo de seus olhos, e um amoroso sorriso realçou seus rubros labios. Abraçou com mimoso osculo sua amiga, poz-se a cozer com ella, e deo-lhe com bom modo todas as explicações necessarias para seu aperfeiçoamento.

Elisa. — O' minha mãi, bem entendo qual é a moralidade d'esta historia. Não creio que eu tenha o defeito de ser colérica, como Luizinha; mas é possivel que ás vezes esteja de máo humor, e então farei todos os esforços para me não deixar apoderar da íra, sobretudo o que hei de fazer é de então não fallar; porque é o melhor modo de não dizer despropositos; e quando vir

alguma das minhas amigas irada e respirando colera, usarei para com ella de palavras brandas, e ficaremos ainda mais amigas do que d'antes eramos.

A MÃI. — Dizes muito bem, minha filha, obra assim, e, além de me dares gosto, gozarás de paz de espirito e terás muitas amigas.

LIÇÃO III.

Obrigações do homem a Deos; dos filhos aos pais.

A MÃI. — Vamos a tratar hoje, minha filha, das obrigações moraes do homem; quando digo do *homem*, bem entendes que nós as mulheres estamos sujeitas ás mesmas obrigações : é este um modo de fallar que designa todo o genero humano. Qual pois te parece, minha filha, que deve ser a primeira de todas?

ELISA. — A primeira obrigação é amar e respeitar a seus pais; e quando os pais são bons, esta obrigação é ao mesmo tempo o mais grato prazer. E na verdade, não é a nossos pais que devemos os primeiros e grandissimos beneficios, as amorosas caricias de que acompanhárão nossa infancia?

A mãi. — Minha filha, por mais grato que me seja teu amor, não devo exigir o primeiro lugar em teu coração; estou certa que o mesmo te diria teu pai, se vivo fosse. Sou tua mãi, e mãi estremosa; porêm tens um pai, que é Deos, a quem com razão chamâmos *Pai do Ceo;* o qual não só nos dá a vida, mas no-la conserva por sua beneficencia. Eleva pois a Deos teu coração, animado de seu vivificante sopro, e dá lhe graças por beneficios tantos que elle te liberaliza. Sería a maior ingratidão usar d'elles sem manifestar reconhecimento a tão paternal bemfeitor. Minha filha, seja sempre em ti constante este reconhecimento se queres ser perfeitamente feliz. Aquelle fervor d'uma alma extasiada que se dirige ao céo e rompe nestas palavras: «O' Deos meu! Que de beneficios nos haveis concedido! mil e mil vezes sejais bemdito!» este fervor, estas palavras, repito, fazem mais suave a bondade do criador; e até se nos figura que por este meio adquirimos a ella algum direito.

Elisa. — Oh! quão verdade é o que minha mãi me diz! Quando, agradecida, levanto mi-

nha alma a Deos, e fervorosa lhe dou graças por seus beneficios, sinto um doce refrigerio em meu peito, e então mais que nunca me considero como filha do Pai do Céo.

A MÃI. — Felizes effeitos da devoção sincera! Não esqueças nunca, minha filha, que tudo deves a Deos, que estás sempre em sua presença, e que, como justo que é, te dará o premio ou o castigo conforme o mereceres. Cada dia que vivemos é um novo beneficio que de sua bondade recebemos; assim que acordares, teu primeiro pensamento deve ser dar graças ao Ser Supremo, e o mesmo farás á noite antes de deitar-te: teu somno será mais socegado, satisfeita de ter cumprido tão sagrada obrigação. Deos não tem necessidade de nossas orações; porêm nós temos grandissima necessidade de lh'as dirigir porque d'elle dependemos em tudo, e sem elle nada somos.

ELISA. — Mas, depois de Deos, a nossos pais é a quem devemos amar e respeitar, sem duvida alguma.

A MÃI. — Sim, minha filha.

ELISA. — Em quanto ás obrigações dos filhos

para com seus pais, muito bem as sei; meu proprio coração m'as ensina. Se minha mãi me dá licença, eu vou fazer um resumo de tudo que a este respeito nos ensinárão os padres no catecismo; e quando não disser bem, peço á minha mãi que emende o meu engano.

A mãi — Sim, minha filha; n'isso me dás infinito gosto.

Elisa. — Em primeiro lugar, é necessario amar a seus pais mais que a si mesmo; porque devemos sacrificar-nos por elles se preciso for. Não sómente nos derão o ser, mas desvelárão-se por nós quando eramos pequeninos; elles são para nós na terra o que Deos é para todos os homens: assim que, devemos respeitál-os como deidades tutelares.

Cansagrão a saude, e muitas vezes a vida, a nosso bem; suas ordens devem ser sagradas para nós. Sempre devemos crer que no que nos mandão não se propõem senão encaminhar nossas acções ao que é melhor: por conseguinte, murmurar do que mandão nossos pais é culpa grave; e desobedecer-lhes é um crime. A cons-

tancia e applicação que exigem de nós nos estudos não são certamente por gosto de nos mortificar; é para que cheguemos a ser pessoas dignas da consideração e estima de nossos similhantes e aptos para preencher dignamente as funcções a que a providencia nos chamar. Quantas cousas não devemos saber para bem viver no mundo? Sobre tudo, nós meninas, de quantos conselhos, de quantas advertencias não necessitamos a cada instante para evitar os muitos perigos que nos cercão? E quem poderá melhor nos aconselhar e nos advertir do que um pai amoroso, e uma estremosa mãi? — E se os pais, ou os mestres, não castigassem a preguiça d'alguns meninos, serião sempre ignorantes, e por tanto desprezados na sociedade em que vivessem. Em que viria a parar um mancebo a quem não obrigassem a aprender um officio [ou a estudar uma arte util, que lhe procurasse meios de viver? Sería um folgazão, um vadio, que acabaria por ser um tratante, um velhaco, e talvez um ladrão. O guloso teria a cada passo indígestões que lhe estragarião a saude; far-

se-ia velho antes de tempo; daria em bebado, e viria a ser um homem desprezivel que não pensaria senão em comer e beber.

O menino colerico chegaria a ser um furioso, e acaso um assassino. O que tira os bonitos a seus companheiros, poderia acostumar-se a roubar dinheiro. A menina que tem demaziado amor proprio, e gosta muito de se enfeitar para parecer bem, viria a ser uma vaidosa, uma leviana. Finalmente, os meninos que gastão desacertadamente em gulosices e loucuras o dinheiro que seus pais lhes dão para seus divertimentos innocentes, e que não têem cuidado em seus vestidos e calçado, e tudo rompem e estragão promptamente, virião a ser perdularios e cairião em desprezivel miseria.

Os castigos, applicados a proposito, destroem estes vicios nascentes, e formão nosso coração á virtude; assim acontece que a severidade benefica de nossos pais, preservando-nos de similhantes desgraças, nos faz activos, instruidos e virtuosos.

A mãi. — Grande prazer me déste, minha filha, no que acabas de dizer; bem mostras que

tomaste sentido nas boas instrucções de teus catecistas, mas parece-me que faltão ainda alguns toques para completar o retrato d'um filho que cumpre fielmente as obrigações que tem para com seus pais.

Elisa. — O amor e o respeito devem ser a base do procedimento d'um filho para com seus pais; mas não basta que os ame e respeite, é mister que estes nobres sentimentos se manifestem exteriormente em maneiras submissas, palavras meigas, caricias amorosas, não sómente por prazer nosso, mas porque do contrario privariamos os autores de nosso ser da doce consolação de saberem que são amados dos que são pedaços de sua alma. O' minha querida mãi, quando me lanço em seus braços, conheço, pela bondade com que recebe meus carinhos, que com elles contribuo á sua felicidade. Por isso digo, que um bom filho não deve contentar-se com guardar em seu coração seus nobres sentimentos, deve tambem manifestál-os. Deve todas as manhãs ir saber como passárão a noite, despedir-se d'elles antes de se ir recolher, e muito sería para desejar que se não perdesse o santo

costume de beijar-lhes a mão e pedir-lhes a benção, como usavão nossos maiores. Eu assim fui criada, e continuarei sempre a cumprir este santo dever.

A mãi. — Grande gosto me dás, minha filha, no acerto com que fallas, e ainda maior gosto por saber que obras como fallas; vejo que me preparas uma velhice ditosa: louvado seja Deos! Elle te cubra da sua graça.

Atéqui, minha filha, temos fallado de pais respeitaveis, que marchão pela vereda da honra e da justiça; porêm, como por desgraça, alguns ha que se esquecem de sua dignidade e santos deveres, que te parece deva fazer um bom filho em tal caso?

Elisa. — Se não podêmos respeitál-os inteiramente, como desejáramos, nunca em caso nenhum os devemos desprezar; devemos acudir-lhes sempre em seu infortunio, dar-lhes bons conselhos, chamál-os á virtude, e sobretudo occultar seus defeitos e delictos; assim me ensinárão no catecismo, e quem ousará dizer o contrario? E' digno de desprezo e de odio o filho que revéla a deshonra de seu pai ou de sua

mãi; maldito será o que, surdo á voz da natureza, for accusál-os; maldito ainda o que vê seu pai ou sua mãi em baixo estado ou em misera sorte, e lhes víra as costas sem d'elles se compadecer! A mão de Deos virá sobre elle como sobre os filhos de Cham!... A taça dos prazeres se mudará em calis de amargura para os que deixão a seus pais comer o pão amassado com lagrimas, e elles vivendo na abundancia!...

A MÃI. — Quero contar-te a este respeito um caso acontecido en *Vienna* d'Austria, em 1787. Andando os forçados das galés varrendo as ruas da cidade, veio um moço bem vestido, aproximou-se d'um d'elles, já de idade, e beijou-lhe a mão. Vendo isto o governador da praça, chamou o moço e disse-lhe que lhe parecia muito mal que elle fosse beijar a mão d'um forçado das galés. «Ah! respondeo o moço, e se esse forçado é meu pai!» Que resposta tão virtuosa e terna! Um soberbo e um ingrato ter-se-ião apressado a separar-se do miseravel ancião; porêm aquelle virtuoso filho não vio senão a desgraça de seu infeliz pai e não sua vergonhosa situação.

Elisa. — Deos fez-me a graça de não me poder achar em similhante situação; mas, se tal sorte me estivesse reservada havia de obrar como o virtuoso mancebo de quem me fallou minha mãi.

Peço-lhe, minha querida mãi, que me conte agora em nossa lingua materna algumas d'aquellas historias verdadeiras que ouvimos no catecismo á cerca do amor filial.

TERENCIA.

Accusada uma matrona romana d'um feio crime, que a historia deixou em silencio, foi condemnada á pena de morte e entregue a um lictor para ser garrotada secretamente no carcere. As lagrimas e os rogos da infeliz matrona forão tão efficazes, e fizerão tal impressão no algoz, que lhe faltou o animo para executar a sentença, e resolveo-se a deixál-a morrer de fome antes do que arrancar-lhe a vida. Tinha aquella matrona uma filha chamada Terencia, a qual era casada com um cavalheiro romano;

a instancias de ambas consentio o lictor que a filha viesse todos as dias visitar sua mãi; mas tinha elle sempre muito cuidado de a apalpar para que não levasse algum sustento que prolongasse a vida á infeliz presa que devia morrer á fome. Passárão-se assim muitos dias, porêm a mãi de Terencia não parecia enfraquecida por um tão longo jejum. Admirado de tal successo quiz certificar-se por si mesmo da causa d'elle; poz-se em lugar occulto d'onde, sem ser visto, podesse ver o que se passava no carcere. Qual não foi sua admiração quando vio Terencia (que então criava um filhinho) dando de mamar a sua mãi a quem alimentava com seu leite?! Levantando os olhos ao céo, e penetrado de assombro á vista de tão virtuosa acção, correo sem demora, com grande perigo de sua vida, contar tudo ao pretor, o qual o foi logo referir ao consul, e em pouco tempo se espalhou a noticia por toda a cidade. Acudio logo o povo em chusma ao carcere, cujas portas se abrírão por ordem do governo; deo-se a liberdade á mãi de Terencia, e ambas forão levadas como em triumpho a sua casa; uma tensa foi concedida

pelo thesouso a Terencia, e, a expensas publicas, se elevou no lugar do carcere um magestoso templo dedicado ao amor filial.

MARIA DE SOMBREUIL.

Nos infaustos dias da grande revolução franceza era governador dos *Invalidos* (1) o general Sombreuil. Suspeito de realismo, foi o veneravel general conduzido á cadêa, chamada d'*Abbadia* (2), onde estava instalado o tribunal revolucionario, o qual, com um simulacro de julgado, condemnava á morte quantos lhe erão presentados. Maria não desamparou a seu pai; com lagrimas e rogos conseguio entrar com elle na prisão, e se dava por muito feliz de poder acompanhál-o e lhe dar as máis evidentes provas de sua ternura filial. Porêm as guardas não cessavão de lhe dizer: « Que vens tu aqui fazer?

---

(1) Magnifico palacio edificado por Luiz XIV, onde são recebidos os militares invalidos.

(2) Cadêa do antigo mosteiro de Benedictinos de São Germano.

Tu não estás presa ; nós tomaremos cuidado do general a quem todos estimamos.» E ella respondia com soluços : « Quem milhor do que eu terá cuidado de meu pai?! Eu não posso separar-me d'elle. — Ignoras tu o que se passa?! — Não, não ignoro ; isso é mais uma razão para que eu não abandone a meu pai.»

A obstinação é ás vezes favoravel á virtude. Maria de *Sombreuil*, á força de instancias, conseguio ficar com seu pai na prisão, mais contente de sua reclusão que muitas outras o serião de sua liberdade.

No dia 3 de septembro chegárão os assassinos, e o nome de *Sombreuil* foi vociferado como um grito de morte... O bravo general levantou-se sem hesitar, e sua filha com elle para o seguir ; quiz o pai impedíl-a, mas não lhe foi possivel, e pela vez primeira Maria desobedeceo a seu pai. Ella sabe que são os verdugos que chamárão a seu pai, e esta certeza lhe inspira heroica resolução ; ou salvar seu pai, ou morrer juntamente com elle... Agarra-se aos vestidos de seu pai que se precipita para a porta, as guardas buscão em vão separál-a d'elle, o amor e o deses-

pero lhe dão forças, Maria triumpha de todos os obstaculos, e chega ao fatal postigo onde os scelerados esperavão a victima para lhe dar morte. Sombreuil é interrogado; mas com nobre desdem refusa responder. Agitão-se as espadas e os punhaes nas mãos sangrentas dos assassinos, impacientes por descarregar o golpe. Neste tempo lança-se Maria, como uma flécha, ao meio dos verdugos, por entre os punhaes e as espadas, apara os golpes com os braços e o peito, põe-se de joelhos, levanta as alvas mãos, pede, supplíca, implora, com gemidos, com chóros, com pranto tal que a todos infundia espanto e compaixão. Inspirou-lhe Deos tal animo, deo a seus olhos e a sua voz tanta autoridade, que os braços lhes caem aos verdugos, e como homens feridos de raio não sabião dar-se a conselho. De suas escumantes bocas sai involuntariamente a palavra *perdão; perdão!* gritão todos, mas um d'elles, mais feroz que os outros, chega-se a ella com um copo de sangue humano ainda quente, e pondo-lh'o á boca: «Sim, perdoâmos a teu pai, disse, mas com a condição que has de beber este sangue de aristocrático.»

Maria não hesita um só instante, pega no copo com mão resoluta, e em quanto seu pai lhe quer persuadir que antes quer morrer, ella bebe-o d'um trago.

Por este preço, foi salvo o general Sombreuil, mas infelizmente salvo só por algum tempo; porque tornou a ser preso, e achando-se privado de seu anjo tutelar, expiou no cadafalso as nobres virtudes de que o tribunal revolucionario o tinha declarado culpado.

IZABEL CAZOTTE.

Digna émula de Maria de Sombreuil, Izabel Cazotte fôra encarcerada na prisão da Abbadia com seu pai, homem douto e de talento, dotado de bom coração e nobres sentimentos. Podéra a virtuosa filha saír dos ferros, pois para isso lhe derão liberdade, mas recusou o indulto para ficar com seu pai e consolál-o em seu infortunio. Passava os dias e as noites ao seu lado, e se por alguns instantes o deixava era para ir supplicar sua soltura aos commissarios

que tinhão a seu cargo as prisões. Na vespera da lugubre matança, tinha ella fallado aos principaes Marselhezes, e com um vislumbre de esperança entregou ao somno seus cansados membros. Mas qual não foi seu espanto, quando acordou aos empuxões que lhe davão os guardas para a levarem para fóra da prisão?!

Apezar de lagrimas e gritos foi arrancada aos braços do pai querido, que ella esperava levar com sigo ao seio de sua familia, e posta na loje do guarda-portão, durante trez quartos d'hora, que ja durava a carniceria, sem poder entrar nem saír, ouvindo a vozearia medonha dos verdugos e os lamentaveis gemidos das victimas. Foi-lhe necessario todo o esforço de seu amor filial para não succumbir a tão crueis transes.

Bem sabía a heroica donzella que seu pai havia de passar perto d'onde ella estava para ir ao lugar do supplicio, e, esquecendo a sua dor, fórma o projecto de se lançar ao meio dos assassinos, abraçada com seu pai, para lhe dizer o ultimo adeos, ou para com elle morrer. Recobra novas forças, inflamma-se de amor seu peito,

desapparecem em sua imaginação todos os perigos, e, apenas lhe sente os passos, precipita-se como um raio aos paternos braços, em despeito da resistencia dos esbirros que levavão seu pai, e unida com elle apparece no pavoroso páteo, juncado de cadavres e innundado de sangue. Gritão os algozes com furibunda voz, brandem as espadas e as lanças, mas Cazotte não se intimida. Ella pede, supplica, insta com tanta vehemencia, com tanto amor, com tanta ternura que a matança cessa por um instante. A formosura de que era dotada, pareceo então mais bella; sua eloquencia era mais que humana; a tal ponto que aquelles canibaes abrandárão seu furor, e desarmados pelo grito de *perdão* que pronunciárão os Marselhezes, disserão com rouca voz: «Pois vai-te d'aqui com teu pai!»

Transportada de jubilo apressa-se logo a sair com seu pai pela porta exterior, e ninguem a impede, nem lhe faz a menor resistencia, antes todos admirão sua heroica resolução; e com razão, que parecia ella uma deidade que o Céo involve em luminosa auréola, e que Deos protege de sua mão poderosa. Todos lhe abrem caminho

para a deixarem passar com seu pai que arrancára ás garras da morte.

Grande triumpho foi este para a virtuosa donzella e sua familia, mas infelizmente não durou muito. Poucos dias depois Cazotte foi preso outra vez, e seu anjo tutelar separado d'elle e posto no segredo, do qual só pôde saír quando seu pai tinha passado a melhor vida. Facil é comprenhender qual sería sua dôr! Sua unica consolação era mitigar a triste sorte de sua mãi, condemnada a tão dolorosa viuvez! A este sagrado dever se consagrou Izabel Cazotte com toda a força e delicadeza dos nobres sentimentos de que a natureza a dotára, deixando perfeitissimo modelo de amor filial nos modernos tempos.

LIÇÃO IV.

Obrigações dos irmãos entre si, e de todos os homens a seus similhantes e á Patria.

MÃI. — Depois dos pais, as pessoas mais chegadas são os irmãos; devemos pois amál-os como a nós mesmos. O irmão é o amigo que nos dá a natureza. Não é pois vergonhoso, minha filha, ver tantas familias desunidas por odios e invejas? Esta reunião de filhos debaixo d'um mesmo telhado, dirigidos pela lei d'um pai commum, reunião que devia gerar a mais terna amizade, é precisamente a que faz brotar sementes perniciosas nos corações mal inclinados! Vê, minha filha, o que succede áquelle menino invejoso das caricias que fazem a seus irmãos, ainda depois de as terem feito a

elle! Triste e melancolico, passa seus miseraveis dias em alimentar sentimentos de rancor contra aquelles mesmos cujo carinho, por assim dizer, é um ímpulso irresistivel da natureza, afflige-se com a alegria alheia e com ansia cobiçosa dos bens que os outros desfructão, não lhes deixa gozar dos que possuem; cresce nestes sentimentos ruins, chega com elles á idade das paixões fortes, e não vê em seu irmão senão um inimigo que o priva de metade d'uma herança, que, a não ser elle, lhe pertenceria toda inteira. A' morte de seus pais, nem ainda espera que a sepultura esteja cerrada para reclamar com acrimonia, e disputar com violencia o que lhe pertence. Posto de posse d'estes tristes despojos, afasta-se, e concentrado num vil egoismo, não se lembra mais que teve um irmão, se não é que o aborrece. Se elle é desgraçado, alegra-se; se é feliz, vive em tormento; e por ventura o arrasta a cegueira a ultrajar a memoria de seus pais accusando-os de injustos!...

Minha filha, o bosquejo que acabo de fazer da negra inveja, não se applica a ti, mas por

elle pódes julgar quanto se deve aborrecer tão detestavel vicio.

Elisa.— Não quiz o Céo que tivesse irmãos, mas tenho primos e primas e com elles vivirei em boa amizade como se meus irmãos fossem, e farei quanto podér para que se amem mutuamente e vivão unidos, bemdizendo a memoria d'aquelles a quem devem o ser.

A mãi. — Sim, minha filha, esse sentimento não só é mui grato e suave, mas é a origem de muitas virtudes; acostuma-nos a ser humanos, beneficos, agasalhadores, bemquistos, e nos facilita todas as attenções que fazem a sociedade agradavel.

Devem os irmãos soccorrer-se e ajudar-se mutuamente; o mesmo devem fazer os primos entre si; e, posto que todos os homens devem acudir uns aos outros em suas necessidades, estão em primeiro lugar os filhos dos mesmos pais, e logo depois os primos e tios. Os irmãos mais moços devem em certo modo respeitar aos mais velhos, não porque estes tenhão melhor direito. mas porque a idade suppõe nelles mais experiencia. O mais velho deve proteger o mais mo

ço, porque muitas vezes faz as vezes de pai em sua ausencia; e se o pai vem a morrer, fica em seu lugar quanto a idade o permitte; e se abandonasse a seus irmão, seria um perverso aborrecido de Deos e dos homens. Finalmente, minha filha, fica sabendo que a amizade entre os filhos do mesmo pai não é uma simples inclinação, que podemos seguir ou não, é um preceito da natureza que a lei de Deos confirma.

Elisa. — Desejava saber, minha mãi, quaes são em geral as obrigações dos homens entre si, ainda que não sejão parentes.

A mãi. — As obrigações dos homens entre si são as mesmas ainda que não sejão irmãos: a especie humana não é mais que uma grande familia. Na concurrencia de duas obrigações incompativeis, devemos preferir o irmão ao parente, o parente ao estranho; porém, fóra d'este caso estamos obrigados a fazer o mesmo com os nossos similhantes.

Reflecte bem, minha filha, na inconstancia das cousas d'este mundo e na fraqueza do homem. Todos necessitamos uns dos outros: o rico pensa que não precisa de ninguem, porque paga

todos os serviços que lhe fazem, e effectivamente todos se apressão a servíl-o por precisão ou avareza; porêm, por mais rico que seja, tem elle por ventura certeza que será sempre rico? Quem sabe o que a sorte lhe tem destinado? Em poucos dias póde cair em pobreza, e talvez chegar á ultima desgraça. Que dita não será então para elle achar quem o soccorra? E se tiver feito bem em quanto viveo abastado, não terá elle bem fundada esperança de receber o pago de suas boas obras?... Faça pois aos outros, em quanto póde, todo o bem que em similhantes circunstancias quizera que elles lhe fizessem. É preciso, minha filha, termos sempre presente que á manhã podêmos necessitar de quem hoje de nós necessita. E não creias que é isto despojar a virtude de sua nobreza; devemos fazer bem por amor á humanidade, por obedecer a Deos, que è nosso pai commum, e senhor Soberano que em sua immutavel justiça pésa nossas boas e más acções. Porêm, visto que nossa fraqueza nos obriga a depender uns dos outros, e a natureza nos ensina que é de nosso interesse ajudar-nos mutuamente, não de-

vemos renunciar a este meio de convencimento e de persuasão, fazendo ver que, neste caso como em todos, *a virtude não é mais que um calculo exacto de nossa propria conveniencia.*

Elisa. — Posto que eu não seja obrigada a pegar em armas, desejava com tudo saber quaes são em geral os deveres dos cidadãos para com a *patria.*

A mãi. — Minha filha, o que devemos a nossos similhantes, devemo-lo igualmente á patria, e pelo mesmo principio de moral.

Não se entende por *patria* sómente o recinto onde nascemos, senão todo o paiz que vive debaixo das mesmas leis; assim que, um morador de Viana no Minho e um habitante de Lisboa na Estremadura, são da mesma patria, ainda que estejão em dous pontos mui distantes de Portugal; o mesmo acontece entre os habitantes do Pará e os do Rio Grande do Sul, no Brasil. Todos os indigenas da mesma patria são como filhos d'uma mãi commum; e em certo modo se achão ligados por deveres reciprocos como os irmãos entre si.

Lembra-te, minha filha, do que te disse das

bases da sociedade geral entre os homens; as de cada nação em particular são as mesmas, pois que se trata sempre da união de todos os individuos, para segurança de cada um d'elles em particular. O objecto das leis é assegurar a todos seus direitos e propriedades; por conseguinte, por isso que a patria nos protege, devemos corresponder aos beneficios que nos dispensa.

Figuremos um homem que quer separar-se das leis de sua patria; ficará embora exento dos encargos communs; não pagará contribuiçoes, não irá á guerra; em fim, não terá que cumprir nenhuma das obrigações dos outros compatriotas. Ninguem é na verdade mais independente do que elle, pois não tem outro freio senão aquelle principio de moral: *Não faças mal a ninguem.* Pensas tu, minha filha, que um tal homem ganhará muito a eximir-se assim de todos os deveres que ligão os demais com o seu paiz? Ouve o que havia de resultar d'aqui. Roubar-lhe-ião um dia o dinheiro, ou o espancarião, e nosso independente correria a pedir justiça ao magistrado.

«Bem vejo, lhe diria elle, que vos roubárão vosso dinheiro, que fostes maltratado; porêm quem ha de fazer por vós cousa alguma, sabendo que não quereis fazer nada por pessoa nenhuma? Que direito tendes a que a sociedade vos proteja, quando em nada contribuís para que ella se mantenha?! O que damos á patria é uma anticipação feita por conta de seus serviços. Se ninguem quizera pagar as contribuições, com que se pagaria aos magistrados para admitrarem a justiça, e aos soldados para correrem atraz dos ladrões ou derramarem o sangue pela defensa da patria e das leis? E sacudido o jugo que ellas impõem para bem de todos, postos os homens neste estado de desunião, como assegurar a cada um sua vida e a posse de seus bens? Quereis ser só? Pois buscai em vós mesmo recursos que equivalhão aos da sociedade que abandonais.

«Desgraçadamente, senhor, ha homens máos, e é preciso reprimíl-os, e só com a força se póde isto conseguir; todos conhecemos isto, e por isso mesmo fazemos de bom grado alguns sacrificios para gozarmos em paz do que possuimos.

Só os que nada têem que perder acharião seu proveito em romper o freio das leis; e ainda estes, quando chegassem a apoderar-se dos bens dos cidadãos honrados, tratarião de restabelecêl-as, e talvez com mais rigor, para se assegurarem o gozo pacifico de seus latrocinios.»

O independente voltaría á sua casa, pôr-se ia a pensar, e veria, que, escusando-se de fazer cousa alguma a favor dos outros, não tem direito nenhum a que elles fação nada por elle. Conheceria então que sua casa, sua vida mesma estão á mercê do primeiro malfeitor; que se acha absolutamente reduzido a si mesmo, e que não deve esperar mais protecção, do que uma fera que corre os bosques. Então se vê forçado a reconhecer quão sagrados são os devêres á patria; e que aquelle que quer subtrair-se a elles sem renunciar ás vantajens que lhes são connexas, não é homem honrado, pois quer receber, e recusa-se a retribuir.

Digo-te, minha filha, em ultimo lugar, que ainda que não sejas destinada a defender a patria com as armas na mão, deves com tudo conservar em teu peito este nobre sentimento pre-

zando muito a terra em que nasceste, amando as cousas nacionaes e preferindo-as ás estrangeiras, sobre tudo pelo que toca a módas e costumes. Comtudo, minha filha, não tenhas nunca um patriotismo cego e exclusivo; em todas as nações ha cousas boas e louvaveis, e por serem differentes os usos não se segue que sejão despreziveis; sería injusto querer julgar os estranhos por nossos usos e costumes. Sê sempre hospitaleira e benefica para com os estrangeiros, é um dever de humanidade que te será mui grato pois bem sabes quão bem quista eras na terra estranha, que talvez preferisses á tua se não tiveras arraigado em teu peito o amor da cara patria.

Elisa. — Desejaria que a minha mãi me désse licença para lhe contar em nossa lingua alguns rasgos historicos que me lembra ter lido em francez.

A mãi. — Com muitissimo gosto, minha filha; tiveste uma boa lembrança.

A dôr d'uma mãi.

Uma virtuosa senhora estava inconsolavel pela morte de seu unico filho, que uma prematura morte lhe arrancára dos braços. Veio então um bom Padre consolál-a, invocando varias considerações religiosas, que parecião mitigar a dor da afflicta mãi; porêm, como o ministro de Deos citasse o exemplo de Abraham, que não hesitára fazer ao Senhor o sacrificio de seu unico filho Isaac, sobre saltou-se o coração maternal, rompendo nestas sentidas vozes: «Ah! senhor Padre, nunca Deos exigiria d'uma mãi um tal sacrificio.» Estas palavras são sublimes de sentimento; pintão ao natural o coração d'uma mãi afflicta, que não admitte consolação, para na sua viva pena mostrar toda a ternura de seu amor maternal.

A mãi e o lião.

Acontecêra soltar-se um dia um medonho lião do páteo dos bichos em Florença, e corria furioso pelas ruas da cidade. Cada um fugia es-

tremecido para não cair nas garras da esfaimada fera. Passava neste comenos pela rua uma pobre mãi com seu filhinho nos braços; corrella a uma porta que para seu refugio se abríra; porêm, com a precipitação com que fugia do feroz animal, tropeça, cai, larga dos braços o precioso penhor, sobre o qual se precipita o monstro horrivel. Que desesperada situação! Se abandona o filhinho, para logo é tragado da féra; se o quer tomar nos braços, ella com elle serão ambos victimas!

Porêm o coração da mãi estremosa não calcula o perigo. Animada de valerosa resolução lança-se aos pés do furioso animal, que já tem segura a presa, agarra-se com ambas as mãos á eriçada juba, e despede do amoroso peito este grito: «O' leão, não faças mal a meu filho.» E disse estas palavras com tão profundo sentimento, e acompanhou-as com tão magestoso olhar, que levou de vencida a ferocidade do leão. Ficou elle como assombrado, deixou a afflicta mãi pegar em seu filhinho, e foi-se andando mui socegadamente com generosa catadura e como contente de ter feito uma boa acção.

Os dous irmãos portuguezes.

Entre os muitos naufragios que padecêrão as náos portuguezas, que navegavão para a India, é assás conhecido, e foi então mui fallado, o da náo San-Tiago, de que era capitão-mór Fernão de Mendôça, a qual se fez em pedaços na costa da Cafraria no anno de 1585. Ião nella dous irmãos, Gaspar Ximenes e Fernão Ximenes, homens honrados, naturaes de Lisboa. Entre as pessoas que se salvárão no batel forão estes dous irmãos; mas sendo muita a gente, o batel pequeno e muito pesado, houve pareceres que se deitassem alguns ao mar, e tirando-se sortes, como em taes casos se costuma, caío a sorte, entre outros, em Gaspar Ximenes, que era o mais velho, e como tal o amparo da familia. Apenas Fernão Ximenes vê que a sorte destinava seu irmão para ser pasto dos peixes, lança-se aos pés do Capitão-mór, e pede-lhe que o deixe ir morrer antes que seu irmão, dizendo-lhe:

«Meu irmão, senhor, faz mais falta do que

eu, é elle quem sustenta meu pai, minha mãi e minhas irmãs; ah! se elle lhes falta, morrerão todos á mingua; conserve V. S. suas vidas, conservando a de meu irmão, e deixe-me morrer em lugar d'elle, porque eu não lhes faço falta, e elle muita.»

Mui penalizado ficou o capitão-mór com tal proposta; mas como era forçoso que um fosse ao mar, consentio na troca. Lançado este moço ao mar, como todos os outros, notou-se que elle só não tinha succumbido nas vagas, e que vinha em seguimento do batel; foi-se aproximando cada vez mais, e depois de seis horas de fadiga, chegou-se em fim ao pé d'elle. Ameaçavão-no seus mesmos companheiros com a morte, se tentasse entrar para dentro; chegárão até a feril-o com uma espada, porque não queria desistir; mui forte é porém o amor da propria conservação! O infeliz naufrago não só despréza as ameaças, mas deitando a mão á espada com que o ferião, nella mesma se firma para saltar para dentro do batel. Este acto de constancia, que já recaía sobre outro de generosidade, commoveo de tal modo o coração de todos, que

nenhum teve animo de insistir na execução da sorte, antes gostosos o acolhêrão no meio d'elles; e d'este modo conseguio salvar a propria vida e a de seu irmão.

Bem prova esta historia que as boas acções são recompensadas ainda neste mundo.

LIÇAO V.

DA LIBERDADE.

Não fazer mal a ninguem, nem em sua pessoa, nem em seus bens.

AMÃI. — Muito se tem fallado nos antigos e modernos tempos em *liberdade;* varias são as accepções em que esta palavra é tomada pelos moralistas e politicos; muito se tem abusado d'ella em prejuizo dos cidadãos pacificos e honestos; não é da minha competencia, minha filha, fazer-te uma longa dissertação á cerca de todas as especies de *liberdade*, só te direi o que te cumpre saber a respeito da *liberdade civil.*

«A faculdade de fazer tudo o que a lei não prohibe e que não prejudica a ninguem, eis o que é a *liberdade civil.*» No sentido moral a liberdade é muito mais extensa, minha filha,

pois suppõe que não dependemos até de nossas paixões.

Que feliz é nossa situação, minha filha, quando a consciencia nos não accusa de termos infringido a lei, nem causado damno a nossos similhantes?! Quão felizes somos quando sabemos mandar a nossas paixões e rejeitâmos com isenção seu tyranno jugo?!

Esta santa liberdade é a paixão das almas fortes, e a inveja dos que se submettem a um vergonhoso jugo; é um bem inappreciavel a que o sabio sacrifica tudo, e pelo qual o insensato não sabe sacrificar nada. Numerosas virtudes crescem e prospérão á sombra d'esta frondosa arvore, que para logo se dessecarião se sobre ellas soprasse o pestifero vento da escravidão. Sem a *liberdade moral,* que consiste no imperio sobre as proprias paixões, só imperfeitamente se possue a *liberdade civil;* porque as paixões levão necessariamente a comprometter a liberdade civil para obter as cousas que ellas fazem desejar. São as paixões, minha filha, certos desejos ou necessidades imaginarias; ora é certo que quanto mais isentos formos d'esses

desejos, d'essas necessidades tanto mais livres seremos.

A liberdade é como a saude, minha filha, só se apprecía quando já se não possue. Pelo que muito importa conservar a liberdade verdadeira em não se submettendo a outro jugo que não seja o da lei e o da religião.

Elisa. — Para ficar bem entendendo que a liberdade nunca nos póde permittir fazer mal a nossos similhantes, desejava que minha mãi me désse a este respeito alguns esclarecimentos.

A mãi. — Já te disse, minha filha, que toda a moral está fundada neste principio: «Não faças a outrem o que não quizeras te fizessem a ti.» E como de certo não gostarias que te dessem pancadas, que te maltratassem, ou te tirassem o que é teu, não deves pela mesma razar dar pancadas em ninguem, nem maltratál-o de qualquer modo que seja, nem tocar em cousa nenhuma que lhe pertença. Caímos ordinariamente no excesso de dar pancadas ou maltratar quando nos deixâmos levar da ira, que é uma paixão impetuosa que nos excita a tomar vingança de quem nos julgâmos offendidos com

injuria. Já te fiz ver numa historia, minha filha, quão feio é o vicio da íra e quanto cumpre desarreigál-o desde a infancia para que não produza suas funestas consequencias. Agora te digo mais seriamente que quando esta funesta paixão chega a apoderar-se d'uma pessoa transforma-a num animal furioso, que perde a razão e o juizo; espanca, fere, e chega até a ser homicida. Ora pensa, minha filha, qual deve ser a situação d'essa infeliz creatura, quando, caindo em si, conhece seu delirio, e comprehende os crimes que commetteo! Até que ponto não deve detestar-se a si propria?! Então se arrepende amargamente de não ter trabalhado por vencer tão terrivel paixão; mas ás vezes é já tarde. A este proposito quero contar-te um exemplo historico que te provará quão perigoso é deixar-nos levar desses impetos de ira que nos privão do uso da razão.

«Alexandre, rei de Macedonia, tinha qualidades eminentes, que lhe merecêrão o cognome de *Grande;* porêm suas paixões, que não soube sempre vencer, obscurecêrão não poucas vezes o esplendor de sua gloria. Não te fallarei senão

d'um dos excessos, que vem para o nosso caso.

« Clito era o seu maior amigo; havia elle merecido este titulo por seu zelo mui sincero, e mormente por lhe haver salvado a vida num combate. Alexandre tinha sempre obrado para com elle como rei justo e amigo verdadeiro; porêm um momento de furor lhe fez esquecer sua propria generosidade e a fidelidade de Clito. Num banquete em que se tributavão elogios a Philippe, pai de Alexandre, atreveo-se este a gabar-se de ser superior a seu pai. Esta vaidade, que noutro qualquer que não fosse filho não mereceria outro nome que o de pueril e ridicula, desagradou a Clito; e teve elle a imprudencia de o manifestar. Digo a imprudencia, minha filha; porque, de que serve querer corrigir os homens no momento em que a lição não faz mais que irritál-os? No assomo da ira, em vão se invoca a razão! Quando a prudencia guia nosso zelo, devemos aguardar a occasião para desarmar o furor, sempre com brandura, e então nossa admoestação produzirá o desejado effeito. Alexandre, que acabava de

jantar lautamente e tinha a cabeça esquentada com o demasiado vinho que bebêra, não se achava em estado de ouvir a mais leve expressão que ferisse sua soberba; levantou-se furioso, ameaçou Clito; e como este continuasse a reprehendêl-o, Alexandre corre a elle fóra de si, e atravessa-o com a espada, deixando assombrados todos os circumstantes. Ainda a ira não estava bem saciada quando Alexandre cai em si, assombrado de sua impia violencia; o sangue que derramára de seu melhor amigo, lhe faz horror; sente-se arrebatado d'um furor differente, quer voltar contra si a ensanguentada arma, e a si mesmo se teria matado se os Cortezãos lha não tivessem arrancado das mãos. Lança-se atonito sobre o corpo de Clito, aperta-o estreitamente em seus braços, chama por elle como se podéra ouvíl-o, accusa-se a si mesmo de ferocidade; e, banhado no sangue de seu amigo, rola-se pelo chão, sem querer ouvir aos que se esforçavão por consolál-o.»

Assim foi que, por um só movimento de furor, o maior monarca do seu tempo se fez o mais desgraçado da terra, e deixou em sua

historia uma feia nodoa que todas suas glorias não podem lavar. Nota ainda mais, minha filha, que Alexandre commetteo este crime no fim d'um banquete depois de ter bebido mais do que convêm a um homem judicioso; e póde ser que se houvera bebido menos não matasse a Clito. D'aqui pódes concluir, minha filha, a que se expõem as pessoas que se demasião em bebidas! Não só é feio vicio a embriaguez, senão que arrasta com sigo funestas consequencias, que serião ainda mais horrorosas, se por ventura se encontrassem numa pessoa do nosso sexo!...

O caso que acabo de citar-te, minha filha, prova o que póde a íra, mórmente quando é aquecída pelo vinho; não te fallarei dos crimes commettidos por uma vingança premeditada, ou pelo desejo de apoderar-se dos bens alheios. O homem que espanca ou mata num momento de furor tem ao menos a desculpa d'uma paixão violenta que lhe perturba a razão; porêm o infame que medita largo tempo sua vingança, e o que assassina seu similhante para se apo-

derar de seus despojos, são dous desalmados que levão com sigo a execração dos homens, e vem ordinariamente a acabar na forca ou em degredo. Não fallemos mais de taes monstros, que deshonrão a especie humana; tua alma não tem idéa de similhantes horrores.

Elisa. — Quando uma pessoa, que não fez mal algum, é maltratada por outra, ou vê que a querem matar, não terá ella direito para defender-se e até mesmo matar o injusto aggressor?

A mãi. — Em tal caso, minha filha, essa pessoa não faz senão defender-se, e os golpes que dá não se lhe pódem imputar como um crime; com tudo, deve procurar defender-se com a menor violencia possivel: é grande generosidade não pagar o mal com o mal; sobre tudo deve evitar o dar golpes mortaes. Por mais legitima que seja a defensa, sempre será cruel a memoria de ter dado a morte a seu similhante; mas se não ha outro meio de salvar a propria vida, é necessario lançar mão d'elle; porque a lei natural nos manda velar sobre nossa conser-

vação; e não só é mais justo que morra o malvado provocador, mas é mais util á sociedade que se conserve o homem de bem.

Elisa. — Desejava saber, minha mãi, se assim como não devemos fazer mal a ninguem em sua pessoa, estamos igualmente obrigados a não fazer damno algum em seus bens?

A mãi. — Tão prohibido nos é, minha filha, não fazer damno algum nos bens como na pessoa; e a razão d'isto vem do mesmo principio fundamental, que se não ha de fazer a outrem o que não quizeramos que nos fizessem. Não me demorarei, minha filha, a provar-te que não se deve roubar o dinheiro de outrem, porque só o nome de ladrão ou ladra te faz horror; mas devo dizer-te, com bastante pena minha, que muitas pessoas não têem aquella delicadeza que em taes materias é precisa; não fazem escrupulo de colher algumas fructas, ou apropriar-se algumas cousas de pouca importancia e não se crêem por isso culpadas. Não pensão assim, minha filha, as pessoas bem educadas e de consciencia delicada. Quem toma o alheio, por pouco que seja, não se livra do nome de la-

drão; e que feia cousa não é para uma pessoa, de qualquer condição que seja, ter uma tal reputação? Alêm de que, é regra mui geral que aquelle que hoje se atreve a furtar uma cousa de pouco valor, ámanhã se atreverá a um furto maior, especialmente se espera fazêl-o sem risco de ser descoberto. Lembra-te, minha filha, d'um antigo ditado: «Não ha segredo que tarde ou cedo não seja descoberto.» Lembra-te mais, que a pessoa de bem deixa de furtar, não por temor de castigo, senão por dever de consciencia; pois sabe que é uma acção reprehensivel, por ser contra a justiça e contra a caridade. Guarda-te de tocar no que te não pertence, minha filha, porque a propriedade de outrem é cousa sagrada que deves não só respeitar senão defender. Ainda accrescento que longe de despojar os outros do que é seu, deves estar disposta a sacrificar vossos bens antes do que concorrer para que alguem seja despojado do que é seu. Quando te achares em situação tal que tua propriedade ou a de teu vizinho, por tua mesma decisão, haja de ser destruida, não hesites; soffre com generosidade a perda da

tua. Quero citar-te a este respeito um rasgo que agradará ás almas nobres.

«Durante a guerra de Hespanha com Portugal, no tempo d'el rei Dom João IV, vierão alguns cavalleiros hespanhoes acordar muito de madrugada a um lavrador do Alemtejo e o obrigárão a que viesse ensinar-lhes um campo onde podessem forragear; o pobre lavrador, sem fazer resistencia, disse-lhes que o seguissem, e os conduzio por entre muitas terras de trigo e outros semeados, e por fim parou num ferregeal de cevada. «Porque nos trouxeste tão longe, lhe disse o commandante, quando tinhamos muito mais perto o que precisavamos? — «Os campos que temos visto, disse o lavrador, não me pertencem, e não tinha direito a designálos; este é meu, tomai nelle o que haveis mister.»

Desnecessario é, minha filha, insistir em te provar quão formoso é este rasgo de probidade; o honrado alemtejano podéra, sem commetter crime, indicar aos Hespanhoes o primeiro ferregeal que ficasse mais perto; parêm ir designar o seu proprio é uma virtude sublime.

Elisa. — Desejaria que minha mãi me dissesse que differença ha entre *furto* e *roubo*.

A mãi. — Posto que nestas duas acções criminosas ha um mesmo fim, que é tomar para nós a que nos não pertence, ha com tudo entre ellas differença notavel, em attenção ao modo como se commettem.

Furto é a acção de *furtar*, isto é de tomar o alheio contra a vontade de seu dono, e sem que elle o saiba. — *Roubo* é a acção de *roubar*, isto é de *furtar* com ousadia e violencia. — O ladrão secreto, *furta;* o ladrão publico, *rouba*.— O *furto* é o menor delito que nesta materia se póde commetter, porque se commette ás escondidas e sem violencia; o *roubo* é crime detestavel, porque se commette sem pejo e com descaramento.

Mas fica bem certa, minha filha, que quem começou por *furtar* e se não emendou, a cabará por commetter *roubos*, que o levarão á forca ou pelo menos a degredo para as Pedras-negras, ou outros presidios em que o viver é mais um castigo do que uma mercê.

Tambem ha differença, minha filha, entre

rapina e *latrocinio*, que não importa agora saberes, mas que mais tarde poderás ler nos synonymos de que já te fallei.

Elisa. — Antes de passar a outra cousa, peço lhe, minha mãi, que me diga se, achando eu uma bolsa de dinheiro, uma carteira de notas do banco, ou qualquer outra joia preciosa, num sitio em que se não podesse saber quem as perdeo, poderia ficar com ella em boa consciencia?

A mãi. — Não, minha filha; porque o que as perdeo não renunciou ao direito incontestavel que tem ao que é seu; neste caso, como em todos, havemos de julgar aos outros como a nós mesmos. Afflige-nos o perder-mos alguma cousa, porque nos occasiona desgosto e privações; e alegramo-nos muito quando nos volta á mão o que haviamos perdido: assim acontece a nossos similhantes quando se achão em iguaes circumstancias. Devemos pois, quando achâmos alguma cousa, informar-nos logo se alguem a reclama, e fazer saber por annuncios que se achou para que seu dono possa reclamál-a; mas n'isto devemos proceder de modo que não demos occasião a que venha algum tratante re-

clamar o que lhe não pertence. A este respeito quero contar-te um rasgo verdadeiro que te mostrará como em taes casos deve portar-se uma pessoa de probidade.

«No anno 1728, *Teing-Tey,* mercador da provincia de *Chenci,* na *China,* indo para uma feira comprar algodão, levava uma bolsa com 170 onças de prata; perdeo-a no caminho perto da serra de *Song-Cria,* e continuou sua jornada sem dar pela perda. No outro dia pela manhã, um pobre lavrador chamado *Chi-Icou,* indo para a sua lavoura perto da dita serra, achou a bolsa. Como ninguem aparecesse a reclamál-a em todo o dia, trouxe-a á noite para casa e mostrou-a á mulher, contando-lhe como a achára. «Oh! disse ella, não podêmos ficar com esse dinheiro, porque não é nosso; antes quero viver pobre do que guardar o alheio; procura averiguar ámanhã sem falta de quem é esse dinheiro e entrega-lha sem demora.

«O mercador chinez tinha mandado pôr carteis nas portas da cidade, e nas esquinas das ruas, annunciando o que havia perdido, e promettendo metade a quem lh'o restituisse. Infor-

mado o lavrador dos carteis corre em busca do mercador e leva-o á sua casa para lhe entregar a bolsa; offerece-lhe este metade, como estava promettido, mas elle recusou. Insta para que acceite ao menos alguma menor somma em signal de agradecimento; usa até d'um ardil, diz-lhe que 107 onças são prestadas, mas que das 63 que restão, e que são suas, deve elle tomar metade, e supplica com as maiores instancias para que as acceite: «Não, senhor, disse o lavrador, eu não tenho mais direito á segunda quantidade que á primeira; leve tudo, pois tudo é seu.»

Esta acção foi admirada de todos. O governador da cidade deo conta ao general da provincia; o qual mandou immediamente ao lavrador 50 onças de prata e uma taboleta, para pôr sobre a porta de sua casa, na qual estavão escritas quatro lettras que significavão: «Marido e mulher illustres por sua fidelidade e desinteresse.» Mandou-se deitar bando em toda a provincia, annunciando tão nobre acção; e por ordem imperial se levantou uma pyramide defronte da casa do lavrador com uma inscripção para servir de memoria aos vindouros.

O imperador, internecido ao ler a relação que lhe fazia o capitão general, aproveitou-se d'esta occasião para fazer uma especie de proclamação moral aos povos, exhortando-os a praticar a virtude. «Pelo que respeita ao lavra-*Chi-Icou*, disse o imperador, hei por bem fazêl-o mandarim da terceira ordem, e lhe faço mercê de cem onças de prata em prova de quanto estimo sua rectidão, e para excitar aos outros a imitar seu exemplo.»

O nobre procedimento d'aquelle China deve servir de exemplo a quem respeita a honra e a probidade; e a recompensa què lhe grangeou prova que a virtude agrada a todos os homens, e em todos os paizes.

Elisa. — Porêm, minha mãi, se o lavrador tivesse acceitado a recompensa que o mercador lhe queria dar, teria elle feito mal?

A mãi. — Não, minha filha; o dinheiro que lhe offerecião sería adquirido legitimamente, e por isso não sería uma acção indigna d'um homem de bem; e até mesmo devêra acceitál-o-se se achasse em precisão. O recusar o dinheiro que lhe pertencia pela promessa de seu

dono é uma nova virtude que realça ainda mais o seu merecimento.

Elisa. — Façamos outra supposição: se não apparecesse o dono da bolsa, e não se podesse descobrir a quem ella pertencia, que deveria fazer neste caso o lavador?

A mãi. — Deveria consultar o seu confessor, e sendo abastado e generoso, é provavel que o confessor lhe diria que repartisse o dinheiro por outros mais pobres do que elle, ou que o empregasse em obras pias; se o lavrador fosse pobre, talvez o confessor lhe permittisse guardar para si todo ou parte d'elle, mas sempre com o desejo e a intenção de o restituir a seu dono se algum dia apparecesse.

A este respeito tinha eu uma linda historia a contar-te, mas, como ella é um pouco comprida, deixo-a para amanhã, e agora vou-te contar outra mais pequena, mas que tambem vem para o caso.

PHILIPPE,

ou a Cabra furtada.

Nas abas da serra de Cintra, não longe de Collares, se eleva uma engraçada habitação de moderna arquitectura cercada de frondosas arvores, que, estendendo-se em fresca lameda, como que vão esperar o viandante para o convidar a se desencalmar á sua sombra, e se refrescar com as cristallinas aguas que empinados rochedos alí distillão em copiosos arroios.

Perto da grade de ferro d'esta bellissima quinta travousse uma briga entre dous rapazes, que, ao uso dos saloios, se davão murros e descompunhão um ao outro.

— Calla-te lá, ladrão, dizia Philippe ringindo os dentes; és tu que furtaste a nossa cabra; commigo te has de haver se m'a não restituires.

— Vai-te d'aqui, pedinte, respondia o outro; vai andando teu caminho: esta casa não se fez para dar couto a velhacos? Tornou Philippe agarrando pelas goellas o saloio que era maior

do que elle. Quero para aqui a minha cabra, e não te largo em quanto m'a não deres. Não cuides que me mettes medo com as tuas roncas.

— Vai-te embora quanto antes, se não queres que chame o senhor Marquez que anda passeando no pomar.

O rapaz disse isto em meia voz.

— Ah! tu queres chamar o senhor Marquez! disse Philippe; pois bem! Verás o que te succede. Todos dizem que é um fidalgo justo; não tenho medo de ser julgado por elle, tu bem o sabes.

— Quantas vezes queres que t'o diga? desapparece d'aqui; senão vou pegar num forcado, e ponho-te fóra como um cão.

— Dá-me a minha cabra, e verás como me vou embora; senão, não.

Pegárão-se outra vez os dous rapazes, dando-se empuchões, agarrando-se pelos cabellos e dando gritos como furiosos.

— Quem está ahi fazendo toda essa bulha? Gritou uma voz que saía da casa verde.

— Sou eu, senhor Marquez, é Luiz, o moço da cavalhariça, que estou pondo fóra da quinta

um pedinte que se queria introduzir no palacio.

— Introduzir no palacio! Mentes com quantos dentes teus na boca; eu venho pedir o que é meu; quero para aqui a minha cabra que tu me furtaste.

— Parece-me que a accusação não admitte replica, disse o Marquez, mostrando-se.

— E' uma infame calumnia! disse Luiz, fazendo-se vermelho como um lacre. V. Eª póde crer.....

— Eu não posso crer senão o que vejo, disse o marquez com ar serio; vejo que te fazes vermelho como um pimento. Alguma cousa ha que é necessario averiguar.

— Senhor Marquez, disse então Philippe, perdoe V. Eª de o importunar. Eu venho pedir ao seu moço da cavalhariça uma cabra que elle nos tirou acolá na serra.

— Luiz, explica-nos isto! Disse o marquez. Accusão-te, deves justificar-te, se pódes. Onde está a cabra que reclama Philippe?

— Saberá V. Eª que está na cavalhariça.

— D'onde veio ella? De alguma parte a trouxeste.

— Ella estava, Senhor... Andava correndo á solta á entrada da mata... E como visse que não tinha dono, prendi-a com uma corda, e trouxe-a para aqui.

— Cuidas-tu por esse modo que a cabra te pertence legitimamente? Não está máo o modo de adquirir propriedades.

— Senhor Marquez, a cabra tão pouco pertence a Philippe. Fui eu quem a achei, ella é minha.

— Mentes, trapaceiro, a cabra é muito minha; hei-de-te desmentir diante de quem quizeres.

— Não basta affirmar, disse o Marquez lançando olhos penetrantes a cada um dos pretendentes, é necessario provar. Vamos perguntál-o á cabra!

— Senhor marquez, ella está deitada, disse Luiz com ar constrangido. V. Exª. queria...; mas...

— Bem sei isso, disse o marquez; não emporta, vamos á cavalhariça; cada um de vocês ha de chamar a cabra, um depois do outro, ella responderá.

Durante este dialogo, Philippe tinha conservado sua serenidade; outro tanto não acontecia a Luiz. Ao entrarem na cavalhariça, como a cabra não visse ao principio senão Luiz que a chamava com voz assucarada, fez um movimento de espanto; porêm assim que vio Philippe, que a chamava com os nomes com que tinha por costume chamál-a, poz-se attenta, fitou as orelhas, e pareceo alegrar-se e folgar de ver o rapaz seu conhecido, para o qual buscava chegar-se quanto lhe permettia o latego com que estava presa.

— O caso está julgado, disse o marquez olhando para Luiz com ar severo: tu és um ladrão, e neste mesmo instante vas para a rua, que não quero ladrões em minha casa; a forca te espera se te não emendares. E tu, Phílippe, fica em lugar de Luiz; eu gósto de quem é honrado e probo.

— Muito agradecido a V. Exª, senhor marquez, respondeo Philippe.

— Só te peço, uma cousa, disse o marquez, que defendas os meus interesses como sabes defender os teus.

Depois d'esta sentença, Luiz retirou-se corrido e promettendo por entre os dentes de se vingar, e a historia não nos diz que elle se emendasse. Um ladrão de profissão raramente se emenda.

LIÇÃO VI.

Não se ha de fazer damno ao proximo em sua honra nem em sua reputação.

A MÃI. — Muitas pessoas olhão com horror até a sombra do furto, e sem o menor escrupulo dizem dos outros todo o mal que sabem, e ainda aquelle de que não estão bem certos, sem reflectirem que a *murmuração* faz muitas vezes mais damno do que o roubo, e que a calumnia é um crime quasi tamanho como o homicidio.

ELISA. — Minha mãi, desejava saber que differença ha entre *murmurar* e *calumniar?*

A MÃI. — *Murmurar*, minha filha, é dizer o mal que se sabe de alguem, e fazêl-o saber aos que o ignoravão: é proprio de gentes que não

têem caridade. *Calumniar* é inventar alguma cousa má contra uma pessoa, e publicál-a com intenção de lhe tirar o credito ou perder a reputação : por conseguinte a *calumnia* é um verdadeiro crime. A simples *murmuração* chama-se tambem *maledicencia* ; mas ella degenera muitas vezes em *detracção*, que é a conversação mordaz que infama e denigre o credito e a honra de alguem.

O *maldizente* ou *maledico* obra mais por habito que por má intenção ; e seus ditos têem muitas vezes por causa a ociosidade, a loquacidade e a ignorancia. — O *detractor* não só diz mal, mas infama, denigre, tisna a boa reputação de alguem, com perfeita intenção de desdourar e deslustrar seu merecimento, e tudo isto faz movido da inveja.

O *calumniador* é mais malvado que os dous precedentes; movido do odio e da vingança, accusa, maliciosa e falsamente, para infamar, imputa com má fé delictos, acções ou ditos que offendem a honra, para cobrir de opprobrio a infeliz victima de seu furor; e quando não póde ou lhe não convêm inventar crimes, suppõe in-

tenções perversas nas acções mais indifferentes, e até nas boas e virtuosas.

Vou agora fazer-te ver os funestos effeitos da murmuração e da calumnia; ouve a historia do desgraçado *Jorge*.

«Vivia, não ha muito tempo, em Lisboa, um d'aquelles bons gallegos, fieis e serviçaes, em quem os Lisboetas tinhão, com razão, grande confiança. Chamava-se Jorge; empregava-se sobre tudo em fazer mandados, levar cartas e recados de pessoas capazes, e na baixa ninguem havia que não conhecesse o tio Jorge. Suas boas qualidades, sobre tudo o ser discreto, fiel e segredeiro, lhe tinhão grangeado muitos conhecimentos e bons patrões, de modo que tinha sempre muito que fazer e trazia sua mulher e filhos mui fartos e contentes. Jorge não era ambicioso nem homem de máo humor, antes pacifico e alegre, e teria vivido em paz com sua familia, se não fôra um vizinho invejoso, gallego como elle, que se propoz a tirar-lhe os freguezes. O máo vizinho, chamada *Roberto*, não houve casta de cousa que não fizesse parar tirar a Jorge a boa opinião que d'elle tinhão todos,

começando por assoalhar o pouco mal que d'elle sabia. Jorge era d'aquelles homens que não arrancão vinhas para pôr olivaes, gostava de beber a sua pinga, sempre com moderação; mas tinha a infelicidade de não aguentar o vinho, e por pouco que bebesse toldava-se-lhe a cabeça; porêm este defeito não lhe fazia faltar a seus deveres, e nunca entrava na taverna senão depois de ter cumprido pôntualmente o que estava a seu cargo. O vizinho invejoso sabia isto muito bem; porêm, em vez de dizer as cousas como ellas erão, dizia a todos que o querião ouvir: «Jorge é amigo da pinga, demazia-se em vinho, e este defeito é muito prejudicial para um homem do nosso officio; alem de fazer o que lhe encarrega, póde dar com a lingua nos dentes, e descobrir o segredo que lhe confião: é pena que o tio Jorge tenha essa balda, que lhe póde fazer muito prejuizo.

«A' força de repetir este dito, começou elle a fazer impressão em varias pessoas, ás quaes se lhes figurou que com effeito o tio Jorge algumas vezes estava tocado da pinga; e á proporção que ião desconfiando d'elle, ião deixan-

dode o empregar. O invejoso ganhava nisto; foi continuando o mesmo manejo, até que reduzio o pobre vizinho a não ter nada que fazer.

« Vendo-se assim abandonado, e faltando-lhe os meios de ganhar a vida, decidio-se o pobre Jorge a mudar de bairro para ver se mudava de fortuna. Foi-se estabelecer em Belem, onde começou a ter que fazer; porêm a má reputação que Roberto tinha espalhado d'elle lá o foi perseguir. Para maior desgraça sua aconteceo que numa casa, onde elle fazia os mandados, veio um dia a faltar um relogio de ouro; e como nenhuma outra pessoa estranha tinha entrado em casa, deitárão as culpas a Jorge, e ficou suspeito de ladrão; porêm, como não houvesse provas, tudo ficou em suspeitas. Logo que o invejoso teve noticia do caso, mostrou-se contente, e poz-se a dizer em alto e bom som: «Então, não dizia eu que a balda do tio Jorge lhe havía de dar na cabeça?! Para ir á taverna é necessario dinheiro, e quando se não ganha bastante, rouba-se.» A sua malicia mudava num momento a simples suspeita em certeza; e seguindo seu costume, disse por toda a parte que

Jorge tinha furtado um relogio d'ouro. A segurança com que fallava fez com que a calumnia passasse por verdade, e bem de pressa repetio por toda a cidade que o tio Jorge era um ladrão.

Vendo o dono do relogio que a voz publica accusava a Jorge daquelle furto, deo querella d'elle, e o pobre homem foi mettido na cadeia por ladrão, onde esteve mais d'um mez, morrendo de fome, e d'onde sahiria para as Pedras-negras, se não se viesse a descobrir o verdadeiro ladrão do relogio. Reconheceo-se em fim sua innocencia; derão-lhe uma indemnização, mas pequena; e como sua familia se visse obrigada a contrahir dividas para não morrer de fome, o que ganhava era pouco para pagar aos credores. Alem de que a maior parte dos freguezes não lhe quizerão dar que fazer, e por-fim lhe disserão: «Já temos quem nos sirva.» Desgraçadamente os homens são mais inclinados a pensar mal que bem, e a mais leve apparencia lhes basta para formarem máo conceito; lembravão-se que Jorge estivera na cadeia com fama de ladrão, e o boato que tinha corrido fez-

lhes má impressão e não querião nada com elle. Reduzido o pobre Jorge á ultima miseria, mandava seus filhos pedir esmola aos seus antigos conhecidos, mas estes viravão-lhes as costas e despedião-nos com desprezo.

«Por fim o pobre Jorge, não tendo já recurso nenhum, acabrunhado com o peso de sua humilhação tão mal merecida, abandonado ao desespero, caíô doente e morrêo como se fôra um malvado.» Eis aqui o que faz a *murmuração* e a *calumnia*.

Elisa. — Oh meu Deos! que quadro tão horrivel!

A mãi. — Tens razão, minha filha; lembra-te bem que «nunca se diz mal d'uma pessoa sem fazer-lhe um grande prejuizo.» Tem sempre cuidado no que dizes; não tenhas o pernicioso prurito de assoalhar os defeitos que notas nos outros; tu tambem tens defeitos, e não quererias certamente que t'os divulgassem, usa pois para com os outros d'aquella indulgencia que desejarias usassem para comtigo. Deves saber, minha filha, que os mesmos que dão ouvidos aos murmuradores os desprezão, e ninguem ha que

não tema e deteste más linguas; pois bem sabido é que quando algum dos ouvintes se vai da companhia, sobre elle cai a murmuração. Aos calumniadores todo o mundo aborrece; e quando são convencidos perante os tribunaes, são cas tigados com penas infamantes.

Elisa. — Permitta-me minha mãi que lhe faça uma pergunta. Se uma pessoa que tivesse confiança em mim me pedisse informações d'outra, de quem quizesse servir-se, deveria eu dizer o que sei?

A mãi. — Sim, minha filha, o bom e o máo. Eis aqui a razão porque deves obrar assím. Supponhamos que uma pessoa da tua amizade quer pôr dinheiro a juro em casa de F., na supposição que é homem de probidade; com tudo vem pedir-te informações a seu respeito, porque sabe que o conheces ha muito tempo, dizendo-te a tenção que tem de lhe confiar certa somma de dinheiro; tu sabes que a tal pessoa, ainda que não está mal conceituada, é muito desgovernada, joga muito, tem vida dissipada, e que seus cabedaes não são o que dizem; e por aqui pódes suppor que vai perdido o dinheiro

que se pozer em suas mãos; sem embargo, não te atreves a dizer o que sabes e o que pensas, temendo prejudicar á tal pessoa: só a idéa de murmuração te faz tremer. Crês que isso é delicadeza da sua parte? E' um engano, minha filha; o teu temor é uma fraqueza culpavel; pois a pessoa de tua amizade, a quem déste bons informes a respeito da outra, entregou-lhe o seu dinheiro e perdeo-o, e com razão se queixará de ti, póde até suppor-te complice, e de má fé, e tu nada pódes dizer que te justifique. Verdade é que não se deve fallar dos vicios alheios; porêm quando se trata de impedir que uma pessoa honrada seja victima d'elles, é um dever nosso o fazer-lh'os conhecer.

Não me esqueço da promessa que te fiz hontem e vou a contar-te a historia que te prometti.

PEDRO E LUZIA.

Pedro era d'um lugar da Bretenha perto de Bitre; nasceo pobre, e tendo perdido pai e mãi antes de poder pronunciar seus nomes, deveo

sua subsistencia á caridade publica; aprendeo a ler e a escrever; esta foi toda sua educação, e á idade de quinze annos era pastor d'ovelhas no casal d'um honrado lavrador. Luzia era uma rapariga d'aquellas vizinhanças, pouco mais ou menos da mesma idade; apascentava tambem os rebanhos de seu pai nuns pastios onde encontrava com frequencia a Pedro, o qual lhe fazia os serviços que sua situação permittia. O costume de ver-se, sua occupação, sua bondade e suas attenções reciprocas gerárão entre elles affectuosa inclinação. Pedro propozse a pedir a mão de Luzia a seu pai; ella consentio, mas não quiz achar-se présente a este acto; e como tivesse que ir á cidade no dia seguinte disse a Pedro que aproveitasse a occasião, e que ao cair da tarde viesse ao seu encontro para lhe contar o que era passado.

A' hora assignalada foi o moço ter com o pai de Luzia, declarou-lhe francamente que gostava muito de sua filha, e que desejava casar com ella. — Gostas de minha filha! Interrompeo precipitadamente o velho; e queres casar com ella! Sabes o que dizes, Pedro? Como te

has de haver para cumprir com as obrigações do matrimonio? Cuidas que não ha mais que casar? Tens por ventura vestidos que dar-lhe, casa em que morar e bens para sustentál-a?! E's um criado de servir, não tens nada de teu; Luzia não é rica, tem comtudo alguma cousa, mas não é bastante para viverem ambos. Pedro, não penses em tal; não é assim que um homem de juizo deve tratar de casar-se. — Eu tenho dous braços, sou robusto, e quando um homem quer trabalhar não lhe falta em que ganhar a vida; e haverá alguma cousa que eu não faça quando se trate de sustentar a Luzia? Atégora tenho ganhado cem escudos por anno; tenho juntos vinte que servirão para os gastos da boda; continuarei a trabalhar com mais affinco, forrarei mais alguns escudos por anno, e então arrendarei um casalinho; depois tomarei outro maior, e com a graça de Deos iremos vivendo santamente em nossa casinha; nossos mais ricos vizinhos assim começárão, e porque não poderei eu vir a ser rico como elles? — Vamos, vamos, lhe tornou o velho; estás muito moço, e podes ainda esperar. Se chegares a ser rico,

minha filha será tua mulher, porêm d'aqui até lá não me falles mais em tal.

Pedro não pôde obter outra resposta; despedio-se do velho e foi ao encontro de Luzia; estava triste, e ella conheceo em seu semblante as más novas que ia dar-lhe. — Meu pai não quiz dar o seu consentimento para nos casarmos? — Ah! Luzia! que desgraçado sou por ter nascido pobre. Mas não perdi todas as esperanças; minha situação póde melhorar-se; se fosse teu marido faria de certo todo o possivel para procurar-te teu bem estar, e porque não farei o mesmo para vir a sêl-o? Póde bem ser que ainda um dia nos casemos; não dês teu coração a outro, lembra-te da palavra que me déste.

Nesta conversação ião seguindo o caminho de Bitre; e como se ia fechando a noite, redobravão o passo para chegarem a casa sem demora, quando de repente Pedro tropéça numa cousa e cai, ao levantar-se apalpa com as mãos o que o fez cair, e reconhece que é um saco bastante pesado; pega nelle, e curioso de saber o que tinha dentro, chega-se com Luzia a uma fogueira que os lavradores tinhão dei-

xado accesa mum cerrado vizinho ; abre o saco, e vê que o que tem dentro é ouro. — Que é o que vejo! exclamou Luzia ; Ah ! Pedro, já estás rico. — Como ! Luzia, poderás ser minha ? O céo, favorecendo nossos desejos, me terá deparado com que contentar a teu pai, e fazer-nos felizes ! — Esta idéa derramou grandissimo prazer em suas almas. Contemplão o tesouro, e depois de terem olhado ternamente um para o outro, voltão ao caminho para irem correndo mostrál-o ao velho. Estavão já perto de sua casa, quando Pedro pára, e diz a Luzia. — Nós não fundamos nossa felicidade senão neste ouro ; porêm é elle por ventura nosso ? Sem dúvida pertence a algum viajante ; é hoje o derradeiro dia de feira de Bitre, provavelmente algum feirante o perdeo ao voltar para casa, e neste momento em que nós nos entregâmos á alegria se entrega elle á mais cruel desesperação. — Ah! Pedro, tua reflexão é terrivel ; o desgraçado está sem duvida lamemtando-se de sua sorte ; poderemos nós em boa consciencia gozar de sua riqueza ! A casualidade deparou-nos este tesouro ; porêm ficar com elle sería um roubo. — Fa-

zes-me tremer, Luzia, verdade é que este dinheiro nos faria felizes; porêm é possivel sêl-o á custa da desgraça de outrem? Vamos ter com o senhor cura, que sempre tem sido bom para mim; foi elle quem me buscou o amo que tenho e não devo fazer nada sem o consultar.

O cura estava em casa; Pedro entregou-lhe o saco que tinha achado, confessou-lhe que á primeira vista o tinha olhado como um presente do céo; não lhe occultou o amor que tinha a Luzia, e que a pobreza é quem impidia de se casarem.

O cura ouve-o com bondade, olha para um e para outro; seu proceder o internece, vê todo o ardor de seu amor, admira a probidade ainda superior a seu amor, e applaude muito sua acção. — Pedro, disse o cura, conserva sempre os mesmos sentimentos; o céo te abençoará; procuremos descobrir o dono d'este dinheiro, elle recompensará de certo tua probidade; da minha parte eu ajudarei com alguma cousa, e por fim te casarás com Luzia, eu me encarrego de obter o consentimento de seu pai, porque na verdade sois dignos um do outro. Se ninguem

reclamar o dinheiro que depositas em meu poder, é um bem que pertence aos pobres; e como tu o és, creio seguir a ordem do céo entregando-t'o, pois que parece estar disposto a teu favor.

Retirárão-se os dous pretendentes mui satisfeitos de terem feito seu dever, e cheios de lisongeiras esperanças. O cura publicou á missa do dia que se tinha achado certa somma de dinheiro, mandou pôr carteis em Bitre, e em todos os lugares vizinhos; e ainda que se presentárão muitos cubiçosos, nenhum deo signaes certos da quantidade, nem da especie de moedas, nem do saco em que estavão.

Passados dous mezes, como não aparecesse o dono do dinheiro, tratou o cura de cumprir a palavra que dera a Pedro e a Luzia; arrendou-lhes elle mesmo uma herdade, comprou-lhes o gado e instrumentos de lavoura necessarios; casou-os, entregou-lhes seu estabelecimento completo, e fez venturoso aquelle casal que não se fartava de dar graças ao céo e ao senhor cura. Pedro era muito trabalhador, e Luzia muito cuidadosa do governo da casa; pontuaes em pa-

gar a renda da herdade, vivião modicamente com o que lhes ficava, e erão felizes.

Esperou ainda o cura dous annos para ver se alguem vinha reclamar o dinheiro achado e que elle conservava em seu poder, e como ninguem apparecesse que desse os verdadeiros signaes, levou um dia o saco aos virtuosos consortes, e disse-lhes: «Meus filhos, gozai dos beneficios da Providencia, porêm sem abusar: estes 12,000 francos não produzem agora nada, podeis fazer uso d'elles; se por casualidade chegasse a apparecer seu dono, deveis restituil-os sem duvida; no emtanto empregai-os de modo que, mudando sómente sua natureza, não diminua seu valor.» Pedro, seguindo este conselho, lembrou-se de comprar a herdade, que então se achava de venda; pensou que não podia melhor empregar aquelle dinheiro, que olhava sempre como um deposito, e que se algum dia apparecesse seu dono, não teria motivo de queixar-se.

O cura approvou este projecto; fez-se a compra sem difficuldade, e o rendeiro, feito proprietario, deo muito maior valor ás terras,

que, melhor cultivadas, se tornárão mais ferteis. Tivérão os dous consortes dous filhos, que o bom cura baptizou com jubilo; vivião alegres e contentes, na paz do Senhor, com fartura e sem cuidados.

Alguns annos depois morreo o veneravel cura. Pedro e Luzia chorárão sua morte, recordando-se com internecimento das obrigações que lhe devião, e este triste acontecimento lhes fez reflectir sobre si mesmos. — Tambem nós havemos de morrer, dizião; a herdade irá a nossos filhos, e ella não é nossa. Se um dia apparecer o dono, ficarão para sempre privados d'ella! deixar-lhes-iamos uma herança que não nos pertence! — E esta idéa os atormentava continuamente; até que se determinárão a fazer uma declaração por escrito, que assignárão e puserão nas mãos do novo cura. Precaução esta que lhes socegou a consciencia, e lhes restituio sua antiga alegria.

Passados erão já dés annos que se achavão estabelecidos, quando vindo Pedro uma tarde da lavoura avistou num máo passo do caminho uma seje tombada, e dous viajantes que se

achavão apeados sem poder continuar sua jornada; corre em seu soccorro, ajuda a tirar a seje do barranco, e como ella precisasse de concerto, offereceo aos viajantes que viessem entretanto descansar em sua casa, o que elles acceitárão com gosto. — Que aziago é este caminho para mim! exclamou um d'elles; não posso passar por aqui que não me aconteça alguma desgraça; ha dez annos perdi neste mesmo lugar um saco de dinheiro com 12,000 francos em ouro, e agora pouco me faltou que não quebrasse as pernas. Safa com tal lugar! — Pedro, que o estava ouvindo com attenção, lhe disse. — Como é que V. M. se descuidou em fazer pesquizas para descobrir quem achou o seu dinheiro: — Foi-me impossivel, porque ia-me embarcar em Nantes para a India; o navio estava de verga d'alto quando ali cheguei, fui para bordo, não quiz perder a víajem para fazer diligencias, que, sobre dispendiosas, serião provavelmente baldadas. O que lá vai, lá vai. Deos é grande!

Este discurso fez commover a Pedro, que redobrou seu esmero para com o viajante, aper-

tando com elle que acceitasse o agasalho que offerecia para aquella noite. Acceitárão os viajantes o offerecimento, e forão-se encaminhando para a casa de Pedro, que ia diante ensinando-lhes o caminho. Não tardou muito que não encontrasse sua mulher que vinha, segundo o costume, esperál-o ao caminho, a quem disse que fosse preparar a seia para aquelles hospedes. Em quanto ella se preparava, offereceo-lhes Pedro alguns refrescos, e fez recair a conversação sobre a perda de que se havia queixado um d'elles, não duvidando já de que a elle é que devia fazer a restituição. Entretanto foi Pedro avisar o novo cura do que se passava, convidou-o a vir ceiar com os seus hospedes, e pedio - lhe que trouxesse o papel que tinha depositado em suas mãos. Veio o cura mui gostoso com elle, admirado da alegria que mostrava o bom camponez por ter feito uma descoberta que o reduzia á pobreza.

Põem-se todos á mesa mui jovialmente, comem com boa vontade, e os viajantes satisfeitos não sabem como manifestar seu reconhecimento pelo bom agasalho que lhes fez Pedro; admirão sua

interessante familia, seu bom coração, sua franqueza, o desembaraço de Luzia, sua candura, seu ar modesto e affavel, e não se fartão de fazer festas e carinhos aos engraçados filhos d'aquelles venturosos consortes. Logo que se levantárão da mesa mostrou-lhes Pedro o interior da casa, a abeguaria, o curral, a arribana, os gados; dá-lhes conta das terras e matos que possue, do que rendem, e por fim diz ao vianjante mercador: «Tudo isto é de vossa mercê, Senhor; O ouro que perdeo caío em minhas mãos; como visse que ninguem o reclamava, comprei esta herdade com o designio de a entregar algum dia áquelle que tem legitimos e verdadeiros direitos a ella; desde este momento, ella é de V. M.; e se eu houvéra fallecido antes de descobrir quem era seu dono, o Senhor cura, que aqui está presente, tem em sua mão um papel que confirma esta minha declaração.»

A este tempo puchou o cura por um papel, abrio-o e pôl-o nas mãos do viajante, que ficou attonito ao lêl-o; olha para Pedro, sua mulher e filhos, e cheio de admiração, exclama: «Onde estou eu! Que é o que acabo de

ouvir! Que modo de proceder! Que virtude! Que elevação d'alma! E em que classe de pessoas se encontrão tão raras prendas! Tendes alguma outra herdade alem d'esta? Não, senhor, respondeo Pedro; mas se V. Mc a não quer vender ha de precisar d'um rendeíro, e espero que me dará a preferencia. — Vossa probidade merece outra recompensa; ha onze annos que perdi o dinheiro que achastes; desde então abençoôu Deos o meu commercio, foi sempre crescendo e augmentando, e prosperou de maneira que pouco tempo depois já me não ressentia d'aquella perda; e hoje em dia vossa restituição não me faria mais rico. Muito bem mereceis a pequena riqueza que vos caío nas mãos, e que a Providencia parece ter-vos destinado; offendêl-a ia se quizesse reclamál-a; gozai d'ella, e conservai-a em boa consciência, pois vo-la dou: Quem obraria com tanta delicadeza como vós?!»

Ao tempo que isto dizia rasgou o papel que tinha nas mãos, e accrescentou: «Tão nobre acção não deve ficar ignorada; não havia necessidade de documento algum para assegurar

a cessão que vos faço, porque o que é vosso irá a vossos filhos; porêm quero fazer uma escritura, para perpetuar a memoria de vossos sentimentos e de vossa probidade.»

Pedro e Luzia deitárão-se aos pés do generoso viajante, que os levantou nos braços, e mandou vir um tabellião para lavrar com toda a formalidade a melhor escritura que em sua vida tinha feito. Pedro derramava lagrimas de ternura e de jubilo: Filhos meus!, exclamava, beijai as mãos de vosso bemfeitor; agora sim, que é nossa a herdade, Luzia, e podêmos gozar com segurança d'este presente do céo! Como Deos paga bem aos que bem o servem!... Seja elle para sempre louvado; e a V. Mᵉ, meu bemfeitor, continue a mesma prosperidade, e pague lá no céo o bem que faz na terra!»

LIÇÃO VII.

É necessario soffrermos mutuamente nossos defeitos, não humilhar ninguem, e ajudarmo-nos uns aos outros.

MÃI. — Ninguem ha que seja perfeito, minha filha, e por isso devemos ter indulgencia para com os outros, para que elles a tenhão para com nosco. Que direito teriamos a que nos soffressem nossos defeitos, se não soffrêramos os de nossos similhantes? Aquelle que exigisse que todo o mundo pensasse como elle, ainda que fosse a mais eminente personagem, tornar-se-ia insupportavel; nenhuma reunião de pessoas poderia subsistir se não se estabelecesse uma especie de indulgencia reciproca.

O melhor que podes fazer, minha filha, é soffrer callando aquillo que não podes evitar.

Não falles nunca de ti sem necessidade, e procura fallar sempre bem dos outros, sem com tudo ser lisonjeira. Não traves conversação, e ainda menos amizade, com certas pessoas vaidosas que a ninguem estimão senão a si mesmas, que depois de se terem gabado de suas perfeições se comparão a outras, e acabão por crer que valem mais do que ellas. E' gente soberba e insupportavel, a quem não deves desprezar, por espirito de caridade, mas com quem não deves nunca parecer-te.

E' preciso tambem levar com paciencia o asco que nos podem causar certas molestias de nossos similhantes, com quem vivemos; e isto não é sómente uma simples tolerancia, é um dever da humanidade. O fugir do que se acha affligido de algum mal, não só é uma crueldade, mas é accrescentar a suas dores physicas uma pena moral por ventura mais acerba: nossa paciencia e brandura devem augmentar-se em proporção do tormento do paciente.

Outro vicio dos que têm máo coração é alegrar-se do mal do proximo, ou rir e escarnecer de seus defeitos physicos ou moraes. Espero,

minha filha, que nunca farás tal; compadece-te ao contrario de taes dezares, e dá graças a Deos por não seres como elles. Não insultes nunca a desgraça e o infortunio, porque é offender a Providencia e insultar a humanidade desvalida. Só o louco e desapiedado costuma rir em taes casos; o homem caridoso e temente a Deos compadece-se e acode.

Ainda mais te recommendo, minha filha, que não humilhes ninguem, porque alêm de ser uma falta de caridade é um acto de insupportavel orgulho. Não ha nada mais cobarde e mais cruel que buscar abater ao que se acha já bastante abatido pela fortuna: é acommetter ao fraco, e fazer sentir ao desgraçado sua má sorte. Evita cuidadosamente tão horrendo defeito; lembra-te que todos somos irmãos, e que o que pretende pôr a outro numa classe inferior á sua, falta ás leis da natureza, e obra contra a vontade do mesmo Deos. Mostra-te ao contrario affavel para com todos; dá estimação ao pobre, para que não se degrade; mostra agrado ao desvalido, para que não cáia em desesperação. Tua amabilidade será para elles uma

consolação; ser-te-hão gratos, porque estão acostumados ao despreso dos outros, grangearás assim sua amizade e elles contribuirão mais do que ninguem a espalhar boa fama de ti; consolação esta que val mais que os falsos louvores do mundo.

Quando estiveres com teus iguaes, procura com cuidado não offender seu amor proprio; não digas nunca graças pesadas, nem com espirito de criticar. Ainda quando não tivesses assaz bom coração para adoptar esta maxima como um dever, aconselho-te que a sigas por teu proprio interesse, pois sempre que quizeres mortificar a outrem serás paga com usura.

Eis aqui a regra que a tal respeito deves seguir, minha filha: Se queres viver bem com todos, supporta os defeitos dos outros, e procura não ferir o amor proprio de ninguem.

Cumpre ainda mais que nos ajudemos todos mutuamente, não só porque os males tornão-se menores e se soffrem com mais resignação, mas tambem porque muitas pessoas reunidas vencem grandes obstaculos que serião invenciveis

para cada uma d'em particular. A este respeito vou a contar-te um apologo.

«Viajava um homem pelas abas d'uma serra; chegou a um passo estreito e deo de cara com um grande penedo, que rolára d'uma penha sobranceira, e fechava o passo do monte, de modo que se não podia ir para diante, porque todo o caminho estava tomado, e nem á direita nem á esquerda havia carril por onde se podesse transitar.

«Ora, vendo aquelle homem que não podia continuar sua viajem por causa do penedo, fez diligencias para o remecher, e abrir caminho; cansou-se muito, fez incriveis esforços, mas tudo em vão, porque suas forças erão desproporcionadas para mover tamanho penedo.

«Desanimado e triste assentou-se ao pé do penedo e dizia: Que será de mim quando chegar a noite e me cubrir de seu negro manto neste ermo inhospito, sem alimento, sem abrigo, sem defensa alguma, ás horas em que as bestas feras saem esfaimadas de seus covis para buscarem presa?!

«E quando assim absorto estava em medonhos pensamentos, eis outro viajante que chega, e este, tendo feito o mesmo que o primeiro com igual desventura, assentou-se silencioso e abaixou a cabeça.

«E depois d'este vierão ainda mais outros, e nenhum pôde aluir o penedo, e de todos elles era grande a tristeza e o temor.

«Por fim, disse um d'elles aos outros : «Meus irmãos, rezemos ao Pai do Céo; talvez que elle se compadeça de nós, e nos inspire o modo de sair-mos do aperto em que estâmos.

«E esta palavra foi ouvida de todos com affecto, posérão-se todos de joelhos a rezar um *Padre Nosso*, e insistírão com muita devoção e confiança naquellas palavras. *Livrai-nos, Senhor, de todo o mal.*

«E quando acabárão de rezar, disse o mesmo que tinha fallado primeiro : Meus irmãos, o que cada um de nós não pôde fazer só, quem sabe se não o poderemos fazer todos juntos?!

«Levantárão-se pois cheios de animo, e todos á uma derão ao penedo tal empuchão que elle deo de si, e rolou rapidamente no precipicio

que estava vizinho, e os viandantes seguirão em paz seu caminho.

«O viajante é o homem, a viajem é a vida, o penedo são as miserias que elle encontra a cada passo no caminho.

«Nenhum homem poderia só remover o penedo; mas Deos proporcionou-lhe o peso de modo que o homem nunca é só e acha sempre soccorros humanos e auxilios divinos para vencer os obstaculos que podem estorvál-o no caminho da virtude.»

Vou agora contar-te uma historia que te ha de divertir, e pela conclusão d'ella verás que se alguma pessoa teve a desgraça de furtar o alheio está sempre obrigada a restituil-o, e que este é o unico modo de descarregar a consciencia.

O Quakre (1) e o Ladrão.

O mais honrado de todos os quakers, Tobias Simpson, habitava nos suburbios de Londres

---

(1) Nome inglez que significa *tremedor*, e que dão a uma seita religiosa estabelecida principalmente em Inglaterra e nos Estados-Unidos da America.

uma linda casa que tornava ainda mais linda a presença de sua filha, que apenas contava desassete annos; Maria, cujos annelados cabellos fazião sobresair seus olhos azues, era tão formosa como recatada; não se occupava em outra cousa mais do que em se instruir e consolar seu pai na prematura viuvez que o affligia.

Como o bom quakre quizesse conservar a viva lembrança da cara esposa, que uma prematura morte lhe roubára, mandou chamar um pintor seu vizinho, ainda moço, mas bem conceituado por sua modestia e bons costumes, o qual tirou o retrato da defuncta em quanto ainda estava em seu leito de morte. Apezar das lagrimas que lhe saião dos olhos, não deixou Maria de notar que o joven artista lhe mostrára um affecto sincero para o qual propendia seu coração. Continuou o pintor depois do nojo de familia a visitar o quakre, e como a filha era inseparavel do pai, fallava-lhe sempre com muito agrado, a que ella correspondia com engraçada modestia; assim foi crescendo a inclinação entre os dous, inclinação que o pai percebia, mas a que se não

oppunha, até que por fim veio um dia o pintor pedir-lhe sua filha para esposa.

Chamava-se o mancebo Eduardo Weresford, não era rico, mas como tinha muito talento ganhava pela pintura muito bem com que sustentar uma honesta familia. Seu pai, M. Weresford, antigo commerciante da *cidade*, tinha-se retirado do commercio com grossos cabedaes, tão rapidamente ajuntados que a mais d'uma pessoa causava espanto tão inexplicavel fortuna. Alêm de que, era elle d'um genio sombrio e brusco, vivia só num dos arrabaldes de Londres, sem se importar como vivia seu filho, deixando-lhe ampla liberdade para fazer o que quizesse. Era um d'esses egoïstas de bom gosto que não incommodão a ninguem, para que ninguem os incommode a elles.

Tobias deo o seu consentimento ao projetado consorcio, mas o casamento ficou deferido para o fim do verão, logo que elle tivesse recebido as suas rendas, para festejar decentemente o novo estado de sua filha. Chegado o mez de septembro, montou elle em sua egua e foi ver seus

rendeiros e receber suas rendas, e tendo dormido uma noite fóra de casa nesta digressão, vinha chegando á cidade ja ao anoitecer quando avistou a certa distancia um cavalleiro que lhe tomava o caminho. Parou, incerto se havia de ir para diante ou voltar para traz; neste comenos o cavalleiro adiantou-se para elle, e o quakre ja não podia pensar a escapar-lhe. Não se deo por assustado, e deixou ir o cavallo a passo. Quando se chegou ao homem que lhe inspirava desconfiança, vio que tinha uma mascara na cara, máo agouro que não tardou a confirmarse. O desconhecido tirou d'uma pistola d'alcance, apontou-a para o viajante, pronunciou as palavras classicas dos salteadores: «A bolsa ou a vida!» O quakre não deixava de ter animo e valor, porêm manso por genio, inoffensivo por religião, não podendo sem armas resistir a um homem armado, tirou d'algibeira, muito socegadamente, uma bolsa que continha doze guinéos. O salteador pegou nella, contou o dinheiro e deixou passar o pobre quakre, o qual, julgando-se livre, metteo o cavallo a trote e foi-se andando. O ladrão porêm, como visse a

pouca resistencia do quakre e engodado com a esperança de melhor despojo, corre a pôr-se outra vez diante do bom Tobias, presenta-lhe de novo a pistola, e diz-lhe com voz ameaçadora: «O relogio.»

Não se assustou o quakre com esta palavra, antes ficou mui socegado; tirou o relogio da algibeira, vio que oras erão, e deo-o ao ladrão, dizendo-lhe: «Peço-te agora que me deixes ir para casa, porque vai-se fazendo tarde, e minha filha ha de estar com cuidado em mim. — Não tenha pressa, respondeo o mascarado, jure-me que não leva mais dinheiro. — Eu não juro nunca! replicou o quakre. — Pois bem, dê-me você a sua palavra que não leva mais dinheiro, e á fé de honrado ladrão, incapaz de fazer violencia a um homem que cede de bom modo, prometto de o deixar seguir seu caminho.

Tobias poz-se a pensar um pouco, abanou a cabeça, e disse com ar serio: «Quem quer que tu sejas, adivinhaste que sou quakre, e que não faltaria á verdade ainda que fosse com perigo de vida. Declaro-te pois que levo aqui debaixo do xairel do cavallo a somma de 200 libras ester-

linas. — Duzentas libras esterlinas! exclamou o ladrão, cujos olhos brilhárão por entre a mascara.

— Mas se tu és bom, se és humano, disse o quakre, peço te que me não tires este dinheiro: vou pôr casa a minha filha e preciso d'esta somma para o seu casamento; eu não sou rico, e não sei quando poderei ajuntar outra somma igual. Tenho muito amor a minha filha, não ama ella menos a seu noivo, e seria bem cruel demorar sua união; tu tens um coração como eu, és talvez pai, e não poderás commetter tão feia acção.

— Que me importa a mim sua filha de você, nem seu noivo d'ella, nem seu casamento? Menos palavras e mais obras! Dê-me para cá o dinheiro.»

Tobias deo um suspiro, levantou o xairel, pegou no saco, que acodia ao peso, e deo-o mui socegadamente ao homem mascarado. Depois quiz metter a galope.

— Espere ainda um pouco, amigo quakre! lhe disse deitando a mão ás redeas. E' provavel que em chegando a Londres você ha de ir de-

nunciar aos magistrados o que lhe succedeo, tem razão para assim obrar, não tenho que dizer a isso, mas é necessario que eu tome a dianteira ás pesquizas da justiça, ao menos esta noite. A minha egua é fraca, de mais a mais está cançada; o seu cavallo está folgado e parece-me vigoroso; tenha paciencia, apêe-se; eu monto no cavallo, e você montará na minha egua, se quizer.

Era ja tarde para começar a resistir, posto que estas exigencias erão mais que bastantes para azedar a bilis do homem mais pacato. Apeou-se o bom Tobias, deo o cavallo ao ladrão e montou no sendeiro que elle lhe deixou. — Quem adevinhára! contentou-se de dizer com com sigo mesmo, eu podia ter fugido logo que avistei este velhaco, e certamente não é com um tal sendeiro que elle me havia de apanhar. Em fim, tinha de ser.

Entre tanto o homem mascarado agradeceo-lhe ironicamente o seu obsequio, deo d'esporas ao cavallo e desappareceo.

Antes de chegar a Londres, o viajante roubado teve tempo de reflectir na sua desgraça, e na

pena que uma tal nova ia causar a sua filha, cujo casamento ficava retardado ao menos por um anno. Perdida era para sempre a somma que lhe fôra roubada, nenhum meio havia para descobrir o atrevido ladrão! Com tudo, como ferido d'um raio de luz, parou:

— Sim! exclamou elle, este meio pode-me sair bem. Se este homem mora em Londres, talvez consiga descobrir quem elle é... O céo sem duvida permittio que elle fosse bem imprudente!

Consolado um pouco com esta tal ou qual esperança, entrou Tobias em casa sem dar a conhecer nenhuma turvação nem dizer nada do que lhe succedêra. Não foi ao juiz do bairro, abraçou sua filha com o costumado carinho, foi-se deitar, dormio socegado, esperando em Deos.

No outro dia pela manhã levantou-se com a mesma paz de espirito, e alumiado pela Providencia dispoz-se a ir em busca do seu ladrão, e eis aqui como procedeo. Tirou da cavalhariça a egua, levou-a até ao meio da rua, poz-lhe as redeas ao pescoço e deixou-a á solta, dizendo

para comsigo : «Talvez que o pobre animal, levado pelo habito, vá ter a casa do dono.» E para melhor lograr seu intento não quiz que lhe dessem de comer toda a noite. Durante mais d'uma hora, andava a pobre egua para a direita e para a esquerda, d'orelha caída e como desorientada, e já o nosso quakre commeçava a perder as esperanças e a arrepender-se de não ter ido ao juiz do bairro, quando de repente elle vê a egua arrebitar as orelhas, dar um sopro, levantar a cauda e metter a galope. A rapaziada, que estava pela rua, gritava : «Agarra ! Agarra ! — Não agarres ! deixa-a ir ! gritava o quakre, correndo a traz d'ella. Assim a foi seguindo, sem nunca a perder de vista, até que por fim a vio entrar num pateo d'uma bella casa no arrabalde.

— Aqui é onde mora o meu amigo ! disse lá com sigo o quakre, e levantou os olhos ao céo para das graças á Providencia.

Chegado que foi ao pateo vio um criado que amimava a pobre egua e a levava para a cavalhariça. Preguntou aos vizinhos como se chamava o dono daquelle palacete. — Como assim !

V. M^ce nunca veio a este bairro para ignorar que mora aqui o senhor Weresford, negociante abastado?

O quakre ficou espantado do que ouvia. — Sim, senhor, Weresford, lhe repetio um vizinho, aquelle fortunoso negociante que se enriqueceo tão repentinamente! — Muito agradecido, senhor, muito agradecido, respondeo Tobias.

— Weresford, o pai de Eduardo, um homem notavel; é possivel que seja elle o ladrão que me roubou! — Dizia Tobias, e não podia crer o que ouvia, parecia-lhe que estava sonhando; queria voltar para traz, mas lembrando-se de varios exemplos de ladrões de alto bordo, resolveo-se a apurar o caso; entrou com desembaraço no pateo e preguntou pelo dono da casa, dizendo que tinha que lhe fallar. Disserão-lhe os criados que o senhor estava ainda recolhido porque tinha entrado tarde. Novo indicio d'uma noite de fadigas!

Insistio o quakre que tinha que fallar ao senhor Weresford, e conseguio por fim entrar no seu quarto de dormir. Estava elle ainda deitado;

esfregou os olhos como quem acabava de acordar, e perguntou-lhe com ar aborrído. — Quem é o senhor? O que quer?

O som da voz despertou a lembrança de Tobias e acabou de convencer-se. Chegou uma cadeira mui pausadamente, assentou-se ao pé da cama, com o chapeo na cabeça.

— V. Mce não tira o seu chapeo! exclamou o mercador todo admirado. — Eu sou quakre, respondeo Tobias mui socegado, e tu bem sabes que esse é nosso uso.

A esta palavra de quakre, Weresford assentou-se na cama, encarou a visita que tinha ao pé de si, conheceo-a, e fez-se amarello como cera bella. — Então! perguntou elle balbuciando, faz favor de... me dizer que motivo o traz aqui?

— Desculpa por te vir incommodar tão cedo, respondeo Tobias, mas entre amigos não ha ceremonias, eu venho pedir-te o relogio que hontem me pediste emprestado.

— O relogio!...

— Estimo-o muito; era da minha querida companheira, e não me posso privar d'elle.

Faze favor de me entregar tambem os dez guinéos que te emprestei. Com tudo se precisas d'elles por algum tempo, eu posso esperar, com tanto que me faças um escrito de divida.

A fleima do quakre poz em tal confusão o ex-mercador que não ousou negar que tinha em seu poder os objectos roubados, mas não querendo com tudo confessar o crime, hesitava a responder, quando Tobias accrescentou:

— Venho tambem dar-te parte do proximo casamento de minha filha Maria; tinha eu posto em reserva uma somma de 200 libras esterlinas para o enxoval da noiva, mas aconteceo-me um caso que eu não esperava: hontem á noite, quando vinha chegando a Londres, fui roubado de tudo o que trazia; de sorte que venho pedir-te que dês a teu filho um dote que, a não ser isto, nunca t'o teria pedido.

— Meu filho!

— Sim, teu filho; tu não sabes que está justo á casar com minha filha Maria!

— Eduardo! exclamou o mercador saltando fóra da cama. E' possivel!

— Eduardo Weresford, replicou branda-

mente o quakre tomando uma pitada de tabaco. Ora vamos, deves dar alguma cousa a teu filho. Bem quizera eu que elle não soubesse nada do que passou esta noite, mas se tu me não dás a somma que eu lhe prometti, vejo-me na necessidade de lhe declarar como eu a perdi.»

Weresford correo ao bufete, abrio uma gaveta, e entregou a Tobias a bolsa, o relogio e saco de dinheiro.

— Muito bem, disse o quakre; agora vejo que tive razão de contar com tigo.

— E' tudo o que querias? Perguntou o mercador com ar enfadado.

Não; tenho ainda a exigir uma cousa da tua amizade.

— Falla.

— Tu has de desherdar a teu filho.

— Que é o que dizes?

— Que has de desherdar a teu filho; não quero que digão que eu especulei sobre a tua riqueza.

E dizendo isto, saío o quakre do quarto.

— Não, dizia elle por entre os dentes, quando se achou só, os filhos não devem pagar pelas faltas dos pais. Maria casará com o filho d'este

homem, mas tocar no dinheiro roubado, isso nunca!

Desceo o nosso quakre, e quando estava no páteo, gritou para Weresford que se tinha posto á janella: — Olá! amigo, aqui te fica a tua egua; manda-me dar o meu cavallo.

Poucos minutos depois, Tobias, bem montado em seu cavallo, levando á garupa o seu saco de dinheiro, a bolsa na algibeira, e o relogio no bolso, ia trotando mui contente para sua morada.

— Venho de fazer uma visita de nupcias a teu pai, disse elle a Eduardo que o estava esperando á porta; espero que tudo se fará a nosso contento.

Duas horas depois batia á porta de Tobias o mercador Weresford; chamou-o de parte, e disse-lhe:

— Honrado quakre, vosso modo de proceder penetrou-me até ao fundo do coração. Tivestes em vossa mão deshonrar-me, deshonrar a meu filho, perder-me de reputação a seus olhos e fazer sua desgraça negando-lhe vossa filha; andastes como um homem de juizo e cordato.

Não quero envergonhar-me mais em vossa presença. Aqui vos entrego estes papeis, lêde; adeos, não nos tornaremos mais a ver.

Al não disse, e foi-se.

O quakre entrou para o seu escritorio, abrio o masso de papeis, e vio que erão varias lettras de cambio de muito valor sobre os melhores banqueiros de Londres; mais, uma lista de nomes, ao lado de cada um dos quaes se achava indicada certa somma de dinheiro, e por fim um escrito que rezava o seguinte:

— Eis aqui os nomes das pessoas roubadas, e ao lado as sommas que lhes devem ser restituidas; recebei o dinheiro dos banqueiros, fazei vós mesmo as restituições em segredo. O que restar é meu, posso dispor d'elle, e vossa filha póde recebêl-o como legitima herança.»

No dia seguinte Weresford saío de Londres e foi acabar seus dias em França vivendo penitente num mosteiro.

No dia do casamento de Eduardo e de Maria, reunio o quakre uma sociedade de joviaes amigos entre os quaes se notavão alguns mui contentes da maneira de proceder dos ladrões de

Londres que, por intervenção do honrado Tobias, lhes tinhão restituido o capital e juros que elles julgavão perdidos.

LIÇÃO VIII.

Fazer mal aos animaes é sinal de máo caracter.

A MÃI. — Depois de ter demostrado quão necessario é fazer bem a nossos similhantes, não será inutil, minha filha, aconselhar-te que não faças mal aos animaes.

ELISA. — E' por ventura isso um dever da moral humana?

A MÃI. — Não, minha filha, póde uma pessoa ser honrada e honesta, e dar pancadas em seu cão, em seu jumento, sem motivo; mas este proceder manifesta pouca sensibilidade, porque os animaes são organizados como nós, gozão e padecem; por consequencia podêmos fazêlos ditosos ou desgraçados. Alêm de que, os animaes domesticos são nossos companheiros; al-

guns nos são uteis pelo serviço que nos fazem, outros nos defendem, outros servem para nosso recreio, e não dá provas de bom coração quem, sem motivo, os maltrata. O teu cãozinho alegra-se, a seu modo, quando lhe dás de comer ou o amimas; queixa-se quando lhe dás tratos ou persegues, consulta teu coração, e vê se estás mais contente de ti mesma depois de o teres maltratado, que depois de lhe teres feito festa. Assim pois, se o *não fazer mal aos animaes* não é um dever moral, é ao menos um dever de sensibilidade. Além disto, que ganhas tu em fazer padecer um pobre animalzinho, que está inteiramente á tua disposição, e que te não fez mal nenhum? Pensa bem nisto, minha filha; aquelle que em sua infancia atormenta os animaes, e se compraz em ouvir seus gritos, acostuma-se insensivelmente á crueldade, e acabará por exercêl-a para com os homens.

Os Esparciatas estavão tão convencidos d'esta verdade, que um tribunal condemnou á morte um menino que se divertia a tirar os olhos aos passaros; julgárão ver nelle um animal daninho, e que cumpria dar-se pressa em o des-

truir. E' impossivel ter gosto de fazer mal aos animaes sem ter propensão para a ferocidade. Quero fazer-te ver um exemplo contrario, e estou certa que te ha de enternecer. Lê tu mesma, Elisa.

A menina tomou um livrinho que lhe deo sua mãi, e leo.

«Ia eu de Lisboa para Cintra para ver uma festa dos saloios, e encontrei no caminho um pobre homem cujo traje annunciava sua miseria; cheguei-me para elle, não por vã curiosidade, mas por dó e com desejo de lhe fazer bem se elle m'o pedisse. Levava elle díante de si um carneiro, manso e domesticado, que ia pastando nos verdes combros que bordão a estrada. Olhei para elle com attenção, e vi em seu rosto um ar de bondade que me inspirou d'elle bom conceito. — «Guarde-o, Deos, lhe disse eu. Como é que V. M^ce^ anda guardando um so carneiro?» — Saberá V. S^a^ que meu officio não é ser pastor, mas levo commigo este carneiro porque lhe tenho amor, e eis aqui o que deo motivo a isto.

«Eu nasci de pais pobres; obrigárão-me a tomar o officio de carniceiro, que me repugnava; porêm de seis irmãos que eramos, nenhum havia desobedecido ás ordens de meu pai, e não queria eu ser o primeiro. Em quanto meu pai viveo fiz constantemente o meu dever; e sempre o tivera feito se meu amo não houvesse exigido de mim demasiado. Entre os carneiros destinados ao matadouro, e que eu levava a pastar quando acabava o serviço do açougue, havia um tão manso e fagueiro que lhe tomei amor, e o pobre animal me correspondia, olhando para mim com olhos meigos, e lambendo-me as mãos, como para me agradecer a seu modo. Acompanhava-me para toda a parte; eu dava-lhe metade do meu pão, e me aproveitava como se eu o comesse todo: o bom do animal era tão meigo que outro qualquer faria o mesmo. Assim pois, quando se tratava de matar uma rez pequena para o talho, eu ia sempre deixando o meu fiel companheiro; mas como pouco a pouco se fosse acabando o rebanho, a pesar de minhas supplicas, meu amo quiz obrigar-me a degolál-o. Em vão quiz obedecer-lhe;

quando pegava no cotello, o pobre animal levantava para mim os olhos como para me lançar em rosto minha crueldade; e logo chegava-se para mim, lambia-me as mãos, e mostrava-me a seu modo o affecto que me tinha; arrazavão-se-me os olhos de lagrimas, apertava-se-me o coração de dor, e caía-me da mão o cutello.

«Por ultimo, disse a meu amo que antes queria que me degollassem do que derramar eu o sangue d'aquelle innocente animal. Estas palavras irritárão-no, tratou-me de tratante, de tolo, e despedio-me. Talvez fiz mal, porêm foi levado do amor que tenho ao pobre animal; peguei em todo o dinheirinho que tinha junto das minhas soldadas, e comprei o carneiro a meu amo. Estou bem pobre, accrescentou amimando o carneiro, porêm dou por bem empregado o dinheiro que me custou.»

Elisa. — Oh! que linda historia! Devia ella ser lida a todos os homens crueis que matão aos pobres animaes,

A mãi. — Modera, minha filha; o excesso de tua sensibilidade. E' necessario abster-nos de fazer mal aos animaes, porêm não é crueldade

matál-os para nosso sustento, pois que nisto cumprimos com a lei da natureza; mas, ja que somos obrigados a matar bois, carneiros, gallinhas e outros animaes para nosso sustento, podêmos ao menos evitar fazêl-os soffrer inutilmente, e quanto esteja em nosso poder devemos deixar esse cuidado a nossos criados, se os temos, nem tal devemos ver. Nos Estados-Unidos, em Inglaterra, e ultimamente em França, se estabelecêrão leis que prohibem maltratar os cavallos, os bois e outros animaes, e impõem penas severas aos transgressores; leis que na verdade fazem honra ás nações que as adoptárão, e que deverião existir em todos os povos civilizados. Deos deo-nos a preeminencia a todos os animaes que vivem com nosco sobre a terra, destinou muitos d'elles para nosso serviço ou recreio, e até mesmo fez depender nossa existencia da morte d'alguns d'elles; porêm dotou-nos d'um coração sensivel para que não usemos d'este direito como tigres. Por tanto, minha filha, o que suffoca esta sensibilidade, desprezando aquella voz interior que lhe manda ser humano, e martyrisa aos animaes sem ne-

cessidade, vai contra a vontade mesma do Autor da natureza : não póde ser innocente, e será mal visto entre seus similhantes.

Vamos agora á nossa historia do costume.

CAROLINA,

ou o covilhete de marmelada.

Não longe do mosteiro d'Odivellas, bem conhecido pela excellente marmelada que ali fazem as freiras de S. Bernardo, vivia um desembargador com sua senhora, gozando d'uma boa quinta que tinhão naquelles sitios, e onde passavão a mair parte do anno. Tinhão os dous consortes uma filha unica. chamada Carolina, a qual á primeira vista era amavel, graciosa e polida, e com seus afagos e meiguices captivava o affecto de quem lhe fallava. Todos lhe fazião festa, e amimavão, de que os pais muito folgavão, e não desmentião o ditado bem conhecido: «Quem o meu filho beija, minha boca adoça.»

Carolina, que era viva e esperta, bem sabía

quanto seus pais lhe querião, assim se não descuidava ella de converter em seu proveito o mimo com que elles a tratavão. Quando fazia alguma travessura, pela qual merecia ser castigada, tinha logo cuidado de recorrer ás costumadas meiguices, e boas promessas de não tornar a fazer outra, e os ralhos do pai e da mãi não tardavão a converter-se em ternas caricias.

Em abono da verdade deve dizer-se que, para o bem de Carolina, seus pais terião feito melhor em serem mais severos para com ella; porque, criando-a com tanto mimo, como elles fazião, expunhão-se a ver um dia definharem-se as boas qualidades de Carolina assombradas pelos ruins defeitos que ião lançando raizes em seu coração.

Ora, entre os defeitos de Carolina havia particularmente um que devia despertar a attenção de seus pais, e lhes devia inspirar cuidado. Era gulosa! Ninguem ha que não saiba quão feio é este vicio, e quanto são aborrecidas as pessoas que o têem. Não é pois sem razão que a Igreja poz a gula no numero dos sete peccados mortaes. E na verdade, não é ella um peccado feio e re-

pugnante?! Alem de que a gula encaminha os meninos a furtarem ora uma cousa, ora outra, para satisfazerem sua vergonhosa paixão, e quando se cuida que têem um defeito, têem dous e trez e talvez mais.

Acostumada a fazer sempre a sua vontade, Carolina não perdia nenhuma occasião para satisfazer sua gula. Entrar a cada passo na despensa e na copa para deitar a mão a alguma iguaria que lhe agradava, visitar armarios e prateleiras e comer do que encontrava, subir ás arvores para colher fruta pouco madura, depinicar os cachos apenas começava a luzir o bago, ou arrancar esgalhas das penduras, metter o nariz em tudo que se fazia na cusinha, provar de todos os doces e conservas, taes erão as proezas de nossa gulosa menina. Assim acontecia que chegava a hora de ir para a mesa e não tinha vontade de comer, ou comia sobre posse e tinha uma indigestão, que dava cuidado aos pais e de que ella se valia para grangear novos mimos.

Crescia Carolina, e crescia igualmente seu defeito, de modo que em pouco tempo tornou-

se feia e doente. A' força de comer gulosinas, e trazer sempre na boca rebuçados, caírão-lhe os dentes molares e os outros fizerão-se negros é infrestados, perdeo as cores rosadas, tinha olheiras como uma pessoa de idade, e saía-lhe da boca um halito insupportavel. Carolina tinha apenas dez annos e não havia nenhuma de suas conhecidas que não soubesse que ella era gulosa; e até lhe assacavão outros defeitos ainda mais vergonhosos, e não semrazão, como o mostrará para o diante esta historia.

Depois de tomar conselho com o seu medico resolveo o desembargador dar a sua filha uma boa lição que lhe servisse de lembrança; lembrança pouco agradavel, como se póde suppor, pois se trata de castigo. Tinha elle convidado toda a sua familia, parentes e amigos para virem jantar á quinta pela occasião da festa de S. Deniz, que então ali se celebrava com grande pompa. Vierão cuzinheiros de Lisboa dous dias antes para prepararem o banquete, e as freiras mandárão tambem seus presentes mui grandiosos de doces de toda a sorte, e entre elles figurava a marmelada classica de Odivellas

em covilhetes mui engraçados e que estavão desafiando a gula. Ora, é de saber que a menina Carolina era mui desperdiçada pela marmelada de Odivellas, e quando via um d'aquelles covilhetes ião-se-lhe os olhos nelle, e crescia-lhe a agua na boca. Bem quizera ella deitar a mão a um d'elles e comêl-o numa volta de mão, mas não a deixavão só um instante; uma criada velha andava-lhe sempre com o olho em cima, e tinha-lhe posto preceito da parte de seu pai que não tocasse em cousa nenhuma. Andava Carolina muito officiosa ajudando as criadas a preparar a sobremeza, e posto que affectava não fazer caso da marmelada, deitava de quando em quando olhos gulosos aos covilhetes, e dizia lá com sigo: «Que pena não poder ferrar-lhe o dente! Se esta vebujenta désse costas, num atimo teria eu despelha rajado um!...»

Entretanto ião chegando os convidados, e Carolina foi vestir-se para vir para a sala; a vaidade de se enfeitar e parecer bem deo tréguas á gula. Satisfeita porêm sua leviandade com as festas que lhe fizerão na sala, não pôde ter-se

que não saisse para ver o que se passava na copa. Ao passar pela casa de engomar deo com os olhos num dos taes covilhetes de marmelada, e como ali não estivesse ninguem, sem mais reflectir, deitou-se a elle com tanta avidez que, para ir mais depressa, quebrou o covilhete, escondeo os cacos num canto, engulio soffregamente a marmelada, e continuou seu caminho para a copa, com ar despejado e contente.

Ainda bem não tinha ella examinado os doces e frutas, eis que uma certa nausea lhe vem á boca. Alêm de que ella tinha achado na marmelada um certo gosto enjoativo pouco agradavel ao paladar. Mas isto não era senão o preludio do castigo que não tardou a manifestar-se para vergonha sua.

Carolina perde a côr, o enjôo vai cada vez a mais, dores violentas de barriga lhe fazem dar gritos tão agudos que as criadas correm todas para ver o que tem a menina, uma dá-lhe agua quente com assucar, outra faz-lhe chá de marcella; Carolina, feita num novello e apertando o ventre com as mãos, não cessava de gritar: «Ai que morro! Estou envenenada!

Quem me acode !...» Chegárão os gritos aos ouvidos do pai que estava na sala, mas como sabía qual era a causa, não se assustou, antes com muita pausa pedio ás pessoas que ali estavão que o acompanhassem ao quarto da doente que áquella hora estava já em cima da cama tranzida de dores de colica. Ninguem sabia o que pensar do socego de espirito da parte do desembargador que idolatrava sua filha. Mas o enigma não tardou a adevinhar-se.

Entrou o pai no quarto da filha, com ar serio ou como costuma dizer-se, com cara de desembargador; chegou ao pé d'ella, e perguntou-lhe, diante de toda a gente: «Que tens, Carolina ?» Moderou a menina os gritos e o choro quando vio o pai, e só com a sua vista se julgava curada.

«O' meu pai! meu querido pai! exclamava ella, venha de pressa ver a sua filha, que vai morrer.»

A mãi, apesar d'estar no segredo, mostrava-se mais sentida; abraçava a sua querida filha e misturava suas lagrimas com as d'ella: «Callate, minha filha, lhe dizia com carinho, não

chores, que não ha de ser nada. — Que sentes-tu? continuava o Desembargador; sem duvida comeste alguma cousa que te fez mal?»

— O' meu pai, dizia a menina apertando a barriga, asseguro-lhe que não comi nada depois do almoço.

— Dize a verdade, Carolina, se queres que te passe a colica... sem isso... Se com effeito comeste alguma cousa que tivesse veneno, como queres-tu ser curada?...

— Oh! Deos meu! Veneno!... Por ventura teria alguem posto veneno naquelle covilhete de marmelada que estava em cima da mesa de engomar?

— Commeste d'elle?

— Sim Senhor, confesso a minha culpa, meu querido pai; comi toda a marmelada daquelle covilhete, que estava ainda quente; talvez isso me fizesse mal; eu gosto tanto d'ella, quando está ainda tenra, e tinha ella tão boa cara, que não pude conter-me... Ai, a minha barriga! Ai que morro!...

— Não morres! não, Carolina! fica socegada. Queres saber o que tens?... Estás pagando a tua

gulosice. Sim, fui eu mesmo que mandei deixar em cima da mesa o covilhete de marmelada para armar um laço á paixão dominante que te cega, minha filha; fui eu mesmo que mandei pôr de proposito naquelle covilhete uma preparação de jalappa, purgante violento cujos effeitos estás experimentando. Possa elle purgar-te radicalmente d'essa feia gula que faz a tua deshonra! Quiz que todos nossos parentes fossem testemunhas da lição que te quiz dar, na esperança que ella te havia de aproveitar. Agora que estamos certos que o que tens não é cousa de cuidado, vamos para a mesa; porêm tu não és digna de vir com nosco. Mette-te na cama, aqui está um remedio calmante que receitou o medico; socega, e trata de descançar; até á manhã.» E dizendo isto retirou-se o desembargador, com as pessoas que forão com elle, fechou a porta do quarto, e deixou sua filha entregue ao cuidado d'uma creada, com ordem de não lhe dar cousa alguma de comer senão no dia seguinte.

Retirárão-se os circumstantes sem dizerem palavra, mas não podérão conter-se que não de-

satassem a rir ás gargalhadas, pela famosa lição dada á menina gulosa.

O covilhete de jalappa produzio admiravel effeito. Nunca mais Carolina tocou em cousa nenhuma, nem mesmo comeo senão ás horas, e em companhia de seus pais. Corrigio-se tambem d'outros defeitos que tinha, como era mentir, ser teimosa e senhora da sua vontade; emfim era um modelo de virtude, e assim como fôra o alvo das murmurações de suas amigas e conhecidas, em quanto era gulosa, veio depois a ser o encanto de todas ellas por sua amabilidade e candura, e a consolação de seus pais por seu carinho e ternura filial.

LIÇÃO IX.

A VIRTUDE.

A MÃI. — Bem sabes, minha filha, que a *virtude* consiste em fazer bem, só pela satisfação de o fazer, sem esperar reconhecimento nem paga do beneficio; deves saber mais que a palavra *virtude* significa *força*, *valor*, o que nos dá a entender que é necessario ter animo e fortaleza para fazer o bem contra nosso interesse.

ELISA. — Desejaria que minha mãi me dissesse porque é mais louvavel seguir os dictames da virtude, do que conter-se nos preceitos da moral?

A MÃI. — A resposta parece-me que está encerrada na definição da virtude. Seguindo os

preceitos da moral não fazemos senão pagar uma divida, fazer uma anticipação; porêm a virtude consiste em dar generosamente; e bem vês que é muito mais nobre fazer bem só por fazêl-o, que por qualquer outro motivo menos desinteressado. Nenhuma duvida cabe, minha filha, que a virtude contribue mais para a felicidade do mundo, que a simples moral, e que seriamos todos muito mais ditosos se a virtude fosse sempre a que inspirasse todas nossas acções; porêm como infelizmente não acontece assim, ao mesmo tempo que admiramos as acções virtuosas, e que nos excitamos a imitál-as, não devemos desconhecer quanto bem traz á sociedade a moral quando ella é geralmente observada.

A moral, minha filha, é a base de todo bem que se faz no mundo. Hoje emprego a teu favor todos meus desvelos e carinhos; eu recebi de meus pais iguaes beneficios, e tu farás outro tanto com teus filhos; pago pois uma divida preciosa, que estás obrigada a pagar a seu tempo. Abstemonos de fazer mal, para que no-lo não fação; damos porque precizamos receber: estas

são as leis do mundo. E que pensas-tu que sería do genero humano se desprezasse estas leis? Tudo sería transtorno e desordem. Pelo contrario, que todos os homens as respeitem com a mais escrupulosa fidelidade, e o mundo será uma mansão de innocencia, onde todos se adjudarão reciprocamente uns aos outros em suas necessidades. Taes são os beneficios da moral; a virtude não é mais que seu complemento: realça a gloria do homem e augmenta a felicidade dos humanos. A moral é absolutamente necessaria ao bem geral e particular; a virtude dá-lhe brilho e engrandece as nações.

Elisa. — Fico entendendo, minha mãi, que o homem *virtuoso* não se contenta com prehencher fielmente os deveres da moral, *sacrifica-se* tambem *em obsequio de seus similhantes.*

A mãi. — Muito bem dizes, minha filha, mas nestes sacrificios generosos ha se de seguir certa ordem. Posto que seja principio geral que o homem se deve a todos seus similhantes, porêm em iguaes circumstancias, primeiro está nossa familia, depois a patria, e logo toda a gente.

Elisa. — Assim é que eu o entendo. Se, por

exemplo, eu não tivesse mais que uma fatia de pão, e soubesse que minha mãi estava em necessidade, á minha mãi é que a devia dar e não a outra pessoa que estivesse no mesmo caso.

A MÃI. — O mesmo raciocinio faria uma mãi para com seus filhos, e um pai para com sua familia.

ELISA. — Ah! minha mãi, o que V... me acaba de dizer me faz lembrar um rasgo admiravel d'um pai de familia; ha muito tempo que o li, mas nunca me esqueceo.

«Um pobre homem, chamado Thiago, que ganhava sua vida com grande trabalho, tinha que sustentar sua mulher e quatro filhos; a carga era pesada, porêm em quanto teve que fazer e saude para trabalhar foi supprindo a suas necessidades, e vivia alegre sem queixar-se. Não se poupava a nenhuma sorte de fadiga para trazer seus filhos vestidos e fartos, mas como ganhava pouco, muitas vezes tirava o pão da boca para lh'o dar.

«Forão-lhe faltando as forças, e como não podesse quasi trabalhar, se vio reduzido á mais

espantosa miseria; sua mulher e filhos, acossados pela fome, pedião-lhe pão com os olhos banhados em lagrimas; mas Thiago já não podia fazer mais que chorar com elles. Emfim, affrontando a vergonha de mendigar o pão para não morrer de fome, sai o infeliz de casa a pedir, com voz timida e ás lagrimas nos olhos, uma esmola com que alliviar sua miseria. Não foi soccorrido, nam fazião caso de suas lagrimas; se alguma cousa lhe davão era apenas bastante para sustentar por alguns instantes a debil existencia de sua familia, para não perecer inteiramente á mingua.

«Um dia que o infeliz Thiago corria as ruas desesperado, como fóra de si, encontrou por acaso um camarada, pouco menos indigente que elle; o qual, assombrado de o ver naquelle estado, perguntou-lhe o que tinha, e qual a causa de sua desesperação. — Estou perdido! lhe responde; minha mulher e meus filhos não comêrão desde hontem ao meio dia; e... eu não sei que voltas dê á minha vida... é preciso morrer. — Meu amigo, lhe disse o outro enternecido de sua desgraça, toma lá estes dous

vintens, é tudo quanto tenho; porêm se queres ganhar algum dinheiro, eu te indicarei o modo. —Estou prompto a fazer tudo, respondeo Thiago, com viveza, excepto uma acção deshonrosa. — Pois bem, continuou seu camarada, vai a tal rua, a casa de fulano, que está aprendendo a sangrar; e te dará algum dinheiro.

«Thiago corre logo a casa do sujeito indicado, leva uma sangria no braço direito, e recebe seis vintens; sai mui contente para sua casa, mas no caminho dizem-lhe que na rua... ha um aprendiz de sangrador que paga ainda melhor para apprender a sangrar; corre lá, leva outra sangria no braço esquerdo, e recebe oito vintens. Transportado de alegria, corre comprar pão e algum conduto, vai para casa sem perder tempo, e reparte-o entre sua mulher e filhos. Muito alegre ficou ella quando vio entrar seu marido com tão boas alviçaras, mas notou que estava mui descorado e abatido; fêl-o assentar, e vio correr-lhe o sangue dos braços... Meu esposo! que é isto? dizia ella; — meu pai! que tem V. Mc? dizião os filhos; V. Mc sangrou-se! — Querida esposa, amados filhos! lhes disse

dando um profundo suspiro e estreitando-os em seus braços, era..., era para trazer-vos um bocado de pão.»

A mãi. — Este rasgo é na verdade sublime como muito bem disseste, minha filha; ahi verás quanto é capaz de fazer por sua familia um homem virtuoso.

Ainda que tu não sejas chamada a defender a patria, dize-me em que consistem estes mesmos sacrificios generosos feitos pela patria?

Elisa. — Reduzem-se a preferir o bem da patria ao proprio, e dar por ella a vida quando é preciso.

A mãi. — Muito bem disseste, e d'aqui vem que o principe ou o magistrado que sacrifica todo seu tempo, sua riqueza, e até sua saude á felicidade geral, é um homem virtuoso.

O simples cidadão que se priva d'uma parte de seus bens para um estabelecimento publico, como um hospital, uma estrada, etc., faz um sacrificio á sua patria, e merece tambem o nome de virtuoso.

Em fim, o que dá mais, e a quem ordinariamente se agradece menos, é o militar que ex-

põe sua vida para conservar as leis patrias e a independencia nacional, e defender a seus conterraneos seus direitos e propriedades. Mas são benemeritos da patria, e seus nomes passão á posteridade quando obrão illustres feitos, como os que celebrou Camões em seus immortaes versos.

Já leste, minha filha, o *Thesouro da mocidade;* mas recommendo-te que leias ainda mais vezes este excellente livro onde encontrarás formosos exemplos de virtude e sabios conselhos de valor e amor da patria.

Elisa. — Algumas vezes tenho ouvido fallar de *virtudes pessoaes;* entendo que são as virtudes que tem cada um de nós, mas desejava que minha mãi me désse a este respeito uma definição mais exacta.

A mãi. — Deves entender, minha filha, por *virtudes pessoaes* aquelles esforços que faz sobre si mesmo um coração nobre para reprimir as más inclinações e os desejos perniciosos que nelle se excitão.

A' primeira vista parece que nossas paixões e nossos vicios não devem fazer mal senão a nós

mesmos; porêm ao mesmo tempo que nos corrompem, nos tornão funestos aos que nos rodeão. O glutão e o bebado não só estraga sua saude, mas dá máo exemplo aos vizinhos e muitas vezes é causa de desordens e inimizades; o predulario e preguiçoso, não só é máo para si, mas contribue a manter os vicios dos outros; e todos estes fazem a desgraça de suas familias e as deixão muitas vezes morrer á mingua. Já viste, minha filha, em Alexandre o grande e terrivel effeito da ira e do vinho. Todas as paixões chegão a ser perigosas quando se não reprimem ao começarem; por isso devemos empregar todos os esforços para o conseguir. Assim pois, minha filha, ao primeiro momento que se annunciar em teu peito alguma inclinação viciosa e desordenada, para logo deves soffocál-a; não tenhas nenhuma indulgencia com esses desejos que começão lisonjeando-te, mas que acabarião por perder-te se os não reprimisses.

Ha uma virtude pessoal que é mais vantajosa para nós que para os outros, e que devemos cultivar com muito cuidado, porque nos faz conservar nossa dignidade: é a *paciencia em*

soffrer os males e as desgraças inevitaveis. Aquelle que ao primeiro mal se lamenta e se queixa de sua sorte é um cobarde que não reflecte que estamos continuamente expostos a soffrer, que suas queixas não fazem mais que degradál-o, e não podem melhorar sua sorte. Aquelle que, tendo caído em desgraça, não sabe levar com resignação sua má fortuna, sería capaz de fazer uma baixeza para mudar de situação: O valor em soffrer os males ennobrece nossa desgraça, e diminue as penas que a acompanhão. Ouve, minha filha, alguns rasgos da historia d'um homem, que no ultimo gráo de infortunio mostrou uma alma superior á dor.

«*Epicteto* era mui delicado de corpo, contrafeito, e por cumulo de desgraça escravo d'um homem perverso, que o tratava com menos piedade que a um d'esses animaes que se crião para nossos caprichos. Demais tinha elle direitò e motivos de queixar-se; mas de que lhe serviria?: «Eu estou, dizia elle, no posto em que a Providencia quer que eu esteja; queixar-me, sería offendêl-a.» Olhava como sinal d'um coração corrompido o não consolar-se senão

vendo aos demais soffrer os mesmos males: «Quê! exclamava, se condemnão a um homem a ser decapitado, será necessario que todo o genero humano seja condemnado ao mesmo supplicio?» Supportava com igual resignação a estrema pobreza. «Somos muito injustos, dizia, em accusar a pobreza de que nos faz desgraçados; a ambição e nossos insaciaveis desejos são realmente os que nos fazem miseraveis. Ainda que fossemos senhores do mundo inteiro, sua posse não poderia livrar-nos de sobresaltos e penas; só a razão tem esse poder.»

«Seu proceder correspondia a tão sublimes principios; eisaqui, para prova d'isto, um rasgo admiravel. Seu senhor, por um d'aquelles caprichos tão ordinarios em gente cruel, deo-lhe uma pancada numa perna, e o ameaçava de continuar; Epicteto advertio-o brandamente que lh'a quebraria; o barbaro senhor de tal modo redobrou os golpes, que por fim lhe quebrou a canella da perna. Sem mudar de voz, nem se enfadar, disse Epicteto: «Então, não vos dizia eu que me quebrarieis a perna?»

Estes exemplos de virtude são raros, minha

filha, nem é minha intenção impor-te como um dever rigoroso o imitál-os ao pé da lettra; ha certa fortaleza de animo que só pertence ás almas privilegiadas: querer exigíl-a de todos os homens sería uma crueldade. Mas elles provão que nós podêmos soffrer os males e as desgraças, que nos opprimem, quando nos armâmos de paciencia e resignação; e que todos temos fortaleza sufficiente para não nos aviltarmos com cobardes queixas, e menos ainda com acções reprehensiveis.

Quero fallar-te agora d'uma virtude que é a coroa de todas as outras e lhes dá um novo realce; esta é a *modestia*, quero dizer *aquelle recato em que uma pessoa faz bem só com o fim de fazer bem* e não por vangloria e para receber louvores. O melhor merecimento d'um beneficio é ser feito em segredo. A este respeito quero referir-te um illustre exemplo; mas como sua narração é algum tanto comprida, ella nos servirá hoje de historia.

O escravo resgatado por Montesquieu.

Passeava uma tarde o barão de Montesquieu na praia de Marselha, não longe do cais, onde um moço chamado *Roberto* esperava em seu bote que alguem viesse dar-lhe que fazer; Montesquieu entrou nelle, porêm suspeitando pelo seu traje que Roberto não era o catraeiro, dispunha-se a sair do bote, dando a ver que por isso que o dono d'elle não apparecia elle ia embarcar noutro. «Senhor, lhe disse então o moço, este bote é meu; quer V. S. sair do porto? — Não, só queria dar algumas voltas na bahia para respirar o fresco da tarde que está serena; mas vós não tendes ar nem os modos de marujo. — Na verdade não o sou, disse o moço, e faço este officio só para ganhar algum dinheiro nos domingos. — Como assim! tão moço, e ambicioso! disse Montesquieu; isso é uma grande nodoa na mocidade, e diminue o interesse que inspira vossa physionomia. — Ah senhor! se V. S. soubéra porque desejo com tanta ansia ganhar dinheiro, deixaria de augmentar meu

infortunio com tão baixa suspeita. — Eu não tive intenção de offender-vos, disse o barão; largai do cais, remai para o largo, e contai-me vossa historia.

«Minha desgraça, senhor, disse o moço começando a remar, consiste em ter meu pai em ferros e não poder tirál-o d'elles; foi corretor nesta cidade, e tinha junto seu peculio com as economias que minha mãi tinha feito numa loja de capelista. Quiz um dia fazer negocio por sua conta; comprou algumas fazendas, e embarcou-se para Smirna; mas o navio em que ia foi tomado pelos corsarios mouros, e elle conduzido a Tetuão, onde se acha escravo com toda a tripulação. Para o resgatar são necessarios mais de 500,000 reis, e estamos mui longe de ter esta somma; ainda que minha mãi e minhas irmãs trabalhão noite e dia, e o mesmo faço eu em casa de meu mestre, no officio de gaioleiro que aprendi, e tratando de ganhar alguma cousa nos domingos, como V. S. vê. Temo-nos reduzido ás cousas da primeira necessidade, e vivemos todos num pequeno quarto.

Eu tinha logo formado o projecto de ir libertar meu pai, pondo-me em seu lugar e tomando os seus ferros; já estava prompto para me embarcar, quando, sabendo-o minha mãi, me assegurou que meu projecto era tão impraticavel como quimerico, e conseguio que prohibissem a todos os capitães do Levante que me tomassem a bordo.

— Recebeis vós algumas vezes noticias de vosso pai? Perguntou Montesquieu; sabeis quem é seu senhor em Tetuão? Como o tratão? — Seu senhor é almoxarife dos jardins d'el rei; tratão-no com humanidade, e o trabalho que lhe dão não é desproporcionado a suas forças; porêm não estamos com elle para o consolar; está muito distante d'uma esposa querida, e de trez filhos que estremosamente ama. — Que nome tem vosso pai em Tetuão? — Chama-se Roberto, como se chamava em Marselha. — Roberto em casa do almoxarife dos jardins d'el rei? — Sim, senhor. — Vossa desgraça me interessa, e segundo vossos sentimentos, ouso prognosticar-vos melhor sorte, e vo-la desejo sinceramente.

Eu vim para tomar o fresco, e entregar-me á solidão, não estranheis pois, meu amigo, que fique calado por algum tempo.

Logo que anoiteceo disse a Roberto que remasse para terra, e quando abordou ao cais saío Montesquieu do bote, metteo-lhe na mão uma bolsa de dinheiro, e, sem dar-lhe tempo a agradecer-lhe, partio precipitadamente. Havia na bolsa umas déz moedas em ouro e prata. Tão primorosa generosidade dava grandissima idéa de seu autor; porêm Roberto em vão buscou seu bemfeitor para lhe dar os devidos agradecimentos, não pôde descobríl-o.

Seis semanas depois, aquella familia honrada, que continuava sempre a trabalhar para ajuntar a quantia que lhe era necessaria, estando á mesa comendo seu jantar mui frugal, pois só constava de pão e amendoas, vê entrar pela porta dentro, muito alegre e bem vestido, aquelle que ella suppunha ainda escravo e por quem vivia na dor e na miseria. Quem póde exprimir a admiração de sua mulher e filhos, seus transportes de jubilo, sua alegria! O bom Roberto lança-se aos braços de todos, e não

cessa de dar graças, por seu resgate, pelo fato que recebeo ao embarcar-se, e pela viagem que achou paga quando entrou no navio : não sabe como manifestar seu reconhecimento a tanto amor.

Suas expressões produzem em toda a familia um espanto indizivel; olhavão uns para os outros, sem saber que dizer, até que a mãi, suppondo que tudo era obra de seu filho, conta ao marido como desde o principio de sua escravidão tinha querido ir pôr-se em seu lugar, e como ella se tinha oppostó : « Erão necessarios mais de 500,000 réis para o resgate, dizia ella, já tinhamos quasi metade, e a maior parte era fruto de seu trabalho; haverá talvez encontrado amigos que o ajudárão. »

O pai, repentinamente taciturno e pensativo, parece consternado, fallando logo ao filho, dizlhe : « Que fizeste, desgraçado! Como posso dever-te eu a liberdade sem chorál-a? Como podias guardar esse segredo a tua mãi, se não fôra comprada á custa da virtude! Na tua idade, filho dum infeliz escravo, não podias ganhar tanto dinheiro; estremeço ao lembrar-me que

o amor filial te fez commetter alguma feia acção; confessa a verdade, e morramos antes todos do que vivermos deshonrados.»

— Sossegue V. Mᵉ, meu pai, lhe respondeo o filho abraçando-o; seu filho não é indigno de sêl-o, nem bastante feliz para poder dar provas do quanto ama seu pai. Não é a mim a quem V. Mᵉ deve a liberdade; eu sei quem é o nosso bemfeitor. Lembra-se V. Mᵉ, minha mãi, daquelle desconhecido que me deo a sua bolsa, e me fez tantas perguntas? Não é outro senão elle. Eu empregarei toda minha vida a procurál-o; hei de descobríl-o, e o conduzirei a gozar do doce espectaculo de seus beneficios. Passou logo a contar a seu pai a anecdota do desconhecido, e assim o tranquillizou.

Restituido Roberto á sua familia, encontrou amigos e auxilios mais do que podia esperar, e no cabo de dous annos já se achava bem estabelecido e com cabedaes para negociar por sua conta; seus filhos tinhão igualmente seu modo de vida; vivião todos felizes, e sua dita sería completa se podessem conhecer o bemfeitor a quem devião tudo. Não cessava Roberto de ver

se o podia descobrir; eis senão quando, um domingo á tarde, o avista andando a passear na praia de Marselha; corre a elle, dizendo: «Ah! meu bemfeitor!« E não podendo articular outras palavras, deita-se a seus pés, e fica sem sentidos. Montesquieu dá-se pressa em acudir-lhe, e pergunta-lhe qual é a causa de seu desfallecimento. — Como, respondeo o mancebo, como póde V. S. ignorál-a! Esqueceo-se por ventura V. S. de Roberto e de sua desgraçada familia, que V. S. restituio á vida restituindo-lhe seu pai?! — Vós me confundis com outro meu amigo, lhe disse o virtuoso Montesquieu; ha poucos dias que estou em Marselha, e não saí d'aqui. — Tudo isso póde ser assim; porêm lembre-se V. S. que ha vinte e seis mezes estava lambem aqui; lembra-se d'aquelle passeio no porto, e o interesse que V. S. tomou na minha desgraça, as perguntas que me fez á cerca das circumstancias que podião dar a V. S. as noticias necessarias para ser nosso bemfeitor. Libertador de meu pai! poderá V. S. esquecer que é o salvador d'uma familia inteira, a quem nada fica mais que desejar no mundo senão ver a V. S!

Não recuse, senhor, seus humildes rogos; venha ver aos que fez felizes. — Já vos disse, amigo, que vos enganais. — Não, senhor, não me engano; a physionomia de V. S. está tão profundamente gravada em meu coração que é impossivel desconhecêl-a. Por quem é, faça-me V. Sª esta graça.»

Dizendo isto sugurava-o pelos vestidos, e o tomava pelo braço para o levar com sigo. Havia-se entretanto juntado muita gente, e Montesquieu, para se desembaraçar de Roberto, disse-lhe, com gravidade e firmeza: «Esta scena começa já a enfadar-me; seja qual for o gráo de similhança que occasiona vosso erro, tratai de recobrar a razão, e retirai-vos a vossa casa, que precizais de descanço. — Que crueldade! exclamou o mancebo; bemfeitor d'esta familia, porque amargurar com essa resistencia a felicidade que a V. S. devemos?! Ter-me-hei em vão lançado aos pés de V. S.?! Será o meu bemfeitor tão inflexivel que recuse o tributo que ha tanto tempo devemos á sua sensibilidade?! E vós senhores que estais presentes, vós a quem deve internecer a turbação e desordem em que me

vedes, reuni vossas supplicas ás minhas para que o salvador meu e de toda minha familia venha contemplar sua obra! »

A estas palavras manifestou Montesquieu fazer-se alguma violencia; porêm quando menos o esperavão, reunindo todos seus esforços, e appellando a seu valor para resistir á seducção do delicioso prazer que se lhe offerecia, escapou-se por entre a multidão, e desappareceo num instante.

Ainda hoje sería ignorado o autor de tão primorosa acção, se depois da morte do Barão de Montesquieu senão tivesse achado em seus livros de contas uma verba de 800,000 réis, enviados a um negociante de Cadiz; o que deo motivo a escreverem os herdeiros ao dito negociante para saber qual fôra o destino daquella somma; ao que elle respondeo: que segundo as ordens do Sr Barão ella fôra empregada no resgate do chamado Roberto, de Marselha, escravo em Tetuão, em o vestir e lhe pagar a passagem para a sua patria. Então se descobrio o enigma, e o homem virtuoso, ainda que já no outro mundo, obteve a recompensa dos elogios

que deve nosso reconhecimento a todo o bem que se faz; digo nosso reconhecimento, porque ainda que não sejamos nós os favorecidos, devemos manifestar nossa gratidão a quem faz um beneficio, seja elle quem for. Deve ser para nós um motivo de alegria o saber que se fez um beneficio no mundo; nossa indifferença seria uma verdadeira ingratidão; seria um signal de que não amâmos muito a virtude.

Estou bem certa, minha filha, de que a historia verdadeira que acabo de contar-te fez em teu peito uma viva impressão. Ella te ensina o modo que têem de fazer bem as pessoas verdadeiramente virtuosas. Similhante delicadeza é tão meritoria para com Deos como para com os homens.

LIÇÃO X.

Pagar o mal com o bem.

A MAI. — A mais difficil de todas as virtudes, minha filha, é pagar com bem o mal que nos fazem; por isso mesmo ella é de todas a mais meritoria, e raramente a vemos praticada senão pelos que comprehendem a moral pura do Evangelho. Quando uma pessoa tem animo e generosidade para fazer bem a quem lhe fez mal, podêmos responder por ella; todas as demais virtudes se lhe tornão faceis.

Verdade é que parece quasi impossivel ter inclinação a fazer bem a quem não se occupou senão em nos fazer mal; porêm nisto consiste todo o merecimento d'esta estremada virtude, e nisto se dá a maior prova de nossa docilidade ás palavras do divino Mestre: Fazei bem aos

que vos aborrecem; orai por aquelles que vos perseguem, que vos calumnião.»

Faze bem, minha filha, aos que te fazem mal, ainda que te custe e sintas repugnancia; reprime-te neste ponto, e bem depressa te alegrarás de ter obrado assim. Então conhecerás todo o merito da victoria que ganhaste a ti mesma; ter-te-has em melhor conta, merecerás a estima dos que te conhecem, e experimentarás interior prazer. Além de que te vingarás de teu inimigo do modo mais nobre, e da unica maneira que a um christão é permittido vingar-se. Ao mesmo tempo lançarás de teu coração o empacho que te opprimia, e te contemplarás de tal modo superior a teu inimigo que, aborrecendo seu crime, não poderás aborrecer sua pessoa. Se o seu coração não está inteiramente depravado, não poderá deixar de fazer-te justiça, e até póde ser que para o diante, confundido com a tua generosidade, venha a ter a teu respeito tão bons sentimentos como máos os tivera d'antes; se não vem reconciliar-se com tigo, parecerá ainda mais desprezivel aos olhos de todos.

Em fim, para gravar melhor em tua alma a

nobreza d'este sentimento generoso de *pagar o mal com o bem*, vou a contar-te um apologo, no qual esta primorosa virtude se acha bem estremada da probidade e da humanidade.

«Um pai de familia, rico e abastado mas já idoso, quiz regular dantemão a herança que deixava, e partilhar em sua vida a seus filhos o fruto de seu trabalho. Depois de haver feito trez partes iguaes, pois tinha trez filhos: «Resta-me ainda, disse, uma joia de grande valor; destino-a áquelle de vós que melhor a souber merecer por uma acção nobre e generosa; e dou-vos o prazo de trez mezes para a ganhardes.

«Partírão os filhos, cada um para seu destino; voltárão no tempo aprazado, e o mais velho conta o seguinte.

«Meu pai, em minha viagem fiz conhecimento com um estrangeiro que se vio em circumstancias apertadas que o obrigárão a confiar-me todo o seu dinheiro; não tinha declaração nenhuma minha por escrito, nem havia testemunhas; não podia produzir prova em juizo, nem o menor indicio do deposito; podia eu ficar com elle

muito a meu salvo, mas não obrei assim: entreguei-lho fielmente. Esta fidelidade não será uma acção digna de elogio?. — Fizeste o que devias, respondeo o pai; o que procedesse d'outro modo, devia morrer de vergonha, porque a probidade é um dever: tua acção é de justiça, mas não de generosidade.

«O filho segundo explicou-se nestes termos: «Achei-me um dia, durante a minha viajem, á borda d'um lago onde acabava de cair um menino, e que a não ser eu morreria afogado; dei-tei-me logo á agua, e salvei-lhe a vida em presença de todos os habitantes do lugar: elles podem dar testemunho da verdade do caso. — Embora assim seja, interrompeo o pai; porêm nessa acção não ha mais que humanidade.

«Finalmente, o ultimo dos trez irmãos toma a mão e diz: «Meu pai, saberá V. S. que encontrei um dia pela manhã o meu maior inimigo que, havendo-se extraviado durante o escuro da noite, tinha adormecido á borda d'um precipicio; ao menor movimento que fizesse ao acordar, não podia deixar de resvalar no despenhadeiro; podia tambem eu dar-lhe um pe-

queno empuchão, e para logo feito sería d'elle; mas não fiz assim, antes ao contrario o acordei com cautella e puz todo o cuidado para o tirar d'aquelle fatal perigo.

— Ah! meu filho! exclamou o bom pai com transporte, a ti, sem disputa, é devida a joia!»

Pedro de máo coração e Joaninha a generosa.

Vivia antigamente no arrabalde de Cintra, não longe de Pena-Ferrim, um respeitavel ancião chamado Raimundo. Servíra elle como escudeiro em casa de varios fidalgos, mais de cincoenta annos; tinha bons ordenados, de que poupava quanto podia para guardar para a velhice; e como era bem feito de sua pessoa, cortez e serviçal, recebia de seus amos e hospedes muito boas esportulas, o que tudo reunido lhe deo meios para comprar uma casinha no lugar do seu nascimento, e com o dinheirinho que tinha a juro passava sua vida muito honradamente; andava sempre mui limpo e asseiado,

JOANNINA
généreuse

Imprimerie de L. Tinon, rue Pavée

calção e meia, sapato de fivella; era alegre e comedido, contava com graça muitas historias do tempo do terremoto, e do marquez de Pombal; fazia o bem que podia, era sempre certo á missa do dia, não lhe escapava um sermão; toda a gente gostava d'elle, e lhe chamavão, por affeição, o tio Raimundo.

Não tinha filhos, nem era casado, mas tinha alguns sobrinhos pobres, por quem se interessava; como dous d'elles viessem a ficar órphãos de pai e mãi, e se achassem desvalídos, tomou-os para casa e perfilhou-os. Teve o bom velho que privar-se de varias commodidades, e impor-se alguns sacrificios para educar aquellas crianças que a Providencia tinha posto a seu cargo. Não comia carne senão ao domingo, nos outros dias contentava-se com os seus feijões e uma açorda, e ás vezes duas sardinhas; não bebia vinho senão em casa d'algum amigo, e sempre com muita moderação; deixou de tomar tabaco, para poupar doze vintens por mez, que tanto lhe custava aquelle vicio; quando vinha o verão alugava a sua casinha, que sempre tinha muito asseiada, e ia viver no convento da

Pena, ou em casa d'algum d'aquelles bons fidalgos antigos que com gosto lhe davão hospitalidade, assim ajuntava com que sustentar e dar educação a Pedro e Joaninha, que assim se chamavão os dous orphãos.

Teve Raimundo muito cuidado de ensinar a seus filhos adoptivos a doutrina christã e de lhes inspirar de palavra e com o exemplo os santos principios da Religião e da moral que d'ella dimana; elle mesmo os conduzia á igreja nos domingos, e lhes fazia ler em casa o santo Evangelho, a Imitação de Christo, a Guia dos peccadores, o Combate espiritual e outros bons livros, e todo o seu desejo era que fossem honrados e virtuosos.

Não aproveitárão igualmente os dous irmãos dos desvélos e boas intenções de seu pai adoptivo. Joaninha era meiga e affavel, tinha uma sincera affeição ao veneravel ancião; andava sempre com cuidado nelle, e desvelada por lhe fazer as vontades; não perdia occasião de lhe dar provas do seu reconhecimento pelo beneficio que d'elle recebêra, e sempre com carinho e bom modo. Não assim Pedro: era grosseiro,

sonso, e desconfiado; não tinha uma palavra de gratidão, era insensivel ao bem que se lhe fazia, e parecia convencido que tudo lhe era devído; que não devia obrigações nenhumas ao bom velho, o qual nada fazia que não devesse. Este procedimento de Pedro e seu modo de pensar injusto e ingrato annunciavão um máo coração.

Logo que os dous pupillos forão crescidos e em idade de trabalhar, poz Raimundo Joaninha a servir numa boa casa, e como os amos erão tementes a Deos vivia ella mui feliz, e crescia em virtude e boas prendas com os bons exemplos que tinha diante dos olhos. Porêm Pedro não tinha geito para criado, pôl-o por tanto a um officio em casa de bons mestres com recommendação que andassem com olho nelle e o tivessem sopeado, porque conhecia sua ruim inclinação.

Raimundo entretanto ia caindo na velhice. faltavão-lhe as forças, arrastava muito os pés, e por fim caío gravemente doente; apenas Joaninha soube da sua doença, pedio licença a seus amos para ir ver a seu bemfeitor; concedêrão-

lh'a com mil vontades, e juntamente com uma vizinha já de idade tratava de seu pai adoptivo com todo o carinho e desvelo. Outro tanto não acontecia ao egoista Pedro, que não foi ver a seu bemfeitor, nem d'elle perguntava noticias; e quando Joaninha lhe lançava em rosto seu desamor e ingratidão, respondia elle sêcamente: «Tomára eu mais tempo para me divertir. Bem faria elle de morrer e me deixar o que tem. Tu andas com essas cousas para ver se elle te deixa o que tem. Has de te achar enganada. Quem espera por sapatos de defunto toda a vida anda descalço. — Bem sei esse ditado, lhe tornou Joaninha, e verdade é que assim acontece algumas vezes, mas eu não o faço por interesse, é por dever; por mais que faça ao senhor Raimundo nunca lhe pagarei as obrigações que lhe devo. Se não mudares de sentimentos, meu irmão, fica certo que Deos te ha de castigar; não ha nada que elle aborreça tanto como a ingratidão!»

Não era chegada ainda a derradeira hora de Raimundo, antes se foi achando melhor, e com o desvelo de Joaninha foi ganhando forças;

quanto lh'o permittia a idade, e por fim achava-se sem molestia. Joaninha tinha sempre muito cuidado nelle, não o deixava sair só, mão acontecesse tropeçar e caír; levava-o pela não á igreja de S. Pedro e a dar o seu passeio, e o bom velho passava alegremente seus ultimos dias em companhia de sua filha adoptiva. Os amos de Joaninha, que moravão na villa de Cintra e erão ricos e sem filhos, como vissem a gratidão tão estremada da filha adoptiva de Raimundo quizerão, á imitação d'elle, serem tambem seus bemfeitores. Derão a Joaninha um casalinho que tinhão perto de Mafra, sómente com a pitança de duas gallinhas cada anno, para terem o gosto de a verem. Desfazia-se Joaninha em agradecimentos, beijou as mãos de seus novos bemfeitores e partio muito contente dar esta alegre nova a seu pai adoptivo. Porêm, como passasse pela igreja, entrou, fez oração ao Santissimo, rezou a nossa Senhora, que era sua madrinha, e foi contar a Raimundo tudo que era passado.

Grande foi a alegria de Raimundo quando ouvio contar a Joaninha os favores que devia a

seus amos; caírão-lhe as lagrimas de gozo: «Demos graças a Deos, minha filha, pela boa fortuna que se dignou dar-te; não serás mais criada de servir, viverás na tua casa, e acharás um marido honrado e temente a Deos que trate da lavoura e augmente os bens que a Providencia vos dera. A primeira cousa que havemos de fazer á manhã é ir ter com o senhor Prior e pedir-lhe nos diga uma missa a Nossa Senhora, nós iremos ouvíl-a, e daremos graças a Deos e á Virgem Maria por tantas mercês que de suas mãos havemos recebido. Sabes o que vou fazer, sem perda de tempo, minha filha? E' vender esta casinha. Com o dinheiro que receber da venda poderás estabelecer-te no teu casalinho. Comprarás uma junta de bois, as sementes para o primeiro anno, e os aparelhos da abegoaria e mais cousas necessarias. Entre tanto dou aviso aos que me pagão juro para que hajão de me entregar o dinheiro que têem em sua mão, e com esta somma, que anda por cem mil réis, concertarás a tua casa, e farás outras bemfeitorias no teu casal. Eu irei passar comtigo os ultimos dias de minha vida; entrego-te tudo o

que tenho, só te peço que me feches os olhos quando morrer, e encommendes minha alma a Deos.

Joaninha não podia conter as lagrimas quando assim ouvia fallar seu pai adoptivo. «Descance o meu pai, dizia ella, nada lhe hade faltar; ha porêm uma cousa que me entristece; V. M^e^. não fallou em meu irmão Pedro. Bem sei que é um ingrato, e que não merece que d'elle se lembre, porêm elle tambem é seu filho, e meu irmão; lembre-se tambem d'elle, meu pai; ainda que elle lhe fez mal, peço-lhe que lh'o pague com algum bem, e Deos nos ajudará.

— Minha filha, muito fólgo de ver que tens esses generosos sentimentos; Pedro é ingrato, não merece nada; foi travesso quando era rapaz, agora que vai sendo homem dá mostras de máo coração; muito receio que venha a acabar mal; isso não obstante, não quero abandonál-o, quero antes fazer o que puder para que se para o diante se perder, não tenha que queixar-se senão de si mesmo. Eis aqui o que faremos. Elle tem o officio de sapateiro, é bom official, póde ganhar sua vida honradamente; logo que receber o

dinheiro que me devem, vou pôr-lhe uma boa loja na villa de Cintra, compro-lhe as ferramentas necessarias, e algum couro e sola para as primeiras encommendas que lhe fizerem, e dou-lhe duas moedas em dinheiro para se vestir com aceio e grangear bons freguezes. Em consciencia, minha filha, eu devia deixar-lhe metade do que tenho, e essa era minha intenção, mas como sei que é um estragado e anda com más companhias, deixo-te mais a ti, não só porque me has de sustentar na minha velhice, mas tambem para lhe acudires com algum soccorro, quando elle cair em miseria, o que muito receio, e não morra á mingua. — Que gosto me dá V. M^c^, meu querido pai; Deos tenha da sua mão a Pedro, e a nós nos não desampare. — Deos o faça santo, minha filha, e te ajude a ti para minha consolação.

Não tardárão a realizar-se todos os projectos de Raimundo. Era isto no meado do verão, quando em Cíntra ha muita gente de Lisboa; assim que se soube que o tio Raimundo vendia a sua casinha, e o motivo porque a vendia, todos a querião comprar, e assim que andou em

praça foi logo arrematada quasi no dobro do que valía e paga em dinheiro de contado. Entretanto Raimundo ajustou o casamento de Joaninha com o filho d'um lavrador seu amigo, moço de bons costumes, alegre e bem apessoado, e quando foi pelo S. Miguel estavão os noivos estabelecidos em seu casal e com elles o tio Raimundo.

Ao mesmo tempo abria-se, na praça de Cintra, uma loja muito elegante de sapateiro, e Pedro, que era tão bom official para calçado de homens como de Senhoras, adquirio logo a melhor freguezia na gente fina e ganhava muito bons vintens, mórmente porque sabião todos que era filho adoptivo do tio Raimundo.

Abençoôu Deos o trabalho de Joaninha e seu marido, e em poucos annos tinhão já duas juntas de bois, um rebanho de ovelhas, abegão e ganhões; forão arroteando os baldios e charnecas que pertencião ao casal, de modo que vivião ricos e abastados. Leonardo, que assim se chamava o marido de Joaninha, conservou sempre a religião de seus pais; nunca se levantava sem se encommendar a Deos, e fazer as suas

rezas; o mesmo fazia antes de se recolher, e quando sua mulher fazia serão, rezava com ella o terço de Nossa Senhora, e nos Domingos a Corôa, e ás vezes o Rosario. Durante a semana trabalhava como um mouro, mas no Domingo, não só não trabalhava, mas nem ainda consentia que seus criados fizessem o menor trabalho, excepto guardar o gado e dar de comer aos bois e levál-os a beber. Ia sempre á missa do dia á sua freguezia e ás festas que então se fazião no convento de Mafra, levava sempre com sigo sua mulher e o tio Raimundo, em quanto pôde andar, e quando chovia mandava armar um churrião e ião todos á missa e voltavão muito contentes para sua casa ou ião ver alguns lavradores visinhos seus amigos. Leonardo sabía ler e escrever, e o resto do Domingo que não consagrava ao serviço divino empregava-o a ler, em companhia de sua mulher e filhos, quando os teve, o santo Evangelho, a historia Sagrada e outros bons livros que lhe dera o tio Raimundo; depois fazia as suas contas da semana, ia ver ás searas, ou visitar o Pade Vigario e outros amigos; e assim passava os Domingos e dias santos.

Todos o respeitavão naquelles contornos; sua porta estava sempre aberta para dar hospitalidade; jamais um pobre se chegou a ella, que não fosse favorecido; e Deos continuava a abençoar seu trabalho e a premiar suas virtudes, dando-lhe prosperidade em tudo.

Outro tanto não acontecia com Pedro. Missa, comia-a com o pão (em o seu modo grosseiro de dizer); orações e rezas, nunca as fazia: «Não enchem barriga, dizia elle.» Trabalhava Domingos e dias santos, tinha sempre a loja aberta, e, quando a fechava, ia para a taverna comer e beber, e *laurear o carinho*, como elle dizia. Deo-se ao jogo e a toda sorte de extravagancias, de modo que foi perdendo os bons freguezes; fez dividas, dêo em caloteiro, andava sempre com más companhias, até que por fim fizerão-lhe penhora em tudo, e ficou sem ter onde cair morto; ia trabalhar algumas vezes pelo officio, mas, por fim ninguem o queria em casa, pela má fama que tinha. Vivia ainda o tio Raimundo, mas já muito velhinho, e Pedro tinha vergonha de ir pedir-lhe uma fatia de pão. Chegou a tal ponto sua miseria que, ainda na flor da idade,

estava estragado de saude, e adoecendo gravemente, foi para o hospital da misericordia, onde morreo como um mendigo.

Já a este tempo tinha fallecido tambem o tio Raimundo; mas antes que chegasse sua ultima hora, tornou a dizer a Joaninha que fizesse sempre a seu irmão o bem que podesse.

E' de saber que Pedro tinha pedido dinheiro emprestado a sua irmã, e negou-lh'o com falso juramento; poz-lhe demanda pela morte de Raimundo, dizendo que lhe pertencia metade do que ella tinha; procurou desacreditál-a com calumnias, teve bulhas com Leonardo e quiz matál-o á traição. Porêm apezar de tudo isto Joaninha foi sempre boa irmã; quando soube que elle estava no hospital foi vêl-o, levou-lhe alguns doces e marmelada, e bom vinho do Porto que lhe mandavão beber os medicos; e recommendou-o aos enfermeiros, a quem deixou dinheiro se elle precisasse d'alguma cousa. Bem quizera ella levál-o para casa, mas sua molestia não se podia tratar senão no Hospital. Em quanto viveo vinha vêl-o duas vezes por semana, e sempre com o mesmo desvélo

e carinho. Conseguio que se reconciliasse com seu marido, que recebesse os sacramentos com mostras de arrependido; e quando morreo, não quiz que fosse para a cova na tumba da misericordia; fez-lhe um enterro decente, e mandou-lhe dizer missas por alma.

Foi fallada por muito tempo a morte de Pedro de máo coração; servio de exemplo para muitos mancebos; e ainda hoje é celebrada a memoria de Raimundo e Joaninha como modelo de generosidade e como testemunho de que Deos não se esquece dos que *pagão o mal com o bem.*

LIÇÃO XI.

A BOA CRIAÇÃO.

MÃI. — Depois de te ter explicado os devêres que a moral e a virtude impõem a todos os homens para com seus similhantes, quero agora fallar-te, minha filha, da maneira de bem viver com elles, a que os nossos antigos chamavão *boa criação,* e os modernos chamão ordinariamente *boa educação.*

A *boa criação* e a *boa educação* comprehendem a *cortezia*, a *urbanidade*, a *attenção* e a *politica;* palavras que exprimem a perfeição da convivencia dos homens entre si. E' pois a boa criação o conjuncto das regras pelas quaes devemos guiar-nos nesta convivencia da sociedade; regras que têem por objecto manter entre os homens um certo respeito mutuo, ou mani-

festar complacencia e obsequio; e que, fazendo seu trato mais facil e agradavel, contribuem muito á civilização. Com effeito, uma sociedade, onde os homens não tivessem nenhuma attenção uns para com os outros, seria mui desagradavel, e bem depressa cairião no estado selvagem. As ligeiras violencias que nos temos imposto reciprocamente são uma consequencia d'aquelle primeiro principio: FAZE AOS OUTROS O QUE QUIZERAS QUE ELLES TE FIZESSEM. E na verdade, se eu gósto que me saudem com agrado, não devo eu saudar os outros do mesmo modo? Quando me abstenho de tudo aquillo que póde offender as pessoas em cuja companhia me acho, não é para que tenhão commigo a mesma attenção? Esta é a base da boa criação.

ELISA. — Desejaria que a minha mãi me dissesse que differença ha entre todas estas palavras: *boa criação*, *boa educação*, *cortezia*, *civilidade*, *politica* e *urbanidade*.

A MÃI. — Eisaqui, minha filha, a differença que ha entre ellas.

A *criação* é o primeiro cuidado que uma pessoa deve a seus pais, ou a quem faz suas vezes:

tanto no physico, para a conservação de sua vida, saude e robustez, como no moral para a direcção de seus costumes e estudo de suas obrigações.

A *educação* recae sobre a moral: suppõe já outros principios mais elevados, idéas mais extensas, regras methodicas para illustrar a razão, adornar o entendimento, apperfeiçoar o coração e suavizar os costumes.

Um lavrador honrado, uma boa mãi, *crião* bem a seus filhos. Um aio, um mestre, *educação* não *crião* ao alumno confiado ao seu desvélo.

A boa *criação* e a *educação* dirigem-se essencialmente a um mesmo fim, que é a perfeição moral do homem; porêm póde dizer-se que a primeira o desbasta, e a segunda o pule por meio da instrucção. Assim que, o principal defeito de quem não tem *criação* é a grossería; o de quem não tem *educação*, é a ignorancia.

Ser *cortez* é uma obrigação que nos impõe a boa criação; ser *civil* e *attencioso* é uma qualidade a que nos inclina a boa educação.

O *cortez* póde sêl-o sem passar dos limites de

sua obrigação; o *civil* e *attencioso* não se atem a ella, e emprega nobremente os meios de agradar e comprazer.

Dizer d'um cavalheiro que é *cortez*, é só dizer que não é grosseiro; dizer que é *civil* e *attencioso*, é fazer seu elogio; é dizer que junta á *cortezia* o agrado ou complacencia.

O *cortez* é-o sempre sem affectação, o *civil* e *attencioso* póde ser affectado. Ha pessoas que, á força de *civilidades* e *attenções* nos affastão déstramente de sua familiaridade e confiança.

Resulta pois do que acabo de dizer-te que: O ser bem criado exige-se até do mais rustico. — As faltas de educação são imperdoaveis nos que devem recebêl-a. — A cortezia é um dever em todas as pessoas a quem sua situação não affasta muito do trato humano.

A *urbanidade* adquire-se no trato do mundo, e na frequencia da sociedade escolhida. O *cortez* propõe-se não incommodar; o *urbano* vai mais adiante; porêm um e outro parecem aterse a certas formulas e exterioridades. O *civil* e *attencioso* obra com o coração; e se para ser cortez e urbano bastão preceitos ou regras de boa

criação, para ser *civil* e *attencioso* necessita-se alêm d'isso uma indole feliz.

A *politica* parece corresponder á *civilidade*, com a addição de expressões affectuosas, demonstrações de estima e desejo de agradar e comprazer ás pessoas com quem se trata.

Em todo o caso, minha filha, é necessario conformar-nos com os usos recebidos entre aquelles com quem vivemos, e são elles quem decidem em materia de *cortezia*, *politica* e *urbanidade*.

Muito teria eu que dizer-te se quizesse ensinar-te tudo o que constítue a boa criação, a urbanidade e o trato do mundo, mas poupo-me a este trabalho dando-te a ler o Codigo do Bom Tom: neste excellente livro acharás, clara e elegantemente explicado, tudo o que nesta materia te importa saber. Aqui o tens, lê-o com attenção, mórmente nos lugares que dizem respeito ao teu sexo e idade. Cada dia has de estudar um capitulo, e sobre elle faremos uma pequena conversação. Por agora vou-te contar uma historia que vem a proposito do que hoje te disse.

ALFREDO E AZOLINA,

ou a lição de politica.

Reinando em Portugal El-Rei Dom João V°, e no tempo em que elle ia a Villa-Viçosa fazer suas grandes caçadas, vivia em Borba um cavalheiro com muitas fumaças de antiga fidalguia; era a personnagem mais consideravel da villa pelos seus teres e por ser tambem o presidente da camara, ao que elle dava muita importancia porque quando as Pessoas Reaes passavão por Borba para irem a Villa-Viçosa, o nosso fidalgo fazia um discurso a El-Rei, com o que ficava muito ufano, mórmente se a Real Magestade lhe mostrava agrado.

Tinha o nosso fidalgo um filho chamado Alfredo e uma menina chamada Azolina. Alfredo era dotado de bom natural, e tinha excellentes qualidades; era esperto, vivo, atilado, aprendia muito bem quando queria, mas como era o mais velho e o herdeiro do morgado, foi criado com mimo pelos pais e adulado pelos criados. Acostumado a ouvir fallar amiudo de seus avós que fizerão proezas nas antigas guerras contra

os castelhanos, era muito senhor da sua vontade, altivo, descortez e grosseiro para com toda a gente, e tudo que não era fidalgo era nada para elle, não tirava o chapeo a ninguem, muitas vezes entrava com elle na cabeça na sala de visitas, e assobiando ou rosnando; quando estava em pé tinha sempre as mãos nas algibeiras, e quando se assentava estendia-se na cadeira de braços ou no canapé, com uma perna em cima da outra, como um villão ruim em casa de seu sogro. Nunca ia receber as senhoras ao entrarem na sala, não lhes chegava uma cadeira, tomava sempre o melhor lugar, não se desarranjava por ninguem, e assentava que tudo lhe era devido.

Alfredo era na verdade uma detestavel creatura; ninguem o podia soffrer. Seus pais fazião diligencia por corrigir todos estes defeitos, que não fazião honra a elles mesmos; mas tinhão por costume pedir por favor ao *menino que não fizesse* tal e tal cousa, mas elle zombava de tudo e não mudava de vida. Quanto mais ia crescendo, mais crescião seus deffeitos. Fazia escarne das pessoas de idade, e chamava-lhes *cabel-*

leiras velhas. Aos condicipulos e rapazes da sua idade, tratava-os com altivez e grosseria, finalmente ninguem podia supportar o filho do fidalgo, que assim lhe chamavão. Em balde seu mestre lhe repetia continuamente que os homens são todos iguaes diante de Deos e da lei, que o nascimento e a riqueza não dão por si merecimento verdadeiro; que só as virtudes, as prendas e as boas qualidades estabelecem entre os homens uma differença innegavel, mas differença que elles devem ter cuidado de parecer que ignorão para deixar aos outros occasião de a appreciarem; todas estas admoestações erão sem fructo, Alfredo era sempre o mesmo.

Bem differentes erão as maneiras e o genio de Azolina. Seu feliz natural e a boa educação que recebêra de sua mãi tornárão esta menina o encanto de todos que a conhecião. Verdade é que sendo filha segunda, e sem riqueza, não militavão a seu respeito as mesmas razões que forão a principal causa da má indole de seu irmão. Não a criárão com mimo, acostumárão-na a obedecer, e a não fazer sempre a sua vontade; assim acontecia que Azolina era docil, meiga,

amavel, sincera para com todos, e sobretudo polida ao ultimo ponto; nunca fallava com arrogancia aos criados, antes com brandura e bom modo; nunca levantava a voz para fallar ou responder; raramente fazia preguntas a pessoas de respeito; na sala, na mesa, e em qualquer parte, tomava sempre o ultimo lugar, e não se intromettia em conversações que lhe não dizião respeito. Era muito applicada e estudiosa e tinha muitissima graça em tudo quanto dizia e fazia, pelo que era de todos muito amada.

Espalhou-se um dia na villa o boato que o Principe Real havia de passar por Borba para ir a Villa-Viçosa, onde estava a côrte; fez logo a Camara seus preparativos para o receber com todas as honras em taes casos costumadas. O fidalgo da terra preparou a sua harenga, e estava muito contente de ter uma tão bella occasião para apresentar ao Principe seu filho. Chamou-o pois ao seu quarto, deo-lhe todas as advertencias necessarias para se apresentar ao Principe com o acatamento que é divido a uma Pessoa Real; ensinou-lhe como se devia inclinar e beijar-lhe a mão, e outras mais ceremo-

nias que pede a etiqueta do paço. Alfedro mostrou-se muito docil e attento ao que seu pai lhe recommendou, promettendo de cumprir exactamente todas as suas recommendações. — Um Principe! dizia elle lá comsigo, o herdeiro da corôa! não é um homem como os outros! Não é difficil a uma pessoa da minha qualidade humilhar-se diante d'elle! Um fidalgo como eu não se deshonra em beijar a mão ao seu Principe! — Tomou pois a resolução de nada esquecer para se mostrar polido e respeitoso para com o Principe, o que deo novo motivo á sua vaidade.

Chegado o dia da passagem do Principe, nosso joven cavalheiro vestio-se com todo o primor e tafularia. Sapato de fivella, meia branca de seda, calção de setim, collete bordado com abinhas, casaca de veludo, punhos bordados, chapeo de plumas, espadim á cinta; em fim estava num pontinho. Não fazia senão mirar-se ao espelho, e estava tão contente de si mesmo que não se cansava de se admirar desde os pés até á cabeça.

Em quanto não chegava o Principe, poz-se a

passear na rua direita, muito empertigado e com ar arrogante acotovelando toda a gente e não tirando o chapeo e ninguem, segundo o seu costume. Eis senão quando se chega a elle um moço todo enlameado até ao pescoço, e pede-lhe hospitalidade para um senhor cuja seje se tinha quebrado num atoleiro e que se vê obrigado a esperar duas horas que ella se concerte.

— De quem me fallas-tu? diz incivilmente Alfredo. E' pessoa de bem?

— Creio que sim, respondeo o moço; tem ar de ser bem criado.

— O que chamas tu bem criado? Vem elle bem vestido?

— Simplesmente, senhor, mas bem.

— Traz sequito, com sigo, criados, lacaios? exclamou Alfredo.

— Supponho que sim, meu senhor.

— Vai sabêl-o com certeza, e vem-me dar a resposta sem demora (o moço vai e vem).

— Saberá V. Eª que elle mandou os criados adiante e não os tem aqui.

— Ah! criados, isso é alguma cousa, mas

não é bastante. Pergunta-lhe se é fidalgo como eu (o moço torna a ir e a vir).

— Sim, meu senhor, é fidalgo, e da primeira plana.

— Isso agora é outra cousa; que venha, havemos de nos entender bem; veremos o que é.

O joven cavalheiro chega ao pé de Alfredo; e sauda-o graciosamente. O fidalgote faz uma inclinação de cabeça em ar de protecção, e a penas se affasta um pouco para dar passagem ao recemchegado e mostrar-lhe a rua que vai á sua casa; disse-lhe com ar presumido e arrogante.

— Se és fidalgo como eu, podêmos-nos tratar por tu. Vás requerer a Villa-Viçosa?

— Não, senhor, vou ver meu pai que está doente.

— Não te invejo o passeio. Como se chama teu pai?

— Dom João.

— Dom João, sem mais appellido! Serás tu Hespanhol? Em Hespanha não ha cão nem gato que não tenha dom.

— Meu pai é mais conhecido pelo nome de Dom João Quinto...

— Dom João V°! dizes tu? é o nome d'El-Rei.

— Esse mesmo é meu pai; eu não o acompanhei quando veio para Villa-Viçosa, porque fiquei em Lisboa encarregado por Sua Magestade do governo da capital, mas agora que soube que está doente, venho vêl-o; quebrou-se-me a seje num atoleiro antes de chegar a Borba, e mandei-vos pedir hospitalidade...

E' mister convir que vós m'a regateastes um pouco... Mas tambem eis a que se expõe um Principe quando viaja incognito. Digo bem á minha fortuna de me ter annunciado como fidalgo, sem o que, segundo vejo, vossa porta não se abriria para me receber; o que me seria bem penoso porque teria que ir para a estalajem. Os Arabes do deserto praticão muito melhor a hospitalidade. Para elles um viajante é homem como elles, não querem saber mais, e tratão-no como irmão.

— Ah! Serenissimo Senhor! como poderei

eu alcançar o perdão de meu indigno procedimento? Perdõe-me V. Alteza, por quem é!... Disse Alfredo lançando-se aos pés do Principe, que a este tempo estava já cercado de Camaristas e Viadores, todos cobertos de bordados e condecorações.

O Principe levantou logo com bondade o presunçoso fidalgote, e disse-lhe ao separar-se d'elle:

— Lembrai-vos, que todos os homens são iguaes, e que todos têem igualmente direito á vossa cortezia e á vossa attenção. Esta regra não vos enganará nunca.

Alfredo, envergonhado com a lição que acabava de receber diante de toda a Côrte, tomou desde aquelle dia a louvavel resolução de mudar de vida para o diante e de ser cortez e polido para com todos, e assim o fez. Costumava elle dizer depois: Sempre é tempo de emendar cada um seus defeitos. Mais vale tarde que nunca.

Bem penalizada ficou Azolina quando soube da aventura succedida a seu irmão, e logo que

elle entrou em casa todo penalizado e triste lhe disse com muito bom modo: «Não te dizia eu, Alfredo, que a tua descortezia e impolidez te havião de ser funestas? Ora pois, aproveita a lição, e dá-te por feliz de teres encontrado um Principe tão bom e affavel como é o nosso.» D'ali para diante tomou Azolina a seu cargo advertir seu irmão da menor grosseria que nelle descobria, e conseguio com suas affectuosas admoestações fazer d'elle o cavalheiro mais polido e delicado de quantos acompanhavão El-Rei a Villa-Viçosa.

Pouco tempo depois, quando a familia real voltava para Lisboa, aconteceo quebrar-se perto de Borba um Churrião em que vinhão as damas e açafatas do Paço. Apenas se soube na villa o que era passado a um quarto de legoa de distancia, Azolina partio logo a pé com sua aia, e foi a primeira que acudio ás damas que estavão todas enlameadas; mandou buscar immediatamente roupa para as Senhoras; conduzio-as a uma casinha d'um seu guarda que ali ficava perto, mandou logo accender lume, porque fazia

frio, e sem se dar a conhecer, como se ella fôra uma simples criada, ajudou a despir e vestir as Senhoras com tanto geito e bom modo que todas ficárão encantadas d'ella e não se fartavão de a louvar.

A este tempo já Azolina tinha perdido sua mãi; seu pai estava numa herdade dirigindo a lavoura, seu irmão andava á caça; mas ella só deo ordem a tudo. Mandou vir da villa suas carruagens, conduzio as Damas e Açafatas para sua casa, despedio um criado a cavallo para chamar seu pai; mandou preparar a ceia para suas hospedas, servio-as com a maior delicadeza e urbanidade, e aquellas senhoras não souberão que Azolina era a dona da casa se não quando seu pai a apresentou á noite na sala em presença d'uma luzida companhia.

Não se descuidárão as nobres Damas de contar a El-Rei o quanto devião á filha do fidalgo de Borba; e sua Magestade que a nomeou açafata da Raínha, deo-lhe uma tença de 200,000 réis, e uma commenda mui locratica para o moço fidalgo que casasse com ella.

Não tardou muito tempo que o casamento de Azolina se não realizasse com um gentil cavalheiro de Villa-Viçosa, com quem viveo feliz, e deo naquella terra o mais primoroso exemplo de todas as virtudes conjugaes e domesticas.

LIÇÃO XII.

RECORDAÇÕES
do catecismo de primeira communhão.

Minha filha, quero consagrar uma tarde ás recordações do catecismo em que te instruiste na sciencia da Religião e te preparaste para fazer a tua primeira communhão; e o faço de tanto melhor vontade quanto é grande o sentimento que tenho de não ver em todas as freguezias de Lisboa catecismos bem organizados e bem feitos como aquelle que tu frequentaste em Pariz e de que conservas tão gratas lembranças.

Dou-me por feliz, minha filha, de ter podido dar-te em tua infancia aquella instrucção religiosa que convêm a uma menina bem criada, e que se não póde obter senão naquellas reuniões do catecismo, e feitas do modo que se

fazem em França. Que differença, minha filha, entre o que a este respeito lá se pratíca e o que entre nós se usa! Verdade é que as mãis, as avós e ás vezes as tias, ensinão a doutrina ás crianças; mas que comparação póde dar-se entre este ensino e as explicações que fazem os Padres aos meninos! Elles têem missão particular de Deos para ensinar, e nós não podêmos fazer outra cousa mais que fazer aprender de cór ás crianças a lettra da doutrina, sem podermos explicar o sentido, e até nos não devemos atrever a fazêl-o, porque não temos estudos para isso. Alêm de que aquella reunião das meninas, postas por ordem em seus bancos, aquelle silencio respeitoso que ali reina, aquelles hymnos que ellas cantão ao som de orgão, aquellas interrogações a que ellas respondem em alta e intelligivel voz, aquellas praticas cheias d'uncção em que os Padres explicão as verdades da santa Fé, interessão sobre maneira as meninas, e as acostumão desde sua infancia a serem piedosas e ganharem affeição ás cousas de Deos e a fortalecerem seu coração contra as seducções do mundo e do inimigo de nossas almas.

Em geral em França escolhem-se para os Catecismos os Padres mais instruidos, de melhores maneiras e que têem certo dom particular para fallar aos meninos e os tornar attentos e applicados; mas entre elles alguns ha que se distinguem, de quem os meninos gostão mais e a quem se affeiçôão d'um modo particular; ordinariamente são aquelles que no seu modo de ensinar se conservão ao alcance da infancia, e contão anecdotas e historias que vem a proposito, e pelas quaes se explica melhor o ensino da Religião, e se torna amavel a lei de Deos. Tambem é cousa muito util e proveitosa aquella noticia que o Chefe de Catecismo dá no fim da semana, diante de todas as pessoas presentes, das notas de cada uma das meninas, isto é de como se comportárão: se cumprírão todos seus deveres para com seus pais ou mestras, se ouvírão missa, se fizerão as suas rezas pela manhã e á noite, se forão obedientes, doceis, applidadas, etc. E muitas vezes acontece que algumas procedêrão mal, e se não emendárão de seus defeitos, então o director do Catecismo manda-as levantar para que suas com-

panheiras as vejão, ellas se envergonhem. Felizmente, minha filha, nunca te achaste nesse caso, antes sempre mereceste elogios; mas quantas vezes não viste tu algumas de tuas amigas derramarem abundantes lagrimas, por verem assim denunciados seus defeitos! Advertencia saudavel era esta, pois se emendavão, e raramente acontecia que a mesma menina recebesse segunda admoestação em publico.

E' mister confessar, minha filha, que um Parocho só não póde bem fazer um catecismo; é preciso ao menos que sejão trez Padres para que tudo marche bem e com ordem, e que haja variedade nas praticas e advertencias. Por esta razão é quasi impossivel que em nossa terra, onde ordinariamente o Parocho é só na sua freguezia, possa haver um catecismo bem feito; por isso te repito com prazer o que já te disse que deves dar muitas graças a Deos de teres feito tua primeira communhão em França, e muito desejo conserves inalteravel memoria d'aquelle dia o mais venturoso de tua vida.

E aquelle retiro que precede a primeira Communhão, aquellas prégações zelosas e pias,

aquella confissão geral, aquellas promessas solemnes feitas na Igreja, aquelle majestoso prestito de quinhentas, e ás vezes mais, meninas vestidas todas de branco, saindo duas a duas de seus bancos, indo pausadamente, com as mãos postas, olhos baixos, e seus véos cahidos, prostrar se diante da mesa eucharistica, para receberem o manná celeste, são na verdade cousas que deixão n'alma tão vivas impressões que nunca em toda a vida esquecer podem.

O que mais deves notar, minha filha, é que naquellas reuniões do Catecismo não ha só meninas; suas mãis ali vão tambem, e tomão tanto interesse em tudo que se faz a favor de suas filhas, que muitas vi chorar de gozo; e que proveito espiritual não resulta para ellas de ouvirem de novo aquellas explicações que noutro tempo lhes forão tão gratas! Pelo que a mim toca, digo-te, minha filha, que nada me causou maior jubilo em França, do que a minha e a tua primeira Communhão, por isso te fallo aqui com toda a effusão de meu peito.

Elisa. — Oh! minha querida mãi, tudo o que V... me diz está tão profundamente gravado

em meu coração que é impossivel que jamais me esqueça, e muitas graças dou a Deos porque assim o permittio. Quanto desejava eu frequentar o Catecismo de Perseverança! mas não o mereci a Deos! Faça-se em tudo a sua santa vontade. Desejava muito que minha mãi me explicasse que differença ha entre o Catecismo de primeira Communhão e o de Perseverança?

A MÃI. — Com muito gosto, minha filha; mas fál-o-hei á manhã; hoje quero terminar a nossa conversação por recordar-te aquella prática em que um dos Catecistas reduzio toda a instrucção a uma historia. Não te lembras que se tratava de explicar o sexto mandamento, materia mui delicada e em que é necessaria muita prudencia e circumspecção?

ELISA. — Ah! sim, minha mãi, a historia das duas Marias! Eu tenho a analyse d'essa pratica, e lembra-me que V... ma fez traduzir em portuguez, não só porque a achou interessante, mas tambem porque a prática fôra feita pelo nosso compatriota o P^e^ Roquette que então era Catecista em S. Tomaz d'Aquino, onde fiz a minha primeira communhão.

A MÃI. —Vai pois buscál-a, e lê-a com attenção, em voz alta; nós ambas renovaremos as saudosas lembranças d'aquelle santo tempo que passavamos na capella do catecismo.

As duas Marias.

Assignada a concordata, em 1802, entre o Papa e Napoleão, abrírão-se as Igrejas em França, os Parochos zelosos para logo organizárão catecismos, e todas as classes da sociedade ali mandárão seus filhos para receberem o ensino da religião santa de seus maiores, por tantos annos desprezada e perseguida.

Entre as meninas que o Parocho d'uma villa de Normandia instruia e dispunha para a primeira communhão havia duas, chamada uma e outra Maria, que entre ellas se destinguião, mas por bem differente modo.

Maria de N... era filha d'um antigo militar, fidalgote de provincia, que fôra coronel nas guerras da revolução; sua mãi era uma Senhora

de mui illustre nascimento, rica de virtudes e de prendas, mas pobre de bens da fortuna. Todos seus teres se limitavão ao montepio de seu marido, e com isto vivia mui parca e modestamente. Sua filha era naturalmente christã e devota; tão formosa como prendada, ella juntava aos dotes da natureza a modestia, a simplicidade, e uma candura angelica; era o modelo das meninas de sua idade; em casa, obediente e submissa, estudiosa e applicada; no Catecismo, exemplar, pontual em cumprir seus deveres; assim era ella estimada e querida de todas suas companheiras.

Maria N. era filha d'um grosso mercador que se enriquecêra a favor da revolução e que das cousas de Deos pouco entendia. Sua mãi era boa pessoa, mas sem educação e com pouca ou nenhuma religião. Não só não ensinava a sua filha os principios fundamentaes da Religião, mas dava-lhe máo exemplo, andando sempre nos bailes e theatros, lendo novellas immoraes, e vivendo inteiramente nos passatempos do mundo. Verdade é que ás vezes dava a sua filha bons conselhos, e até a reprehendia com aspe-

reza, mas ella era mais docil a imitar os exemplos da mãi do que a fazer o que ella lhe dizia. Quando foi crescendo fez-se altiva, escarnicadeira, senhora da sua vontade; vinha ao catecismo quando lhe parecia, quasi nunca sabia a lição, não dava attenção ás práticas; demais a mais era muito desvanecida de sua boniteza, e por vezes atrevida e descarada.

A mãi da primeira menina, quando não acompanhava sua filha ao Catecismo, dizia-lhe: Minha filha, toma bem sentido em tudo que te disserem os Padres, e quando vieres has de me dar conta de tudo que ouviste. Maria de N. cumpria fielmente a recommendação de sua mãi; e ás vezes o fazia com tanta viveza e animação que parecia um prégador que fallava; o que dava grande gosto e consolação a sua mãi.

Outro tanto não acontecia á segunda. Em lugar de vir direita para casa depois do catecismo, punha-se a brincar com os rapazes da rua; corria com elles, entrava em suas conversas, e não conhecia as leis da decencia e do pejo. Em vez de se corrigir de seus defeitos, á proporção que se aproximava a primeira communhão,

ia cada vez a peior, a tal ponto que o director do Catecismo vio-se obrigado a despedíl-a, dizendo-lhe que era indigna de tamanha honra por seu procedimento escandaloso; que era necessario dar provas de arrependimento, se queria no anno seguinte ser admittida outra vez ao catecismo. Em vez de se humilhar com esta admoestação, saío da capella furiosa, battendo com o pè no chão, e dizendo em alta voz que nunca mais alí poria os pés. Ah! para sua desgraça, teve palavra!...

A mãi de Maria de N. dedicou-se inteiramente á educação de sua filha, sobre tudo se applicava cuidadosa a inspirar-lhe desde seus mais tenros annos os nobres sentimentos do amor de Deos e do proximo. Dava-lhe a ler regularmente livros instructivos e devotos, em cuja leitura muito se deleitava a modesta menina. Lia ella um dia a vida de Santa Theresa, e ficou muito admirada de ver o que a santa diz á cerca das novellas, que lêra em sua mocidade com grande avidez... Sua mãi que estava presente e vio o embaraço de sua filha, disse-lhe muito de pressa: «Não te assustes, mínha filha, vai lendo para

baixo, e verás o que succedeo.» Com effeito, a mesma santa diz que, andando preoccupada com taes leituras, e sua imaginação muito exaltada, teve uma visão, em que se lhe figurou ver um anjo que lhe mostrava o lugar que lhe estava reservado no inferno se continuasse a ler aquelles perniciosos livros.

«As novellas ou romances, disse a menina a sua mãi, são pois tão máos livros que cheguem a produzir taes effeitos?! — Sim, minha filha, lhe respondeo a mãi, taes livros são muito prejudiciaes, sobre tudo para as pessoas do nosso sexo; elles só contêm mentiras, aventuras estravagantes, principios perversos, enredos absurdos e por vezes criminosos, que podem dar morte a nossa alma.» Aproveitou então a mãi esta occasião para lhe inculcar a leitura dos bons livros, e detestar os máos, dizendo-lhe:

«São os bons livros uns mestres mudos que ensinão sem fastio, fallão a verdade sem respeito, reprehendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos; e assim como, á força de tratar com pessoas honestas e virtuosas se adquirem insensivelmente seus habitos e cos-

tumes, tambem á força de ler os bons livros se aprende a doutrina que elles ensinão; fórma-se o espirito, nutre-se a alma, com os bons pensamentos, e o coração vem por fim a experimentar um prazer tão agradavel, que não ha nada com que se compare, e só o sabe avaliar quem chegou a ter a fortuna de o possuir. Pelo contrario, minha filha, um máo livro é um conselheiro perfido, que te lisonjêa para melhor te perder; é um traidor que se insinua em teu espirito e teu coração para os entregar a teus mais encarniçados inimigos; é um ladrão audaz que se introduz furtivamente em tua alma, e, depois de te roubar teu preciosissimo tesouro, a innocencia, põe-te uma venda nos olhos, perturba-te o espirito, desordena-te a imaginação, e derrama em teu coração o impuro veneno de que elle está cheio.»

Depois d'este discurso ficou a modesta menina convencida da verdade do que sua mãi dizia, e nunca mais teve o menor desejo de ler novellas nem outros máos livros.

Bem differente éra o procedimento da outra menina. Nunca abria um livro devoto, e teve

a infelicidade de ler desde seus primeiros annos livros de contos e novellas. Era ella mui curiosa e presumida; vigiava sua mãi para saber que livros ella lia, e como visse que sua leitura ordinaria era toda a sorte de máos livros, Maria N. se julgava tambem autorisada para os ler. Em balde sua mãi lhe prohibia esta leitura, nada a podia conter; e quando sua mãi dava costas, logo se lançava sobre os taes livros como um animal faminto que se precipita sobre a presa. Como sua mãi a encontrasse um dia toda embebida em taes leituras, e quizesse tirar-lhe o livro das mãos, disse-lhe mui atrevida: « Porque não poderei eu lêl-o, se V. M. o lê? » Altercava a cada passo com sua mãi, queria sempre ter razão, e seu pãi, que a tratava com demaziado mimo, punha-se quasi sempre por sua parte, e até lhe dava dinheiro para comprar todos os livros que ella quizesse. Impossivel é descrever o funesto estrago que taes leituras fizerão em seu espirito e em seu coração! Tinha sempre a imaginação exaltada, andava numa agitação continua, nem era senhora de si quando fallava ou fazia alguma cousa; cada

vez mais incivil e atrevida para com sua mãi, de quem escarnecia sem pejo nem vergonha.

A mãi da menina christã não ia nunca ao theatro, mas um dia que um de seus parentes lhe mandára dous bilhetes para ir ver, com sua filha, uma tragedia de Racine, assentou que podia fazêl-o sem escrupulo. Forão pois ambas ao theatro em companhia de pessoas respeitaveis, e recolhêrão-se á noite mui socegadamente. Porêm no outro dia pela manhã, levantou-se a menina mais cedo que o seu costume, veio ter com sua mãi, que ainda estava na cama, e disse-lhe: «Minha mãi, eu não sei o que tenho; toda a noite não pude dormir. Parece-me que devo ter offendido a Deos, minha consciencia não está socegada; disejava bem ir ver o meu Confessor.» Sua mãi não lhe fez a menor difficuldade, antes a acompanhou ella mesma, e lhe deo saudaveis conselhos para socegar seus escrupulos. Quando voltárão para casa deitou-se a menina aos pés de sua mãi, pedindo-lhe mui encarecidamente que não a levasse mais ao theatro, que ella queria antes ler a vida d'um servo de Deos, do que ver e ouvir tanta cousa

exagerada que punha em desassossego sua alma e sua consciencia. Sua mãi assim lh'o prometteo, e nunca mais forão ao theatro, nem a divertimentos mundanos.

A outra menina ia, sem o menor receio, a toda a sorte de theatros, bailes publicos; dansava como uma estouvada, ria ás gargalhadas, não fazia senão mirar-se; fallava com toda a sorte de gente, mettia-se em todas as conversações ainda as mais indiscretas e levianas; quando entrava á noite em casa parecia uma doida, e no outro dia estava de máo humor, respondona, colerica, atrevída e insupportavel. Algumas pessoas advertírão o pai do risco que corria sua filha, se continuasse o mesmo modo de vida, mas elle não fazia caso do que lhe dizião, antes dava louvores a sua filha, dizendo que era muito esperta e desembaraçada; e quando o apertavão muito, respondia com ar esquivo: «Quero que minha filha conheça o bem e o mal; depois fará como ella entender; não terá que se queixar senão de si mesma.»

Muito edificante era o modo como a menina christã passava os serões com sua mãi. Ora lia,

ora bordava, ou trabalhava na sua costura. Então era que seu amor filial se manifestava com mais ternura para com sua mãi, que então mais lhe mostrava seu carinhoso affecto. Uma noite em que a neve caía em frocos e branqueava os telhados, disse a menina a sua mãi: «Se meu pai fôra vivo, não estariamos nós tão tristes e infelizes. — Deos sabe o que faz, lhe respondeo a mãi; teu honrado pai não teria podido sobreviver aos horrores da revolução. Deos levou-o para si, dando-lhe morte honrosa no campo da batalha; adoremos os seus juizos e conformemo-nos com a sua vontade.»

Ditas estas palavras, callou-se por algum tempo; depois começou dizendo: «Grande foi a dôr que tive quando me faltou teu pai; pensei que nunca mais teria consolação. Com tudo tinha-te a ti, e d'esta lembrança me veio ao depois grande conforto, de que a Deos dou graças.»

A menina nada respondeo, mas abaixou a cabeça, e algumas lagrimas, que ella buscava esconder, caírão sobre a costura que tinha nas mãos. E a mãi continuou dizendo: «Deos, que

foi bom para com teu pai, tambem o foi para com nosco. Não somos ricas, minha filha, mas ainda até hoje nos não faltou o necessario para viver; e quantos ha que estalão á mingua? Verdade é que nos foi mister acostumar-nos a viver de pouco, e ganhar com nosso trabalho o que nos faltava para nosso sustento e tua educação; porêm tem-nos por ventura faltado alguma cousa? Quantos ha que em toda sua vida são condemnados a viver de seu trabalho! O pai do céo ainda nos não faltou com o pão de cada dia, e quantos ha que são obrigados a mendigál-o?! Temos, por sua mercê, nossa casinha, nosso lar, e quantos ha que fallecem de gasalhado para descançarem a cabeça?! Deo-te a mim; de que poderei queixar-me?»

A estas palavras, lançou-se a menina no cólo de sua mãi, beijou-lhe as mãos, e regou-as com suas lagrimas. E a mãi, esforçando-se por levantar a voz: «Minha filha, lhe-disse, não consiste a felicidade em possuir muito; mas sim em esperar e amar muito. Nossa esperança não se satisfaz neste val de lagrimas; nosso amor tampouco será aqui satisfeito. Depois de Deos,

tu es o meu tudo neste mundo; mas o mundo se esvaece como um sonho, por isso meu amor se levanta com tigo á celeste morada. Quando te trazia no meu ventre, fiz um dia uma fervorosa oração a Nossa Senhora, e te encommendei á sua protecção; appareceo-me a Virgem Maria no somno e pareceo-me vêl-a, coroada de gloria, abrindo um meigo sorriso, e presentando-me um engraçado menino. Tomei-o nos meus braços, e quando admirava sua rara formosura, poz a senhora em sua cabeça uma coroa de rosas brancas. Pouco tempo depois naceste tu, e a doce visão andava sempre diante de meus olhos.»

Dizendo isto, a virtuosa dona, deo um suspiro, estreitou em seus braços sua querida filha, e fizerão ambas uma devota oração á Rainha dos Céos, Mãi de Deos, Senhora Nossa e Consolação dos afflictos.

Crescia entretanto a outra menina, mas com ella crescião tambem os defeitos e os perigos. Sua vida mundana e dissipada trazia-a numa continua agitação; não se occupava senão de enfeites, de modas, de luxo; sua unica idéa

era parecer bem, chamar sobre ella a attenção dos mancebos, corresponder a seus cumprimentos, receber com satisfação seus elogios; e em tudo procedia com tão pouco recato, que todos lhe chamavão Maria *a douda*.

Um dia que sua mãi estava na sala com gente de fóra apresentou-se um mancebo, bem feito de sua pessoa, todo num pontinho, com ar de homem distincto, que vinha pedil-a para casar. A mãi, depois de ouvir sua pretenção, perguntou-lhe: «Que tem o senhor de seu? Em que se occupa? Minha filha é rica, e não ha de casar senão com quem tenha ao menos tanto como ella. — Eu não sou rico em bens, respondeo o mancebo, mas exerço uma arte mui estimada e lucrativa. — Que arte professa o Senhor? — Sou comediante. — Comediante? Não darei nunca minha filha a um comediante. E' o que me faltava. — Perdoe V. S. Tenho muita honra de ser comediante; alêm de que tenho a certeza que sua filha não ha de casar com outro; as cousas estão arranjadas de modo que, ou V. S. queira ou não queira, o casamento ha se de fazer sem perda de tempo.»

Ouvidas as razões do pretendente, a mãi vio-se obrigada a consentir no casamento. Fez-se sómente perante a autoridade civil, porque não tendo os noivos feito a sua primeira communhão, não podião receber na Igreja o sacramento do matrimonio; esta circumstancia foi mais um motivo de maldição para os dous infelizes que se casárão como se fossem pagãos.

Festas, divertimentos, passatempos, leviandades, forão as unicas occupações dos recemcasados. O dote desappareceo bem depressa. A herança de seu pai e sua mãi, que morrêrão pouco tempo depois, mais de paixão que de molestia, levou consummo em desperdicios e bangalés; Maria, porfim, fez-se comedianta e dansarina; para exercer sua profissão mais á sua vontade, não criou nenhum dos filhos que teve; pôl-os na roda dos engeitados; andava sempre ás bulhas com seu marído, que por fim deixou-a. Numa palavra, tendo sido má filha, foi tambem má esposa, e peior mãi. Taes forão as consequencias do máo procedimento da menina impia, e criada ásua vontade.

Sua desgraça chegou a tal ponto que foi aca-

bar ao hospital, servindo de escandalo e de desengano aos que a conhecião. Vivia ainda naquelle tempo o respeitavel Parocho que lhe ensinára a doutrina ; e como soubesse que ella estava no hospital, foi vêl-a quando estava para morrer; ao chegar-se á cama da infeliz Maria, lhe fez esta pergunta : «Conheceis-me , Maria ? — Sim, Padre ; respondeo ella. — Então , que vos dizia eu quando ereis menina ! Agora vedes o que acontece a quem se esquece de Deos e se entrega a suas paixões. — Sou muito culpada em tudo que me succede ; são certamente castigos de Deos ; mas minha mãi é ainda mais culpada do que eu ; se ella me tivesse reprimido e castigado quando era pequena , não chegaria eu á desgraça em que me vejo... — Verdade-é que sois culpada , continuou o Parocho , mas ainda é tempo de vos reconciliardes com Deos ; elle é bom e misericordioso , assim como perdoôu a Maria Magdalena, tambem vos perdoará se vos arrependerdes ; ainda vos poderei abrir as portas do céo. — Isso não é possivel , lhe respondeo a infeliz, demaziado offendi a Deos ; Magdalena peccou por fraqueza , e eu pequei

por malicia ; entreguei-me toda ao demonio ; já não sou senhora de mim. — A misericordia de Deos é infinita, continuou o Parocho, até ao ultimo momento não se ha de perder a esperança ; eu vou-me pôr em oração ao pé de vossa cama rogando a Deos se digne de commover-vos o coração. — E' tempo perdido.» Respondeo ella com voz rouca e medonha. Dizendo isto, estendeo-se na camo mostrando no rosto e nos olhos os symptomas da desesperação ; envolveo a cabeça na roupa, e ficou soffocada neste horrivel estado.

Por uma disposição particular da Providencia, morria nesse mesmo dia a outra menina, mas d'um modo bem differente. Varias vezes a tinhão pedido para casar, mas ella havia sempre refusado por causa de sua pouca saude. Era mui fraca do peito , e as poucas forças que lhe restavão queria consagrál-as a Deos. Seu mal foi cada vez a mais, até que por fim, vendo que sua ultima hora era chegada, recebeo o santo Viatico e Uncção extrema com grande devoção e recolhimento. Quando o momento supremo foi chegado, recobrou a virtuosa menina sua forças,

até parecia que voltava á saude, e grande gosto dava a sua mãi e mais pessoas que estavão chorosas em volta de seu leito. «Não choreis, disse ella, verdade é que muito hei offendido a Deos; mas não em cousas graves; resta-me a consolação de ter conservado minha innocencia. Em suas mãos entrego a minha alma; espero em sua misericordia que me receberá entre os seus escolhidos.» Sua engraçada boca não fallou mais; eclipsárão-se seus olhos; mas em seu semblante via-se o sorriso da beatitude de que sua alma justa devia de gozar no paraïso.

No dia seguinte vio-se atravessar as ruas da villa a tumba da misericordia, sem um Padre que a accompanhasse, sem caldeirinha nem cruz que a precedesse. Quatro gatos-pingados acompanhavão o corpo da infeliz Maria ao cemiterio onde se enterravão os Judeos e os Protestantes; pois que a sepultura em sagrado lhe fôra negada por ter vivido no escandalo e morrido impenitente.

Pouco tempo depois passava pelas mesmas ruas um magnifico cortejo, accompanhando o coche funebre que transportava os restos mor-

taes da virtuosa menina á sua derradeira morada. Innocentes meninas vestidas de branco accompanhavão o caixão, sobre o qual sobresaíão ramalhetes de rosas brancas e coroas de aureas perpétuas.

Durante a noite que succedeo ao enterro, acordárão os vizinhos, que moravão perto do cemiterio, sobresaltados com os gritos agudos e medonhos que sahião do cemiterio dos Judeos. Levantárão-se com espanto, e vírão uma fumaça negra que se levantava sobre a sepultura da desgraçada Maria, e os demonios que se debatião como animaes furiosos. Corrêrão a chamar o Parocho, que veio com o sacristão, e exconjurou os espiritos das trevas com exorcismos e agua benta.

Ao voltarem para casa vírão, o Parocho e as pessoas que com elle erão, uma luz diaphana, similhante á claridade da lua, que se elevava da terra para o céo, e ouvírão suavissimas vozes que entoavão celestes canticos: erão as vozes dos anjos que celebravão a entrada no céo da menina virtuosa e santa.

Sobre maneira admirados entrárão ainda no

dia seguinte quando achárão sobre a cova da mulher precíta um epitaphio escrito com carvão, que rezava :

AQUI JAZ A IMPUREZA.

E sobre a campa da venturosa predestinada lêrão, gravadas com lettras d'ouro, estas palavras :

AQUI JAZ A HONESTIDADE.

Estas duas vidas, bem differentes uma da outra, devem fazer comprehender ás meninas que a impureza é um demonio hediondo e furibundo, que as arrasta de abismo em abismo até as precipitar nas medonhas masmorras, em que não ha nem remissão nem esperança; e que a honestidade, e a pureza de costumes, se ellas têem a fortuna de as conservar, são dous anjos tutelares, que as defendem na terra e as transportão sobre suas azas até ao throno de Deos.

LIÇÃO XIII.

Catecismo de Perseverança.

MÃI. — Já te disse, minha filha, quanto sinto que não podesses frequentar, com tuas companheiras, o Catecismo de Perseverança em França, como era minha tenção. Para que não fiques ignorando inteiramente o modo como elle se faz, e o quanto é util ás meninas, vou dizer-te, pouco mais ou menos, o que te póde interessar a tal respeito.

O curso do Catecismo de Perseverança dura ao menos trez annos. No primeiro anno explica-se o Credo ou symbolo dos apostolos; no segundo, explicão-se os Mandamentos da lei de Deos e da santa Madre Igreja, e os peccados mortaes; no terceiro, os sacramentos, a graça e a oração. Em algumas freguezias ajunta-se

mais um anno aos trez; e neste quarto anno explica-se tudo o que respeita ao culto, ás ceremonias, ás festas, etc.

O curso das instrucções começa ordinariamente no primeiro domingo de novembro, e acaba no Domingo da Trindade. Neste dia dão-se os premios ás meninas que mais se distinguírão no estudo do catecismo, e do Evangelho, e na composição das analyses.

Em algumas freguezias de Pariz faz-se esta ceremonia com grande apparato e solemnidade. Depois de Vesperas sobe o Parocho ao pulpito, faz uma allocução aos meninos e meninas que, ás vezes enchem toda a igreja, e se achão postos por ordem em seus bancos; dirige-se logo aos pais e mãis que se achão presentes em grande número, fazendo-lhes comprehender quão importante é que seus filhos aprendão a conhecer a religião para serem bons filhos, bons cidadãos, etc.

Depois vem o Parocho tomar assento á entrada da Capella mór, onde se acha uma mesa com os livros que vão ser distribuidos por premios.

Entre tanto o Chefe do Catecismo sobe ao pulpito, e faz a chamada, começando pelos meninos e meninas que merecêrão melhores premios, os quaes vão com muita gravidade e boa ordem receber a recompensa bem merecida de sua applicação.

Em cada Catecismo ha ordinariamente trez Padres: um que é o chefe, e tem a seu cargo tomar as meninas a rol, designar-lhes o lugar que devem ter todo o anno na capella do catecismo, e dirigir tudo que diz respeito ao ensino e á disciplina que se ha de seguir em todo o tempo que durão os exercicios.

Eis aqui em que consistem estes exercicios. Reunidas as meninas na capella á hora designada, o director dá o signal com uma especie de matraca, que tem o feitio d'um livrinho de páo, que se abre com gonzos, e ao fechar dá um estalo; põem-se todas de joelhos; um dos Padres faz uma pequena oração, que consiste no signal da cruz, um Padre Nosso, uma Ave Maria, e outro signal da cruz, a que as meninas respondem alternadamente.

Nalguns catecismos das grandes freguezias

ha uma menina que é Presidenta, a quem pertence fazer a oração no principio e no fim do exercicio. Ha tambem uma secretaria que tem a seu cargo fazer um registo das Analyses, e recitações do Evangelho, etc. Tambem ha uma thesoureira que tem em seu poder as collectas que se fazem a favor das meninas pobres, os productos de loterias, e alguns dons de pessoas ricas, o que tudo se applica a vestir as meninas pobres, a dar-lhes um modo de vida, etc. Nas freguezias pobres nada d'isto existe, e são as irmãs da Caridade, e o Parocho que fazem o que podem a favor das meninas pobres e desvalidas.

Na primeira reunião de catecismo, feita a oração, o Director sobe á cadeira, que tem quasi a fórma d'um pulpito portatil, e expõe o plano ou programma das instrucções ou praticas que se hão de fazer naquelle anno; e não se descuida de fazer ver ás meninas a importancia das materias que se hão de explicar, e de recommendar-lhes quão attentas devem estar para aproveitarem as boas lições e santas advertencias que lhes são destinadas. Segue-se depois a homelia, de que logo faremos menção, e ter-

mina a reunião pela oração, como no principio.

Na segunda reunião, faz a oração o terceiro catecista, e logo depois a interrogação da lição do catecismo sobre a qual se ha de fazer a pratica. Finda a interrogação, que não é outra cousa mais que varias perguntas salteadas feitas ás meninas, ás quaes ellas respondem pondo-se em pé, o que dura ordinariamente de 15 a 20 minutos, canta-se um hymno ou cantico, no fim do qual o segundo catecista sóbe á cadeira e faz a prática segundo o programma adoptado pelo director.

Este genero de prégação faz-se em estylo singelo e familiar, mas animado e interessante, buscando o modo de captivar a attenção das meninas com imagens, exemplos, historias, e anecdotas interessantes, de que ellas muito gostão, e lhes deixão gravadas na memoria as verdades que se lhes quer inculcar. O catecista tem cuidado de dividir em dous ou trez pontos a materia que vai explícar, e de fallar pausadamente, para as meninas terem tempo de tomar os seus apontamentos e poderem depois fazer as suas analyses.

Dura esta prática de 25 a 30 minutos ; no fim da qual canta-se outro hymno , findo o qual o chefe ou primeiro catecista sobe á cadeira e faz recitar a algumas meninas o Evangelho do dia durante um quarto d'hora , e depois faz uma breve homelia sobre o evangelho , explicando o que precisa de explicação e fazendo algumas applicações moraes e pias que possão servir a morigerar as meninas , e dar-lhes bons sentimentos á cerca de seus deveres de religião. Dura a homelia quando muito um quarto d'hora , finda a qual , faz-se a oração , e acabou-se a reunião.

Na terceira reunião, faz-se tudo como na precedente , com esta differença, que é o chefe que faz a oração , o terceiro catecista faz a prática , e o segundo a homelia. Esta mesma ordem se vai seguindo sempre de modo que o que faz a prática hoje, faz a homelia para o dia seguinte, e no outro a oração , e assim se alternão , para não fazer sempre uma mesma cousa.

Nesta terceira reunião ha mais uma circumstancia assaz importante no catecismo , e vem a ser as analyses e o livro dourado em que a

mais bem feita é transcrita ; honra a que as meninas aspirão com grande ardor, por isso se lhe dá em francez o nome de *cahier d'honneur*, que não é outra cousa mais que um livro em branco, muito bem encadernado, com as folhas douradas, onde se transcrevem as analyses de cada anno.

Na segunda reunião, como as meninas jà tiverão oito dias para fazerem as suas analyses, trazem-nas ordinariamente muito bem escriptas, cada uma d'ellas numa caderneta de 20 a 30 laudas, cosidas com fitas de varias cores atadas com laços, e as entregão ao Padre que fez a prática. No domingo seguinte, este mesmo Padre apresenta uma lista com os nomes das meninas que fizerão analyses, e por ordem de merecimento; na cabeceira do rol está a que levou a palma, e que por isso lhe pertence o livro dourado onde hade transcrever a sua Analyse.

Acabada a interrogação, nomeia o Catecista em voz alta a menina que tem a honra da primazia, depois vai nomeando as que mais se approximárão da primeira, e que são designadas pelo numero 5, o que quer dizer *muito bem;*

depois destas vem outra categoria designada pelo numero 4, o que quer dizer *bem;* segue-se o numero 3, que significa *assaz bem;* raramente apparece o numero 2, que significa *soffrivel;* ainda mais raro é o numero 1, que quer dizer *mal.*

Acabada esta leitura, e em quanto se canta o hymno, a menina que teve a primazia levanta-se do seu lugar e vai reunir as novas analyses de suas companheiras para as entregar ao Padre que ha de lêl-as, durante a semana, e fazer a lista no domingo seguinte, como se fez neste. Entretanto o Padre que acaba de ler a lista tem na mão o masso das analyses, vai entregál-as ás meninas a quem pertencem, e depois entrega o livro dourado á que o mereceo por sua boa composição.

E' na verdade um triumpho para uma menina alcançar a honra de ter o livro dourado. Algumas ha que perdem noites a trabalhar para serem as primeiras, e as mestras dos differentes collegios de meninas dão a isto tal importancia que ornão com debuxos e miniaturas a portada da pagina onde começa a Analyse. Vêem-se ali

emblemas biblicos e ecclesiasticos, anjos com trombetas, imagens de Santos, com lindos dourados, tarjas mui graciosas e variadas; por tal modo que o *Livro dourado* parece-se com alguns d'esses manuscritos da idade media, hoje muito estimados.

Eís aqui, minha filha, quanto te posso dizer á cerca do Catecismo de Perseverança, que muito sinto não podesses seguir em França. Não é de minha competencia explicar-te as verdades dogmaticas e moraes que ali se ensinão, mas aproveitarei alguns apontamentos que noutro tempo tomei para te dar algumas advertencias que te serão uteis na carreira de tua vida.

Em lugar da historia do costume vou repetir-te um preambulo por onde o nosso compatriota começou um anno o curso de práticas.

O Pastor ancião.

Um viajante, que viéra de longes terras, achou-se á boca da noite junto d'uma espessa e sombria mata; como não podesse nem parar ali

nem voltar para traz, forçoso lhe foi entrar na espessura durante as trevas. Ao penetrar naquella medonha escuridão, vislumbrou um pastor ancião a quem pedio lhe ensinasse o caminho.

«Ah! lhe diz o pastor, não é facil ensinar-vos o caminho; a mata é entrecortada de mil veredas que se cruzão e voltêão, que se confundem umas com outras, e que todas, á excepção d'uma só, vão parar ao abismo. — A que abismo? pergunta o viajante. — Ao abismo que cinge toda a mata. Ainda isto não é tudo, continua o pastor, a mata não é segura, está infestada de ladrões e de bestas feras; ha entre ellas uma medonha serpente que faz a cada passo horriveis estragos: poucos dias se passão que não encontremos os restos de alguns infelizes viajantes que forão victimas de suas garras. A maior desgraça é porêm que não podeis chegar ao lugar a onde quereis ir sem atravessar esta mata. Condoïdo dos muitos infortunios que nella acontecem, venho todos os dias pôr-me á entrada d'este perigoso passo para advertir e proteger os pobres viandantes. De distancia em

distancia estão meus filhos que, animados de iguaes sentimentos, desempenhão as mesmas funções que eu. Offereço-vos os meus serviços e os seus d'elles; se quereis, vou acompanhar-vos e guiar-vos a porto seguro.»

O ar de candura do ancião, o tom de verdade que respirão suas palavras, inspirão confiança ao viajante; acceita o offerecimento. Com uma mão pega na lanterna que tinha ao pé de si, com a outra segura o braço do viajante, e eilos a caminho.

Como tivessem já andado algumas leguas começárão as forças a faltar ao viajante. »Encostai-vos a mim, lhe diz seu fiel conductor.» Cobrou animo o viajante e continuou seu caminho. Entretanto começa a luz a fraquear, e quasi se vai apagando.» A lanterna não tem azeite, diz elle ao pastor; se ella se apagar, que será feito de nós? — Tende animo, lhe responde o ancião, daqui a pouco vamos encontrar um de meus filhos que porá azeite na lanterna.» — Não se enganava o bom do velho, que já se avistava ao longe uma luzinha, na direcção da qual se forão encaminhando até que chegárão a uma

cabana que estava á borda do caminho. A' voz bem conhecida do velho, abre-se a porta, entrão os caminhantes, assentão-se em campestres cadeiras, uma modesta ceia lhes é offerecida, convérsão todos em santa prática, e depois de uma hora de repouso, continua o viajante seu caminho conduzido pelo filho do velho, que se despede d'elle com affecto e ternura, dizendo-lhe: «Não tenhais medo, meus filhos farão como eu e vos conduzirão a salvamento.»

De longe em longe foi encontrando o viajante outras similhantes cabanas, onde recebeo igual hospitalidade, e achou novos guias para o acompanhar; e assim foi andando toda a noite. Douravão já o horizonte os primeiros raios do astro do dia quando chegava, sem máo encontro, á extremidade da perigosa mata. Então conheceo elle de quanto era devedor ao veneravel ancião e a seus caridosos filhos. Aparece então a seus olhos um medonho abismo no fundo do qual resôa o murmurio surdo e distante d'uma torrente. — «Eis aqui, lhe diz o guia, o abismo de que vos fallou meu pai; ninguem lhe co-

nhece o fundo, está sempre coberto de espessos nevoeiros que os olhos não podem penetrar.»

Ao dizer estas palavras dá um profundo suspiro, e, com as costas da mão, enxuga duas grossas lagrimas que lhe corrião pelas faces. — «Estais afflicto? lhe diz o viajante.—Ah! como quereis que o não esteja? Posso eu ver este abismo sem me lembrar de tantos infelizes que cada dia aqui vêm perder-se? Em balde nos cançâmos, meu pai e nós, a offerecer-lhes nossos serviços, bem poucos os acceitão. A maior parte d'elles, depois de terem andado algum tempo por nossa guia, accusão-nos que lhes causâmos medos vãos e sem motivo; desprezão nossos conselhos, e deixão-nos; mas bem de pressa se extravião e perecem miseravelmente ou tragados pela monstruosa serpente, ou assassinados pelos ladrões, ou afogados neste medonho abismo; pois não ha, para o atravessar, senão esta pontezinha que alí está diante de vós, e nós sós conhecemos a vereda que a ella encaminha. Passai-a com segurança, diz elle voltando-se para o viajante e abraçando-o com ternura; da

outra banda faz dia claro, là é vossa patria.» O viajante, penetrado de reconhecimento, dá os agradecimentos a seu caridoso guia, promette-lhe de nunca d'elle se esquecer, e caminhando com ligeiro passo, atravessa rapidamente a ponte: poucas horas depois, descançava deliciosamente no seio de sua cara familia.

«Jovens Christãs, disse então o Catecista, esta historia vos mostra qual é a necessidade do Catecismo de Perseverança em que aprendeis a Religião que só póde dar-vos a felicidade neste mundo, e preparar-vos a bemaventurança no outro. Não sois vós uns viajantes vindos de longes terras? A mata escura e sombria é o mundo, é a vida que tendes que atravessar; os ladrões, são os inimigos de vossa salvação; a medonha serpente que faz tantos estragos, é o demonio; o abismo tenebroso e sem fundo, é o inferno; os differentes caminhos que atravessão a mata em todas as direcções, são as mui numerosas estradas que vão dar á eterna desgraça; a unica vereda que vai ter á ponte, é o estreito caminho do Céo. O pastor caridoso que está á entrada da mata, e offerece seu braço e sua luz aos

viajantes, representa o divino Pastor das almas, que desceo do céo para soccorrer e allumiar o mundo; os filhos, que ajudão o generoso ancião em seu caritativo ministerio, são os ministros do Senhor, consagrados como elle a proteger e guiar o homem viajeiro; a luz de sua lanterna é o facho da fé, que, segundo a expressão de S. Pedro, «brilha como uma lampada nas trevas»(1). Escusado é explicar-vos o que significão o homem docil aos conselhos do ancião e os imprudentes que recusão seus serviços, e sua luz. Fazer-vos comprehender a importancia do ensino e prática da Religião é o fim principal d'este catecismo.....»

---

(1) II Petr. I, 19.

LIÇÃO XIV.

O céo e a terra.

MAI. — Minha filha, quero hoje ler-te um fragmento da prática que ouvi ao nosso compatriota no Catecismo de Perseverança. Era o assumpto a creação do mundo. Eis aqui pouco mais ou menos suas palavras.

«De todas as maravilhas de que a mão do Creador enriqueceo o universo, a primeira, a mais portentosa, e a mais capaz do nos dar a idéa da omnipotencia divina, deixando-nos conconvencidos de nossa pequenez, é incontestavelmente o aspecto do céo.

«Que homem, ao contemplar a extensão immensa do universo, a sabedoria das leis immutaveis que governão cada uma de suas partes,

a harmonia que resulta de tão diversos elementos, de tão variadas formas, de tão differentes acções, de tantas particularidades que todas se exercem sem se chocarem nem se embarassarem umas com outras, essa azulada abobada em que scintillão infindos lumes; que homem, á vista de maravilhas tantas, se não sente penetrado de admiração tal, que, forçando sua razão a humilhar-se, curva no pó sua fronte em presença do Deos Creador?! Que homem, a não ser elle cego de soberba, não reconhece que só a omnipotencia divina, empregando na composição do mundo meios por extremo simplices, pôde produzir tão estupendos resultados?!...

«Lancemos os olhos á primeria pagina das sagradas lettras, e ficaremos admirados da simplicidade com que tantas maravilhas nos são annunciadas.

«Antes da creação não havia tempo, porque o tempo é a successão e o curso das cousas, e antes da creação não havia cousas. Não havia senão o eterno e a eternidade. Em seis dias criou Deos o mundo. No primeiro criou o céo, a terra, as aguas, o fogo e a luz. No segundo

criou o firmamento, e dividio as aguas que estavão debaixo do firmamento das que estavão sobre elle. No terceiro reunio as aguas que estavão debaixo do firmamento, e appareceo o solido que cobrião. Ao solido chamou *terra*, e ás reuniões das aguas *mares*. Fez tambem que a terra produzisse neste dia plantas e arvores. No quarto criou o sol, a lua e as estrellas, para que signalassem os dias e as noites, as estações e os annos. No quinto fez que as aguas produzissem peixes e aves. No sexto mandou á terra que produzisse as feras e os reptis ou animaes que se rojão pela terra, e com isto forão acabados os céos e a terra e todo seu adorno.

«Tal é, em compendio, a singela relação que nos faz a Sagrada Escritura da creação do mundo. Porêm em sua singeleza que portentos não encerra! Faça-se a luz, disse, e a luz appareceo; faça-se o ceo, e o ceo foi feito; faça-se a terra, e a terra foi feita; faça-se o sol, a lua, as estrellas..., e o sol, a lua, as estrellas forão feitas. Oh poder omnipotente! Com um *faça-se*, fez tudo. Com um *faça-se* cria esta enorme mole de terra que pisamos, esses assombrosos globos

que voltêão sobre nossas cabeças, e essa immensa abobada dos céos que nos rodêa por todas as partes. Obras estupendas que assombrão a todos os sabios, e que devem chamar a attenção e encher de admiração a todos os homens! Paremos por alguns momentos nossa consideração nellas.

«Depois de cincoenta e oito seculos, e das mais empenhadas e penosas viajens, ainda se não pôde averiguar ao certo a grandeza da terra, e crê-se que ainda é maior a dos mares que a rodêão. Porêm, onde estriba, ou sobre que fundamentos descança esta enorme mole de agua e terra? Não se sabe, ou para melhor dizer, sabe-se que sobre nada descança. Que assombro! Como está suspensa no ar! Que pasmo!...

«Que diremos da multidão de seres que contêm esta grande mole?! São innumeraveis os viventes que sustenta a terra, e por ventura encerrão mais os mares. A multidão de especies e a infinidade de individuos que se descobrem á simples vista nos admira; porêm é incomparavelmente maior a que nos descobrem os instrumentos. Os microscopios presentão ao homem

um novo mundo de viventes que nunca houvera visto. E quem sabe se outros novos instrumentos descobrirão outro novo! Porêm, sem recorrer a instrumentos, que multidão de maravilhas não se presentão ao homem por onde quer que estenda sua vista! Que quadro tão admiravel e magnifico não lhe offerece o mar quando estende seus olhos sobre aquella immensidade de aguas congregadas em fórma espherica, sobre aquelle cristal immenso em que tão vivamente reverbera a divina omnipotencia!! Suas entumecidas ondas, que parecem tocar no céo, e seus espantosos abismos em que se deslumbrão nossos olhos; suas impetuosas correntes e suas socegadas planicies; a variedade de ilhas que estrellão sobre suas aguas, os dilatados continentes que as encerrão, e até as meudas arêas que contêm seus frequentes alvorotos e continuos fluxos... tudo é magnifico, tudo encanta, e tudo publíca um Creador omnipotente.

«Não é menos admiravel e magnifico o quadro que presenta a terra. Seus empinados montes, fragosas serras, que recebem as neves como em deposito para refrescál-a em tempo compe-

tente; as torrentes que se precipitão por seus despenhadeiros para formar caudalosos rios, que correndo apraziveis pelos valles, cruzão e dividem as provincias e reinos, fertilizão as veigas, dão vida aos vergeis e levão a fartura e abondancia a toda a parte; a natureza, que renasce na primavera e vem presentar de novo aquella multidão de animaes e de plantas que havião desapparecido no outono; a variedade de flores e fructos que tornão a cobrir os campos... Ah! um só prado quantas maravilhas não presenta! Que variedade de hervinhas e de boninas! Que prodigiosa estructura em cada uma d'ellas! Quem será capaz de conhecer o modo como se formão, a delicadeza de suas fibras, a multidão de peças de que se compõem, os laços que as unem, as molas que as movem, como rompem a terra e se abrem caminho para viver em sua superficie, como se matizão de tão variadas e brilhantes cores?... Oh! entrai, sabios do mundo, nestas investigações, e uma só violeta vos dará occupação para toda a vida. Tão portentosa se ostenta por mar e terra a divina omnipotencia!

«E se isto nos succede no globo que habitamos e temos á vista, que nos succederá com esses globos que se movem a tanta distancia de nós! O homem que, valendo-se de toda a penetração de seu entendimento e auxiliando-se dos admiraveis instrumentos que inventou o engenho para approximar e avultar os objectos, entra neste campo da omnipotencia, para logo se perde em seus immensos espaços, e se vê obrigado a exclamar: Altas são, Senhor, vossas obras! Quem poderá pesál-as nem medíl-as? Na verdade a terra que nos parece tão grande e que na realidade é comparada com essa immensa abobada dos céos, vem a ser como um grão de arêa. A magnitude dos astros que a occupão e a distancia em que se achão é espantosa. Mais de sessenta mil leguas ha desde a terra á lua, porêm isto é pouco. O sol dista da terra mais de vinte e cinco milhões de leguas, e é um milhão de vezes maior do que ella. Ainda mais. Duzentos cincoenta e dous milhões de leguas vão desde a terra ao planeta Saturno. Um celebre mathematico calculou que uma bala disparada d'um canhão e voando sempre com igual velo-

cidade gastaria mais de dozentos annos a chegar da terra áquelle planeta. Quem não se enche aqui de espanto! Pois ainda resta muito que andar. A cima do planeta Saturno estão as estrellas. E a que distancia? Isso não se sabe. Ainda se não pôde inventar um instrumento com que medir sua altura. Sem embargo, por um discurso bem fundado inferem os astronomos que as estrellas se elevão a cima da terra mais de quinhentos milhões de leguas. Que altura, céos! Qual pois será sua grandeza para alcançar-se a vêl-as em tão enorme distancia?! Haverá estrella que será um milhão de vezes maior que o sol. Espantosa magnitude! Pois façamos agora outra conta não menos espantosa. Sendo o sol um milhão de vezes maior que a terra, e não cobrindo dos céos a simples vista mais que a copa d'um chapeo, qual será a grandeza dos céos que ficão descobertos?! Qantos milhões de sóes não caberião nelles! Dissemos que o sol dista vinte cinco milhões de leguas da terra. Qual pois será a extensão dos céos por onde dá sua volta o sol e percorre sua carreira?! Mais, os planetas se elevão muitos

milhões de leguas a cima do sol. Quem poderá calcular a grandeza dos Céos por onde caminhão e gírão os planetas? Ainda mais. Achão-se as estrellas em tanta altura que nenhum instrumento alcança a medir sua distancia. Qual pois será a extensão e grandeza dos céos por onde caminhão e girão as estrellas? Oh Céos immensos! Oh Criador omnipotente! Eu me abismo e me aniquil-o, e prostro no pó ao contemplar as obras de vossa dextra! E para quem fez Deos estas obras immensas? Isto é ainda mais assombroso. Fêl-as para o homem!...»

O velho cacique.

Dous Missionarios, idos de França, chegárão ao meio de selvagens da America, que nunca tinhão ouvido fallar da Religião Christã; começárão logo a evangelizál-os, e eis aqui como elles contão o bom successo de sua missão.

Depois de varias instrucções preliminares reunimol-os um dia no meio da aldeia e dissemos-lhes: «Ha na religião do Grande Espirito

(assim é que elles chamão a religião christã) uma acção de que se falla aos meninos desd'a mais tenra idade; acção para a qual os preparão varios annos de antemão; recommendão-lhes que pensem nella a míudo e rezem com fervor para bem a fazerem. Muito tempo antes de serem admittidos instruem-nos todos os dias de tudo que diz respeito a esta grande acção, das grandes disposições que ella exige, dos bons resultados que deve ter se for bem feita. Obrigão-nos a purificar a miudo seu coração pela confissão e arrependimento de suas culpas. Quanto mais se vai approximando o dia d'esta grande acção, tanto mais os mestres redobrão de zelo, de vigilancia e de sollicitude; as Roupetas pretas (por este nome é que os selvagens designão os padres) examinão publicamente os meninos, para verem se estão bem instruidos na fé e doutrina christã; informão-se em particular de seus costumes e boas disposições, e buscão quanto podem para lhes commoverem o coração com piedosas admoestações. Não só os meninos se preoccupão do exame, mas até os pais estão em cuidados nesse dia, informão-se com

desvélo se seus filhos farão sua primeira communhão, e quando recebem esta boa nova ficão saltando de contentes. Todos os discipulos do Grande Espirito redobrão de fervor; de todas as partes se elevão ao céo mãos supplicantes a favor dos meninos da primeira communhão. Finalmente, cinco dias antes suspendem-se todas as occupações, todos es estudos dos meninos, para que não pensem em outra cousa mais que na grande acção que vão fazer.

Reunem-os nas igrejas, ou em grandes capellas, ao pé dos altares; e ali vem ordinariamente um Padre de fóra prégar-lhes as grandes verdades da religião, e repetir-lhes que, da acção que vão fazer depende sua felicidade ou infelicidade no tempo e na eternidade.

As estas palavras ficárão todos os selvagens absortos e admirados. Depois d'um instante de silencio, levantou-se um Cacique já ancião (1), e disse em nome de todos: «A acção de que me fallas deve de ser na verdade bem impor-

(1) Chama-se assim o cabeça da aldeia entre os selvagens.

tante : ! Em quanto a mim, olho-a como a mais importante de quantas ordena a Oração (1), pois não conheço nenhuma para a qual se tomem tamanhas precauções, e se tenhão tantos cuidados. Dize-me, Padre, engano-me eu por ventura? — Não, lhe respondi eu, tens razão. — Dize-me agora, que acção é pois essa que péde tanta preparação? » E todos os selvagens se unírão ao ancião para me dizerem : «Padre, dize-nos que grande acção é essa?»

— O Grande Espirito que eu vim annunciar-vos, lhes respondi-eu, é o Deos que adorão os christãos. Este Senhor todopoderoso é quem criou o céo e a terra, vossos lagos, vossas matas, os animaes, as plantas e o homem. Porêm o homem que elle havia criado innocente e bom; o homem que formára á sua imagem e similhança, levou sua ingratidão ao excesso de rebellar-se contra o Grande Espirito. Por esta rebellião fez-se a si mesmo grandissimo mal; perdeo a immortalidade, a elevação de sua intelligencia, ficou propenso ao mal, e exposto a mil mise-

(1) E' o nome que os selvagens dão á religião.

rias. Com tudo, o Grande Espirito, tão cruelmente ultrajado, não abandonou sua indigna creatura, antes teve d'ella compaixão. Quiz reparar o mal que ella se tinha feito a si mesma, e restituir-lhe os bens que ella tinha perdido.

— O Grande Espirito é excessivamente bom, disse com voz submissa o velho Cacique.

— O Filho do Grande Espirito offereceo-se para resgatar o homem; mas este Filho adoravel, tão grande, tão poderoso como seu Pai, Deos como elle, não podia soffrer. Com tudo, para expiar o peccado do homem, era necessario soffrer. Que fez o Filho do Grande Espirito? Tomou um corpo e uma alma como o homem; neste estado pôde então soffrer, e soffreo verdadeiramente os opprobrios, a pobreza, as humiliações, a morte, para satisfazer á justiça de seu Pai e salvar o homem.

— O Filho do Grande Espirito é excessivamente bom, disse o velho Cacique.

— Havia elle cumprido sua missão, o homem estava salvo, mas seu amor não estava ainda satisfeito; havia de voltar ao ceo, d'onde

descêra, mas suas delicias erão ficar com os filhos dos homens. Buscou pois um meio prodigioso de ficar sempre com nosco, para nos consolar, nos defender, nos dar forças para supportar os trabalhos da vida e vencer os perigos que nos cercão. Como se tudo isto não fôra bastante, quiz restituir-nos nossa primeira similhança com o Grande Espirito; buscou pois um meio para unir-se intimamente com nosco, fazer com nosco um só tudo, como duas gotas d'agua misturadas juntamente fazem uma só gota. Assim que, depois de nos ter dado tudo, resolveo dar-se a si mesmo. Eis aqui como elle effectuou este admiravel designio.

— Padre, sabes-tu que me fazes chorar de ternura? Disse brandamente o Cacique; e enxugou as lagrimas que lhe corrião a pares pelas enrugadas faces.

«Na vespera da sua morte, mandou dous de seus discipulos preparar uma grande sala, onde havia de fazer com elles seu ultimo banquete. Era chegada a noite quando se poz á mesa com seus discipulos; comêrão todos o cordeiro pascal; e depois de amorosa prática, o Filho do

Grande Espirito toma em suas mãos o pão, dá graças a seu eterno Pai do poder infinito que lhe havia dado, benze-o, parte-o em pedaços, e distribue-o a seus discipulos, dizendo-lhes: *Isto é meu corpo*. Logo de pois, pega numa taça cheia de vinho, benze-a e offerece-a a seus discipulos, dizendo: *Isto é meu sangue que será derramado por vós*. Com a mesma rapidez com que appareceo a luz á vóz do Creador, se transformou o pão e o vinho no corpo e no sangue de Jesu-Christo por sua omnipotente palavra. »

O velho Cacique olhou attentamente para mim sem poder articular uma só palavra, e vi cair-lhe dos olhos abundantes lagrimas.

«Tudo isto não bastava ainda ao Filho do Grande Espirito. Elle quíz que todos os homens até ao fim do mundo podessem unir-se a elle nutrindo-se de sua carne adoravel e de seu precíoso sangue. Mas quem poderá fazer como elle, e mudar o pão e o vinho em seu corpo e em seu preciosissimo sangue? Nosso Pai do Ceo achou em sua bondade um prodigioso meio para satisfazer ao desejo de seu amoroso coração. Conferio o supremo poder a seus discipulos e a

todos seus successores até ao fim dos seculos. Institui-os seus ministros e sacerdotes da nova alliança, e fez d'elles uma especie de Christos na terra; por isso são tão respeitados os que chamais roupetas pretas. As palavras que elles proferem quando offerecem o tremendo sacrificio têm a mesma virtude que as do Filho do Grande Espirito. A' sua voz abre-se o Céo, desce d'elle o verbo divino e repousa em suas mãos. Occulto, como na primeira vez, debaixo das apparencias do pão e do vinho, passa d'ali aos labios e ao coração dos christãos que o recebem. A primeira vez que elle desce assim ao coração d'um de seus filhos, é o que nós chamâmos a primeira communhão. D'esta grande acção é que eu vos fallava ao principio, á qual prepárão os meninos com tanto desvélo e sollicitude.»

Ao ouvir contar tantos prodigios de amor, o veneravel Cacique beijava a terra com profundo respeito, e todos os selvagens, attonitos e confusos, olhavão uns para os outros, depois para nós sem poderem articular palavra; quando de repente levanta a voz o ancião, e commovido

até ao fundo d'alma, exclama: «Quão bom é o filho do Grande Espirito!» E todos os selvagens repetírão a uma voz: «Quão bom é o filho do Grande Espirito!»

Prodigio grande! Esta era a palavra que repetião, ha dezoito seculos, os pagãos a quem os Apostolos annunciavão a mesma maravilha: *Quão bom é o Deos dos Christãos!* Tão verdade é que esta historia da infinita caridade de Deos excita em toda a parte e em todos os tempos os mesmos transportes de reconhecimento, de admiração e de alegria.

Fallei depois ao Cacique, e disse-lhe:

— Achas-tu que é muito o que se faz para preparar os meninos á Primeira Communhão? Achas-tu que ha exageração quando se lhes diz que esta acção é a mais importante de sua vida?

— Padre, que me perguntas-tu? Admirado estou eu que ainda se não faça mais. Receber em pessoa o Filho do Grande Espirito, parece-me cousa tão bella, tão magnifica, tão excellente que passaria de bom grado o resto de minha vida a me preparar para bem celebrar tão estupenda acção. Se queres fazer-me parti-

cipante de tão venturosa dita, ficarei sempre com tigo ; não irei nunca mais á caça. »

Se estes erão os sentimentos de pobres selvagens, quaes não devem ser os dos meninos que se preparão para fazer a Primeira Communhão?!...

LIÇÃO XV.

Creação do homem; seu estado de innocencia.

A MÃI. — Minha filha, quero ainda hoje ler-te um fragmento d'uma prática á cerca da creação do homem e de seu estado de innocencia.

«Logo que Deos criou o universo, dizendo *faça-se*, e fallando como uno em essencia, fallou como trino em pessoas, e disse: «Façamos o homem á nossa imagem e similhança;» e criou o homem á sua imagem e similhança. Formou de barro um corpo de carne, o mais admiravel e prodigioso de todos os corpos por sua organização, o mais formoso por seu semblante, e o mais nobre por sua postura recta e disposta para olhar para o Céo, sua patria eterna, com

differença dos animaes que olhão para a terra. Criou uma alma sem igual no mundo, e só a Deos similhante como os anjos. Unio d'um modo ineffavel este corpo e esta alma, e ficou feito o homem. Para este homem pois, para este anjo humano, para collocar esta imagem de sua divindade, para servir a este ser excelso, criou Deos o universo. Mas não parou aqui a liberalidade do Senhor, ao mesmo tempo que o formava, infundia em sua alma a graça santificante, adornava-o com as virtudes e dons do Espirito santo, e o declarava com direito, depois de haver reinado temporalmente na terra, a reinar eternamente no ceo. Tão generoso, para não dizer pródigo, andou Deos com o homem em sua creação.»

«Expliquemos em que consiste esta similhança do homem com Deos. Não é certamente no corpo; porque ainda que admiravelmente formado por sua omnipotencia, é barro e se ha de converter em pó; mas sim na alma, a qual propriamente representa a Deos no seu ser sobrenatural, que lhe vem da graça santificante, e nas suas naturaes perfeições. Estas propriedades

que tornão a alma similhante a seu Creador, são principalmente seis:

1º Por ser ella, como Deos, um puro espirito invisivel aos olhos do corpo, e indivisivel no lugar onde está, presidindo ella toda inteira a todo corpo e a cada uma de suas partes, como Deos preside todo a todo mundo, e todo a cada uma de suas partes.

2º Por ser ella, como Deos, immortal, não dependente do corpo, bem que nelle esteja, mas sobrevivendo eternamente ao corpo.

3º Por ser ella, posto que unica, de trez nobres potencias: memoria, entendimento e vontade; como Deos é uno na essencia e trino nas pessoas.

4º Em ter ella um livre arbitrio similhante ao de Deos, plenamente senhor de querer ou não querer uma cousa como lhe apraz; de modo que não é possivel forçál-a contra a propria inclinação.

5º Em ser capaz de virtude, de sabedoría, de graça, e por conseguinte da bemaventurança, e da gloria eterna; e não poder ser satisfeita

senão com Deos, assim como Deos não se satisfaz senão com sigo mesmo.

6º Em ser superior por dignidade e dominio a todas as cousas visiveis e corporaes; as quaes todas lhe são inferiores, e se occupão em seu serviço; o que representa o soberano senhorio de Deos sobre todas as cousas.»

«Por todas estas propriedades, intrinsecas á nossa alma, se prova que o homem é feito á imagem e similhança de Deos..... Quão obrigados devemos pois ser ao Divino Fabricador do mundo, que desde nossa primeira creação nos enriqueceo de tão distinctos e preciosos dons!»

«Paremos ainda um instante para contemplar esta obra prima do grande artifice do universo.»

A' frente dos seres animados apresenta-se o homem, elevando-se como rei sobre todos elles. Se unicamente se examinassem suas necessidades, pareceria que só na figura se differença dos outros animaes; porque nasce, vive, padece e morre como elles. Que é pois o que o distingue? A *alma,* aquella inspiração divina que Deos nelle infundio, por meio da qual se assenhorêa

em certo modo da terra, e domina sobre tudo o que póde alcançar. O bruto mais sagaz não emprega suas faculdades senão para conservar-se e reproduzir-se: a aranha não estende suas redes senão para assegurar sua subsistencia; fabríca a abelha seus favos só com o fim de nelles depositar seus ovos, que hão de produzir novas abelhas; a sollícita avezinha não constróe seu ninho, com tanto esmero e delicadeza, senão para nelle criar sua querida prole; afora isto, outra cousa fazer não sabem estes animaes. Cada especie tem iguaes habitos, e constroe d'igual modo seu ninho, sem se confundirem jamais uns com outros, nem variarem a materia de que o fabrícão; e esta rotina nos animaes da mesma familia parece annunciar que sua habilidade em certas cousas só provém do instincto, e não da intelligencia. Não succede porém o mesmo com o homem que tudo deve á intelligencia. Se se abandonasse um menino no meio d'um deserto, onde se criasse sósinho, sería tão selvagem como os animaes dos bosques, e só saberia buscar seu alimento; porêm este mesmo menino, educado entre seus similhantes,

póde vir a ser um homem distincto por seu talento. O bruto permanece sempre no mesmo estado; o homem póde progredir e aperfeiçoar-se: eis aqui sua preeminencia. A razão lhe permitte viver á sua vontade, sem sujeitar-se a uma rotina uniforme traçada pela natureza: investiga, inventa, muda, varía suas operações, communica com seus similhantes por meio da falla, e pela escrita transmitte suas idéas á mais remota posteridade. Finalmente (este é o ultimo gráo de sua excellencia) eleva-se com o pensamento até ao mesmo Deos, podendo gloriar-se de ser o ente mais perfeito que saío de suas mãos, e o unico dos seres mundanos que lhe tributa adoração e homenagem.»

«Porém o homem, não obstante suas perfeições, é uma triste ruina do que elle fôra em sua origem. Para bem julgar de sua excellencia e dignidade primitiva, remontemos ao momento em que elle saío das mãos de seu Creador.»

«Havia plantado o Senhor um paraïso de delicias, e nelle todo genero de arvores formosas á vista, carregadas de fructas deliciosas ao paladar. Tambem havia plantado no meio do Pa-

raïso a arvore da vida e a da sciencia do bem e do mal. Neste delicioso jardim collocou Deos a Adam, ao homem que acabava de formar, para que se recreasse em o cultivar, se alimentasse com seus fructos, e fosse ali tão feliz quanto podia sêl-o sobre a terra, até que lhe aprouvesse de o transportar ao Céo; porêm quiz provar antes sua fidelidade, e dar-lhe a gloria a titulo de merito; quiz provar, e premiar sua obediencia. Para isto poz-lhe um preceito. «De toda arvore do Paraïso comerás, lhe disse, porêm da arvore da sciencia do bem e do mal não comerás, porque no dia que d'ella comêres, irremissivelmente morrerás.» O Senhor enviou depois á Adam um profundo sommo, e em quanto dormia, tomou uma de suas costellas, e pondo carne em seu lugar, formou d'ella uma mulher. Ao acordar Adam de seu mysterioso somno, apresentou-lh'a o Senhor, e ao vêl-a, disse: Esta é osso de meus ossos, e carne de minha carne. Ella se chamará *varoa* porque de Varão foi formada. O mesmo Adam lhe chamou depois *Eva*, porque havia de ser a mãi de todos os homens. Eva, pois, foi formada, não de barro

como Adam, senão da carne d'elle, nem fóra do Paraïso, mas nelle; e assim dizemos na Salve Rainha *os degradados filhos de Eva,* e não de Adam, porque o paiz nativo de Adam foi o campo Damasceno, e o Paraïso o foi unicamente de Eva. Esta recebeo em sua creação as mesmas graças, dons, virtudes e privilegios que o homem de quem foi formada, e tambem o mesmo preceito de não comer do pomo vedado. Com a creação de Eva concluío o Senhor a do universo no dia sexto, e descançou no septimo, isto é, cessou de criar, porque em Deos não ha nem póde haver cancaço.»

«Vejamos agora qual é o estado de innocencia em que forão criados nossos primeiros pais. — Estavão nus Adam e Eva, adverte aqui o historiador sagrado, e não se envergonhavão. Isto era effeito da justiça original em que havião sido criados, e da innocencia em que se achavão. Estado felicissimo que só elles poderião escrever com acerto, porêm não seus infelizes descendentes, que perdemos pelo peccado as idéas exactas do pudor e da innocencia. Adam e Eva erão innocentes como dous anjos, diz

S. João Chrysostomo. Tinhão corpos, porém como se os não tiverão. Sua alma era em tudo obediente a Deos e suavemente se occupava em amál-o. Seu corpo estava sujeito á sua alma, e seguia sem a menor resistencia suas impressões. Os appetites obedecião á razão, e a carne era uma fiel companheíra do espirito, sempre docil a suas insinuações. O entendimento estava cheio de luz, conhecia toda a natureza, e se recreava em contemplál-a e adorar o autor de tantas maravilhas. A vontade só se guiava pela rectidão e bondade. Era senhora de todos seus movimentos, e gozava d'um repouso sempre igual, suave e tranquillo. Em tão puro e ditoso estado nada tinha Adam e Eva de que envergonhar-se, porém sua felicidade ia mais adiante. Os animaes lhes obedecião, e a seu modo os acatavão; as arvores recreavão sua vista com frondosa verdura, regalavão seu appetite com deliciosas frutas; as plantas apresentavão abundantes alimentos para seu sustento, e o fructo da Arvore da vida os preservava da velhice e da morte. Tudo conspirava para formar sua felícidade, e nada no mundo havia que perturbál-a podesse.

A fome, a sede, a dor, a enfermidade, o calor excessivo, o frio demasiado, lhes erão desconhecidos; verião passar-se os dias, os annos, os seculos, sem receio de ver cortado o fio de sua existencia; a nenhum mal estavão sujeitos, porque todo mal era incompativel com o estado de justiça original em que Deos os havia criado.»

«Para cumulo de sua dita sabião que a felicidade que possuião passaria toda inteira a seus descendentes, porque não a possuião sómente como pessoas particulares, senão tambem como pais do genero humano, como cabeças da grande familia que havia de povoar o universo, e como troncos de quem havião de nascer todos os homens. Elles erão os primeiros reis que o rei dos céos collocára na terra, todos seus descendentes devião nascer reis e reinar como elles sobre todas as demais creaturas que compunhão o universo. Tal era o estado em que forão criados nossos primeiros pais, e que se chamou *estado da justiça original e da innocencia*. Erão tão ditosos nelle, que nada lhes ficava que dejezar para sua felicidade tempo-

ral; e pelo que respeita á eterna, ninguem teve nunca esperanças mais doces e bem fundadas que Adam e Eva innocentes. Em tão ditoso estado nada vião que os impedisse de ir ao céo. Todo o caminho era plano, não se encontrava nelle nem estorvo, nem torpeço. Desde o momento em que forão criados, caminhavão venturosos por meio de sua felicidade temporal á felicidade eterna que lhes estava preparada no céo, onde entrarião quando ao Senhor approuvesse, sendo a elle transportados por uma especie de rapto, sem beber o amargoso calis da morte. Oh estado da innocencia! Oh estado infinitamente amavel! Quem houvera alcançado possuir-te!»

Minha filha, para não sair do importante assumpto de que hoje nos temos occupado, quero contar-te uma historia verdadeira, acontecida em Pariz ao P^e^ Beauregard, célebre Jesuita, que num de seus sermões, na Sé d'aquella capital, predisse as desgraças da revolução.

A PROVIDENCIA.

O padre Beauregard acabava de prégar, numa igreja da capital, seu bello sermão sobre a Providencia; o qual, como todos os outros do famoso pregador, tinha merecido os applausos d'um numeroso auditorio. Cansado da prégação que fizera, entrára o prégador em sua casa, e começava a tomar algum repouso, quando lhe annuncião um homem que dejesava fallar-lhe. Mandou-o entrar, e ao vêr aquelle desconhecido, conheceo pelo trajo e mãos grosseiras que era um official mecanico; mas por isso mesmo lhe fallou com amenidade e agrado, dizendo-lhe:

«Que quer V. M. de mim? — Dar-lhe uma palavra, Snr. Padre.» Respondeo o desconhecido com uma voz fortemente accentuada e com um semblante que annunciava grande turvação de espirito, e que fixou a attenção do Pregador.

— Com muito boa vontade, lhe tornou o Padre; assente-se; estou prompto para ouvir o

que tem a dizer-me. — E entre elles continuou o dialogo nestes termos.

— Senhor Padre, eu venho do sermão que V. R. acabou de prégar na igreja de...

— Muito fólgo disso ; a mim me dou os parabens, e felicito a V. Mᵉ : por que nelle disse algumas verdades que não serão perdidas para alguns dos que me ouvírão.

— Oh! Certamente, Senhor Padre! V. R. fallou pela boca d'um anjo ; não é possivel prégar melhor. Mas V. R. exaltou os beneficios da Providencia... eu não creio em tal ; porque para mim não ha Providencia.

— Como assim ! Que é o que V. Mᵉ diz ? !

— Não, Senhor Padre, para mim não ha Providencia. E senão ouça, V. R., o que lhe vou dizer. Eu sou official de marcineiro ; tenho mínha mulher e trez filhos ; vivemos todos honradamente, nunca fizemos mal a ninguem. Pergunte V. R. no bairro por N. e todos lhe dirão que é homem honrado e laborioso, que ganha o pão com o suor do seu rosto, que não vai beber taverna, não joga, não é bulhento, nem caloteiro, vive em paz com sua companheira, dá

bom ensino a seus filhos, e quando faz alguma divida, paga-a ponctualmente.

— Bem creio tudo que V. Mᵉ me diz; de modo nenhum duvido da sua probidade; mas, a que proposito vem tudo isso? E que ha de commum entre as particularidades da sua vida, que certamente me causão dó, com a incredulidade á Providencia?

—Ah! Senhor Padre, eis aqui a razão do que eu digo. Estou perdido; e daqui vou-me deitar ao rio.

— Céos! que ouço?!.., Deos o livre de tal fazer! Nisso lhe vai não só a vida, mas a salvação de sua alma!... E que motivo o leva a commetter um tal attentado?!...

— Senhor Padre, eu tinha recebido d'um de meus amigos, commerciante abonado, alguns bilhetes de cuja somma eu devia ser embolsado no fim do mez; confiado na sua solvabilidade, passei eu tambem outros bilhetes que devo pagar no principio do mez que vem; mas o commerciante declarou-se fallido, e por consequencia acho-me eu na impossibilidade de fazer honra á minha firma. É a primeira vez que tal

me acontece. Não posso ser superior a esta desgraça. Bati a differentes portas, para ver se podia achar quem me emprestasse a quantia de que preciso, mas nenhuma se abrio para mim; amigos e conhecidos, todos ficárão surdos a meus rogos, por isso me vou afogar no rio.

— Porêm, meu amigo, que será de sua mulher e filhos, que V. Mᵉ ama tanto, se assim os abandonar entregues á dor e á miseria?... A esta pergunta ficou o desgraçado marcineiro como suffocado, caírão-lhe dos olhos abundantes lagrimas, e continuou dizendo:

— Que quer o senhor Padre que eu faça? Eu não posso subreviver á minha deshonra; far-lhes-hei vergonha, talvez quando eu não existir alguma alma boa terá dó d'elles e lhes acudirá vendo-os desvalidos.

— Ora diga-me, como é que estando preoccupado d'um tão triste pensamento veio V. Mᵉ ao meu sermão?

— Oh! Não vim de proposito para ouvir a V. R., foi por acaso: eis aqui como. Passava eu perto da Igreja, e como visse entrar muita gente, entrei tambem, por curiosidade, talvez

maquinalmente, como os demais; perguntei qual era o motivo d'aquelle grande concurso. Respondêrão-me que um grande prégador vinha prégar; deixei-me ficar como os outros. Ouvi com attenção e até ao fim tudo que V. R. disse; e tudo me pareceo muito bom. Porêm, senhor Padre, entrando em mim mesmo, e considerando minha triste situação, e a desgraça em que me vejo, e que eu não merecia, não pude admittir a Providencia.

— Como assim! Tendo taes tenções entrou V. Mᵉ na Igreja, ouvio o meu sermão, veio ter commigo, e está-me abrindo o seu coração e communicando suas magoas; e não reconhece V. Mᵉ que tudo isto é a Providencia? !... — Atonito o marcineiro d'esta observação, ficou como absorto por um momento, depois respondeo.

— Mui verdade é o que V. R. diz; é cousa notavel! Porêm tudo isso não pagará as minhas dividas no principio do mez que vem.

Toda esta conversação tinha commovido o coração do padre Beauregard, tudo lhe dava a conhecer um homem honrado, com poucos

conhecimentos, que merecia um vivo interesse e um prompto soccorro. Assentou que era escusado tomar informações depois de ter ouvido a linguagem d'aquelle infeliz que attestava a verdade do que dizia. Resolveo para logo acudir á sua precisão.

«Meu amigo, lhe disse, estou intimamente convencido que V. Mᵉ é homem honrado, que de modo nenhum tem culpa da desgraça que o persegue, e que não veio aqui com o fim de me enganar. Quero ajudál-o a sair do embaraço em que se acha. De quanto precisa V. Mᵉ para pagar os bilhetes por que se obrigou? Eu não sou rico, mas poderei contribuir com alguma cousa para a quantia que lhe é necessaria.

— Ah! Senhor Padre, quanto me penhora a sua bondade! Menos de trez mil francos me bastão para ficar salvo.

O padre Beauregard levanta-se, abre a papeleira, tira um cartuxo de cem luizes d'ouro, e volta-se para o desconhecido dizendo:

«Tome V. Mᵉ lá estes cem luizes. Não sou tão afortunado que possa dar-lh'os da minha algibeira; porêm ha dias, como prégasse á

cerca da esmola, a princeza N. que tinha ouvido o meu sermão, me enviou esta quantia para que fizesse d'ella, a favor dos pobres, o uso que bem entendesse. Certamente que eu poderia acudir a mais d'uma familia necessitada por quem poderia repartíl-a. Porêm, a sua vinda a minha casa e as circumstancias que a determinárão, me fazem crer que é isto um rasgo de luz á cerca das vistas da Providencia a respeito da sua pessoa. Receba pois estes cem luizes para cumprir sua palavra honrada, e creia na Providencia.»

A estas palavras a pobre marcineiro deitou-se aos pés do padre Beauregard, beijou-lhe enternecidamente as mãos que banhou de suas lagrimas, sem poder proferir uma só palavra, tamanha era a admiração e o reconhecimento que possuião seu coração; e, levantando os olhos ao Céo, que bemdisse do fundo de sua alma, recebeo das mãos do veneravel prégador o dinheiro que sua caridade lhe dava, e correo a dar a sua familia consternada as alviçaras da inesperada ventura que devião á bondade de Deos e de seu digno ministro.

LIÇÃO XVI.

Felicidade que dá a virtude.

AMÃI. — Minha filha, quando vivia em França fui testemunha da conversão d'um cavalheiro que tendo vivido largo tempo na impiedade e dissolução, por fim desenganado das vaidades mundadas se arrependeo de seus pessimos feitos e acabou seus dias na pratica da virtude e na paz de Deos. Chamava-se Philemon; e quando morreo achou se escrita de seu proprio punho uma pintura dos dias de sua perdição e dos que consagrou ao amor da bondade soberana. Ao ler suas reflexões, se conheceo que o autor tinha alimentado sua fé com os livros sagrados, e com todos os nobres sentimentos de que nos deixou santo Augustinho uma expressão patética nas suas *confis*

sões. O manuscrito tinha este titulo : *Triumpho da divina misericordia sobre um coração perverso.* D'este manuscrito que sua familia me confiou , e que não me consta se imprimisse , extrahi alguns trechos mais importantes que vou ler-te para inspirar-te nobres sentimentos á cerca da nossa santa Religião. — Philemon começa assim :

«Deos e Pai meu!... Que amaveis e deliciosas são para meu coração as lagrimas com que se humedecem meus olhos, ao pronunciar este nome tão doce e consolador!... Ai de mim! Tempo houve, cujas desordens quizera lavar com quanto sangue deixárão em minhas veias meus profundos gemidos! tempo de trevas e de horror, tempo de vergonha, de espanto, de remorsos, e de negros desgostos, em que, escravo de tyrannas e vilissimas paixões, abandonado de meus parentes, desprezado dos homens de bem e privado de minha propria estima, buscava nos estremados excessos um asylo espantoso contra o fastio e cansaço de meus desfallecidos e fatigados sentidos. Trinta annos de vida manchados com toda a corrupção do vicio

mais desenfreado!... Santo Deos! Que lembrança! E ereis vós quem sustentaveis uns dias, cujos momentos empregava em resistir aos gritos da consciencia e da Religião, formando de minhas proprias trevas uma muralha contra as insinuações e offerecimentos de vossa bondade incomprehensivel?! Queria fugir de vossa luz, mas ella me seguia por toda a parte, e a pezar de fraca, minha intelligencia não podia esquivar-se aos remorsos que ella despertava em minha consciencia!»

«O' luz divina! eterna e terrivel tocha que desces do seio da soberana verdade para consternar os corações viciosos; tu eras quem me fazias tão difforme e horrivel á vista de mim mesmo quando, absorto em medonhos pensamentos, só via no repouso e profundo silencio da natureza, o magestoso e formidavel signal da derradeira revolução que assolará o universo, e que fará servir suas abrazadas ruinas para eterno tormento dos malvados! Que lethargo o do homem que adorméce no horror de seus vicios e perversos costumes, no meio dos gritos d'uma consciencia que tem medo de si

mesma, e das crueis reflexões que então lhe inspirão seu total abandono, a solitaria escuridão e a muda suspensão de quanto a rodêa!!»

«Deos meu! no meio do movimento e dissipação do dia vos tinha por nada no universo; e talvez duvidava da verdade de vossa presença e de vosso supremo dominio sobre a vida e acções dos homens. Porém no socego da noite só a vós via em a natureza; parecia-me então ouvir-vos e sentir-vos, e fazia-me estremecer o peso da immensa e terrivel magestade que arranca dos vãos prazeres as almas dos principes e potentados para submergil-as nas sepulturas! Mas como poderei descrever o terror que se apoderava de meu espirito, quando no meio d'um somno penoso e agitado de mil espantosas imagens, vinha ferir de repente meus debeis e irritados sentidos a pavorosa voz do trovão de vossas vinganças?! Parecia-me que eu só, em todo o universo, havia excitado aquelle transtorno da natureza, e que vós, Senhor, dirigieis a mim só a vista naquella horrorosa trovoada com que commovieis os Céos e a terra. Cada

relampago que se desprendia das nuvens, me deslumbrava o espirito e penetrava até ao intimo de meu coração, deixando n'elle estragos de morte. Suspirava então profundamente, e implorava em meu auxilio a virtude, conjurando-a a que renascesse em minha alma...»

«Nestes momentos de terror representava-se á minha alma a imagem d'um varão religioso e justo que me visitava a miudo, e cuja innocencia e virtude o fazião respeitavel e amado de todos os homens de bem. De bom grado houvera sacrificado toda minha opulencia pela fortuna de ter uma consciencia tão desassombrada e isenta de medo e de remorsos. O' Theophilo! esclamava no meio da espantosa desordem que me consternava, tu não és tão desgraçado como eu!... Quem tivera tua alma e tuas virtudes! Ah! quem ama como a seu pai o Deos poderoso que commove os desertos e faz estremecer os fundamentos dos montes, gloría-se de ouvíl-o annunciar com tanta magestade a todas as criaturas que elle só é omnipotente; e deleita-se de vêl-o ostentar, ante todas as grandezas da terra, o magnifico esplendor d'este

poder e de seu eterno imperio. Mas o vil escravo dos prazeres sensuaes não póde olhar cara á cara o apparato que rodêa o trono de seu Creador... Quão terrivel é ver sair de seu silencio ao Ser invisivel que esquadrinha os corações, quando nossa iniquidade nos ha separado de sua escolhida e immortal familia e nos ha precipitado na classe tenebrosa dos que maldirão para sempre o dia em que nascêrão! Estas crueis reflexões arrancavão de meus olhos uma torrente de lagrimas... Envolvia-me nas roupas que cobrião meu corpo meio gelado, como para livrar-me da furia do raio; e desde meu leito, commovido com o tremor de meus membros, lançava tão violentos e amargos suspiros, que me envergonharia de que houvessem sido testemunhas de minha afflicção os companheiros de meus extravios, ainda que o fossem os criados, a quem não tinha reparo em confiar outras fraquezas minhas.»

«Na madrugada d'uma d'essas pavorosas noites, em que o impio mais impedernido tem que reconhecer a existencia d'um Deos creador e omnipotente; quando me preparava a saír para

me distrahir de meus tristes pensamentos, e a dissipar no seio dos vãos prazeres as trevas que pesavão sobre meu cançado espirito; eis me vem annunciar que Oronte, companheiro de minhas dissoluções, se achára morto em sua propria cama... Deos meu! esta lembrança me renova ainda o tremor que se apoderou de mim ao ouvir tão espantosa noticia. Cahi de repente em tal desmaio e abatimento, que não me deixava liberdade senão para levantar ao céo meus olhos amortecidos, e pronunciar com interrompida voz estas duas palavras: *Oronte! oh Deos!* Ambos passámos hontem o dia em escandalosa dissolução!... Eu ainda vivo, mas elle ja deo contas a Deos!... Esta idéa horrorosa communicava ás convulsões de minha desesperação tal ar de loucura e ferocidade que me tornava inaccessivel a tudo que podia consolar-me... Por toda a parte via cadavres e sepulcros, e tinha pelo ultimo suspiro cada movimento de minha respiração opprimida e angustiada. A vista de minha habitação era-me insupportavel; não achava nella senão signaes funebres, até as mesmas paredes, apezar de ornadas de custosas

alfaias, me parecião obscurecidas com um vapor sepulcral... O transito repentino e imprevisto de Oronte, quando estava atolado nos mais feios crimes, aos abysmos d'aquella eternidade, onde cada criatura, que desapparece d'entre os vivos, encontra o terrivel registro de sua vida e de suas obras, me offerecia uma imagem tão espantosa, que para moderar o horror que me inspirava, corria como um frenetico perseguido das furias, dando gritos similhantes aos d'uma fera acossada dos caçadores, que não acha por onde fugir dos mortaes tiros que contra ella se disparão.»

«Assim me impunheis, ó Deos meu, sem eu o saber, a ditosa necessidade de buscar em vós mesmo um asylo contra vossa ira; e todos os terrores com que por tanto tempo opprimistes minha alma impura, forão uns ensaios do grande golpe de misericordia que devia criar em mim um coração novo, e restabelecer-me na participação de vossa santidade e de vossa inalteravel felicidade.

«Vós, Senhor, me inspirais que continue a historia d'esta milagrosa transformação. A caso

a pintura de meus dias tenebrosos, e as doçuras de minhas expiações e penitencias, virá a dar nas mãos d'alguns desertores de vossa santa alliança, e os moverá a buscar o remedio contra o mais cruel de todos os males, na mesma fonte em que bebo agora a mais pura felicidade.

O cavalheiro conta como entrára num convento para se confessar, onde encontrára um religioso, cheio de amenidade e virtute, que lhe inspirou confiança, a quem confessou seus peccados, e cujas práticas deixárão impressos em sua alma os mais elevados sentimentos á cerca da confissão e dos ministros da penitencia. E continùa repetindo o que lhe dissera o servo de Deos, para o illustrar sobre tão importante materia.

«O' Philemon! me dizia o santo sacerdote, os que buscão como justificar sua repugnancia para não confiarem a um ministro da religião o segredo de suas consciencias, estão mui distantes do reino de Deos e de sua justiça; só a dureza d'uma alma que ainda não sentio o primeiro toque da penitencia será quem se atreva a oppor

a miseravel resistencia do orgulho á necessidade de humilhar-se aos pés dos sagrados interpretes da bondade divina. O homem verdadeiramente arrependido não necessita de que outro o anime para abrir seu coração a seu irmão e similhante. Quando a religião não impozesse esta lei indispensavel, ver-se-ia obrigado a correr aos braços do justo, para satisfazer a necessidade que tem de ser consolado, e encontrar nelle um conselho e um arrimo seguro. Os que se descuidão de se confessar dão por desculpa que os confessores são homens como elles, e assim cuidão encubrir sua ignorancia e sua impiedade. São homens, é verdade, porêm não reflectem que estes homens são *outros tantos Christos, filhos de Deos vivo*, e que o caracter divino que têm impresso os separa, por assim dizer, de sua especie, e os eleva a uma ordem singular? São homens; mas *a virtude do Altissimo reside nelles*, e são superiores aos anjos por aquelle poder e admiravel excellencia que lhes dá, sobre tudo que se chama grande no céo e na terra, sua incorporação ao sacerdocio eterno de Jesu-Christo, e sua união com nosso Redemptor na

direcção da grande empresa de Deos e da fundação de seu sublime e incorruptivel imperio.

«Notastes alguma vez, proseguio, as circumstancias em que o Filho de Deos outorgou aos homens o maior poder que jamais se exerceo sobre a terra, conferindo-lhes a faculdade de serem os mediadores e os salvadores de seus irmãos? Pois foi depois de ter consummado o ultimo mysterio de sua missão laboriosa; depois que, tendo resuscitado do sepulcro e triumphado da morte, tomou posse do soberano poder que lhe foi dado sobre todo o universo; quando já o mundo não podia duvidar da verdade de sua palavra nem de seu dominio supremo sobre todas as criaturas; e finalmente, depois de ter feito brilhar todos os raios de sua gloria, depois de ter mandado ás tempestades que se acalmassem, á morte que restituisse suas victimas, aos astros que se eclipsassem, e á terra que tremesse: então foi quando se preparou a criar similhantes ministros, a multiplicar-se e perpetuar-se nos *homens santificados pela virtude de sua presença e de sua palavra;* então foi quando, contemplando com uma especie de res-

peito aos homens que ia elevar a toda a altura de sua dignidade infinita, *soprou sobre elles*, dizendo-lhes: « Os peccados serão perdoados áquelles a quem os perdoardes. »

« Que espectaculo tão admiravel! Nelle se vê o maior e mais estupendo de todos os esforços de sua caridade immensa. Vêde por que movimento tão extraordinario quiz inspirar-lhes sua alma, sua virtude e sua autoridade divina. *Recebei o Espirito santo*, lhes disse; já sois os principes da paz, os pais do futuro seculo, os arbitros da linhagem humana e os verdadeiros senhores da terra; *eu vos envio* ao meio dos que a habitão, *como meu pai me inviou a mim.* Meu sabio director concluía cada uma das considerações que me fazia sobre esta importante materia, exclamando: O Philemon! póde por ventura dizer-se que aquelles a quem se nos mandou que descubramos nossas miserias, são homens sómente?

« Não, por certo; *são deoses.* Vós, Senhor, depositastes nelles tudo quanto uma natureza mortal podia possuir de vossa gloria, de vossa magnificencia e de vosso poder sobre o coração

e pensamentos dos homens; são, como vosso mui amado e adoravel Filho, *o reflexo de vosso resplendor, a reproducção de vossa excellencia infinita, a figura de vossa impenetravel substancia; e vós lhes déstes em herança*, como a elle, *as nações da terra e todo o universo por imperio.*»

«Penetrado d'estas santas e sublimes verdades, quanto se mudárão minhas idéas sobre o preceito da confissão! E que deliciosa consolação recebia minha alma, ao passo que o ministro da penitencia ia descobrindo minha corrupção e malicia!... Porêm ao momento que, com o rosto em terra e afogado em lagrimas, ouvi pronunciar as palavras sacramentaes... O' Deos meu! porque me não dais valor para que possa descrever o que então se passou em minha alma, e a feliz revolução que se operou em minhas potencias?! Com que promptidão desapparecêrão todas aquellas inquietações que envenenárão até os instantes de meu arrependimento e de minha esperança! Similhante a um homem que suffocado por muito tempo debaixo das ruinas d'um edificio que lhe caio em cima,

e tirado de repente do pesado entulho que opprimia seus membros, pasmado e como fóra de si, parece que vê pela vez primeira a claridade do dia, de tudo se admira, curva-se-lhe a cabeça, e respira com interrupção, até que dando um grande suspiro, adverte que suas entranhas recobrão por fim seu movimento regular, e reconhece no ar que toma seu curso natural, seu curso proprio; assim, Deos meu, ao entrar de novo minha alma em vosso bemaventurado seio, encontrou seu natural refugio, e se vio restituida ao principio que lhe dera a vida, e no qual unicamente póde ser immortal e ditosa.»

«Neste estado de deliquio permanecia com o rosto em terra transportado de gozo de minha felicidade; e não sei até quando o sentimento profundo que absorbia todas minhas potencias me houvera tido immovel naquella actitude de adoração extatica, se a mão do varão justo não me houvera ajudado a mudar de postura. Então foi quando me pareceo que aquelle anjo do céo entrava num extase divino. Seus olhos, fixos em mim, parecião-me augustos e sobrehumanos... O' Philemon! exclamou; eu saudo,

admiro, e honro em ti o que ha mais sagrado e veneravel sobre a terra; um santo, um escolhido de Deos. Ditosos os corações que possuem os bens que o teu acaba de receber neste instante! Eis-te aqui feito de repente o sanctuario da gloria e luz de Deos; sua vida circula em ti, e não ha nada no universo que possa comparar-se com a excellencia do novo ser que acabas de receber, e com a grandeza do destino que te espera. Oh! que golpe de alegria sentirás sempre que pensares, que depois de ter sido por tanto tempo estranho na casa de Deos, e de ter perdidas por tantos annos as esperanças de ser *o concidadão dos santos,* o irmão de todos os predestinados, membro da Igreja da eternidade, o descendente dos patriarchas e prophetas, *a pedra viva e immortal do edificio estabelecido sobre o fundamento dos Apostolos e dos martyres,* e um dos trophéos que estarão eternamente pendurados no meio da cidade de Deos á gloria *do Cordeiro que nos remio com seu sangue, e nos reunio de todas as tribus, de todas as nações e de todas as linguas!* »

CLEMENTINA,

ou a madrinha caridosa.

Nos arrabaldes de Lisboa, não longe de Bemfica, vivia, não ha ainda muitos annos, uma illustre familia, pouco favorecida da fortuna mas rica de virtudes e de bondade. O cavalheiro N. da Gama servíra nas guerras do Rossilhão e da Peninsula com grande valor e distincção, e chegára por seu merito ao posto de General; mas, como fosse filho segundo, e tivesse casado com uma menina de pequeno dote, vivia modestamente retirado numa pequena quinta onde se occupava exclusivamente a cultivar suas fazendas e educar uma filha unica, que era a menina de seus olhos e o enlevo de seus cuidados. Não era menos cuidadosa sua Senhora, que consagrava todos seus desvélos a transmittir a sua filha todas as virtudes e nobres qualidades que ella mesma possuia.

Clementina, que assim se chamava a menina, tinha então doze annos, e já estava muito

[illegible] MEDITATION
[illegible] madonna [illegible]

adiantada em seus estudos. Era ella mui devota e modesta, e tinha uma inclinação natural para fazer bem. Quando encontrava um pobre vinha logo pedir a sua mãi uma esmola para o favorecer, e quando passava por alguma igreja entrava para fazer sua oração.

Vinha um dia a Senhora da Gama com sua filha do passeio, e como passasse perto da igreja de Bemfica, entrou para fazer sua oração do costume. Ao sair da igreja, vio no adro uma velhinha, muito pobre em seu traje, que trazia ao collo uma criança para baptizar. Ao pé d'ella estava um camponez que parecia ser o pai da criança, e um rapazote d'uns quinze annos que devia ser o padrinho. Nos semblantes de todos trez se divizava uma desconsolada tristeza. e mais parecião pessoas vindas a um enterro, do que convidados d'um baptizado.

A mãi e a filha chegárão-se para o pé d'elles, em quanto não vinha o parocho que as badaladas do sino já tinhão chamado; derão-lhes os bons dias com affabilidade e mostrárão interesse em se informar do porquê de sua tristeza. A velhinha, com ar condoïdo, levantava de quando

em quando a mantilha com que cobria a criança, e dava um suspiro; por fim articulou estas palavras.

«Pobre innocente! Desvalida menina! Não tens mãi; teu pai é pobre e infeliz! se ao menos tivesses uma boa madrinha que te tomasse a seu cuidado! mas eu pobre e velha, que bem te poderei fazer?! Desde o berço já a desgraça te persegue. Tua mãi morreo ao dar-te a vída, e a menina que havia de ser tua madrinha hoje mesmo quebrou uma perna! Bem vejo que tudo isto são traças do demonio, que queria assim impedir que entrasses no reino de Deos. Não importa; não has de levar a tua ávante, espirito maligno; posto que velha ainda sei dizer o *creio em Deos Padre* e responder ás perguntas do senhor Padre, vai-te d'aqui, demonio tentador, a minha netinha ha de ser christã».

Ouvíra a Senhora da Gama as queixas da pobre velhinha, e não duvidou fazer-lhe algumas perguntas com aquella bondade que lhe captivava todos os corações.

— Esta pobre menina, disse ella á velhinha, não terá pois a madrinha que devia ter?

— Oh! não, minha Senhora! A madrinha d'esta menina, que é minha neta, havia de ser a filha d'um lavrador abonado; mas por desgraça quebrou hoje uma perna e está de cama muito mal. Para não demorar mais tempo o baptisado d'esta pobre innocente vim eu mesma ser sua madrinha. Mas é cousa triste ser madrinha na minha idade. Saberá V. Sª que já tenho setenta e cinco annos! Estou certa que nenhum bem poderei fazer á minha afilhada. Se ao menos podesse deixar-lhe alguma cousa!... Mas eu não tenho nada de meu.

A Senhora da Gama consolou a boa velhinha com mui suaves palavras, e dispunha-se a dar-lhe algum dinheiro para procurar uma ama á criança, quando Clementina, tirando-a á parte, disse a sua mãi.

— Que pena me faz, minha querida mãi, ver assim desemparada uma menina desde o dia de seu nascimento! Sem mãi!... e sem ter ao menos uma madrinha que lhe fizesse algum bem... Se a minha mãi me desse licença, eu desejava muito ser sua madrinha. Eu sei bem a doutrina, já fiz a minha primeira communhão, e

espero em Deos poder um dia ensinar á minha afilhada os deveres do santo baptismo.

— Apprôvo a tua lembrança Clementina, disse sua mãi; não serei eu que te impedirei nunca de fazeres uma boa acção; mas bem sabes que é mister fazer as cousas decentemente, é necessario fazer alguma despesa, e eu não sei em que estado se acha a tua bolsa.

— Minha mãi, não lhe dê isso cuidado, graças ás boas consoadas que tive, e ao que meu tio me deo, a minha bolsa está bem cheia, e eu não poderia achar melhor occasião para a despejar. Tinha tenção de comprar alguns livros e laminas, mas deixo este appetite para mais tarde, e por ora só quero fazer algum bem a estes infelizes, e pôr o meu nome a uma criança desvalida de quem serei, por assim dizer, uma segunda mãi. Que diz a minha mãi a esta idéa que m'inspira a caridade?

— Meu amor, disse a mãi estreitando sua filha nos braços, que prazer me dás em teres tão boa lembrança. Não só te dou licença para seres madrinha, mas ainda te ajudarei a cumprires os deveres para com tua afilhada.

Neste comenos chegava o Parocho, a quem a Senhora fez os seus comprimentos; depois, chegando-se para o pé da velhinha, disse-lhe com carinho.

— Porque se afflige V. Mce? aqui está minha filha que se offerece para ser madrinha da criança, se lhe quizer ceder o seu lugar...

— Oh minha Senhora! Se quero!.., respondeo transportada de jubilo a velhinha; oh! minha fidalguinha, aqui tem a menina, leve-a nos seus braços á pia baptismal! E' um anjo do céo que me appareceo!... Vês-tu, João, disse ella ao moço que havia de ser padrinho, não te dizia eu que o Pai do céo nunca se esquece dos que confião nelle? quando se fecha uma porta, Deos abre outra. Não te acanhes, estas senhoras têm muita bondade; nunca tu esperavas ser padrinho com uma tão illustre madrinha; faze-lhes uma cortezia..., não tenhas vergonha... Que bello conhecimento que fazes hoje!...

Procedeo logo o Parocho a baptizar a recem-nascida; e Clementina, sem se envergonhar de ter ao seu lado um pobre camponez, pegou com muita graça na criança, em quanto ella recebia o

baptismo, e poz-lhe por nome Clementina Joana.

Acabada a ceremonia, quiz a madrinha acompanhar o baptizado até casa do pai que não morava muito longe da igreja. Sua mãi foi tambem com ella; e qual não foi sua tristeza quando chegárão á pobre choupana em que nascêra a menina recembaptizada? Tudo annunciava pobreza e miseria. De mais a mais, o pobre pai desatou a chorar quando entrou em casa, vendo-a órfã de sua consorte!... e a velhinha estava não menos afflicta e desconsolada.

— Consolem-se todos, disse a senhora da Gama, Deos não me deo riquezas, mas fez-me a graça d'um bom coração; eu me encarrego de pagar a ama de leite para a menina; e quando minha filha for grande, ella mesma se occupará de educar sua afilhada.

Ficou aquella familia consolada com as boas palavras e nobre proceder d'aquellas senhoras; não cessava de dar graças a Deos que assim lhes deparára tão inesperada fortuna; de seus olhos caíão lagrimas de reconhecimento, e de seus labios saíão fervorosas bençãos em favor de tão caridosas bemfeitoras. Clementina desempenhou a

sua palavra. Depois de fazer todos os gastos na igreja, entregou o resto de seu dinheirinho ao pai da criança para comprar o que era precizo para sua afilhada.

Quando chegárão a casa disse a mãi a Clementina: Muíto gosto me déste hoje, minha filha, vejo com prazer que és sensivel ao infortunio e que sabes sacrificar os teus divertimentos para acudir aos desvalídos. O uso que fizeste de tuas economias faz o elogio de teu coração, e será para mim um grande jubilo substituir o dinheiro que tinhas na tua bolsa e que tão caridosamente soubeste distribuir. Tiveste uma feliz lembrança que será abençoada de Deos.

— Minha querida mãi, respondeo Clementina, mui gratos me são os elogios que minha mãi me faz; mas o merecimento d'esta acção não me pertence inteiramente a mim. Eu não fiz senão pôr em prática a moral do Evangelho que minha mãi me ensinou sempre com palavras e exemplos. Devemos fazer aos outros o que desejariamos que elles nos fizessem. Alêm de que, a minha taréfa ainda não está concluída, apenas está começada.

— Que queres tu dizer nisso, minha filha?

— Quero dizer, que nas actuaes circumstancias o meu dever não se ha de limitar ás simples obrigações que ordinariamente se impõem as pessoas que são madrinhas. Quero desempenhar este titulo com toda a exactidão, se a minha mãi me der licença.

— Tudo que for praticar a caridade para com teus similhantes desvalidos merecerá sempre a minha approvação.

— Muito bem o sei, minha querida mãi, por isso tambem conto que a minha mãi me hade ajudar. Eis aqui o plano que eu formei a favor de minha afilhada, quando a tinha nos braços sobre a pia do baptismo. Consagrar a maior parte das minhas economias para a sua criação e vestuario, e quando for grandezinha quero ensinar-lhe a ler e escrever, a doutrina christã e a fazer as suas rezas, a coser e a fazer as suas saias, e mais cousas que uma mulher de sua casa deve saber.

— Olha lá, minha filha, que tomas sobre ti uma grande responsabilidade; vás dar uma educação á tua afilhada muito superior á sua

condição; farás d'esse modo uma senhorita, que depois se terá por infeliz quando voltar aos seus torrões...

— Eu não pretendo ir contra o que minha mãi diz, mas não será mais perigoso para esta pobre criança ir para o monte com as ovelhas muitas vezes em companhia de rapazes mal criados, viver como uma brutinha, e não saber nem se quer o Padre nosso?! A ignorancia é a causa da maior parte dos peccados da gente do campo, e muitos males vêm a essa boa gente por ignorar o bem que poderia fazer se fosse instruída.

— Minha filha, vejo que tens muito boas intenções, e que has de desempenhar ponctualmente as obrigações d'uma caridosa madrinha.

Com effeito assim aconteceo. Em lugar de perder o tempo a bordar cousas inuteis. Clementina fazia meiasinhas de lã para sua afilhada, toucas, cintos, gibões, e assim lhe ia preparando o seu enxoval.

Logo que ella começou a fallar trouxe-a para casa, com licença de sua mãi, e a primeira

cousa qui lhe ensinou foi a rezar o Padre nosso, a Ave Maria e o Creio em Deos Padre; foi-lhe depois ensinando as mais orações e a doutrina christã ao mesmo passo que lhe ensinava a ler, escrever e contar. Tambem se não descuidou Clementina de ensinar a sua afilhada a coser, a bordar, e a governar a casa; e a boa da rapariga era tão esperta e atilada, que aos sete annos lia com desembaraço, escrevia soffrivelmente e sabia toda a doutrina da Cartilha. Era um gosto vêl-a ir á missa, nos Domingos, com sua madrinha, com o seu livro na mão, seguindo muito attenta todas as ceremonias da missa.

Logo que teve dez annos começou a ir ao catecismo da freguezia, e era quem sabía melhor a doutrina e tomava mais sentido nas explicações que fazia o Parocho. Clementina acompanhava quasi sempre sua afilhada ao catecismo, e quando vinha para casa obrigava-a a redigir por escrito as explicações que tinha ouvido na igreja, e deste modo se adiantava no estudo da religião e na facilidade de escrever.

Neste meio tempo casou-se Clementina com um fidalgote, que tinha uma quinta no mesmo

sitio de Bemfica, onde vinha passar a maior parte do anno, e por este modo pôde Clementina continuar a ter cuidado em sua afilhada. Assistio com seu marido á sua primeira communhão, deo-lhe o vestido e véo brancos para esse grande dia; fez-lhe alguns outros presentes, como um *Manual da Missa* mui bem encadernado e umas *Horas Marianas* muito bonitas, dizendo-lhe que erão os melhores livros que ella podia ler, e que nelles acharia tudo o que é necessario a um Christão para saber encommendar-se a Deos e trabalhar na sua salvação.

Clementina Joana foi fiel aos bons conselhos que lhe dera sua madrinha. Nunca faltava á Missa nos domingos e dias santos, e sempre com seu livro que lia com muita devoção na igreja, sem olhar á direita e á esquerda. Era muito obediente a seu pai e a uma tia que governava a casa. Depois de fazer as suas rezas pela manhã, trabalhava no governo da casa, ou em sua costura. Sua tia ensinou-lhe a cozinhar, a fazer camisas, a ensaboar e a engommar, e ella aprendia tudo com tanta facilidade

que ainda não tinha quinze annos e era já uma boa costureira e uma mulher de sua casa.

Não tinha ella outra riqueza que suas boas qualidades, seu bom genio, o bom modo com que fazia tudo, seu muito aceio, e suas maneiras affaveis e graciosas. Este era todo seu dote, mas com elle lhe procurou sua madrinha um noivo abastado, e que a fez feliz como ella merecia. Era filho d'um seu rendeiro, bom moço e bem feito de sua pessoa. Vivião ambos em perfeita harmonia e forão sempre mui reconhecidos á caridosa madrinha.

LIÇÃO XVII.

Da excellencia e brandura da Justiça Christã.

MÃI. — Continúo ainda hoje a referir-te as sabias práticas que ao cavalheiro arrependido fazia seu pio director, para dar-lhe a mais perfeita idéa de seu novo estado, e para fortalecêl-o no amor e prática da virtude.

«Quanta fortaleza e elevação, diz aquelle venturoso penitente, davão á minha alma aquellas palavras pronunciadas com o fogo d'um entnuziasmo divino, e nas quaes tudo me parecia solido, sublime, e cheio de sustancia e verdade!... Meu Padre espiritual, para illustrar-me sobre a grande idéa d'uma alma arrependida, proseguio d'este modo:

«A maior parte dos homens, Philemon, ape-

nas vê no beneficio da reconciliação, que se nos offerece no tribunal da penitencia, uma graça para tirar-nos do peccado e lavar as manchas introduzidas por nossas paixões e vicios. Com umas idéas tão imperfeitas e superficiaes daquelle grande mysterio de misericordia, é impossivel que ao aproximar-se a este Sacramento, deixe de apoderar-se d'elles a vergonha, e que muitas vezes ao apartar-se d'elle, não se vão com sua iniquidade no coração. A remissão dos peccados é, digamo-lo assim, o menos admiravel na obra da justificação christã. Se a purificação de nossa consciencia fosse o unico effeito d'este sacramento que abençoa nossos remorsos e nossas lagrimas, bastaria certamente para livrar-nos do castigo eterno reservado aos que morrem impenitentes; mas não nos daria a dignidade e excellencia d'um ente capaz de supportar *o peso immenso da gloria de Deos*, e de entrar com elle na participação da bemaventurança e da immortalidade. Nenhuma cousa póde elevar-se de repente até ao infinito; e o que só servisse para apagar as manchas de nossos crimes não poderia servir para engran-

decer nosso nada, nem communicar-nos a força necessaria para remontar-nos sobre a esphera de nossa natureza.

«E' preciso pois, para vencer a desproporção que tem sujeita toda criatura dentro de sua esphera, e tão distante d'aquelle grande Deos, cujo trono está collocado nas profundidades d'uma luz inaccessivel; é preciso, digo, que um caracter sobrenatural entre a substituir o natural e proprio seu, augmente o preço de sua existencia, e dê a suas obras, a suas acções, adorações, sacrificios e tendencia para Deos, um valor que ella não póde tirar de suas proprias faculdades, nas quaes tudo é fraco, pobre e impotente; é preciso emfim que uma impressão do infinito a prepare para que alcance sua posse, e de antemão alguma cousa de divino resida na que é chamada a gozar da eternidade e da bemaventurança de Deos.»

«O grande designio da soberana sabedoria na ordem da religião e da graça, se o considerarmos com attenção, é fazer participante o homem de toda a grandeza e perfeições infinitas de que é capaz sua miseria, dando-lhe, se

podemos fallar assim, um equivalente do que é Deos. Eis aqui a verdadeira clave para entender os arcanos que humilhão nossa razão, e a unica luz que nos illustra sobre o principio de todas as cousas e o ultimo destino das criaturas. Mas como pôde cumprir-se um designio tão incomprehensivel e tão precioso para o homem? O mais sublime de nossos evangelistas nos explica em mui poucas palavras o que houve de maior e mais reservado nos arcanos de Deos. O Verbo que existia no principio, e por quem tudo foi criado, tomou a natureza humana na unidade de sua pessoa e grandeza infinita. O mundo segundo isto *vio* num homem *a gloria do Filho unico do Pai*, *vio* um homem no qual residia a virtude e a excellencia de Deos, *cheio de sua força e de sua verdade eterna; e todos participámos de sua plenitude.* »

« Isto é que póde chamar-se o centro e a medula de todo o systêma de Deos na fundaçaõ do universo, no estabelecimento da religião e na direcção de todos os acontecimentos humanos. »

Assim que, o caracter da justiça que recebemos de Jesu-Christo, consiste em communicar-

nos, quanto somos capazes, sua consubstancialidade e sua igualdade com o ser infinito; em estabelecer entre o homem Deos e todos os que sua graça ha purificado, uma unidade tão intima, que sua dignidade e seus meritos vêm a ser a propriedade de cada *filho da adopção santa*. Somos aos olhos de seu Pai outros tantos *Christos de Deos vivo*. O Eterno reconhece em nós as imagens de sua gloria e como as reproducções de seu *Verbo encarnado*. Todas nossas adorações, suspiros, lagrimas, diante de seus olhos, são d'um preço infinito; e quando no mundo não houvésse mais que um só homem, se este conservasse a santidade da alliança evangelica, sua residencia no meio do universo bastaria para que Deos fosse infinitamente glorificado, e para que encontrasse sempre na obra da creação alguma cousa correspondente e igual á grande gloria que se dá a si mesmo no abismo de sua propria immensidade, desde os seculos dos seculos.»

«Que homem, Philemon, se houvéra jamais atrevido a interpretar d'este modo os fins do Todopoderoso, e a affirmar que o desejo de Deos

na dispensação dos dons que Jesu-Chrito trouxe á terra, foi fazer-nos contrair a infinidade e a soberana excellencia, se este homem Deos não tivera acclarado o grande mysterio do Pai celestial do modo mais proprio para subjugar os corações mais duros? Annuncia-nos, em termos claros e positivos, que por elle e em virtude do parentesco que contrahio por meio da encarnação com toda a linhagem humana, fomos incorporados na gloriosa e immortal sociedade que existia no interior da gloria de Deos antes da creação do universo; que estamos unidos a elle com um vinculo de fraternidade tão forte e indissoluvel, que elle mesmo nos reconhece diante de seu Pai por a *carne de sua carne e osso de seus ossos*; *que se perseverar-mos em sua santa graça, nos pertence tudo quanto tem*; e que participamos da propriedade e posse de todos os thesouros encerrados *no santo esplendor, no qual nasceo antes da aurora*; que elle *é a videira* incorruptivel em que estamos *ingeridos* d'um modo ineffavel, e de quem recebemos o alimento intimamente e sem cessar, como os ramos recebem seu suco, seu calor, sua

fecundidade e seu vigor do tronco vivo a que estão unidos. Que bello quadro!»

«E á vista d'isto não deveremos admirar-nos do grande apreço que o Homem Deos faz dos que recebem sua palavra, e d'aquella effusão de ternura tão viva, tão ardente, e tão pacifica, da qual se não havia visto nenhum exemplo na terra antes de sua vinda? Que sentimento tão profundo, e que amor tão incomprehensivel não se manifesta nesta linguagem que lhe inspira o desejo de consolar os seus no meio das tribulações que lhes estão reservadas por parte dos perversos! *Pequeno* mas querido *rebanho* que meu Pai confiou a meu cuidado, *não temas*, lhe diz, as contradições das creaturas, nem a crueldade de teus inimigos; porque aquelle grande Deos que te conhece e te ama, *tem sua* mais doce *consolação em preparar-te os tronos*, d'onde julgará commigo todos os sabios do seculo e todos os senhores do universo. *Não te dê cuidado o poder dos que só podem atormentar teu corpo, o que crê em mim é indestructivel, immortal e eterno, porque eu vivo e vós vivireis tambem.* No grande dia da mani-

festação de minha gloria a meus irmãos, será quando conhecerêis este grande mysterio de unidade, e *como eu estou em meu Pai, meu Pai em mim, e eu em vós.*» Digamo-lo, Philemon, para gloria do que nos abençôa d'um modo tão admiravel: o coração não se sente com bastantes forças para suster a impressão que nelle produz a vista d'um Deos que falla assim aos homens; e o justo ha mister distrahir-se d'ella para não ceder, quando a contempla, ao prazer irresistivel de morrer de ternura e de alegria. Infelizes os que não se enternecem com objectos d'esta natureza! Perdidas são as esperanças de conduzil-os á verdade pelo caminho do sentimento. Dotados pela natureza d'um coração perverso, não são proprios para uma religião que só fructifica nas almas sensiveis e capazes de impressões ternas, porque nella tudo é essencialmente amor e caridade.»

«Não será exageração dizer-te, que o caracter da justiça evangelica é converter nossa fraqueza na força de Deos, e unir-nos á sua substancia immortal. Os primeiros apostolos da doutrina de Jesu-Christo fallárão nos mesmos

termos que seu divino Mestre, do alto ponto de grandeza a que nos eleva sua graça. São Pedro chama a esta preciosa graça *um dom grande*, por meio do qual vimos a ser companheiros na gloria de Deos, o qual nos faz entrar *em sua sorte* immutavel e bemaventurada, e *participar de sua natureza.* São Paulo confunde de tal modo nosso destino com o do Homem Deos, que nos appropria todos seus triumphos, e nos vê já *ressuscitados, glorificados e sentados* com elle *nos céos*, isto é, que de direito e em virtude dos mysterios cumpridos já em nossa Cabeça Jesu-Christo, tudo quanto é de seu sangue possue as mesmas prerogativas; que o estado de Jesu-Christo é indivisivelmente o estado de todo homem justificado por sua graça; que a obra de nossa exaltação está já concluida; e que se perseverarmos na alliança em que fomos recebidos, só a morte póde retardar nossa elevação e a inalteravel *residencia á direita de Deos Padre.*

«Eis aqui, Philemon, uma idea, posto que imperfeita, daquelle estado natural e divino a que nos exalça a justificação christã, e que nos

constitue num gráo em que nada póde comparar-se á nossa grandeza. Esta *graça do Salvador*, que reside em nós, é parte d'aquelle grande *esplendor de Deos*, de que falla Jesu-Christo, e que nos diz *ter possuido* dentro da essencia infinita *antes que o mundo houvesse sido criado do nada*. A communicação do Ser divino com a alma que recebeo a applicação dos meritos do Redemptor é tal, que o Espirito Santo vem a fazer-se seu verdadeiro orgão, e é *o vinculo d'este commercio imcomprehensivel* por uma verdadeira e intima residencia de sua pessoa adoravel no mais intimo de nós mesmos. *A caridade de Deos*, dizia o Apostolo aos fieis da nascente Igreja, foi *derramada em vossos corações pelo Espirito Santo que vos foi dado.*»

«Não havia pintado Jesu-Christo com côres menos vivas este glorioso e bello caracter de nossa adopção eterna. Havia annunciado a vinda do Espirito Santo, como sello de suas promessas e como o complemento de sua natural e inseparavel cooperador na obra da reconciliação do mundo. Não havia dito que este grande conso-

lador dos homens nos assistiria ou nos inspiraria desd'o alto d'aquella immensidade de gloria onde procede do Pai; senão que no-lo dava como o amigo e o companheiro de nossos corações, e como devendo resídir nelles por sua acção e *presença*, que é preciso entender na significação propria e natural d'esta palavra. Adverte, Philemon, a força deste modo de fallar: «Rogarei a meu Pai, e elle vos enviará um segundo consolador que permanecerá com vosco. Elle é o Espirito de verdade, que o mundo (isto é, os que vivem segundo a carne) não póde receber, porque não o conhece; mas, vós outros o conhecerêis, porque ficará com vosco e em vós descançará.»

«Comprehendeis agora, Philemon, a grande dignidade que acabas de receber, e a razão porque no momento em que pronunciei sobre ti aquellas santas palavras, que fazem passar o peccador á classe dos escolhidos, me viste contemplar-te e admirar-te, como se presentasses a meus olhos uma nova e extraordinaria forma? Ah! via que se obrava em tua alma o maior dos milagres, e que se diffundião em teu coração

os thesouros de Deos. Não ha honra que se não deva *aos herdeiros da ditosa esperança;* e se quando encontrâmos um homem, estiveramos seguros de que é justo e pertence ao rebanho de Jesu-Christo, seria mister que, penetrados á sua vista d'um religioso terror e prostrados ante elle, adorassemos a Magestade infinita em seu mais santo e augusto Sanctuario.»

«Assim pois tua vida, que atéqui não tem sido senão um sonho, tem agora uma duração real, preciosa e cheia da vida do mesmo Deos. Considera que agora começa sua verdadeira existencia, e que cada um dos instantes que correm, leva aos pés do trono do Soberano Senhor um tributo d'immenso, e divino preço. Considera que tuas menores acções, teus deveres mais communs e obscuros, todos teus movimentos, e até teu desafogo e repouso serão contados e escritos *no livro da vida*, como outros tantos acontecimentos destinados a afformosear a immortal historia dos escolhidos de Deos, e a ser o objecto da alegria dos Santos e do Cantico da eterna Sião; porque *Jesu Christo é a verdadeira videira* e tu o *sarmento* bemdito, pelo

qual circula toda a vida d'este tronco mysterioso e incorruptivel. Até qui, ainda quando houveras assombrado todo o universo com o brilho de tuas obras, nem por isso houveras sido menos nullo, menos morto e menos vil ante o Deos Santo: agora seus olhos admirão até tua inacção e silencio, e nada de quanto tem relação com tigo lhe é indifferente, porque o que num justo parece nada, é maior que todos os tronos e imperios, e o mais imperceptivel e pequeno que executares, tem sempre o merito de proceder de ti; isto é, do mais excellente e amavel que Deos encontra na terra.»

«Jesu-Christo não era sómente um grande espectaculo para o céo, quando ostentava publicamente a magestade de seu ministerio, senão tambem quando nos dias de sua obscuridade vivia incognito na humilde morada de Maria e José, *obedecendo-lhes em tudo* como o mais infimo dos filhos de Nazareth. Quando na officina d'um carpinteiro applicava ao trabalho seus tenros e innocentes braços, e ajudava sua Mãi Santissima em todas as occupações da vida domestica; quando ninguem suspeitava que a *sal-*

vação universal morava naquelle rustico alvergue, e que aquella casa, desconhecida dos homens occultava a esperança de Israel, a grande gloria de toda a linhagem humana e o mais rico tesouro do universo; então cada suspiro do adoravel menino, ignorado de todas as creaturas, salvava o mundo inteiro, e preparava a mais extraordinaria e universal mudança, que devia succeder na duração dos tempos. Quão grata é, Philemon, esta formosa verdade! Tu és *um ramo d'aquella preciosa videira, um renovo d'aquella raiz de immortalidade;* e quanto fizeres, estando assim unido com Deos, valerá para tua salvação eterna tanto quanto valeo cada acção do Homem Deos para a salvação da linhagem humana. Insisto neste pensamento, porque é o centro e fundamento da Religião, e nunca assás meditado. Quando o divino Mestre no-lo representava debaixo de mil diversas formas em todo o decurso de sua prégação, não quiz, por assim dizer, senão fazer-nos entrever uma verdade, cuja total declaração tinha reservada para os ultimos momentos de estar entre os seus, afim de que o

maior motivo de gozo que em nenhum tempo pôde manifestar-se aos homens, o recebessem na circumstancia mais amarga de sua vida, e em que necessitavão de maior força para submetter-se á necessidade de ver soffrer e morrer um libertador tão amavel. Esta é a razão por que, depois de ter-lhes revelado tão claramente o grande mysterio da unidade e inseparabilidade eterna, lhes accrescentou : «Tenho-vos fallado assim para que meu gozo esteja em vós, e vosso contentamento receba seu ultimo gráo de perfeição e de plenitude.»

«Ouvia eu com profunda compuncção estas verdades divinas, e bem quizera que o sabio interprete dos sagrados oraculos não se apartasse de mim, para que infundisse em minha alma as grandes idéas da Fé. O' Evangelho! exclamava, tesouro inappreciavel de sabedoria e de luz! Quem poderá comprehender-vos sem adorar-vos?! E' possivel que no meio das riquezas que offereceis a todos os homens, haja aínda alguns tão malaventurados que vos esqueção e desconheção?!»

AMBROSINA,

ou o Caminho de ferro de Ruão.

Tudo o que é novo causa admiração e curiosidade. Quando se abrio o caminho de ferro de Pariz a Ruão, não se fallava em outra cousa. Não havia ninguem que não quizesse ir, mui socegadamente e em poucas horas, á antiga capital de Normandia, e admirar seus bellos cais onde abordão navios de alto bordo, e visitar os magnificos templos que fazem o ornamento da quella populosa cidade. Os que já havião feito a viagem vinhão encantados, e não se cançavão de contar as maravilhas que se apresentárão a seus olhos, nas verdejantes margens do Sena, nas elevadas colinas da Neustria, e nos monumentos de arquitectura da idade media e do renascimento que dá valor á opulenta cidade de Ruão. Alguns não tinhão podido resistir á tentação de ir ver um porto de mar; fôrão até Dieppe. que só dista quatorze leguas de Ruão, e voltárão mui ufanos a Pariz por se terem banhado nas salsas ondas da Mancha e

por terem comido algumas duzias d'ostras tiradas do mar fresquinhas e appetitosas.

E não erão sómente os ociosos e desoccupados que fallavão com enthusiasmo da viajem de Ruão, ainda as pessoas mais pacatas e sedentarias tinhão desejos e projectos de ir pelo caminho de ferro, e quando se encontravão com algum amigo ou conhecido, lhe fazião logo esta pergunta : «Já foi a Ruão? — De là venho.»

Vivia então em Pariz um cavalheiro, por appellido Lalonda, natural de Ruão, onde tinha parentes, mas que ha muito tempo não víra. Não era homem dado a viajens nem a passatempos, occupava-se em bem governar a sua casa, e educar a seus filhos com desvélo e carinho sem com tudo lhes dar mimo. Acabadas suas occupações diarias de conselheiro de estado, que desempenhava com exemplar assiduidade, nosso cavalheiro passava alegremente seus momentos vagos como um patriarcha no seio de sua familia. Tinha elle quatro filhos, meigos e lindos como os amores, os quaes com sua cara esposa fazião todas suas delicias. Nunca naquella casa se ouvião ralhos, nem gri-

tos, nem gargalhadas, nem bulha de qualidade nenhuma; não tinhão os meninos outra vontade senão a de seus pais, e nunca lhes pedião divertimentos senão os que elles lhes querião dar; porêm depois que a viajem a Ruão pelo caminho de ferro se tinha tornado uma especie de mania, até as crianças fallavão em viajar na bella e rica Normandia, e os meninos do cavalheiro Lalonda não deixavão seu paí, pedindo-lhe com instancia que os levasse a ver a patria de seus antepassados; conseguírão a promessa desejada para o tempo das ferias, e desde logo não fallavão senão em vagões, locomotivas, correndo como uma ave que fende os ares e desapparece da vista; já se figuravão embarcados nos rapidos churriões, rolando pelos ferreos carris, e desembarcando sem poeira nem lama no patrio solo.

Ambrosina, que era a mais moça, era tambem a mais desejosa de ir pelo caminho de ferro, e como seu pai lhe queria muito, seus irmãos louvavão-se nella em tudo que dizia respeito á projetada viajem, a qual fazia o assumpto de todas as conversações da quella familia. Entrando

um dia o pai á hora da recreação, e como ouvisse a conversa de seus filhos, quiz saber de cada um d'elles qual o motivo porque desejavão tanto ir a Ruão onde não conhecião ninguem.

Começou pelo mais moço dos rapazes, e perguntou-lhe:

— Porque razão, meu Victor, tens tu tanto desejo de ir a Ruão?

— Ah! meu querido pai, respondeo elle sem hesitar, depois que li as *Aventuras de Robinson Crusoé*, e as de *Robinson suisso*, que me divertião tanto ultimamente, tenho uma vontade indizivel de correr terras, de ver mundo.

Ao ouvirem esta confissão ingenua de Victor, o cavalheiro Lalonda e seus outros filhos desatárão a rir; depois continuou o pai com ar serio:

— As razões que me dás, meu querido Victor, são bem vagas e pouco attendiveis; em toda caso, indo a Ruão estás ainda muito longe da ilha deserta do teu Robinson..... Apenas estarias a caminho. Vamos a ver se Clara tem a allegar melhores razões do que tu.

— Oh! meu querido pai, respondeo Clara ti-

midamente, eu não quereria ver outra cousa mais que a magnifica igreja de santo Audoeno de que o meu pai me tem fallado tantas vezes.

Sem a conhecer tenho-lhe uma particular affeição, porque foi ali onde meu pai fez a sua primeira communhão; desejava ver os magnificos vidros de cores que ornão suas janellas, as bellas esculturas do côro, as torres do frontispicio; e as magnificas proporções da quella basilica, que rivalisa com as mais notaveis de França. Parece-me que estas razões têm mais peso do que as de Victor.

— Certamente, minha filha, replicou o pai; pelo menos são mais sensatas, e mais facil seria satisfazer-te do que seguir as aventuras de Robinson.

— Meu pai, acudio Victor, parece-me que me não expliquei bem; eu não tenho desejos de ir tão longe como o viajante inglez; na minha idade de oito annos, que poderia eu fazer numa ilha deserta como a sua? Mas isto não impede que eu deseje ir ver Ruão, e que assim tome o gosto das viajens, que tão uteis são para a instrucção dos mancebos.

— Tens razão, meu filho, os motivos que allegas são muito attendiveis; vamos ouvir o que diz teu irmão Arthur.

— Meu querido pái, respondeo Arthur, como lhe tenho muitas vezes ouvido fallar da sua cidade natalicia, teria grande gosto de ver os lugares em que meu pai passou seus primeiros annos. Desejaria ver a casa em que vio, pela primeira vez, a luz do dia, e em que vivêrão meus avós; já os conheço pela historia de nossa familia e me pareceria estar cercado d'elles; talvez haja ainda por lá alguns retratos que me despertarião a lembrança de suas virtudes e nobres feitos. Parece-me que é mui natural ter um tal sentimento...

— Tens muita razão no que dizes, meu Arthur, eu mesmo verei com muito gosto as torres da Sé e de Santo-Audoeno; ellas me recordarão mil particularidades de minha infancia que o tempo tem quasi gastado em minha memoria.... Agora toca a fallar á minha querida Ambrosina. Não quer ella tambem ir a Ruão? E porquê, minha menina?

— Meu querido pai, respondeo Ambrosina

com desembaraço, não me será difficultoso dar a minha razão. Meu pai sabe tãobem como eu que a duas leguas de Ruão se acha um lugar chamado Oissel. Lá é onde eu fui criada em casa da minha ama de leite, a qual, segundo meu pai me disse muitas vezes, teve muito cuidado em mim quando era pequenina. Ora bem, se fossemos a Ruão, pediria eu a meu pai que me levasse a Oissel para ver a minha ama de leite e dar-lhe um abraço bem apertado. Eis a verdadeira razão por que eu desejo tanto ir pelo caminho de ferro a Ruão.

— Muito bem disseste, minha Ambrosina, lhe tornou o pai; não posso deixar de applaudir o nobre sentimento de gratidão que te aníma; porêm, ao veres-te no Caminho de ferro, ao ouvires a bulha que faz a maquina que move as rodas e a grande caldeira de agua fervendo em cachão e lançando ao ar baforadas de fumaça, ao sentires-te transportada com a rapidez do vento, passando, ora sobre arcos tão altos como os das aguas livres, ora por subterraneos medonhos em que desapparece de todo a luz do dia, tens-tu a certeza que não terás medo?

— Indo ao pé de meu pai, de que poderei eu ter medo?

— Minha filha, a minha presença não seria um preservativo contra todo perigo... Tem-se visto horriveis exemplos...

— Oh! meu querido pai, por esse lado nada tenho que receiar, respondeo com vivacidade Ambrosina. Não foi o caminho de ferro de Ruão bento por nosso Arcebispo acompanhado de varios Bispos? Infelizmente não succedêra o mesmo ao de Meudon quando aconteceo a terrivel catastrophe que ainda hoje se deplora.

— Minha querida filha, fazes bem em ter uma inteira confiança nas rezas e bençãos da Igreja. Mas em fim, se tal for a vontade de Deos, forçoso nos será submetter-nos a seus decretos...

— Eu por mim estou inteiramente resignada á sua vontade. Se lhe aprouver que eu morra num caminho de ferro, ou de qualquer outro modo, poderei-eu por ventura evitál-o? Porei a minha confiança em Deos, e terei ao menos a consolação de morrer em familia!

— Eis o que é ter animo, minha filha, e sub-

missão á vontade de Deos. Fazes bem em não ter demasiado medo do que póde acontecer nos caminhos de ferro. Não se tem visto nas ruas de Pariz, quando menos se espera, sejes e carruagens quebradas, e as pessoas que ião dentro ficarem mortalmente feridas? Desgraças como as do caminho de ferro de Meudon são, Deos louvado, muito raras. Se quizessemos evitar todas as causas de desgraça, não poderiamos tirar proveito de cousa nenhuma nesta vida, nem poderiamos dar um passo sem tremer. Não imitaremos pois a cobardia de muita gente que tem medo de tudo, só porque é novo; visto que ha um caminho de ferro para ir a Ruão, iremos por elle, sem medo nem sobressalto; faremos o sinal da cruz quando entrarmos nas carruagens, depois poremos o coração ao largo, a Deos e á ventura. Porêm ha de ser com a condição que durante oito dias não me dareis, meus filhos, nenhum motivo de descontentamento, e que eu não tenha que reprehender-vos, nem ralhar com vosco pela mais leve cousa.

Esta promessa foi saudada com vozes de alegria, saltos quasi extravagantes, acompanhados

de protestos de docilidade e fervorosa applicação. O cavalheiro Lalonda deo um abraço e um beijo a cada um de seus filhos, cuja candura e acertadas respostas lhe dérão tanto gosto, sobre tudo as de Ambrosina.

Os oito dias que se seguírão á interessante conferencia que acabâmos de contar parecêrão um seculo a toda a familia de Lalonda. Contavão-se não só os dias mas ainda as horas. Para os meninos o tempo não andava por caminho de ferro.

Chegou emfim o venturoso dia, e nossos viajantes, antes que o agudo assobio ferisse suas orelhas, estavão já sentados com muito proposito nos espaçosos vagões. Ao primeiro movimento da maquina ficárão os quatro meninos algum tanto assustados, em seus rostos se divisava uma leve palidez, e talvez seu coração batia mais apressadamente que de costume; mas á medida que ião descortinando novos horizontes, deleitosas campinas, e as longinquas sinuosidades do argenteado Sena, recobrárão sua côr natural; os aromatizados Zephiros refrescavão

suas rubras faces, e davão viva animação a suas curiosas perguntas.

Chegou em fim o Comboio aos muros de Ruão, e quando nossos viajantes avistárão o monte de santa Catherina, na encosta do qual se eleva o majestoso templo de Nossa Senhora do Soccorro, e vírão as torres da Sé e de Santo Audoeno, ficárão como fóra de si de contentes, e rompêrão em exclamações similhantes ás dos navegantes quando avistão terra depois de longa e penosa viajem. — Estamos em Ruão, gritou Victor; — Estamos em Ruão, repetírão todos.

— Somos em fim chegados a porto e a salvamento, disse pausadamente o pai; onde iremos-nós primeiramente? Que pensa a este respeito nosso Robinson Crusoé?

—Meu pai sabe muito bem que não me toca a mim a dar o meu parecer; lá mais para o diante, quando eu tiver viajado, então talvez possa dizer alguma cousa...

—Respondeste muito bem, meu querido Victor; assim é que deve fazer um rapaz da tua idade, que ainda não tem experiencia.

— Em quanto a mim, disse Arthur, já disse que desejo muito ver a casa em que meu pai nasceo e foi criado.

— Eu tomo a liberdade, disse Clara, de fazer uma proposição que me parece ha de ser favoravelmente accolhida: é irmos sem demora á igreja de Santo Audueno, e dar graças a Deos por termos feito felizmente nossa viajem. E' um dever... — Certamente, certamente, minha filha, interrompeo o pai, é um dever sagrado, que vamos cumprir sem perder tempo...

Entre tanto parava o vagão; posérão todos pé em terra, e dispunhão-se a pôr-se a caminho para a igreja onde o Cavalheiro fizera sua primeira communhão, quando Ambrosina disse com encarecimento. — Dá-me licença que eu falle, meu querido pai?

— Falla, minha filha, lhe respondeo elle com bondade, dize o que queres.

— Ora bem, replicou a menina, quando tiver-mos dado graças a Deos na basilica de Santo Audueno, proponho, salvo melhor parecer, que tomemos o caminho de Oissel, e vamos logo ver a minha ama de leite. Estou certa que ella

ha de ver com grande gosto a sua menina, a qual terá ainda mais gosto do que ella.

O Cavalheiro internecido respondeo a sua filha com um meigo osculo que imprimio em sua fronte; e para logo toda a familia se encaminhou para a igreja de Santo Audueno, onde fizérão todos mui devota oração, que durou um quarto d'hora. Os filhos, ajoelhados diante do altar de Santissimo, com as mãos postas, rezavão pela vida e saude de seu pai e sua mãi, como anginhos do Céo, e ao Cavalheiro caíão-lhe as lagrimas dos olhos por ver a terna devoção de seus queridos filhos, e dava graças a Deos por um tão singular beneficio. Acabada a oração, levantárão-se todos, visitárão a igreja em silencio, e ao sairem disse o pai: — A' manhã, e nos dias seguintes visitaremos as outras igrejas e monumentos da cidade; mas approvo o que disse Ambrosina, e a nossa primeira visita ha de ser a casa da sua ama de leite; vamos de caminho para Oissel. Verdade é que temos que andar duas leguas a pé; mas não emporta, a estrada é boa, o tempo está excellente, é bom dar exercicio ás pernas, e

teremos todos optima vontade de comer quando lá chegarmos.

Escusado é dizer qual foi a alegria da ama quando vio chegar á porta de sua casinha o cavalheiro Lalonda com seus filhos. Desfazia-se em comprimentos, não se fartava de dar abraços e beijos em sua querida menina, e sem demora poz-se logo a preparar um jantar campestre para os seus hospedes. O Cavalheiro tinha-se prevenido em levar com sigo de Pariz uma perna de carneiro assada, comprou em Ruão uma empada de vitella, que ali se fazem mui apetitosas; uma boa sallada, que os meninos fizerão em quanto a ama preparava a sopa, um requeijão, frutas do tempo e a classica *cidra* (1); em menos de meia hora tinhão os viajantes satisfeito sua boa vontade de comer, e contemplavão todos as bellas campinas da Normandia, ricas de douradas messes, entrecortadas de maceiras carregadas de formosos pomos. Era ao pôr do sol; dourava o horizonte o vespertino crepusculo; a serenidade do ar convidava os

(1) Vinho de maçãs. A Normandia não produz outro.

viajantes a pôr-se outra vez a caminho; estavão elles porêm um pouco cançados; tinhão-se levantado cedo, e pedia-lhes o corpo descanço. Ambrosina disse ao pai: — Bem desejava eu ficar esta noite em casa de minha ama; se o meu pai quizesse podiamos passar todos aqui a noite...

Apenas a boa da ama ouvio isto não deixou o cavalheiro até que désse o seu consentimento. Forão-se buscar colchões á aldeia, fizerão-se promptamente as camas, e toda a viajante familia dormia a somno solto ás nove horas da noite. No dia seguinte levantárão-se todos ao nascer do sol, fizerão a sua reza, forão admirar a frescura d'uma manhã do mez de Agosto, bebêrão o leite quente das vaquinhas que saíão a pastar, despedirão-se com saudoso enternecimento da boa ama e posérão-se a caminho para Ruão, onde chegárão sem cançaço. Almoçárão com muito boa vontade, visitárão nos dias seguintes os monumentos e curiosidades da antiga capital da Normandia e voltárão para Pariz mui contentes de sua viajem, e o cavalheiro ainda mais contente dos bons sentimentos de amor da

familia, de piedade e de gratidão que se manifestavão tão naturalmente em seus filhos; prometteo que se continuassem a ter o mesmo proposito, applicação e docilidade, todos os annos iria com elles pelo caminho de ferro a Ruão.

LIÇÃO XVIII.

Continua o mesmo assumpto.

ELISA. — Parece-me que minha mãi não acabou hontem a historia do cavalheiro convertido; desejo muito ouvir o que lhe aconteceo depois, e quaes forão os effeitos das santas práticas do servo de Deos que lhe allumiou a alma e tocou o coração.

A MÃI. — Muito gosto me dás, minha filha, no desejo que tens de ouvir o fim d'esta interessante historia, o que me faz crer que os sentimentos religiosos estão arreigados em teu peito; continúo pois a ler-te o manuscrito de que já ouviste uma grande parte. Figura-te ouvir o cavalheiro pois é elle quem falla pela minha boca.

«Findo o dia para sempre assignalado, em que nas *inexhauriveis fontes do Salvador* foi lavada minha iniquidade, e ouvi explicar por tão suave modo o caracter do precioso dom que acabava de receber, quiz descançar nos braços da noite, mas fugio-me dos olhos o somno e em vigilia passei até ao amanhecer. Não era porêm uma vigilia cançosa e pesada, mas grata, socegada e similhante á que experimenta um homem, a quem o prazer d'uma inesperada felicidade não permitte separar um só instante seu espirito d'aquelle rasgo de fortuna que mudou sua sorte : vigilia, que para meus sentidos e minha alma era um estado de repouso, mil vezes mais suave e verdadeiro que até então havia buscado com tanto custo, e de que cria gozar num sonho, que não era senão o cançasso e penoso lethargo d'um coração afogado em vicios e roïdo de remorsos.»

«Allumiava minha pequena morada o reflexo da fraca e morbida luz com que a lua e as estrellas colorêão o véo das trevas que escurecem o horizonte. Qualquer outra mais forte houvera perturbado a quietação das meditações em

que meu espirito estava absorto. Esta foi a vez primeira que minha alma se achou bem com a soledade, a escuridão e o silencio: tão favoravel é a pausa majestosa de toda a natureza ao estado de embriaguez que sente um coração que acaba de adquirir tudo, encontrando a Deos. Uma celestial doçura regozijava minha alma, ao pensar que a grande força que reside no meio do universo, viera a ser para mim uma força amiga e benefica, e que o Deos omnipotente que outr'oura mandou á luz que saisse do cahos do nada, brilhava elle mesmo no interior de minha alma. Todas as partes do universo parecião alegrar-se com a minha reconciliação e nova paz estabelecida com ellas; porque os mesmos elementos são, ó Senhor, inimigos dos que vos desconhecem e abandonão, e *juntamente com vosco fazem guerra aos insensatos*. Experimentava ao mesmo passo indizivel alegria ao contemplar a cerulea abobada do firmamento, e os incommensuraveis espaços, onde a mão do Todo poderoso collocou outros tantos globos, em comparação dos quaes nosso sol, nossa terra e as demais espheras que

allumião a prodigiosas distancias, não são senão um ponto imperceptivel, ou o que é uma gota d'agua comparada com os abismos do Oceano. D'este modo se compraz um privado de seu rei, ao considerar a estensão e riqueza do imperio submettido ao dominio de quem o ama, e a intimidade das relações que o unem com seu principe lhe fazem pessoal a gloria de governar tão vastos estados.»

«Em quanto meditava nestes monumentos tão brilhantes e antigos de vossa grandeza, ó Deos meu, uma voz secreta me dirigio interiormente estas palavras: «Tu só, Philemon, és um espectaculo mais rico e magnifico que tudo quanto admiras nos altos e profundos espaços que te rodêão; e tua alma, desde que és o trono do resplandor de Deos, *publica* com mais eloquencia *sua gloria* que o formoso aparato do *exercito celestial;* porque esses mundos que povoão regiões inaccessiveis, e todos esses globos de fogo submergidos na immensidade que abisma tua imaginação, perecerão um dia em quanto *tu vivirás eternamente.*»

«Não via pois por todas as partes senão mo-

tivos de alegria e de admiração ; e tudo quanto observava dentro e fóra de mim, concurria a que me felicitasse por minha fortuna, e augmentava a viveza do sentimento que embriagava minhas potencias. O gosto que eu percebia no tranquillo silencio e nas meditações profundas me trazia á memoria algumas particularidades, que nos dias de minha loucura e cegueira me parecião inexplicaveis.»

«Um dia, por exemplo, entrei com Theophilo num dos grandes e augustos templos que aformosêão a capital : era isto ao anoitecer, quando só se encontrão nelles certas almas retiradas do mundo, que consagrão a Deos os momentos que outros se esforção a passar nos espectaculos e theatros profanos. Theophilo notou que eu contemplava varias pessoas ajoelhadas aqui e ali, tão immoveis em sua postura como as estatuas sagradas, a que a arte parece ter dado uma alma capaz de sentir a presença do Santo dos Santos. Entre ellas havia algumas que não articulavão uma só palavra, e que não abrião seus olhos humedecidos de lagrimas, ainda quando eu passava junto d'ellas com o fim de ver se interrom-

pia seu recolhimento: qualquer houvera dito que aquellas criaturas sublimes não imaginavão que houvesse no mundo outra cousa mais que Deos. Eis aqui, me disse um bom homem que me acompanhava, mostrando-me com o dedo o que olhava com tanta curiosidade, eis aqui uma prova da divindade, capaz de desconcertar por si só todas as forças da irreligião. A impiedade não póde responder a um raciocinio tão energico, e a razão dirá sempre aos que a ouvem, que só uma virtude divina póde produzir um effeito tão desconhecido até ao estabelecimento do Christianismo, que não se vê senão na classe dos que o praticão, e que lhes dá um caracter tão superior a tudo que é humano.»

«Bem merecia ser profundamente examinada a causa d'um phenomeno tão pouco observado. Eu t'a descobriria, Philemon, se fosses capaz de comprehendêl-a; porèm teus olhos, acostumados ás vãs imaginações dos objectos sensuaes, não poderião distinguir o signal da divindade que brilha neste formoso espectaculo. Respondía eu a este sabio discurso o que costumão responder todos os mundanos: que a imaginação rea-

liza sonhos, e sabe dar corpo a quimeras. Bem conhecia que em realidade isto era discorrer d'um modo miseravel, e não podia dissimular a superioridade que Theophilo tinha sobre mim. Sentia ao mesmo tempo um convencimento tão forte da verdade, que para suster-me contra a injustiça e a vergonha de minha má fé, me promettia friamente voltar outro dia a examinar de novo o que então não ousava olhar mui de perto.»

«Este foi sempre, replicou Theophilo, o artificio dos partidarios do mundo; preferem antes crer que os verdadeiros fieis do Evangelho se forjão phantasmas, e se desvanecem no meio de prazeres imaginarios, do que experimentar o mesmo systema de felicidade e reconhecer que o que faz o homem tão profundo e constantemente ditoso não póde ser fructo de sua idéas nem de seus sonhos. Alèm de que, nada se parece menos com o louco enthusiasmo d'uma imaginação exaltada que as acções, os procedimentos e vida interior d'estes fervorosos discipulos da religião, os quaes se distinguem dos demais homens, até na compostura de seus mo-

vimentos, na sabedoria de seus conselhos, na candura de suas palavras, e finalmente em seu inviolavel amor a tudo que é justo, honesto e virtuoso. E crê, que será sempre uma verdade incontestavel para todos os que compararem o caracter dos filhos da terra com o dos filhos de Deos, que estes são os homens mais fieis, mais verdadeiros e mais incorruptiveis que ha no mundo; e que só das paixões que agitão aquelles nascem sempre todas as falsidades, todas as imposturas e todas as perfidias, com que se vêm perturbadas cada dia as sociedades e as familias. Os que estás vendo prostrados ao pé d'esse altar, não farão certamente gemer esta noite a natureza, nem encherão de terror o coração de seus filhos, nem farão derramar lagrimas a uma esposa innocente e desgraçada; porêm a maior parte dos que neste momento estão entregues ao frivolo prazer, com que os miseraveis histriões se esforção a entreter o ocio dos que estão enfastiados de si mesmos, levarão a seus lares um humor melancolico e aborrído, que atormentará a familia a quem devem consolação e ternura. Alguns sairão d'ali para se entregarem a ver-

gonhosos vicios, a nefandos crimes, manifestando por toda a parte uma alma preparada a esquecer todo o escrupulo e pudor.»

«Estas vivas imagens alteravão então por um momento minha cega tranquillade, e me inspiravão saudaveis pensamentos; porêm aquellas vehementes impressões ficavão como adormecidas no mais occulto de meu coração; e vós, Deos meu, as conservaveis nelle sem que eu o advertisse, para que fructificassem em tempo opportuno por vossa grande misericordia. Reflectia sobre todas estas circumstancias e outras similhantes, e achava consolações até na memoria da resistencia que minha malicia oppoz tantas vezes ao grito da verdade que me perseguia, e á força dos grandes exemplos que me via obrigado a admirar. Esta memoria, Deos meu, augmentava minha gratidão; porque não ha cousa tão grata, como pensar no que alimenta o mais delicioso e puro de todos os sentimentos.»

«Deste modo achei naquella noite, tão brilhante e luminosa para minha alma, esta grande prova da divinidade da religião, a saber, que

os santos são os unicos homens da terra, a quem nenhuma cousa mortal inquieta; os unicos que sabem participar da eternidade de Deos, sem sair d'esta *região dos mortos*, onde tudo desapparece; os unicos que, ante os tabernaculos em que reside a majestade soberana, offerecem á admiração do profano a immobilidade d'um corpo aniquillado, e o silencio completamente divino d'um coração que, attonito de sua mesma felicidade, se abisma na immensidade do infinito. »

Alfim fiquei adormecido nestas doces reflexões; porêm meu somno nem entorpecia meus sentidos, nem me tirava o conhecimento d'aquelle feliz estado de minha alma: não parecia que era uma interrupção de movimentos e de actividade, senão uma consequencia d'aquelle recolhimento e quietação religiosa, em que acabava de experimentar com quanta abundancia se communica Deos aos que o amão, e como derrama no mais intimo dos corações, que sua graça ha purificado, toda a uncção de seu espirito e de sua verdade eterna. Quando acordei, comecei a sentir com mais ordem e viveza a fruição de todos os tesouros de Deos: simi-

lhante a um novo rei, que dormindo socegadamente, não sonhou senão em sua dignidade, e que ao acordar, se sobresalta de gozo, vendo que seus sonhos o não enganárão. Assim pois, ao momento em que os primeiros raios da aurora allumiárão as paredes de meu innocente asilo, achei-me com uma alma cheia de Deos, e adorei em meu interior a realidade e a abundancia de perfeição e excellencia de que me achava possuido».

«Eis aqui, me disse o ministro do Senhor, a quem havia dado conta do estado em que acabava de achar-me, eis aqui como chegaste já ao conhecimento do mais solido, mais sublime e mais fundamental da philosophia da religião, porque seu espirito é livrar-nos das iniquidades de nossa imaginação e do turbilhão continuo de pensamentos, projectos, desejos e temores, reduzir á unidade todo o cahos de nossos affectos e paixões; desembaraçar nossa alma das bagalétas e ociosidades que a fatigão; e fixada em sua verdadeira e natural funcção, que é a mesma que a de Deos, isto é, na posse do que não se perde nunca, na contemplação e amor

d'aquella adoravel e suprema majestade, que é a vida e o principio de toda intelligencia.»

«Um Deos que se contempla em sua immensa luz, e que se ama com um amor igual a toda a infinidade de sua propria grandeza, é, ó Philemon, a unica cousa que succede na eternidade, porque nenhuma outra se passava no seio de Deos antes que apparecesse o mundo; nem nenhuma outra ahi se passará, depois que o mundo for destruido; esta é, para me explicar assim, toda a alma e fundamento da vida de Deos. Porêm esta acção é nelle tão forte e fecunda, que excede infinitamente nossas idéas, triplica, e realiza o profundo mysterio da invisivel e incomprehensivel Trindade, que Jesu-Christo revelou aos homens, e ao qual toda a terra adora.»

«A' vista d'isto quem não olhará com assombro a dignidade d'uma criatura, capaz d'exercitar-se sobre o infinito da acção intima e permanente do Ser dos seres, de introduzir-se na communicação eterna e ineffavel das pessoas divinas, de ter parte em sua gloria, e engolfar-se na mesma torrente de felicidade? Quem

poderá, Deos meu, referir os milagres de vossa sabedoria e a alteza de vossos disignios sobre o homem? *Façamo-lo*, dissestes, *á nossa imagem e similhança*. Que empresa! Vosso mesmo poder se sorprende, delibera e se anima em certo modo, como para fazer seu mais difficil esforço. Do fundo de vossa virtude é d'onde tirastes o raio de luz, que dá o movimento e a faculdade de pensar ao nada, e faz d'uma massa fria e sem intelligencia um adorador do Deos vivo. Que espectaculo! Eis aqui a Deos conhecído fóra de si mesmo, e como o nada, depois d'um silencio eterno, contempla a grandeza de sua gloria e publíca as maravilhas de seu poder.»

«Esta é, Philemon, a explicação de nossa existencia, e da maravilhosa saida de Deos fóra de seu longo e majestoso repouso. Tudo quanto se trabalha para escurecer e complicar estas idéas tão puras e sublimes, não é outra cousa senão um effeito da profunda chaga do peccado, que nos submergio num diluvio de erros, d'onde nasce esta confusão de pensamentos e designios, cuja multidão e contradicção nos consome e op-

prime. Quando o homem saío das mãos de Deos não conhecia as desordens, nem o tumulto interior que atormentão sua vida. Sua alma descançava toda em Deos só, e não sentia outra necessidade que a de adorál-o e unir-se a elle. Assim era feliz, porque era justo.»

«Esta é a razão por que Jesu-Christo, que veio *a pacificar todas as cousas* e a reparar a desordem de nossa natureza, não cessa em toda a serie de sua doutrina de esforçar-se a conduzir-nos áquella singeleza e unidade de pensamentos e de affectos, e de concentrar em Deos toda nossa faculdade de contemplar e nossa necessidade de amar. Em todos os lugares nos adverte, que é vaidade e loucura buscar por tantos meios a felicidade; que não ha senão um caminho que guia á bemaventurança; que este consiste em *buscar o reino de Deos e sua justiça;* que *este reino está dentro de nós mesmos*, e que unicamente nelle *encontraremos o descanço*, tão desejado de todas as paixões que nos consomem.»

«Acostuma-te cada vez mais, Philemon, a habitar em ti mesmo, e não temas esconder-te

demasiado nesta *arca santificada por Deos.* Ali é onde se cumprem todos os oraculos dos prophetas, e todas as promessas feitas aos patriarchas da antiga alliança. Ali *se conclue esse pacto, tão differente do que se fez com os nossos pais,* e segundo o qual *o homem não necessita da instrucção de outro homem,* porque *traz no interior de seu coração a seu legislador, a seu mestre, a seu guia e a seu juiz.* Ali tudo é maior, mais augusto e mais divino que o sumptuoso apparato do templo de Jerusalem, e que todas as respeitaveis solemnidades dos incensos e dos holocaustos. Ali residem todas as bençãos annunciadas com tanta magnificencia pelos primeiros depositarios dos mysterios de Deos, figurados por uma dilatadissima serie de acontecimentos, predictas com tantos symbolos, e esperadas por espaço de quatro mil annos por todos os filhos do Senhor; em fim, ali é onde *tudo está consummado.* Nós vemos, ouvimos e possuimos o que os *reis* e uma multidão de *homens justos desejárão receber* e *adorar* sem que conseguissem *vêl-o senão de longe.* Sim, Phílemon, nossa residencia em nós mes-

mos encerra tudo ; ella é o fim e o ultimo resultado de todos os planos de Deos , e do dom que noz fez de Jesu-Christo e do Evangelho. A eternidade não nos effererecerá uma felicidade fundada em outro prazer, e unicamente nos dará a perfeição e o supremo gráo de nosso recolhimento em Deos , e nos fixará invariavelmente na contemplação e na posse daquella luz indefectivel que se unirá a nós , que nos penetrará intimamente , que correrá como um rio por meio de nossa alma , e que não deixará subsistir nella senão um só pensamento e um só amor. »

Philemon continuou referindo quantas lagrimas lhe custou o abandonar seu amado retiro , e separar-se d'um homem , a quem tinha tantas razões para amar, e a quem devia o que elle chamava *eterna fortuna.* A esta historia edificante juntou muitas instrucções cheias de sabedoria e de uncção , que seu respeitavel director lhe deo escriptas da sua mão, e nas quaes lhe resumio as principaes regras que devia seguir para viver christãmente. D'estas te fallarei, minha filha , na lição seguinte.

MALVINA,

ou a menina presumida e vaidosa.

Depois da guerra da Peninsula veio estabelecer-se na cidade do Porto um commissario do Exercito inglez, que juntára bons cabedaes com que fazia grosso commercio de vinho e agua ardente. Tinha elle uma Senhora bem criada mas pouco instruida, e muito descuidada pelo que toca á educação de seus filhos. Occupado de seus negocios não deo grande attenção a procurar bons mestres para seus filhos, ou a pôl-os num bom collegio onde aprendessem tudo o que deve saber um mancebo favorecido dos bens da fortuna. Contentou-se com os mandar ás aulas publicas para aprenderem os preparatorios e seguirem depois a Universidade, sem pôr o menor desvélo para que adiantassem em seus estudos.

Eduardo, que era o mais velho dos filhos, tinha muito boa indole, e grande desejo de aprender; era por isso estimado de seus mestres e condiscipulos, e como era muito estu-

dioso fez em pouco tempo rapidos progressos no latim e no grego, e entrou na aula de rhetorica tendo a penas quinze annos.

Malvina, que era a unica filha, recebeo desde sua infancia muitos carinhos de sua mãi e ainda mais mimos de seu pai que a idolatrava. As criadas e as mestras imitavão os pais da menina; d'aqui resultou que não aprendia o que devía saber, senão que era teimosa, altiva, respondona, curiosa, intrometida, querendo saber tudo, mettendo a sua colherada em toda a conversação, e decidindo de tudo como se fôra a Senhora da casa. Até assentava que seu pai e sua mãi lhe havião de obedecer. Accrescia a isto que Malvina era bonita, esbelta e muito bem feita de sua pessoa; mas em lugar de acompanhar estes dotes de engraçado comedimento e modesta simplicidade, fez-se soberba, presumída e vaidosa. Para ella, quem não andava vestido com elegancia não merecia senão o desprezo; só a formosura era a seus olhos uma qualidade estimavel; nada detestava tanto como a fealdade: nem a bondade, nem as prendas, nem as virtudes podião resgatar, no seu enten-

der, a desdita de ser uma pessoa feia ou mal feita. Andava tão namorada de si mesma, que passava uma parte da manhã a enfeitar-se; não passava por um espelho que não parasse para mirar-se, não se occupava senão de modas e casquilharias, desejando muito que a gabassem e admirassem seus vestidos e galas, e olhando com desdem para todas as meninas que não erão tão elegantes como ella. Nisto gastava seu tempo, não estudava suas lições, de modo que os mestres não podião obter que se applicasse e aprendesse; mas nem por isso deixava de ser muito presumida e vaidosa: era este o seu maior defeito.

Ora num dia de sueto, estando Malvina na saleta, baterão á porta; ella podia bem ver quem era, mas não quiz abaixar-se a isso, chamou a criada para ir abrir a porta, porêm ficou de parte para fazer de dona da casa. A criada abrio a porta, e appareceo uma mulher pobremente vestida, com um rapaz, d'uns quatorze ou quinze annos, vestido com uma sobrecazaca de briche já muito safada e que lhe fugia dos hombros, com umas calças de saragossa que

lhe davão porcima dos artelhos e deixavão ver umas meias de linha crua, e com uns sapatos grossos que nunca virão graxa de lustro. Perguntou a mulher se o Senhor F. estava em casa. — Não, senhora, não está em casa, respondeo a criada. — E o Senhor seu filho? —Tambem não está em casa, respondeo Malvina com ar desdenhoso. — E' certamente á Senhora sua filha a quem tenho a honra de fallar.» Malvina não se dignou responder. — Poderiamos esperar que chegasse o Senhor Eduardo? Perguntou o mancebo. — Que lhe quer vossê? d'onde é que o conhece? Disse Malvina com ar seco e desabrido. — Desejamos muito vêl-o, replicou a mulher. — Na verdade, são pessoas bem enfadonhas. — Oh! minha Senhora, respondeo o mancebo, espero que Eduardo fará de nós outro conceito. — Eduardo! exclamou Malvina; quem lhe deo a liberdade de fallar assim de meu irmão? —

Em quanto Malvina assim respondia e procurava despedir os importunos hospedes, eis Eduardo que sobe pela escada rapidamente, porque ouvíra a voz de seu condiscipulo, e a-

pertando-lhe a mão com cordial affecto lhe diz: «Bons dias, amigo; tu por aqui? Quanto fólgo de te ver! Como estás? Meu pai não tarda d'aqui a nada. Já lhe fallei no teu negocio; elle saío para sollicitar o que desejas, e espero que tudo se ha de arranjar. Tua mãi vai de saude, ainda bem... Bons dias, minha mana, como passaste a noite? ainda hoje nos não vimos. — Agradeço a tua attenção, meu mano. Tens ahi conhecimentos mais *distinctos*, que te interessão mais do que eu. — Oh! minha mana, minha mana, não falles d'esse modo, porque estou certo que te has de arrepender; bem sei que tens máo genio, mas tens bom coração. Deixa vir nosso pai; então verás.»

Depois de assim fallar a sua irmã, Eduardo introduzio na sala o mancebo com sua mãi, mandou-os assentar, poz-se a conversar com ambos muito amigavelmente. Malvina retirou-se para o seu quarto zangada e descontente.

Chegou entretanto o pai de Eduardo: «Aqui lhe apresento, disse o filho, meu bom condiscipulo Arsenio e sua respeitavel mãi. Já lhe tenho fallado nelle muitas vezes; é um dos me-

lhores estudantes de Rhetorica; é alêm d'isso muito bom camarada, tem bom coração, é serviçal, algumas vezes me tem ajudado nas minhas composições, e a elle devo ter um tão bom lugar na minha aula. Não lhe posso pagar os favores que lhe devo senão recorrendo ao valimento de meu pai, que estou certo fará a seu favor quanto podér. — Sim, meu filho, já me fallaste nisso, já me explicaste que seu pai tinha servido com muita honra e integridade o lugar de escrivão da camara d'esta cidade, e que tinha direito a uma tensa de que sua mulher devia gozar depois da sua morte. Para prova de que me não esqueci de teu peditorio, eis aqui o Alvará pelo qual lhe é feita a mercê d'uma tensa de 50,000 réis, pagos pelo cofre da alfandega. Hoje mesmo baixou da secretaria d'Estado.

— Ah! meu Senhor, exclamou a viuva, que bondade! que fortuna para mim e meu filho! Como poderei eu pagar-lhe tanto bem que nos faz?... Deos lhe dará a pago!... — Vosso filho, Senhora, merece tudo, é uma divida que eu tinha para com elle, e que agora lhe pago com grande gosto. Alêm de que, se me não engano,

V. Mᵉ tem outros titulos á nossa estima. O seu nome não me é desconhecido. Seria a Senhora parenta de F... que morreo ha dez annos no Brasil? — Sim, Senhor, sou sua cunhada... ; — É minha prima! — Eu bem o sabia, Senhor, mas não me atrevia a dizêl-o. — Como assím! disse Eduardo a seu condiscipulo, como lançando-lh'o em rosto, e tu não me tinhas dito nada, meu primo?! — Desculpa-me, meu amigo, eu obedecia a minha mãi; além de que, é para mim mais grato dever tantos favores a teu pai a titulo de tua amizade, que por motivo de parentesco.

— Eis um bello dia para mim, minha querida prima, disse então o pai; espero o completarêis ficando a jantar com nosco.»

Durante esta conversação, tinha descido Malvina e estava num canto da sala, mui envergonhada e mordendo os beiços; fazia com tudo algumas reflexões, e pouco a pouco sua boa indole ganhava terra sobre seu genio altivo, de modo que jà se arrependia do máo modo com que recebêra o amigo de seu irmão. — Então minha mana, lhe disse elle, não vens abraçar

nossa prima? — Sim, meu mano, disse ella, vindo promptamente, sim, não só a-braçál-a mas pedir-lhe perdão; não seria digna de ser tua irmã se não o fizesse. Esta lição me servirá para o futuro.

Na verdade Malvina emendou-se d'ali para diante pelo que toca a seu genio altivo e desdenhoso, mas ainda ficou sendo presumida e vaidosa, e foi-lhe necessaria mais uma bôa lição, a qual não tardou muito.

No dia dos annos de seu pai, houve uma partida extraordinaria, á qual forão convidadas todas as meninas do conhecimento de Malvina para passarem a noite e dansarem ao piano. Malvina, não cabia em si de contente; todo o dia não fez senão occupar-se de seu vestido e enfeites, que erão não só da ultima moda mas d'um luxo e riqueza, como se ella fôra noiva. Não é este o costume entre pessoas bem educadas e de nascimento destincto; as meninas vestem-se e penteão-se com muita simplicidade. Sua mãi devia pôr cobro na demasiada vaidade de sua filha, mas não o fez por fraqueza de

caracter ou por ignorancia dos usos da boa companhia.

Chegada a hora da recepção, Malvina foi a primeira que appareceo na sala. Estava vestida como uma princeza: Vestido de seda côr d'aurora, pulseiras de esmeraldas, gangantilha de perolas, brincos de topazios, corôa de flores entrelaçadas de diamantes; meias abertas e ricamente bordadas, sapatinhos de setim branco bordado de lantejoulas com topes côr de rosa; na cintura, larga fita aveludada, cor de fogo, formando grande laço com pontas compridas, e na mão um lencinho de cambraia de França, tão custosamente trabalhado que seu pai déra por elle mil reis!

Sem nada perder de sua presumpção e desvanecimento, Malvina fazia as honras ás meninas que entravão, mas só mostrava bom modo e agrado ás que erão bonitas e vinhão bem vestidas; ás outras, apenas lhes fallava por cima do hombro. Uma d'ellas, cujo semblante só se recommendava por um ar de bondade e de modestia, e que trazia um vestido de cambraia

lisa sem ornato algum, foi tratada por Malvina quasi com desprezo, e pouco faltou que lhe não virasse as costas.

Quando se tratou de organizar as contradansas perguntou a dona da casa se alguma das meninas queria privar-se de contradansar e tocar o piano. A menina, de que acabamos de fallar, offereceo-se logo com muito bom modo, e executou todas as contradansas que lhe pedião com tanto desembaraço e primor, que mereceo os applausos de toda a assemblea.

Num dos intervalos das contradansas, achava-se Malvina perto d'um cavalheiro que estava fallando com uma senhora. Pareceo-lhe, que fallavão d'ella; applicou o ouvido, com devaneio, cuidando que gabavão sua boniteza e suas galas; mas eis o que ouvio: «Que pensa V. S. daquella menina Malvina, que parece ter-se em conta de formosa, e pelos excessivos enfeites desafia todos os olhos para que a admirem? — Acho, disse a senhora, que tem mais de presumida que de bonita; seu modo pretencioso e suas maneiras ridiculas annuncião que é leviana e não teve boa educação. — Se estivesse vestida

com simplicidade, continuou o cavalheiro, e tivesse ar lhano e modesto, de certo havia de parecer muito bem. — Tem V. S. razão, respondeo a senhora; é pena. Dizem alèm d'isso que seu espirito é quasi inculto, e que não tem prendas nenhumas. — Veja a senhora aquella outra menina que está ao piano; por certo não é bonita, nem está vestida com elegancia; porêm tem ar de bondade, é amavel, condescendente, bem prendada, e terá mais pessoas que a estimem e lhe queirão bem do que a presumida Malvina. — O juizo que V. S. faz é muito acertado e se conforma com o meu. A vaidade d'uma impede-nos de ver que é bonita; a modestia e as prendas da outra fazem-nos esquecer que é feia.»

Malvina fazia-se de mil côres ao ouvir similhante conversação. Enrugava-se-lhe a testa, tinha a boca franzida, faltava-lhe a graça nos movimentos; não parecia a mesma. Não sabia dizer duas palavras, respondia com máo humor, nem mesmo se podia chamar bonita.

Sua mãi notou tudo isto, e posto que ella fosse a primeira culpada, não desestimou que

assim acontecesse para que esta boa lição podesse aproveitar a sua filha. E tomando um tom de autoridade de que atéli não tinha sabido usar, logo que a companhia se retirou, disse a Malvína : «Que te aconteceo, minha filha? Toda a gente notou em ti uma mudança repentina, não parecias a mesma.» Malvina não podia mais; desatou a chorar, e contou a sua mãi o que se passára, e qual o motivo de seu embaraço e vergonha. «Ora pois, minha filha, ainda é tempo de remediar o mal, com tanto que tu queiras. Não desprezes a lição que te dá o mundo. O que te acontece a-ti tem já acontecido a muitas outras antes de ti; isto deve provar-te quanto a formosura é cousa incerta e frivola. Pessoas ha que parecem bonitas a uns e feias a outros; e muitas vezes acontece que uma pessoa com bondade e prendas é preferida a outra favorecida da formosura, mas que tem o senão de ser presumida e vaidosa. Trata pois de adquerir as boas qualidades que te faltão, esconde com o véo da modestia os dotes naturaes, e todos te farão justiça.»

Malvina abraçou sua mãi debulhada em la-

grimas, prometteo de se emendar, e com effeito teve palavra. Em menos de trez annos recuperou o tempo perdido e veio a ser uma formosa dama tão prendada como virtuosa.

LIÇÃO XIX.

Singeleza e facilidade das obrigações da vida evangelica.

AMÃI.— Minha filha, terminaremos hoje a historia da conversão do nosso cavalheiro. Elle continúa a referir as instrucções que lhe dera seu Padre espiritual.

«Pediste-me, Philemon, que te instrua nas obrigações que te impõe a graça que em ti mora, e o como deves proceder para conservar a santidade do augusto caracter de que te revestio a divina misericordia: de bom grado o farei, com clareza e verdade.

«Começo por dizer-te, que se fores fiel a tuas promessas e seguires exactamente o que te ensina a Evangelho, não necessitas de direcção traçada pela mão de nenhum homem. Todas

quantas instrucções te chegassem por outra via não te farião adiantar um só passo na carreira da virtude se uma vez chegasses a perder o amor de Deos, a santa affeição ao retiro e a delicadeza de consciencia, que nos faz amaveis todas as occasiões que se offerecem para *meditar os annos eternos*, e para renovar nossa religião no seio de Deos per meio da reconciliação no santo tribunal da penitencia.

«Sabes, Philemon, qual é o principio da desgraça de tantas almas que se abandonão ao peccado e vem a parar em misero estado? É porque perdêrão o affecto filial de seu coração para com Deos, que é nosso pai e bemfeitor. Conserva pois quanto podéres este affecto, e não te esqueças nunca que estás sempre em sua divina presença.

«Uma verdade bem importante, e em que nunca meditarás demasiado, é que o recolhimento dentro em nós mesmos é a primeira base de nossa salvação, o primeiro desejo da religião e a unica segurança que nos responde da certeza e da solidez de nossa reconciliação. Furta-te pois quanto podéres aos passa-

tempos do mundo, e medita dentro em ti mesmo neste assumpto que é o mais importante de tua vida. A quietação dos sentidos e o recolhimento d'uma alma encerrada em si mesma são os principios elementares da vida evangelica e a essencia das obrigações do Christianismo.

«Oh que resolução tão prudente a tua de destinar a primeira hora do dia á adoração de Deos e á meditação de sua santa lei! Não te contentes com recitar palavras ou fazer rezas por modo de rotina; mas eleva-lhe tua alma com amor e affecto; medita em sua bondade e misericordia, não esqueças todavia sua justiça. Chega-te para Deos com confiança e ternura, busca merecer sua amizade como um filho se lança nos braços do pai amoroso.

«Ditoso, o que contempla e adora sem cessar o admiravel soberano poder que criou o céo e a terra! Que maior gloria que a de aniquillar-se no meio do bem infinito e imutavel que se communica a todos sem dividir-se, e alimentar-se com verdade soberana e universal, que allumia a todos os espiritos e é o sol de todas as intelligencias?! Quem nunca vio esta luz, diz

o sabio e immortal Fenelon, está cego como um cego de nascimento; passa sua vida numa escura noite, como os povos que habitão regiões onde o sol não allumia em mezes inteiros: crê ser sabio, e é um ignorante; crê ver tudo, e nada distingue; morre sem ter visto cousa nenhuma, e quando muito só palpou sombras, falsas apparencias, trevas e phantasmas que não tem nada de realidade. Assim são todos os homens, a quem arrastão os prazeres dos sentidos e os encantos da imaginação. Não ha sobre a terra verdadeiros homens senão os que consultão, amão e seguem a razão eterna. Ella é a que nos inspira quando pensamos bem, e nos reprehende quando pensamos mal. D'ella nos vem o lume da razão, assim como a vida, e é como um grande oceano de luzes, d'onde nascem nossas almas, como pequenhos ribeiros, e onde tornão a confundir-se.»

«Quão rapidos progressos farias, ó Philemon, na sciencia dos escolhidos, se te alimentasses sem cessar com estas grandes reflexões tão proprias para elevar nossas almas, e se cumprisses exactamente com as obrigações fa-

miliares e privativas da religião, que são a essencia e realidade do christianismo! Conserva com todo esmero o formoso caracter da verdadeira sabedoria, que consiste numa estima sincera de tudo quanto póde servir a fixar nosso amor nas cousas divinas, e num respeito inviolavel a tudo que tem alguma relação com Deos e com a gloria de seu culto. Não olhes nunca como pequena e indifferente nenhuma das cousas que pertencem á Religião, pois nella tudo é d'uma importancia infinita. Sujeita-te com singeleza ao que vires praticar pelos mais humildes discipulos da Fé, e não te esqueças que os maiores homens não se fizerão grandes santos. senão pondo-se ao nivel da porção mais obscura e ignorante do rebanho do Senhor.»

«Esta candura e esta innocencia evangelica forão sempre o caracter mais prodigioso da graça do Redemptor, e o mais brilhante triumpho *da virtude da cruz*. Nunca a Religião ostentou com tanta pompa e majestade a gloria de sua divindade e poder, como quando abatia *os sabios e os oraculos do mundo* até á classe dos infimos homens, e sujeitál-os a respeitar como doutores

e mestres aos pescadores e homens d'officio. Quanto maior fosse a energia e elevação d'uma alma inspirada pelo espirito de Deos, tanto mais propria seria para conhecer vivamente, que o que parece escandalo e *loucura* aos olhos do mundo é sem comparação mais profundo e *mais sabio que toda a sabedoria dos homens*. Os entendimentos limitados e vulgares são os unicos que, não podendo remontar-se *até á altura da sciencia de Deos*, ousão substituir suas frias e mesquinhas idéas aos principios e ás praticas consagradas pelo voto e proceder dos poucos homens, que têm um direito incontestavel á veneração e confiança de todas as idades.»

«Não conserves, Philemon, nenhum signal de tua antiga similhança com os impios e perversos do mundo. Demaziada intimidade tiveste com elles, e mil occasiões se offerecêrão para conheceres sua profunda corrupção. Tambem sabes quão pouco se hão de acreditar no que toca ao bem que pretendem fazer aos demais homens, e a respeito da sinceridade dos sentimentos que ostentão. Não acredites em seus protestos de amizade: quem não é amigo de

Deos não serve para teu amigo. Lembra-te, Philemon, de quando, oppresso com o peso de teus vicios e remorsos, conheceste a necessidade de voltar ao caminho da virtude, o primeiro passo que déste não foi ir consultar os amigos de tuas extravagancias, senão vir lançar-te nos braços d'um ministro de Jesu-Christo!... Fecha pois os ouvidos a seus discursos insensatos, e não lhes falles senão para lhes dizer: Na Cruz que salvou o mundo é que achaste paz e socego, e só por ella aprendeste a ser Christão, posto que sempre te tiveste em conta de sêl-o.»

«Depois do que deves a Deos e á Religião, nada te recommendo, como mais sagrado e precioso, do que o que deves a teu estado e ao lugar que occupas na sociedade. Os deveres de teu estado unidos ao cuídado de tua salvação não são para o christão illustrado mais do que o corpo de suas obrigações e a ordem com que ha de praticál-as. A ponctualidade a cumprir o que nos impõe nossa situação civil é tão essencial para nossa santificação, que Deos desprezaria as adorações e sacrificios que lhe offere-

cessemos nos momentos que devemos consagrar a nossos irmãos, á nossa familia ou a nossos concidadãos, porque nada do que perturba a ordem póde servir ao augmento de nossa justiça; e não dariamos gloria a Deos, se deixassemos de empregar o tempo no que elle quer que o empreguemos.»

«Feliz o homem que ama seu estado! de quantas penas e desgostos livra sua alma esta preciosa disposição! Porêm só a Religião no-la póde dar, porque é a unica que aprecía devidamente todas nossas obrigações, e por isso mesmo lhes communica um prazer real e effectivo. O verdadeiro Christão crê-se ditoso dentro dos limites das occupações que a divina Providencia lhe assignalou; sabe que só ali póde encontrar a verdadeira riqueza, e que ainda quando desempenhe os mais infimos misteres da sociedade, é maior em seu estado obscuro e abatido, do que se participasse com suberba ao destino de governar os imperios; porque, estando collocado segundo a vontade de Deos, disfructa da mais nobre e honorifica dignidade que póde ter a criatura no mundo.»

«Não tens visto algumas vezes, Philemon, desde a praia do mar o combate dos ventos disputando-se o imperio das aguas? aquelle bramido espantoso das ondas que, chocando-se com sigo mesmas, vão estrellar-se furiosas contra os rochedos? as montanhas d'agua e d'espuma que, levantando-se até ás nuvens, se precipitão de repente até ao fundo do abismo? Não te inspirou aquella vista um terror, misturado de certo prazer, que te inclinava a recolher-te profundamente dentro de ti mesmo? Pois taes são as agitações, os tormentos, e os furores implacaveis das paixões e dos interesses humanos. Mas para gozar d'este sombrio e tempestuoso espectaculo, é mister estar collocado fóra do horizonte que o encerra, e contemplar desde a altura da eterna verdade a alegria, os affectos, os odios, as amizades, as querelas, as reconciliações. as prosperidades e os infortunios dos homens: o fluxo e refluxo de seus prazeres, desgostos, temores. esperanças, planos, projectos e empresas; como fazem e desfazem, edificão e destroem, fogem e tornão a buscar os mesmos objectos; como se maltratão, se der-

ribão uns aos outros e se despedação entre si; e como se succedem as gerações, substituindo se o avô ao pai, o pai ao filho, sem que nenhum d'elles advirta a espantosa rapidez do movimento universal que os arrasta ao abismo da morte. Eis aqui o que é o mundo, Philemon, com todas suas desigualdades, inconsequencias, escandalos e desordens.»

«Em quanto a ti, não será já tua vida agitada com estas tempestades, antes correrá aprazivelmente como ameno arroio que leva pelo valle solitario suas cristallinas aguas com lentidão suave e majestosa. Tal é a imagem do curso dos annos e das obras consagradas ao espirito da Religião e ao serviço de Deos; taes as occupações d'uma vida retirada e christã em seu modo de caminhar sempre aprazivel e uniforme. Os filhos do Senhor nunca se fatigão com o tempo presente, porque o empregão em preencher suas obrigações, nem se inquietão com o futuro porque o reservão para novos exercicios; gozão do prazer de ver reviver suas passadas horas, que se reproduzem no íntimo de suas consciencias com a doce recordação de não as ter empregado

em vão, e com a certeza de achar seu premio no fim de sua tranquilla e innocente carreira.»

«Quando te recommendei que amasses o retiro, não quiz por isso dizer-te que fugisses inteiramente dos homens e fosses viver com os brutos. Não approvo, Philemon, as resoluções demasiado severas. A de romper inteiramente o trato com os homens, não a dicta o espirito da verdadeira e amavel piedade, e a caso não serviria senão para tornar desprezivel aos olhos do mundo seu caracter interessante. Esta sorte de rompimentos repentinos tem não sei que de melancolico e enfadoso, que a malígnidade não perde occasião de fazer valer, para desacreditar a virtude e ridiculizar os rectos sentimentos dos homens honestos e virtuosos.»

«Amemos aos homens, Philemon, e busquemos ser-lhes uteis e dar-lhes bons exemplos. A Religião não enfraquece o amor que devemos professar a nossos similhantes; pois ella é quem dá um bom coração aos mais pervertidos, e humaniza o natural mais duro e feroz; parece que os desprezamos, quando fazemos estudo de fugir d'elles; e não é licito dar-lhe uma idéa

tão melancolica e injusta dos sentimentos e dos principios que a Fé inspira aos que a professão.»

«Lembra-te que a Fé não veio alterar nenhuma de nossas relações, nem nossa correspondencia com os demais homens; que a sociedade é obra de Deos, assim como a criação; que o Evangelho, que é um de seus mais firmes vinculos, não póde ser contrario á sua conservação; que veio illustrar-nos e santificar-nos em nosso estado de cidadãos; que por consequencia nossa santidade, assim como nossa existencia, deve servir á utilidade de nossos similhantes, e ser uma parte essencial de todas as qualidades que nos fazem perfeitos para com nosco mesmos, e bons para com os outros. Que sería do mundo, se não houvesse nelle senão homens sem religião, sem lei, sem costumes, e sem principio algum estavel de sociabilidade? Sabes-tu porque o vicio observa nelle certo comedimento, e não ousa passar certos limites? E' porque a virtude lhe impõe em todas as cousas a necessidade de observar o decoro e a decencia, e porque o contraste dos homens de bem fórma por toda a parte uma resistencia

surda e invisivel á desenvoltura das paixões...»

«Porque não has de participar com teus concidadãos, parentes e amigos, de tudo quanto suas recreações têm de innocente e moderado? Ah! Philemon, alegra-te, sim, *alegra-te sem cessar no Senhor*. A virtude nada tem de triste e bizonho; não é sombria, impertinente, ridicula nem desconfiada; pelo contrario, é franca, suave, paciente, docil, condescendente e pacifica; tudo soffre, tudo perdoa, e de tudo se alimenta e fortifica. Verdade é que um humilde penitente de Jesu-Christo deve chorar até ao sepulcro a desgraça de ter deixado reinar a iniquidade em seu coração, mas esta dor é por si mesma um sentimento tão terno, e com o qual se acha tão bem o coração, que é antes uma effusão de reconhecimento de amor, que uma verdadeira pena, e se confunde com a alegria da virtude: não é mais que um arrependimento filial de ter conhecido demaziado tarde a um pai, que nos engrandece tanto e nos faz tão felizes...»

«Não tens reparado, Philemon, depois que meditas attentamente o santo Evangelho, nu-

ma cousa bem digna de sentir-se e notar-se? Jesu-Christo quando nos pinta o que succederá no ultimo dia, e a solemne e irrevocavel separação dos bons e dos máos, faz depender dos pobres a resolução que fixará o eterno destino do genero humano; e confundindo-se pessoalmente com todos os desgraçados, se appropria as consolações e as repulsas que estes hajão experimentado na terra. Não recorda naquella occasião ao homem justo senão as acções e as virtudes pelas quaes terá sido util aos infelizes: «Vós me alimentastes quando tinha fome, me vestistes em minha nudez, me visitastes quando estava infermo, e me consolastes em meu captiveiro. Por isso sois os benditos do meu pai, e entrarêis na posse do reino que vos está preparado desde o principio do mundo.» Se pelo contrario, o preverso é repellido e amaldiçoado, não lhe representa, nem sua maldade, nem suas dissoluções, nem seus escandalos, nem suas blasfemias; não lhe lança em rosto, para justificar a formidavel sentença que vai ouvir, senão a dureza d'um coração cerrado aos sentimentos de misericordia. Isto é

o que o separa para sempre da familia de Deos, e o que o arroja aos horrores do fogo devorador.»

«E' preciso que Jesu-Christo tivesse muito a peïto o preceito da caridade e da commiseração, para que procurasse com tanto cuidado e com uma efficacia tão extraordinaria gravá-lo no coração dos homens, e realçar com tão vivas côres a dignidade e a excellencia dos pobres, presentando-lh'os como os heroes do *grande dia do Senhor*, como os principes da eternidade e os arbitros da sorte de todo o universo. E' justo, ó Deos eterno, que o que é tão pequeno na terra, seja um grande espectaculo para vós; e que tantos suspiros exhalados pelos orgãos desfallecidos e acabrunhados com o jugo da miseria, sejão um presagio de grandeza e de poder para o dia em que todas as gerações humanas, juntas e temerosas aos pés de vosso trono, estarão em espectação de seu immutavel destíno!...»

Aqui ponho ponto, minha filha, ás principaes instruções que o bom servo de Deos deo áquelle cavalheiro convertido. Muitas d'ellas não têm

applicação para ti, porêm algumas te podem servir, e d'ellas farás uso nas differentes circumstancias de tua vida em que poderás achar-te. Lê-as a miudo, e medita-as com attenção; nellas acharás consolação para teu espirito, socego para teu coração, e apraziveis sentimentos de amor de Deos e do proximo, que é o resumo da lei santa que professâmos.

ALINA,

ou a Rainha de Golconda.

A Bretanha é a provincia de França onde se conserva ainda uma grande simplicidade, propria dos antigos tempos em que tinhão os Bretões sua lingua particular e não entendião o dialecto francez. Porém, depois das duas grandes revoluções, tem aquelle paiz mudado muito a todos os respeitos; tem-se ali introduzido o luxo, e com elle um meio para os aventureiros saltimbancos enganarem com suas imposturas a gente credula e sem malicia. Ali, mais

do que em nenuhma outra provincia, a louca vaidade é a cada passo enganada pela lisonja astuciosa e atrevida. Isto se prova pelo caso seguinte que aconteceo pelos annos de 1835 da era christã.

Numa aldeia, não mui longe de Nantes, vivia um antigo armador de navios, homem abastado que em seus commercios juntára grossos cabedaes. Era o principal da aldeia, e vivia de suas terras sem fausto de casa, mas com mais luxo do que seus antepassados. Tinha elle uma filha, pouco mais ou menos de quinze annos, chamada Alina, que, sem ser bonita, era comtudo engraçada e meiga. Seu pai vivia mui simplesmente, mas gostava de ver sua filha bem vestida e enfeitada. Levava-a de tempos em tempos a Nantes, e comprava-lhe os melhores vestidos á moda e todos os arrebiques que a menina podia appetecer. Assim andava ella sempre num pontinho; toucados de custo, cadeias de ouro, brincos de diamantes, palhetas de prata no cabello, rosicler ao pescoço, finalmente Alina parecia uma prínceza; e como na aldeia não havia quem lhe chegasse aos calca-

nhares, era ella muito vaidosa e desvanecida: defeito este que se foi augmentando com as lisonjas das raparigas de sua idade que lhe derão o nome de Rainha de Golconda.

Alina, credula como todas as pessoas vaidosas, tomou ao serio o appellido que lhe davão, e tinha-se em conta d'uma rainha no meio de seus vassallos. Era de ver o ar soberano com que se presentava quando apparecia no meio de suas companheiras, a quem eclipsava com seus enfeites e com uma casquilharia muito a cima de sua idade. Não tinha Alina só a culpa; seu pai e sua mãi erão os principaes culpados, pois lhe deixárão tomar gosto ás modas, aos enfeites e a admirar-se ao espelho. Desejava muito que a gabassem, e abandonava-se de bom grado aos devaneios da vangloria. Começou este defeito como uma especie de brinco, mas não tendo sido corrigido, tornou-se bem de pressa em paixão dominante, que veio a ser-lhe fatal, como diremos.

Pela feira de São João veio á aldeia uma companhia de bailarinos, pelotiqueiros, dansarinos de corda, que deo uma representação no meio

da praça á qual acudio grande numero de curiosas entre as quaes se achava Alina mui desvanecida e enfeitada fazendo, segundo o costume, o seu papel de raínha.

Entre as cousas curiosas d'aquelle espectaculo notava-se em particular um burrinho mui esperto e atilado, a que davão o nome d'*asno douto,* que fazia mil habilidades, adevinhava não só a hora d'um relogio mas ainda os minutos, conhecia as pessoas que fazião roda, e entrava em seus particulares mais secretos.

O dono do burrico logo que deo com os olhos em Alina e que soube que se appellidava Rainha de Golconda, tratou de tirar todo o proveito que podesse d'uma tão boa fortuna. Bem sabía elle que a gente vaidosa é mui facil de enganar quando se lhe fazem cumprimentos e lisonjas. Fez o pelotiqueiro sua costumada harenga ao *burrico* e disse-lhe que indicasse quem era a pessoa mais bonita da sociedade. Para logo o *asno douto* encaminhou-se mui gravemente para onde estava Alina, parou diante d'ella, fitou as orelhas, meneou graciosamente a cabeça e abrio um surriso respeitoso.

— Bem está disse o pelotiqueiro, como já nos indicaste quem é a pessoa mais bonita vou agora pôr-te uma venda nos olhos e fazer-te dar trez voltas em roda, e depois has de parar diante da pessoa mais illustre da companhia.

O asno douto meneou a cabeça, como quem sabía bem o que havia de fazer, deo as trez voltas em roda da gente que estava de boca aberta, e parou mui gravemente diante de Alina que não cabia em si de alegre e contente.

— E' a rainha de Golconda! disserão algumas de suas companheiras. O burrinho é na verdade douto! E' impossivel adevinhar com mais acerto. Vio-se nunca cousa mais prodigiosa?!

— Bem vedes, tornou o Charlatão, que nosso douto companheiro nunca se engana. Bastante trabalho me tem custado. Eu é que lhe ensinei esta admiravel sciencia; ha quarenta annos que me acompanha em minhas viajens, e nunca se enganou. Temos corrido juntos as sete partidas do mundo: imperios, reinos, republicas, cidades, villas, aldeias, não ha canto do mundo em que não tenhamos penetrado. A Europa, a Arabia, a Mesopotamia, a China, a Siberia, o

Congo, e outras regiões do globo nos possuírão umas a pós outras. Até estivemos em Golconda, essa riquissima cídade cuja rainha aqui tivemos a honra de encontrar. Ali abundão as pedrarias, e os diamantes nascem nos campos sem cultura: apanha-os quem quer. Afortunado paiz! as arvores estão sempre carregadas de frutas maduras, e as melhores viandas á disposição dos viandantes. Quem me dera là! Só o pensar nisso me faz vir agua á boca.

— Mas, Senhor, disse uma rapariga muito esperta, se V. M. passou por Golconda, porque não trouxe de lá alguns diamantes? Cousas tão bonitas e tão ricas não são para desprezar.

— A reflexão é muito acertada, minha menina, eu lhe vou responder immediatamente. Ajuntei tão grande quantidade de diamantes que podião encher dous carros com arcas. Porêm, como erão diamantes brutos, e não podia trazer commigo tão enorme carga, deixei-os em Nantes n'um armazem confiados a um correspondente que os manda polir pouco a pouco para ir vendendo ás noivas e meninas bonitas que se

querem enfeitar. D'aqui vamos nós á cidade e lá acharemos alguns trabalhados com primor como os da Rainha de Golconda, mas queremos antes acabar a representação em honra da illustre companhia que nos ouve. Vamos! venha a musica e a dansa de corda!

Começou logo um trombone e um flautim a tocar a cachucha, e outras modas, com acompanhamento de campainhas e zabumba, por tal modo que era mais a bulha do que a harmonia; podia-se dizer de tal muscia, que era a *desesperação de Judas;* mas os Bretões e Bretonas estavão mui contentes e encantados. Os dansantes de corda fizerão seus saltos e peloticas, o palhaço fez seus arremedos e momices, e o publico applaudia tudo com enthusiasmo.

Acabada a representação, pegou o pelotiqueiro n'uma bolsa, e fez a volta em todo o auditorio para receber os cinco reis das raparigas e mais circumstantes, e sem dizer adeos poz-se a caminho para outra aldeia.

Ainda o pelotiqueiro com a sua banda musical e seu companheiro o *asno douto* não tinha

bem saído da aldeia, quando vê uma rapariga que vinha correndo atraz d'elle; parou, para ver o que ella lhe queria.

— Senhor F., lhe diz ella, V. Me já esteve em Golconda? E' muito longe d'aqui lá?

— Minha fidalguinha, lhe respondeo elle, com ar de respeito, se não nos demorarmos no caminho estamos lá antes da noite. Se V. Ex. quer vir com nosco, far-lhe-hemos honrosa companhia e a entregaremos ao Rei daquella terra que folgará muito de a ver e a receberá como uma princeza. Posso assegurar a V. Ex. que será festejada como a mais linda menina da sua côrte.

Alina não cabia em si de contente. Sem reflectir nos cuidados que ia dar a seus pais e nos perigos a que se ía expôr, consentio em ir com o impostor que lhe fazia tão boas promessas.

— A minha princezinha, disse elle, não ha de ir a pé; aqui está o meu douto companheiro, no qual ninguem nunca montou, que será muito ufano de levar tão raro thesouro de formosura.

E dizendo isto, pegou nella ao collo, pôl-a

a cavallo no asno douto, e partírão todos fazendo grande festa.

Não tinhão ainda andado um quarto de legua quando o pelotiqueiro mudou de linguagem e de maneiras.

— Ora bem, disse elle, como tu vens com nosco por tua propria vontade, quero dizer-te a lei em que has de viver. Pé em terra, e toma sentido no que te digo, senão commigo te has de haver.

— O' Senhor! pois não vamos nós a Golconda, á terra dos diamantes?!

— Qual Golconda, nem terra dos diamantes, replicou o cigano com ar grosseiro. Has de aprender a dansar na corda, e quando fizeres mal as peloticas aqui está esta vardasca que te ensinará a ter o pé leve.

— Quero-me ir embora, gritou Alina, em altas vozes; mas estava já muito longe da aldeia para que a podessem ouvir.

— Pódes gritar quanto quizeres, disse o cigano, não temos medo de teus gritos; já estamos longe do povoado, e não te has de ir senão quando nós quizermos. Dá me cá esses brincos

de diamantes; são muito ricos para uma dansarina de corda.

— Eu não quero ser dansarina de corda, gritava em berros a rainha de Golconda.

— Sim, mata-te bem; dá-me cá esse rosiclér, essas pulseiras, todos os anneis; nós o que queremos é pé leve e corpo ligeiro. Para que serve esse vestido de folhos, essas rendas na anagua, esse colletinho de barbas de baleia, essas meias bordadas, esse lencinho transparente, fóra com tudo isso; para dansar na corda é mister que os membros estejão livres e o corpo esvelto e apenas coberto.

Despío-a pois desd'os pés até á cabeça e deolhe para se embrulhar um manteo de serguilha. Gritava a pobre rapariga cada vez mais: — Quero ir para casa; não quero ser dansarina de corda. Ai quem m'acode!...

— Pois bem, disse o cigano depois de fazer uma troxa de toda a roupa e galas de Alina, não quero nada comtigo, quando estivermos mais longe do povoado, vou-te deixar ir embora com o teu novo traje; mas como és mal-

dosa, has de ficar amarrada com uma corda. Commigo não se brinca, e caluda.

Se bem o disse, melhor o fez. Amarrou-a de pés e mãos; pôl-a á borda do caminho, dizendo-lhe com desprezo: — Fique para ahi, senhora rainha de Golconda, até que chegue algum de seus vassallos e a leve para os seus estados. A caminho, camaradas; — e toda a banda foi caminhando apressadamente.

Era pela volta das trez horas da tarde quando isto succedeo, e só ao pôr do sol é que chegou gente da aldeia e vio o deploravel estado em que se achava Alina. Tinha ella já derramado mui amargosas lagrimas, pelo procedimento leviano que tivera para com seus pais. Tardías forão as reflexões; mas estava cruelmente castigada de sua vaidosa curiosidade.

Quando o pai e a mãi de Alina vírão sua filha naquelle deploravel estado, desgadelhada, descalça de pé e perna, toda enlameada, embrulhada num manteo de serguilha, não a podião conhecer; poserão-lhe um capote por cima, mettêrão-se numa carreta e entrárão na aldeia

ao luz que fusque, cuidando que ninguem a veria; mas não aconteceo assim, que toda a gente estava ás portas e nas esquinas para ver a entrada de Alina. Todos fallavão pela boca pequena, manifestando a compaixão que lhe causava a vaidosa Alina; porêm um gaiato bretão não se pôde ter que não dissesse com grandes gargalhadas:

— Olha a rainha de Golconda! Que boa carinha que tem! caspite! como vai tafula!.... Qu' é feito dos diamantes, das pulseiras, dos vestidos de folhos?... Como está cabisbaixa!...

A estas e outras similhantes chufas, Alina escondia a cara, e a seu pai e sua mãi caíão-lhes as faces no chão de vergonha.

Entretanto corrião os camponezes atraz do cigano que dera tão máos tratos á pobre Alina, e por fim conseguírão agarrál-o; trouxerão-no preso, mettêrão-no na cadeia, e então se soube que era com effeito um cigano, vagabundo e bandoleiro, que roubava quando achava occasião, sobre tudo crianças para as fazer servir a suas dansas e peloticas; depois de processado,

foi condemnado ás galés onde jouve largos annos.

Em quanto a Alina, não diremos que se corrigio inteiramente, mas emendou-se muito; não lhe esqueceo a lição, e quando parecia deslembrar-se, seu pai e sua mãi tinhão cuidado de lhe dizer por ironia: *Queres que te mandemos para Golconda?*

LIÇÃO XX.

Conselhos maternaes.

Minha filha está chegado o tempo das ferias; devemos descançar de nossas fadigas; nosso espirito carece de repouso, e nosso corpo ha mister descanço. Esta lição será por tanto a ultima d'este anno, mas por isso mesmo quiz reunir nella alguns conselhos que poderão ser-te uteis no decurso de tua vida. Atéqui, tudo quanto te tenho dito é tirado de bons livros e approvado por meu director, homem consummado em sciencia e virtude, nem eu me atreveria a fallar-te de taes materias de minha propria cabeça; porêm o que agora vou a dizer-te é filho de minha experiencia e reflexão. Dei-lhe por isso mesmo o titulo de *conselhos maternaes*, porque ninguem melhor do

que a carinhosa mãi póde entender o que convêm a sua querida filha.

Minha filha, apezar das desgraças e revezes da fortuna que nestes ultimos tempos soffreo a nossa casa, deixou-te teu pai bastante dote para viveres sem depender de ninguem. Isto não obstante, póde acontecer que a roda sinistra de sande ainda outra vez contra nós, e que venhas um dia, como tantas outras mais nobres e ricas do que tu, a veres-te obrigada a educar teus proprios filhos ou a seres mestra de meninas. Nesta supposição, que Deos permitta nunca se realise, é que vou dar-te alguns maternaes conselhos.

Não te figures, minha filha, que o ser mestra de meninas é um baixo emprego; não é uma elevada missão, mas é mister desempenhál-a com devélo e maternal affecto. Não posso com tudo esconder-te que a mestra é mais presa, e de certo modo mais escrava, que as mulheres que trabalhão de jornal. Facil é acostumar-se ao trabalho manual, e quando vem a sésta ou o pôr do sol, estão livres e desembaraçadas. Quantas vezes vemos nós a costureira á sua porta, a cei-

feira nos campos, darem alegremente seus descantes, e entregarem-se ao descanço da noite como se não estivessem cançadas do dia? E se motivos têm de tristeza podem dar desafogo a seu coração, e enxugar suas lagrimas sem as esconder, nem d'ellas fazer mysterio. Não assim a mestra, pela manhã como á noite, em casa como na rua, é mister que appareça sempre no meio de suas discipulas com rosto sereno, ar desassombrado, e brandura nas palavras; ha de muitas vezes engulir as lagrimas, desfranzir o rosto seu máo grado, abrir um surriso involuntario, impor silencio ao amor proprio, abafar a ira, armar-se de constante paciencia para poder inspirar-lhes confiança e desempenhar com fructo a missão de mestra. E' necessario outrosim estar attenta a suas perguntas, responder a proposito ás que são uteis e acertadas; finalmente esquecer-se de si mesma para só se occupar das educandas que estão a seu cargo.

Lembra-te, minha filha, que a mestra é destinada a substituir a mãi. Mas quão difficil é, para não dizer impossivel, bem desempenhar tão elevada missão! O coração maternal é um

manancial inexgotavel de bondade, de amor, de ternura. Os desvélos mais estremosos não apurão sua paciencia; nem o cuidado a enfraquece, nem o trabalho a cança; nenhum sacrificio por seu filho lhe custa; se preciso fôra daria por elle todo seu sangue; seu filho é sua alegria, seu encanto, sua esperança, e sua ventura. Para ella todas as privações, todas as tristezas, todas as angustias; mas para seu filho todo o contentamento, todos os prazeres, toda a ventura á qual ella renuncía.

Nunca a mestra poderá ter o amor acrysolado, que Deos só concedeo ás entranhas maternaes, mas poderá suppril-o com um affecto cuidadoso, socegado e razoavel, amando as crianças para seu bem sem lhes dar demasiado mimo, defeito de que nem sempre são isentas as mãis. E' mister ser de má indole para não amar as crianças; sua candura, sua ingenuidade, sua viveza, sua fraqueza, a necessidade que têm de socorro, e até suas travessuras nos interessão, tudo nos agrada e nos inspira affeição. Alêm de que, naturalmente amâmos aquelles a quem fazemos bem; não posso pois crer que haja mestra a

quem sejão indifferentes suas discipulas. Verdade é que esta affeição torna mais penosa a falta de submissão da parte de algumas d'ellas, certa secura e desamor da parte d'outras, mas ella lhes facilita grande gozo e contentamento quando vêem seus progressos e coroados de bom exito os desvélos com que se applicárão a seu aproveitamento. Ama pois, minha filha, tuas discipulas, se um dia as tiveres, e sabe persuadir-lhes que as amas e que teu amor é todo para seu bem.

Quando um arquitecto quer edificar umas casas, começa por lançar cuidadosamente os alicerces para que nada tenhão que receiar dos ventos do verão e das tempestades do inverno. Edificar sem esta precaução seria trabalhar em vão. O edificio moral que uma mestra ha de construir tem igualmente necessidade de base solida em que se estribe, pois que deve durar em quanto durar a vida das meninas que te forem confiadas. Ora minha filha para que a educação possa resistir aos impulsos das paixões e aos contratempos do infortunio é mister que se estribe num principio immudavel e permanente,

a cima da fraqueza humana, e este não póde ser outro senão a religião. A mestra e a discipula têm nisto igual interesse; a mestra, porque seu trabalho se torna mais facil; a discipula, porque as lições de virtude que receber em sua infancia serão seu conselho e sua fortaleza em todas as circumstancias da vida.

Por mui fraca que seja a razão de tuas discipulas, ella é justa porque ainda se não acha falsificada; dirige-te pois a ella não com grandes discursos, mas com reflexões acertadas e simplices. Antes de lhes fallardes de seus devêres, explica-lhes quaes são os teus. Dize-lhes que fazes as vezes de seus pais e mãis, e que d'elles recebeste a autoridade que exerces a seu respeito assim como elles a recebêrão de Deos, senhor do ceo e da terra, creador e pai de todos os homens. Por tanto para obedecer a Deos, que quer que todos seus filhos o conheção, amem e alcancem por uma vida virtuosa a recompensa eterna que lhes destina, é que estás encarregada de as instruir, de as corrigir de seus defeitos, de lhes ensinar a evitar as faltas em que caírião se uma mão protectora as

não sustivera e dirigíra. Dize-lhe mais, que os esforços que fizerem por se adiantarem, serão não só recompensados por ti, e encherão de jubilo o coração de seus pais e mãis, mas que Deos mesmo, amoroso dos meninos, apezar de sua grandeza, inclinará seus olhos para ver a menor acção bôa que praticarem, e do alto céo onde mora os abençoará se forem doceis e estudiosos. Por mui menina que seja a discipula entenderá esta linguagem, e fará diligencia por dar provas de que a entende.

O talento da mestra consiste em saber repetir amiudo estas lições, sem cançar as discipulas; devem por isso ser curtas, e com ar natural. Uma palavra dita a proposito vale mais do que um longo discurso: ouvem-na as meninas com attenção, muitas vezes com gosto, e quasi sempre lhes faz impressão e fica gravada em seu pensamento. Além de que não faltão occasiões em que a mestra zelosa possa inculcar as verdades de que está convencida, sem que pareça fazêl-o de propproposito.

Ora, aproveitando um alegre passeio ao radioso sol da primavera, reune em torno de si

suas caras discipulas, e fazendo-lhes admirar a viçosa verdura dos campos, a formosura do céo, a variedade dos valles, a espessura das frondosas matas; ora, advertindo-as que notem o doce murmurio das aguas que rebentão das fontes ou correm placidas nos prados, que oução o harmonioso gorgeio dos passarinhos, que com seus descantes animão a natureza; não só se alegrão as meninas com estas reflexões, mas entrão numa especie de transporte delicioso, então é que a mestra lhes falla da bondade do pai do céo, do Senhor Todo poderoso que creou todas as cousas para o homem e lhe prepara com tão prodigiosa magnificencia a terreste morada que habita, e que em paga de beneficios tantos nada mais pede que nosso amor e gratidão.. E se esta morada perecedora é tão magnifica e formosa, que não será a mansão beatifica onde brilha sua immarcecivel gloria, celebrada eternamente pelos melifluos cantares dos seraphins, e applaudida pelos bemaventurados espiritos que gozão de sua divina presença? !...

São as meninas naturalmente curiosas, fazem amiudadas perguntas; deve pois a mestra apro-

veitar esta feliz disposição para lhes dar util ensino. Mostrar-lhes-ha as canas de trigo que começão a espigar para assim pagar o trabalho do lavrador, que ellas vírão deregando a terra e confiando-lhe a semente que a Providencia divina multiplicará para nos dar *o pão de cada dia;* o passarinho, que leva no bico as palhinhas e o brando musgo para fazer seu minho; a formiga, cuidadosa no verão a recolher no celleiro seu sustento para o inverno, a sollicita abelha, colhendo nas odoriferas flores o precioso nectar de que formará seus melifluos favos; e quando vir as discipulas attentas a suas palavras e encantadas das maravilhas que lhes explica, lhes fará então comprehender a necessidade de estudar, as vantajens que d'ahi resultão, e quanto emporta que ellas empreguem os verdes annos da mocidade a entesourar virtudes e prendas que hão de fazer o encanto e a dita de sua vida, e talvez lhes assegurem o sustento em seus cançados annos.

Se uma arvore, coberta com o lençol de suas flores, alegra seus olhos, a mestra lhes dirá que aquellas flores são a esperança do poma-

reiro , assim como as boas disposições que ellas mostrão são a esperança de sua familia e d'ella propria. Quantas vezes cae a flor sem que o fructo vingue !...

Se alguma vez se admirarem as meninas de ver o pomareiro cortar com afiada podôa alguns ramos ou renovos das arvores, de que talvez o accusem, dir-lhes-ha, que são ramos secos ou gomeleiras que é mister desbastar para que as arvores medrem e amadureção opportunamente seus fructos; e accrescentará, que assim convêm que ella, encarregada de as educar, córte seus defeitos e desbaste em seu coração tudo que poderia tornar estereis as lições que lhes dá.

Se por acaso lhe vêm offerecer um ramalhete de violetas, que, com risco de se picarem, forão colher entre silvas e estrepes, lhes perguntará qual a razão de preferirem a violeta a outras boninas mais vistosas; e, quando ellas lh'a derem, gabará os encantos da brandura e da modestia, cujo emblema é a violeta.

A mestra aproveita todas as occasiões que se offerecem para instruir suas discipulas e lhes ensinar, desde sua infancia, a ler nas admira-

veis paginas do grande livro da natureza, cada uma das quaes encerra grande e sublime doutrina. Um passeio assim dado será mais util que um dia de estudo, e não causará menos prazer áquella que o souber bem dirigir.

Tambem poderá a mestra servir-se de outro meio, igualmente facil e simples, para instruir suas discipulas, e de que ellas gostarão muito; consiste elle em contar-lhes algumas historias, não como os contos das velhas, mas com graça e verosimilhança, e contendo alguma moralidade que ellas entendão facilmente e de que possão fazer applicação a si mesmas. A narração simples d'uma boa acção lhes toca o coração e lhes inspira o desejo de fazer bem ou de evitar o mal. Se por acaso se offerece uma occasião favoravel, um soffrimento a consolar, um infortunio a soccorrer, a mestra terá a satisfação de ver suas discipulas renunciarem a seus divertimentos e phantesias para exercerem sua benevolencia e merecerem tambem ellas o elogio que não podérão refusar á heroína cuja historia lhes contou.

Por este modo vai a mestra formando o co-

ração de suas discipulas, e pouco e pouco lhes faz appreciar a dita que temos quando soccorremos os desvalidos, quando vestimos o órphão e enchugâmos as lagrimas da viuva. Ella lhes dirá que a satisfação interior que ellas experimentão é a primeira recompensa do bem que fizerão, e que esta satisfação é superior a toda e qualquer alegria mundana; que Deos a dá sempre a quem preenche fielmente um dever ou pratíca uma obra de misericordia. Finalmente por este modo lhes prova quanto é grata uma recreação depois d'um estudo bem applicado, e quão felizes se achão num dia de sueto que merecêrão por sua applicação e docilidade.

O pensamento d'um Senhor Todo-poderoso, porém bom, paternal e magnifico em suas recompensas, lembrado a miudo ás meninas, tornará mais facil a tarefa da mestra, que não terá que reprehender e castigar em seu proprio nome, mas unicamente porque tendo recebido a missão de instruir e dirigir as meninas obraria contra sua consciencia senão a desempenhasse escrupulosa e exactamente.

Muitas pessoas têm pretendido ensinar a mo-

ral sem a religião; mas quão funesto seja este erro, minguem ha que o não conheça. E na verdade, minha filha, que cousa é a moral sem a religião? Em que base se estriba, se se supprime o amor e temor de Deos? Em lugar da palavra *virtude*, não será preciso pôr estas duas: *soberba* e *egoismo?* Em que outro sentimento que não seja o amor proprio ou o interesse pessoal, acharemos a força de preencher nossos deveres? O esquecimento da religião na educação das meninas seria para ellas a maior de todas as desgraças e uma grande calamidade para as familias christãs.

Por que razão tantos pais de familia, que não curão da religião, têm com tudo a peito que seus filhos recebão uma educação religiosa? Porque razão tantas mãis, privadas d'este bem, desejão tão vivamente que suas filhas sejão religiosas? E' porque o pai sabe muito bem que quanto mais seus filhos respeitarem nelle a autoridade divina, tanto mais proderá contar com seu amor e submissão. E' por que a mãi não ignora que a religião é o melhor mentor que póde dar a sua filha.

Nesses verdes annos em que a razão a penas vislumbra no horizonte da vida, em que é vivissimo o gosto do prazer, em que a imaginação não antolha senão enfeites, bailes e festas, em que o coração, como que acordando, sente estranhas tristezas, aspirações desconhecidas, e por ventura se derrama em lagrimas de suave amargura; nessa idade fogosa em que tudo é perigo para a menina sem experiencia, quem a defenderá contra si mesma? Quem lhe dará forças contra sua propria fraqueza? Quem lhe dirá que se não entregue a essa languidez cujo encanto é mortal? Quem lhe aconselhará que busque distrahir-se no trabalho antes do que na leitura d'esses livros, mais que muitos, cujas paginas escondem um veneno lento, debaixo de brilhantes e seductoras flores?...

Quem preservará a órphã desvalida, só de sua formosura acompanhada, contra as seducções e as ciladas que de todos os lados a cercão? Que mão a susterá no declive escorregadio em que se acha? Que voz amiga lhe dirá que elle vai parar ao abismo? Quem lhe inspirará animo para supportar a soledade, consagrar seus dias

ao trabalho cançado e improductivo, padecer talvez todas as privações da miseria, antes do que comprar, pelo preço do remorso, todos os esplendores da vida?... Que outro pensamento terá poder de dissipar a turvação do espirito e de acalmar as tempestades do coração, a não ser o pensamento do Ente Soberano, justo e bom, ao qual nada escapa e que leva em conta a cada um os esforços que faz para não transgredir sua lei, regra eterna da honra e da virtude? Que sentimento poderá encher sem perigo a alma que padece d'um vazio, que elle não sabe ainda explicar, a não ser o amor d'aquelle cujo poder e bondade toda a natureza proclama? Que temor poderá reter aquella que vai succumbir, a não ser o temor do inexoravel juiz que esquadrinha os corações, e a cujos olhos se não póde esconder a mais occulta falta?

Algumas vezes acontece que o enlevo da mocidade, as seducções do prazer, os conselhos da vaidade ou as suggestões da miseria, suffocão por um instante a voz da razão e do dever. E' na verdade desgraça grande; mas se os principios religiosos forão profundamente gravados

nesse coração illudido, ao primeiro engano, de que é victima, e elle não tardará, começa a reflectir no que elle julgava ser a felicidade, reconhece quanto se enganou, e, achando em suas recordações, um tempo bonançoso e suave, vem nelle refugiar-se com a alegria que experimenta a náo quando, acoçada pela borrasca, entra emfim no porto a salvamento.

Não párão aqui, minha filha, os bens que resultão d'uma educação verdadeiramente religiosa. Que seriamos nós sem a fé e a confiança em Deos? Onde achariamos nós a força de viver, quando tudo parece abandonar-nos? Que seria da esposa que, tendo consagrado toda a ternura de sua alma ao consorte que escolhêra, vê menoscabada sua ternura e se acha mais solitaria do que nunca supposéra que podia sêl-o? Ferida em seu amor, obrigada a receber todos os dias novos desdens e a engulir as lagrimas que desejaria derramar abundantes para abrandar sua magua, onde achará ella a paciencia que ha mister para não se queixar áquelle mesmo que é causa de sua dor? Quem lhe inspirará continuamente palavras brandas e suaves? Quem

lhe dará animo para tentar trazer a seu affecto aquelle que d'ella não cura? Quem, finalmente, lhe fará fechar os ouvidos ás insinuações do despeito e da indignação, ao desejo de vingar-se, a não ser a confiança naquelle que tem em suas mãos o coração do homem e dispõe como lhe apraz de seus destinos?

Debaixo do peso de tão crueis penas, como no meio das muitas adversidades de que é semeada a vida, onde achariamos nós uma consolação mais poderosa do que a da religião? Quando tivermos perdido, uma a uma, todas nossas illusões, quando uma dita tão desejada se tornar para nós enfadosa e ensipida, quando o braço amigo que devia proteger-nos nos fugir ingrato; quando tivermos conhecido que este mundo é um valle de lagrimas, onde não podêmos esperar senão dias curtos e máos; quando emfim cançadas de vaguear entre esquivanças e maguas, cairmos desfallecidas, implorando auxilio, quem nos dará a mão para nos levantar? Quem nos inspirará animo e conforto? Quem mostrará a nossos cançados olhos essa luz benefica que entrevista de longe pelo viajante de-

sencaminhado e oppresso de fadiga, lhe dá allento para caminhar ainda; quem, senão a religião?!

Que santa e preciosa doutrina a que faz da esperança uma virtude! Que graças não devemos dar a Deos de nos haver revellado sua religião bemdita que, se condoe de todos os soffrimentos, e a cada um d'elles applica salutifero balsamo; que promette gloria infinita aos que chorão, infindo descanço aos que trabalhão, felicidade immensa a todos os que crêem e amão!...

Ainda quando tudo devêra acabar com a morte, ainda quando os immortaes destinos que nos são promettidos não houvérão de ser herança nossa; deveriamos com tudo amar a religião; ainda quando Deos, cuja bondade é infinita, podéra querer, segundo a expressão d'um poeta, precipitar-nos no nada, apezar do horror que do nada gravou elle em nossos corações, assim mesmo aquelle que quizesse gozar neste mundo d'alguma dita, que quizesse ter um abrigo contra a dôr, um refugio contra a desesperação, esse devia ainda ser christão.

Minha querida filha, não tenhas maior preoccupação, nem cousa que te dê maior cuidado, do que dotar teus filhos, se os tiveres, ou as meninas que te forem confiadas d'esse precioso tesouso que ninguem lhes poderà roubar, e que, depois de lhes assegurar dias serenos na terra, lhes facilitará venturosa bemaventurança na vida futura.

Se assim procedêres, como certamente espero, ver-te-has cercada de veneração, de carinhos e de reconhecimento; teu espirito serà sereno nas alternativas da vida, e teu coração transbordará da deliciosa satisfação que nos causa a certeza de havermos feito nosso dever, e poderás dizer com verdade : Quando trabalhâmos em felicitar nossos similhantes fazemos nossa propria felicidade.

A Fonte de Herminia.

Na garganta d'um valle, que nas vertentes da serra de Cintra se abre ao norte, não longe do conventinho dos capuchos, ha uma quinta

com vasta residencia, pomares e castanhaes, onde outr'ora habitára uma familia que, por máo trato da fortuna, foi obrigada a deixar a côrte e a viver solitaria longe do bulicio da gente. Ali foi criada até á idade de doze annos uma menina, por nome Herminia. Não tivera ella outra mestra senão sua mãi; senhora nobre e de grandes prendas, que soube inspirar a sua filha todos es sentimentos e instrucção que fazem o apanagio das pessoas de sua qualidade.

Herminia deleitava-se a apercorrer as veredas que entre penhascos conduzem aos elevados picos d'onde se avista o Oceano, ou d'onde se espraião os olhos pelas encostas vestidas de arvoredo que se debruça sobre as varzeas, onde mil fructas e formososos vergeis encantão a vista; mas o seu maior divertimento era ir com sua mãi, nos domingos, á missa ao conventinho dos capuchos, e não se fartava de admirar a pobreza e austeridade dos religiosos que ali vivião. Distava o conventinho da quinta um bom quarto de legua, que Herminia andava a pé e por um caminho aspero e desabrido.

Havia porêm no meio d'elle um vallezinho,

cercado de penedos, ameno e deleitoso, no qual se deslizava por entre verdes fetos uma veia de cristallina agua que rebentava d'um empinado rochedo, á sombra do qual Herminia e sua mãi se assentavão a descançar e ali matavão muitas vezes a sêde. O mesmo acontecia a varias pessoas que atravessavão a serra ou ião por devoção ao conventinho dos capuchos.

Vinha muitas vezes a mãi de Herminia, quando andava de esperanças, assentar-se junto d'aquelle fresco nascente, e quando sua filha nasceo dedicou lh'o com o nome de *Fonte de Herminia;* plantou junto d'ella um plátano que fosse medrando á medida que sua filha ia crescendo.

Apenas Herminia começou a andar por seu pé levou-a sua mãi á fonte que lhe era dedicada, e á medida que sua intelligencia se ia desenvolvendo lhe foi a mãi explicando o motivo d'aquelle nome e como ali fôra plantado o plátano, a cuja sombra vinha a menina muitas vezes sentar-se para estudar suas lições ou trabalhar em sua costura, e tambem para merendar. Por todos estes motivos amava muito Herminia sua

lonte e seu plátano; bebia com prazer de sua agua por uma concha marinha ou uma escudelinha de cortiça que trazia com sigo; não tinha a menina maior gosto do que passar horas esquecidas junto de sua querida fonte e á sombra de seu frondoso plátano.

Um dia que estava merendando ao pé da fonte e conversava com sua mãi, chegou um romeiro muito encalmado e sequioso, assentou-se com licença das senhoras á sombra do plátano. — Onde vai o Senhor, lhe perguntou Herminia? — Vou ao convento da serra pagar uma promessa que fiz ao Senhor dos Passos. Venho do termo de Cintra a pé, e d'aqui até á capellinha do Senhor dos Passos prometti de ír delcalço; vou mandar dizer uma missa pedida, porque estando muito mal com sezões achei-me bom, logo que fiz esta promessa; não sei onde hei de pernoitar; mas talvez aquelles bons Padres me possão dar um agazalho e alguma cousa para cear.—Tem V. Mᵉ fome, Senhor Romeiro? Quereria servir-se do meu pão? aqui o tem á sua disposição, disse a menina com ar caridoso. — O favor que a fidalguinha me faz, respondeo

elle, não é para desprezar. Herminia estendeo logo a mão, deo-lhe todo o pão que tinha, um queijinho fresco de cabra e dous pecegos que trazia num cabazinho, dizendo-lhe: — Coma com descanço, tem muito tempo para chegar ao convento, e como hade ter sêde aqui tem esta escudelinha para beber agua limpa e á sua vontade. O Romeiro beijou as mãos da menina encantado de seu bom modo e angelica candura.

Ao voltar para casa com sua mãi vinha Herminia algum tanto pensativa, — Em que vás-tu cuidando, minha filha; lhe perguntou a mãi. — Vou pensando, respondeo Herminia, numa cousa... Eu lh'o direi logo, minha mãi, depois do jantar, quando meu pai estiver presente... Não instou a mãi, e forão continuando o passeio, fallando no projecto ultimamente resolvido em familia de irem passar o inverno a Lisboa que Herminia ainda não víra.

O pai de Herminia era um filho segundo de illustre familia, mas que tendo perdido o lugar que occupava na diplomacia pelas injustiças das guerras civis, se occupava exclusivamente em cultivar a quinta que era o dote de sua senhora,

para fazer economias e assim terminar a educação de sua filha; mais parecia um lavrador ou pomareiro do que um fidalgo de nobre sangue. Entregue a rendeiros estava a quinta e suas pertenças em deploravel estado, e apenas dava para as despezas; mas logo que o dono se poz á testa de tudo, mudou inteiramente de apparencia. Tinha o fidalgo estudado o modo de cultivar e podar as arvores, de fazer enxertos e novedios, de abrigar as novas plantações, e em pouco tempo dobrárão os rendimentos da horta, dos pomares e castanhaes, de modo que no fim de doze annos não sómente vivia abastado com sua querida familia mas tinha posto a juro um conto de reis que destinava para o dote de sua filha, e cujos interesses queria consagrar todos os invernos a completar sua educação em Lisboa, dando-lhe mestres de dansa, desenho, etc. Todo occupado a cultivar e administrar suas fazendas, o fidalgo déra a sua senhora plenos podêres e inteira liberdade para educar sua filha, e so se contentava com ver e admirar o bom resultado de tão sabio conselho.

Acabado o jantar saírão a tomar o café na

casa verde do jardim, e quando os criados se retirárão, disse Herminia: — Meu pai e minha mãi, estamos proximos a partir para Lisboa, onde nunca fui e onde certamente tenho muito desejo de ir; mas confesso que levo muitas saudades da minha fontezinha e do meu plátano, e levo ainda mais o sentimento de não poder tornar mais util aquelle sitio aos que por ali passarem sedentos e cançados... Veio-me porêm uma idéa que vou communicar-lhes, e que espero será bem accolhida. Se nós podessemos encanar aquelle nascente e pôr-lhe uma bicazinha ou canudo de ferro por onde corresse a agua sem se derramar por entre os fetos e joinas, se o meu pai mandasse fazer pelo caseiro uma cabana de ramada bem resguardada do ar, com uma especie de guarda vento de tabúa que se podesse fechar; eu mesma iria ajudar a trabalhar, faria uma caminha de junco e musgo para offerecer um repouso ao viajeiro que ali quizesse descançar; olhe, meu pai, tenho aqui um pucaro de côco, facil será prendêl-o com uma cadeia de ferro e com um prégo grande bem fincado na junta do rochedo; d'este modo beberá quem

passar por alí sem ter incommodo de se abaixar, e tomar a agua nas mãos; ainda me lembra mais outra cousa: Em quanto estamos ausentes, que bella acção seria mandar pôr de dias em dias, numa especie de prateleira, dentro da cabana, um pão de mistura para algum necessitado que por ali passasse!.... Oh! meu pai, que feliz seria eu se podesse assim contribuir para o bem dos que vem beber á fonte de Herminia!.....

Caíão-lhe as lagrimas ao pai quando assim ouvia fallar sua filha, outro tanto acontecia á virtuosa mãi; ambos disserão d'uma voz: — Tua petição será despachada; á manhã iremos todos pôr mãos á obra.

Herminia saltava de contente, ora abraçava o pai ora a mãi. e toda a noite não dormio com o sentido na cabana. Foi a primeira que se levantou ao cantar do gallo, foi acordar o caseiro, e quando o sol raiou no horizonte estavão todos a trabalhar. Executou-se inteiramente o plano de Herminia. O caseiro encanou a agua com umas telhas, poz-lhe um canudo de ferro que segurou com argamaça e bitume, e ficou corren-

do perennemente um annel de mui fresca e cristallina agua. Herminia tomou a seu cargo arranjar a cama de musgo dentro da cabana e a prateleira rustica em que se havia de pôr o pão. Quando forão horas d'almoço estava a obra acabada e Herminia entrava em casa com seu pai e sua mãi muito contente com a caridosa obra que acabava de fazer.

Não seguiremos a Herminia em sua viajem a Lisboa, nem nos progressos de sua educação, os quaes forão tão rapidos e perfeitos quanto se devia esperar de seu talento e applicação e dos intelligentes desvélos de sua virtuosa mãi; só diremos que sempre que sua mãi escrevia ao caseiro pedia encarecidamente lhe dissesse que não se descuidasse de pôr todas as semanas um pão na cabana de sua querida fonte.

Chegado que foi o verão veio toda a familia para a quinta, e a primeira cousa que fez Herminia foi ir ver a sua fonte, a cabana e o plátano, e de lá ir ouvir missa á capellinha do Senhor dos Passos, com quem tinha muita devoção, e dar-lhe graças por ter feito sua primeira jornada sem queda nem perigo.

Ao voltar para casa assentou-se Herminia com sua mãi debaixo do plátano, que já dava muito boa sombra, bebeo agua fresca de sua fonte, e como estivesse examinando todas as cousas com miudeza divisou algumas lettras entalhadas no tronco da arvore, chegou-se para o pé muito contente, dizendo : Oh! por aqui passou algum viajante, a minha previsão foi-lhe util. Vamos a ler o que elle escreveo. Leo com effeito o seguinte :

«O' tu que eu não conheço, e que pensaste que o viajante teria fome e sêde, abençoado sejas pela Providencia, cuja imagem és!

«Praza aos céos que os dias d'aquella, que previo as necessidades de seus irmãos, passem puros e socegados como corre branda e cristallina a agua d'esta fonte.

«Nesta fonte matei a sêde ; neste caridoso alvergue achei alimento e conforto ; nesta rustica morada dormi delicioso somno, e pareceo-me ver em sonhos um anjo que me havia preparado estes bens. Reconhecido lhe dêi graças.»

No primeiro ramo do plátano estava suspensa uma corôa de flores campestres ainda verdes, e

debaixo se lião estas palavras escritas de fresco :

«A gratidão corôa a beneficencia! »

Havia varias outras inscripções, Herminia não pôde ler mais; estava toda commovida, doces lagrimas se distillavão de seus olhos, banhado seu coração de ternura e de gozo veio lançar-se no seio de sua mãi que lhe abria os braços.

Outro tanto fez Elisa quando sua mãi assim acabou esta historia. Mil graças lhe deo pelas sabias lições que havia gravado em seu coração; prometteo de ser-lhes sempre fiel, e lhe pedio encarecidamente que depois das ferias começasse outro curso de lições e historias moraes com que se enriquecesse seu espirito de novas luzes e seu coração de novos sentimentos de virtude.

INDICE.

Lição Primeira, para servir d'Introducção. 1
Carta de Fenelon a uma fidalga, á cerca da educação de sua filha. 8

Lição II. — Da sociedade em geral. 26
Luizinha, ou a menina colerica. 40

Lição III. — Obrigação de honrar a Deos; dos filhos aos pais. 44
Terencia (historia romana). 53
Maria de Sombreuil. 55
Izabel Cazotte. 58

Lição IV. — Obrigações dos irmãos entre si, e de todos os homens a seus similhantes e á patria. 62
A dòr d'uma mãi. A mãi e o lião. 72
Os dous irmãos portuguezes. 74

Lição V. — Da liberdade. Não fazer mal a ninguem. 77
Philippe, ou a cabra furtada. 91

Lição VI. — Não se ha de fazer damno ao proximo em sua honra nem em sua reputação. 100
Pedro e Luzia. 108

Lição VII. — E' necessario soffrermos mutuamente nossos defeitos, não humilhar ninguem, e ajudarmo-nos uns aos outros 122
O Quakre e o ladrão. 128
Lição VIII. — Fazer mal aos animaes é signal de máo caracter. 144
Carolina, ou o covilhete de marmelada. 150
Lição IX. — A virtude. 160
O escravo resgatado por Montesquieu. 172
Lição X. — Pagar o mal com o bem. 182
Pedro de máo coração e Joaninha a generosa. 186
Lição XI. — A boa criação. 200
Alfredo e Azolina, ou a lição de politica. 205
Lição XII. — Recordações do Catecismo da primeira communhão. 217
As duas Marias. 223
Lição XIII. — Catecismo de Perseverança. 242
O Pastor ancião. 250
Lição XIV. — O céo e a terra. 257
O velho cacique. 265
Lição XV. — Creação do homem; seu estado d'innocencia. 275
A Providencia. 286
Lição XVI. — Felicidade que dá a virtude. 293
Clementina, ou a madrinha caridosa. 308
Lição XVII. — Da excellencia e brandura da Justiça christã. 321
Ambrosina, ou o caminho de ferro de Ruão. 336

Lição XVIII. — Continúa o mesmo assumpto. 352
Malvina, ou a menina presumida e vaidosa. 368

Lição XIX. — Singeleza e facilidade das obrigações da vida evangelica. 381
Alina, ou a rainha de Golconda. 296

Lição XX. — Conselhos maternaes. 407
A fonte de Herminia. 427

674 1

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Dec. 2004

Preservation Technologies
A WORLD LEADER IN PAPER PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

THE LIBRARY OF CONGRESS

LIBRARY OF CONGRESS
0 013 612 191 1